

## CAPÍTULOS 1 e 2

### INTRODUÇÃO

Iniciamos agora o estudo da quarta divisão do Pentateuco, ou os cinco livros de Moisés; e teremos ocasião de ver como a característica essencial deste livro é tão distinta como a de cada um dos três livros que já ocuparam a nossa atenção.

No livro de Gênesis, depois do relato da criação, do dilúvio e da dispersão de Babel, vemos como Deus elege a semente de Abraão.

No livro de Êxodo temos a redenção.

O livro de Levítico fala-nos do culto sacerdotal e da comunhão.

Em Números temos a marcha e a luta do deserto. Tais são os temas principais destas porções preciosas de inspiração, enquanto que, como podia supor-se, são introduzidos colateralmente muitos outros pontos do maior interesse. O Senhor, em sua grande misericórdia, guiou-nos no estudo de Gênesis, Êxodo e Levítico; e podemos contar com Ele para nos guiar no exame do livro de Números. Que o Espírito Santo dirija os pensamentos e a pena a fim de que nenhum conceito seja posto por escrito que não esteja em rigoroso acordo com a Sua santa mente! Que cada página e cada parágrafo leve o selo da Sua aprovação e seja ao mesmo tempo conducente à Sua glória e de proveito duradouro do leitor!

"Falou mais o SENHOR a Moisés, no deserto do Sinai, na tenda da congregação, no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano da sua saída da terra do Egito, dizendo: Tomai a soma de toda a congregação dos filhos de Israel, segundo as suas gerações, segundo a casa de seus pais, conforme o número de todo varão, cabeça por cabeça; da idade de vinte anos e para cima, todos os que saem à guerra em Israel, a estes contareis... tu e Arão" (capítulo 1:1-3).

Aqui nos encontramos imediatamente "no deserto", onde só devem ser tomados em conta os que podem sair "à guerra". Isto é expressamente declarado. No livro de Gênesis os descendentes de Israel estavam ainda em seu pai Abraão. No livro de Êxodo estavam junto aos fornos de tijolo do Egito. No Levítico

estavam reunidos em redor do tabernáculo da congregação. Em Números são vistos no deserto. Ou, também, em pleno acordo com o que acabamos de expor, e em sua confirmação, em Gênesis ouvimos a chamada de Deus em eleição; em Êxodo contemplamos o sangue do Cordeiro derramado para redenção; em Levítico estamos prática e exclusivamente ocupados com o culto e serviço do santuário. Porém, apenas acabamos de abrir o livro de Números, lemos de homens de guerra, exércitos, bandeiras, acampamentos e toques de trombetas em som de alarme.

Tudo isto é muito significativo e nos mostra a importância e o interesse especial para o cristão do livro que vamos estudar. Cada livro da Bíblia, e cada parte do cânone inspirado tem o seu próprio lugar e determinado objetivo. Cada livro tem, por assim dizer, na estante o lugar que lhe assinalou o seu divino Autor. Não devemos alimentar, nem por um momento, a ideia de estabelecer comparação entre o seu valor intrínseco e sua importância. Tudo é divino e, portanto, perfeito. O leitor cristão assim crê plenamente e de todo o coração. Põe reverentemente o seu selo sobre a verdade da inspiração plenária da Sagrada Escritura — de toda a Escritura, e do Pentateuco entre todas; e de nenhum modo se deixa influenciar sobre este ponto pelos ataques ousados e ímpios dos infiéis da antiguidade, da idade média ou dos tempos modernos. Os infiéis e racionalistas podem intrigar com os seus argumentos profanos. Podem mostrar a sua inimizade contra o Livro e o seu Autor; mas o cristão piedoso descansa, apesar de tudo, na simples e feliz crença de que "toda Escritura é divinamente inspirada" (2 Tm 3:16).

Porém, apesar de rejeitarmos inteiramente a ideia de qualquer comparação entre a autoridade e o valor dos preciosos livros da Bíblia, podemos comparar, com grande proveito, o seu conteúdo, o objetivo e intento. E quanto mais profundamente meditamos sobre estes pontos, tanto mais surpreendidos ficamos com a perfeita beleza, sabedoria infinita e maravilhosa precisão do livro como um todo e de cada uma das suas diferentes partes.

O autor inspirado nunca se afasta do objetivo direto do livro, qualquer que possa ser esse objetivo. Nunca se encontrará em qualquer livro da Bíblia coisa alguma que não esteja na mais perfeita harmonia com a intenção principal daquele livro. Se quisermos provar e exemplificar esta afirmação teremos de recorrer a todo o

cânone das Sagradas Escrituras, e por isso não o intentaremos. O cristão inteligente não precisa dessa prova, por mais interessado que esteja na ilustração. Basta-lhe o fato importante que o Livro, no seu conjunto, e cada uma das suas partes, é de Deus; e o seu coração descansa na conclusão de que nesse conjunto e em cada uma dessas partes não há nem um jota nem um til que não seja digno do Autor divino.

#### A Divina Inspiração das Escrituras

Ouçamos as palavras de alguém que diz estar "profundamente convencido da inspiração divina das Escrituras" que Deus nos deu e certificado desta convicção por meio de descobertas diárias e crescentes da sua plenitude, profundidade e perfeição e cada vez mais certo, pela graça, da admirável perfeição de cada parte e da maravilhosa conexão do conjunto. "As Escrituras", diz esse autor, "têm uma origem divina, e um poder divino presidiu à sua composição; daí o seu alcance infinito e a impossibilidade de separar qualquer parte da sua relação com o conjunto, porque Deus é o centro vivo de onde tudo emana; um só Cristo é o centro vivo em redor do qual se agrupam todas as suas verdades e ao qual todas se referem, ainda que em várias fases de glória; um só Espírito é a seiva divina que leva o seu poder da sua origem em Deus até às mais pequenas ramificações da verdade que tudo une, testificando da glória, graça e verdade d Aquele que Deus apresenta como objeto e centro, Cabeça de tudo que está em relação com Ele próprio, Aquele que é, ao mesmo tempo, Deus sobre todos, bendito eternamente.

Quanto mais seguimos essa seiva na direção do seu centro — a partir das mais afastadas ramificações desta revelação na mente de Deus, mediante as quais fomos alcançados quando estávamos longe de onde volvemos a vista para a extensão e diversidade, tanto mais descobrimos da sua infinidade e nossa própria debilidade de compreensão. Havemos aprendido, bendito seja Deus, que o amor, que é a sua origem, se encontra em pura perfeição e plena revelação nessas manifestações mediante as quais nos alcançou no nosso estado de ruína. O mesmo Deus, que é perfeito em amor, está em tudo isto. Mas as revelações de sabedoria divina nos desígnios em que Deus Se revelou a Si mesmo permanecem a nossos olhos como um assunto de investigação, no

qual cada nova descoberta, ao passo que aumenta a nossa inteligência espiritual, faz com que a infinidade do conjunto e o modo como excede todos os nossos pensamentos sejam mais e mais evidentes."

É verdadeiramente consolador transcrever tais linhas da pena de um que, por espaço de quarenta anos, tem estudado profundamente a Escritura. São palavras de um valor inefável, numa época em que tantos estão dispostos a tratar com desdém o sagrado volume. Não é que nós tenhamos, de modo algum, de fazer depender do testemunho humano as nossas conclusões acerca da origem divina da Bíblia, visto que estas conclusões descansam sobre um fundamento que a própria Bíblia nos oferece.

A palavra de Deus, assim como a Sua obra, fala por si mesma; recomenda-se por si mesma; fala ao coração; alcança as raízes morais do nosso ser, penetra as mais íntimas profundidades da alma; mostra-nos o que somos; fala-nos como nenhum outro livro seria capaz de o fazer; e assim como a mulher de Sicar tirou a conclusão de que seguramente Jesus era o Cristo porque ele lhe havia dito tudo que ela havia feito, assim nós podemos dizer a respeito da Bíblia: Ela diz-nos tudo que temos feito, não é esta a Palavra de Deus? Sem dúvida, é só pelo ensino do Espírito que podemos discernir e apreciar a evidência e as credenciais com que a própria Escritura Sagrada se apresenta perante nós; contudo, ela fala por si, e não necessita de testemunho humano para a tornar preciosa à alma. Não devemos basear a nossa fé na Bíblia sobre o testemunho favorável do homem, assim como não devemos pensar que ela é abalada pelo testemunho contrário que ele possa dar dela.

Tem sido em todos os tempos da maior importância, e especialmente nos nossos dias, ter o coração e o espírito firmados na grande verdade da autoridade divina da Sagrada Escritura—a sua inspiração plenária -, na sua completa suficiência para todos os fins e todas as pessoas, em todas as épocas. Existem em toda a parte duas influências hostis: por um lado a infidelidade e por outro a superstição. A primeira nega que Deus nos haja falado pela Sua Palavra; a última admite que Ele tem falado, mas nega que podemos compreender o que Ele diz, a não ser por interpretação da Igreja.

Ora, muitos, ao mesmo tempo que recuam com horror ante a impiedade e a audácia da infidelidade, não veem que a superstição os priva também

completamente das Escrituras. Porque, perguntamos, em que consiste a diferença em negar que Deus tem falado e negar que podemos compreender o que Ele diz? Em qualquer dos casos, não somos privados da Palavra de Deus?—Sem dúvida alguma. Se Deus não pode fazer-me compreender o que Ele diz—se não pode dar-me a certeza de que é Ele Próprio Quem fala, não estou em melhores circunstâncias do que se Ele não tivesse falado. Se a Palavra de Deus não é suficiente sem a interpretação humana, então não pode ser de modo algum a Palavra de Deus. Temos de admitir uma coisa ou outra, isto é, que Deus não tem de modo nenhum falado, ou então, se tem falado, que a Sua Palavra é perfeita. Não há lugar para indiferença. Deus deu-nos uma revelação? A incredulidade diz "Não". A superstição diz "Sim, mas não é possível compreendê-la sem autoridade humana." Assim somos, tanto num caso como no outro, privados do tesouro inestimável da Palavra de Deus; e deste modo, também, a infidelidade e a superstição, tão diferentes na aparência, convergem no ponto de nos privarem da revelação divina.

Mas graças a Deus que nos deu uma revelação. Deus falou e a Sua Palavra pode chegar ao coração e também ao entendimento. Deus pode dar a certeza de ser Ele quem fala, e nós não precisamos de nenhuma autoridade de intervenção humana. Não necessitamos de nenhum pavio para nos ajudar a ver que o sol resplandece. Os raios desse glorioso astro são suficientes sem um tal miserável complemento. Tudo que precisamos é estar ao sol para sermos convencidos de que o sol brilha. Se nos retiramos para debaixo de uma abóbada ou dentro de um túnel, não sentiremos a sua influencia; assim acontece precisamente com respeito à Escritura: se nos colocarmos sob as influências glaciais e tenebrosas da superstição ou da infidelidade, não experimentaremos o poder fecundante e esclarecedor desta revelação divina.

### A Genealogia

Depois destas breves considerações sobre o conjunto do volume divino, vamos prosseguir agora com os nossos comentários sobre a parte que temos perante nós.

Em capítulo 1 temos a declaração da genealogia; e em capítulo 2 o reconhecimento da bandeira. "Então, tomaram Moisés e Arão a estes homens,

que foram declarados pelos seus nomes, e ajuntaram toda a congregação no primeiro dia do segundo mês, e declararam a sua descendência segundo as suas famílias, segundo a casa de seus pais, pelo número dos nomes dos de vinte anos para cima, cabeça por cabeça; como o SENHOR ordenara a Moisés, assim os contou, no deserto de Sinai" (Nm 1:17-19).

Há nisto alguma palavra para nós? Apresenta alguma lição espiritual para a nossa inteligência? Certamente. Em primeiro lugar, esta passagem sugere ao leitor esta importante pergunta: Posso eu declarar a minha descendência? Há grandes motivos para recear que existem centenas, senão milhares, de cristãos professos que não são capazes de fazer esta declaração. Não podem dizer clara e decididamente, "agora somos filhos de Deus" (1 Jo 3:2). "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus". "E, se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa" (Gl 3:26,29). "Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus... O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8:14-16).

Esta é a genealogia do cristão e é seu privilégio poder declará-la. E nascido de cima, nascido de novo, nascido da água e do Espírito, quer dizer, pela Palavra e pelo Espírito Santo, (Compare Jo 3:5; Tg 1:18; 1 Pe 1:23; Ef 5:26). O crente faz remontar a sua descendência a um Cristo ressuscitado na glória. Esta é a descendência do cristão. Tanto quanto interessa à nossa descendência natural, se nos remontamos à sua origem, e então a declaramos lealmente, temos de ver e admitir que procedemos de uma linhagem arruinada. A nossa família está decaída. Os nossos bens estão perdidos; o nosso próprio sangue está manchado; estamos irremediavelmente arruinados; jamais poderemos recuperar a nossa posição original; o nosso primeiro estado e a herança que lhe pertencia estão irreparavelmente perdidos. Um homem poderá traçar a sua linha genealógica através de uma raça de nobres, de príncipes ou de reis; mas se quiser declarar francamente a sua descendência não poderá deter-se sem chegar a um chefe decaído, arruinado, proscrito.

Devemos chegar à origem de uma coisa para sabermos o que ela realmente é. É assim que Deus vê as coisas e as julga, e nós devemos pensar como Ele, se queremos pensar retamente. O Seu juízo dos homens e das coisas tem de

predominar para sempre. O juízo do homem é apenas efêmero, dura apenas um dia; e por isso, segundo a apreciação da fé e do bom senso, pouco importa ser-se julgado por algum juízo humano (1 Co 4:3). Oh, quão pouco! Prouvera a Deus que pudéssemos sentir mais profundamente quão pouca importância tem sermos julgados pelo juízo humano! Possamos nós andar diariamente na verdadeira compreensão da sua insignificância! Isso nos daria um engrandecimento calmo e uma santa dignidade tais que nos colocariam acima da influência da cena através da qual estamos passando. O que é a posição nesta vida? Que importância pode ligar-se a uma genealogia que, honestamente traçada e fielmente declarada, deriva de um tronco arruinado? Um homem só pode orgulhar-se do seu nascimento se não tem em contra a sua verdadeira origem: é "nascido em pecado e concebido em iniquidade". Tal é a origem do homem — tal é o seu nascimento. Quem poderá vangloriar-se de um tal nascimento, de semelhante origem? Quem, senão aquele cujo entendimento o deus deste século cegou?

Mas quão diferente é com o cristão! A sua linguagem é celestial. A sua árvore genealógica tem as suas raízes no solo da nova criação. A morte jamais poderá partir a linha, visto que é formada na ressurreição. Quanto a isto é conveniente estar-se inteirado. É da maior importância que o leitor esteja completamente inteirado sobre este ponto fundamental. Pode ver facilmente por este capítulo primeiro de Números quão essencial era que cada membro da congregação de Israel pudesse declarar a sua descendência. A incerteza quanto a este ponto teria sido funesta; teria produzido irremediável confusão. Dificilmente podemos imaginar um israelita que, chamado a declarar a sua genealogia, se expressasse da maneira duvidosa adotada por muitos cristãos nestes dias. Não podemos imaginar que ele dissesse: "Bem, não tenho a certeza. As vezes alimento a esperança que pertenço ao tronco de Israel; porém em certas ocasiões receio muito não pertencer à congregação do SENHOR. Estou em absoluta incerteza e em trevas." Podemos conceber uma tal linguagem?— Decerto que não. Muito menos podemos imaginar que alguém mantivesse a ideia monstruosa de que ninguém podia, de modo algum, estar certo de ser ou não um verdadeiro israelita antes do dia do juízo.

Podemos estar certos de que todas essas ideias e argumentos— esses temores, dúvidas e interrogações — eram desconhecidos de todo israelita. Cada membro da congregação era convidado a declarar a sua descendência antes de ocupar o seu posto nas fileiras como homem de guerra. Cada um podia dizer como Saulo de Tarso, "circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel" (F1 3:5). Tudo estava determinado e claro para a marcha e o combate do deserto.

Ora, não será lícito perguntar: "Se um judeu podia estar seguro da sua genealogia, porque não poderá um cristão estar certo da sua?-" O leitor deve examinar esta questão, e se faz parte dessa numerosa classe de pessoas que nunca podem chegar à bendita segurança da sua linguagem celestial, do seu nascimento espiritual, rogamos-lhe que se detenha, e nos deixe debater este importante ponto. Talvez esteja disposto a perguntar:" Como posso estar certo de que sou real e verdadeiramente um filho de Deus, membro de Cristo, nascido da Palavra e do Espírito de Deus? Fosse o mundo meu, e eu o daria para ter a certeza desta importante questão."

Bem, desejamos sinceramente auxiliar o leitor neste assunto. De fato um dos objetivos que nos propusemos em redigir estes "Comentários" é o de auxiliar as almas ansiosas, respondendo às suas perguntas, na medida em que o Senhor nos dá capacidade para o fazer, resolvendo as suas dificuldades e tirando do seu caminho as pedras de tropeço.

Antes do mais, vamos apontar uma característica especial que pertence a todos os filhos de Deus, sem exceção. É um traço muito simples, mas muito precioso. Se não o possuímos, em maior ou menor grau, é prova que não somos da raça celestial; mas se o possuímos, é evidente que somos dessa raça, e podemos, portanto, sem nenhuma dificuldade ou reserva, "declarar a nossa descendência". Que característica é essa? Uma grande característica de família Nosso Senhor Jesus Cristo dá-nos a resposta. Diz-nos que "A sabedoria é justificada por todos os seus filhos" (Lc 7:35; Mt 11:19). Todos os filhos da sabedoria, desde os dias de Abel até ao momento atual, têm sido distinguidos por esta grande característica de família, sem uma única exceção. Todos os filhos de Deus — todos os filhos da Sabedoria—têm sempre exibido, de certo modo, este traço moral—têm justificado a Deus.

## Justificar a Deus

Que o leitor pese esta declaração. Pode ser que ache que é difícil compreender o que significa justificar a Deus; mas uma ou duas passagens da Escritura tornarão, esperamos, isto muito claro.

Em Lucas 7 lemos que "todo o povo que o ouviu e os publicanos, tendo sido batizados com o batismo de João, justificaram a Deus. Mas os fariseus e os doutores da lei rejeitaram o conselho de Deus contra si mesmos, não tendo sido batizados por ele" (Lc 7:29-30). Aqui temos as duas gerações colocadas, por assim dizer, face a face. Os publicanos justificavam a Deus e condenavam-se a si próprios. Os fariseus justificavam-se a si mesmos e julgavam a Deus. Os primeiros submetiam-se ao batismo de João — o batismo do arrependimento. Os últimos recusavam esse batismo — recusavam arrepender-se, humilhar-se e condenarem-se a si mesmos.

Aqui temos, pois, as duas grandes classes em que se tem dividido toda a família humana, desde os dias de Abel e Caim até aos nossos dias; e aqui temos também o modo mais simples de provar a nossa linhagem". Já tomamos o lugar de condenação própria? Já nos curvamos com verdadeiro arrependimento perante Deus?— Isto é o que justifica a Deus. As duas coisas andam juntas—sim, são uma e a mesma coisa. O homem que se condena a si mesmo justifica a Deus, e o homem que justifica a Deus condena-se a si próprio. Por outro lado, o homem que se justifica a si mesmo julga a Deus; e o que julga a Deus justifica-se a si mesmo.

Assim acontece em todos os casos. E note-se que no próprio momento em que nos colocamos no terreno de arrependimento e própria condenação, Deus toma o lugar de Justificador. Deus justifica sempre aqueles que se condenam a si mesmos. Todos os Seus filhos O justificam, e Ele justifica a todos os Seus filhos. No momento em que Davi disse: "Pequei contra o SENHOR", foi-lhe respondido, "também o SENHOR traspassou o teu pecado" (2 Sm 12:13). O perdão divino segue com a mais intensa rapidez a confissão humana.

Por isso segue-se que nada pode ser mais insensato do que alguém justificar-se a si mesmo, visto que é necessário que Deus seja justificado em Suas palavras e ganhe a contenda quando é julgado (compare Sl 51:4; Rm 3:4).

Deus tem de ter a vantagem no fim e então se verá em sua verdadeira luz o que vale toda a justificação pessoal. Portanto, o mais sensato é condenarmo-nos a nós próprios. Isto é o que todos os filhos da sabedoria fazem. Nada assinala melhor o caráter dos verdadeiros membros da família da sabedoria como o hábito e o espírito de se julgarem a si mesmos. Ao passo que, por outro lado, nada distingue tanto os que não são desta família como o espírito de própria justificação.

Estas coisas são dignas da mais séria reflexão. O homem natural culpa tudo e todas as coisas—qualquer e todos exceto a si mesmo. Porém, quando a graça opera, existe prontidão em julgar o ego, e em tomar um lugar humilde. Este é o verdadeiro segredo de bênção e paz. Todos os filhos de Deus se têm mantido sobre esse terreno bendito; têm manifestado essa bela característica e alcançado esse importante resultado. Não encontramos tanto como uma simples exceção em toda a história da ditosa família da sabedoria; e podemos dizer com toda a segurança que se o leitor tem sido levado verdadeira e realmente a reconhecer-se como perdido — a condenar-se a si próprio—e a ocupar o lugar do verdadeiro arrependimento, então é, verdadeiramente, um dos filhos da sabedoria, e pode, portanto, com ousadia e decisão, "declarar a sua descendência".

Queremos insistir neste ponto desde o princípio: é impossível qualquer pessoa reconhecer a própria "bandeira" e tomar o seu partido a não ser que possa "declarar a sua descendência". Em suma, é impossível tomar uma verdadeira posição no deserto enquanto houver alguma dúvida quanto a esta grande questão. Como poderia um israelita desse tempo ocupar o seu lugar na assembleia—como poderia ele estar nas fileiras—e avançar pelo deserto se não pudesse declarar distintamente a sua descendência? Teria sido impossível. Outro tanto sucede com o cristão no tempo presente. O progresso na vida do deserto — sucesso na luta espiritual — está fora de questão se houver qualquer dúvida quanto à descendência espiritual. Temos de poder dizer: "Sabemos que passamos da morte para a vida" — "Sabemos que somos de Deus." "... temos crido e conhecido" (1 Jo 3:14; 5:19; Jo 6:69), antes que seja possível haver verdadeiro progresso na vida e na carreira cristã.

Prezado leitor, pode declarar a tua descendência ? Isto é para você um ponto perfeitamente estabelecido?- Está esclarecido a este respeito até ao mais profundo da sua alma? Quando está a sós com Deus, é uma questão perfeitamente resolvida entre Ele e você? Indague e veja. Certifica-se da verdade. Não se apoia na mera profissão. Não diga, "sou membro desta ou daquela igreja; tomo a ceia do Senhor; professo esta ou aquela doutrina; fui educado na religião; levo uma vida moral; não faço mal a ninguém; leio a Bíblia e faço as minhas orações; tenho culto doméstico; contribuo liberalmente para obras filantrópicas e religiosas". Tudo isto pode ser inteiramente certo a respeito do leitor, sem contudo ter uma só pulsação de vida divina, nem um só raio de luz celestial.

Nenhuma destas coisas, nem todas juntas, podiam ser aceites como uma declaração de descendência espiritual. É preciso o testemunho do Espírito de que é um filho de Deus, e este testemunho acompanha sempre a fé simples do Senhor Jesus Cristo. "Quem crê no Filho de Deus, em si mesmo tem o testemunho" (1 Jo 5:10). Não é uma questão, de modo algum, de buscar a evidência em seu próprio coração. Não se trata de um conhecimento baseado em formas, sentimentos e experiências. Nada disso. Mas de uma fé verdadeira em Cristo. É ter a vida eterna no Filho de Deus. É testemunho imperecível do Espírito Santo. É crer em Deus segundo a Sua Palavra. "Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida" (Jo 5:24).

### O Combate do Cristão

Esta é a verdadeira forma de declarar a sua descendência; e pode estar certo disto, tem que poder declará-la antes de poder sair à guerra". Não queremos dizer que não pode ser salvo sem esta declaração. Deus nos guarde de dizer tal coisa.

Creemos que há centenas de membros do verdadeiro Israel espiritual que não são capazes de declarar a sua descendência. Mas perguntamos, estão acaso em estado de ir à guerra ? São vigorosos soldados? Longe disso. Eles nem sequer sabem o que é verdadeiro conflito; pelo contrário, as pessoas desta

classe confundem as suas dúvidas e temores, os seus momentos tristes e incertos por verdadeiro conflito cristão. Isto é um erro muito grave; mas infelizmente é também dos mais frequentes. E frequente justificar-se um estado de alma baixo, triste e legalista com o argumento de conflito cristão, ao passo que, segundo o Novo Testamento, o verdadeiro conflito cristão ou luta é travado numa região onde as dúvidas e temores são desconhecidos.

E quando nos mantemos na luz pura da plena salvação de Deus — salvação num Cristo ressuscitado — que podemos realmente entrar na luta que nos é própria como cristãos. Devemos supor que as nossas lutas legítimas, a nossa culpável incredulidade, a nossa recusa em nos submetermos à justiça de Deus, as nossas dúvidas e argumentos, podem ser considerados como uma luta cristã? De modo nenhum. Todas estas coisas devem ser consideradas como um conflito com Deus; ao passo que o conflito cristão se trava contra Satanás. "Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6:12).

Este é conflito cristão. Mas pode um tal conflito ser sustentado por aqueles que continuamente duvidam se são cristãos ou não? Não creio. Poderíamos imaginar um israelita em luta contra Amaleque no deserto ou com um cananeu na terra prometida enquanto fosse incapaz de "declarar a sua descendência ou reconhecer a sua bandeira" ? Isto seria inconcebível. Não, não; todo membro da congregação, que podia sair à guerra, estava perfeitamente certo e seguro desses dois pontos. Na verdade, não teria podido sair se o não estivesse.

E, enquanto tratamos do importante assunto do combate do cristão, será conveniente chamar a atenção do leitor para três passagens das Escrituras do Novo Testamento nas quais o conflito é apresentado sob três diferentes aspectos, isto é, em Romanos 7:7-24; Gálatas 5:17; Efésios 6:10-17. Se o leitor prestar atenção por um momento a estas passagens, procuraremos indicar o caráter de cada uma.

#### A Nova Natureza sem o Poder do Espírito Santo (Romanos 7)

Em Romanos 7:7-24 temos o conflito de uma alma vivificada, mas não emancipada—uma alma regenerada sob a lei. A prova de que temos perante

nós, aqui, uma alma vivificada encontra-se em expressões como estas: "...o que faço, não o aprovo"; "...o querer está em mim"; "...segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus." Só uma alma regenerada podia falar assim. A desaprovação do mal, a vontade de fazer, o prazer interior na lei de Deus, todas estas coisas são sinais distintos da nova vida—os frutos preciosos da regeneração. Nenhuma pessoa inconvertida usa verdadeiramente tal linguagem.

Mas, por outro lado, a prova que temos perante nós nesta Escritura uma alma que não está plenamente libertada, que não está no gozo de libertação conhecida, nem no pleno conhecimento íntimo de vitória e na posse certa de poder espiritual, a prova evidente de tudo isto, repetimos, temos-na em expressões como as seguintes: "...eu sou carnal, vendido sob o pecado"; "pois o que quero, isso não faço; mas o que aborreço, isso faço" "Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte" Ora, nós sabemos que o cristão não é carnal, mas espiritual; não está "vendido sob o pecado", mas redimido do seu poder; não é um "homem miserável" suspirando por libertação, mas um homem feliz que sabe que está livre. Não é um escravo impotente, incapaz de fazer o bem e sempre compelido a fazer o mal; é um homem livre, está dotado de poder pelo Espírito Santo e pode dizer, "posso todas as coisas naquele que me fortalece" (FI 4:13).

Não podemos, no espaço de que dispomos, entrar numa plena exposição desta importantíssima Escritura; limitamo-nos apenas a oferecer uma ou duas sugestões que podem auxiliar o leitor a compreender o seu objetivo e a sua importância.

Sabemos perfeitamente que muitos cristãos diferem bastante de opinião quanto à interpretação deste capítulo. Alguns negam que representa o exercício de uma alma vivificada; outros sustentam que ele demonstra as experiências próprias de um cristão. Nós não podemos aceitar nenhuma destas conclusões. Creemos que este capítulo mostra à nossa vista os exercícios de uma alma verdadeiramente regenerada, mas que não tem alcançado a liberdade pelo conhecimento da sua união com um Cristo ressuscitado e o poder do Espírito Santo.

Centenas de cristãos encontram-se, com efeito, na situação de Romanos 7; mas o seu próprio lugar está em Romanos 8. Quanto à sua experiência estão debaixo da lei. Não sabem que estão selados com o Espírito Santo. Não têm plena vitória num Cristo ressuscitado e glorificado. Têm dúvidas e temores, e estão sempre prontos a exclamar: "Miserável homem que eu sou!" Mas um cristão não está acaso libertado? Não está salvo? Não foi aceito no Amado? Não foi selado com o Espírito Santo da promessa? Não está unido a Cristo? Não deveria saber tudo isto, proclamá-lo e regozijar-se nele? Incontestavelmente. Portanto já não está, quanto à sua posição, no capítulo sétimo de Romanos. E seu privilégio entoar o cântico de vitória do lado celestial do sepulcro vazio de Jesus e andar na santa liberdade com que Cristo torna o Seu povo livre. O capítulo sétimo de Romanos não representa, de modo algum, liberdade, mas escravidão, com exceção, em boa verdade, do próprio fim, onde a alma pode dizer: "Dou graças a Deus". Sem dúvida, pode ser um exercício salutar passar por tudo que é aqui pormenorizado com vivacidade e poder maravilhoso; e, além disso, devemos confessar que preferíamos muito mais estar honestamente em Romanos sete do que estarmos falsamente colocados em oito. Porém tudo isto deixa inteiramente intacta a questão da própria aplicação desta profunda e interessantíssima passagem da Escritura.

#### A Nova Natureza com o Poder do Espírito (Gálatas 5)

Vamos aludir, agora, por um momento, ao conflito descrito em Gálatas 5:17. Reproduzamos a passagem. "Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis". Esta passagem é frequentemente citada como razão da contínua derrota, ao passo que ela contém realmente o segredo da perpétua vitória. Em versículo 16 lemos: "Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne". Isto torna tudo bem claro. A presença do Espírito Santo assegura poder. Estamos certos de que Deus é mais forte do que "a carne", e portanto onde Ele está em conflito o triunfo é seguro. E note-se atentamente que Gálatas 5:17 não fala do conflito entre as duas naturezas, a velha e a nova, mas sim entre o Espírito Santo e a carne. Esta é a razão por que se acrescenta, "para que não façais o que quereis". Se o Espírito Santo não

habitasse em nós, podíamos estar certos de cumprir a concupiscência da carne; mas, visto que Ele está em nós para conduzir a luta, não somos mais obrigados a praticar o mal, mas estamos ditosamente aptos a fazer o bem.

Ora, é isto precisamente que marca o ponto de diferença entre Romanos 7:14-15 e Gálatas 5:17. Na primeira passagem temos a nova natureza, mas sem o poder do Espírito habitando em nós. Na última temos não só a nova natureza, mas também o poder do Espírito Santo. Devemos lembrar sempre que a nova natureza no crente é dependente. Dependente do Espírito quanto ao poder e da Palavra quanto à direção. Mas, evidentemente, onde Deus, o Espírito Santo, está, aí deve haver poder. Ele pode ser entristecido e impedido de manifestar-Se; mas Gálatas 5:16 ensina claramente que se andarmos em Espírito obteremos vitória certa e constante sobre a carne. Por isso, seria um erro muito grave citar Gálatas 5:17 como razão de uma conduta baixa e carnal. O seu ensino tem por fim produzir o efeito contrário.

#### O Cristão e as Hostes Espirituais da Maldade (Efésios 6)

E agora algumas palavras sobre Efésios 6:10-17. Aqui temos o conflito entre o cristão e as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. A Igreja pertence ao céu, e deveria manter sempre uma conduta celestial e santa conversação. Deveria ser o nosso alvo constante manter a nossa posição celestial—pôr os pés firmemente sobre a nossa herança celestial e mantê-lo ali. E isto que o diabo procura impedir por todos os meios possíveis, e daí o conflito e a razão também porque temos de tomar "toda a armadura de Deus" com a qual somente podemos resistir ao nosso poderoso inimigo espiritual.

Não é nosso propósito determo-nos em considerações sobre a armadura de Deus, visto que temos apenas chamado a atenção do leitor para as três passagens das Escrituras acima reproduzidas a fim de que possa ter o assunto do conflito, em todas as suas fazes, perante a sua mente, em relação com as primeiras linhas com que abre o livro de Números. Nada pode ser mais interessante, nem podemos, de modo algum, apreciar bastante a importância de estarmos elucidados quanto à verdadeira natureza e fundamento do conflito cristão. Se saímos para a guerra sem saber por que há guerra, e num estado de

incerteza acerca da nossa "descendência", pouco progresso faremos contra o inimigo.

### A Bandeira

Porém, como tem sido acentuado, havia outra coisa tão necessária para o homem de guerra como a declaração inequívoca da sua descendência, e essa era o reconhecimento distinto da sua bandeira. As duas coisas eram essenciais para a marcha e luta do deserto. Além disso, eram inseparáveis. Se um homem não soubesse a sua descendência, não podia reconhecer a sua bandeira e assim era lançado em desesperada confusão. Em vez de se conservarem sob a sua bandeira e marcharem em ordem, teriam seguido pelo caminho uns dos outros e sido atropelados mutuamente. Cada um devia conhecer o seu posto e ocupá-lo—conhecer a sua bandeira e manter-se sob ela. Assim avançavam juntos; progrediam, faziam o trabalho e faziam a guerra. O benjamita tinha o seu posto, e o efraimita o seu, e nenhum devia interferir com o caminho do outro nem cruzar-se com ele.

Era assim com todas as tribos, em todo o campo do Israel de Deus. Cada uma tinha a sua descendência e o seu posto; e nenhuma delas dependia dos seus próprios pensamentos: tudo era disposto por Deus. Ele deu a descendência, e indicou a bandeira; nem tampouco havia necessidade de comparar, uns com outros ou qualquer fundamento para inveja; cada um tinha o seu posto para ocupar, o seu trabalho para fazer, e havia espaço bastante para todos. Havia a maior variedade e contudo a mais perfeita unidade. "Os filhos de Israel assentarão as suas tendas, cada um debaixo da sua bandeira, segundo as insígnias da casa de seus pais. —E os filhos de Israel fizeram conforme tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés; assim, assentaram o arraial segundo as suas bandeiras; e assim marcharam, cada qual segundo as suas gerações, segundo a casa de seus pais" (Nm 2:2,34).

Assim, no acampamento da antiguidade, bem como agora na Igreja, aprendemos que "Deus não é o autor de confusão".

Nada podia ser tão primorosamente disposto como os quatro acampamentos compostos cada um de três tribos, formando um perfeito quadrado, cada lado do qual ostentava a sua bandeira específica. "Os filhos de Israel assentarão as

suas tendas, cada um debaixo da sua bandeira, segundo as insígnias da casa de seus pais; ao redor, defronte da tenda da congregação, assentarão as suas tendas. O Deus dos exércitos de Israel sabia como dispor as suas hostes. Seria um grande erro supor que os guerreiros de Deus não estavam organizados segundo o mais perfeito sistema de tática militar.

Nós podemos gloriar-nos do nosso progresso nas artes e ciências, e podemos imaginar que o exército de Israel, comparado com o que vemos nos "tempos modernos", apresentava um espetáculo de grosseira desordem e rústica confusão. Mas isto é um conceito vago. Podemos estar certos que o acampamento de Israel estava disposto e provido da maneira mais perfeita, pela mais simples e concludente de todas as razões, a saber, que estava disposto e abastecido pela mão de Deus. Seja-nos concedido isto, que Deus tem feito tudo, e nós diremos, com absoluta confiança, que tudo foi feito com perfeição.

Isto é um princípio muito simples, mas muito feliz. Naturalmente não poderá satisfazer um céptico ou um infiel: e o que os satisfaria?

O papel de um céptico é duvidar de tudo e é sua prerrogativa não crer nada. Mede tudo segundo a sua própria medida, e rejeita tudo aquilo que não pode harmonizar com as suas próprias ideias. Estabelece as suas premissas com assombroso sangue-frio, e deduz ato contínuo as conclusões. Mas se as premissas são falsas, as conclusões também devem ser falsas. A característica que invariavelmente acompanha as premissas de todos os cépticos, racionalistas e infiéis, consiste sempre em excluir Deus; de onde se segue que as suas conclusões têm que ser fatalmente falsas. Em contrapartida, o crente humilde toma como ponto de partida o grande princípio que Deus é; e não apenas que Deus é, mas que Se ocupa das Suas criaturas, que Se interessa nos negócios dos homens e Se ocupa deles.

Que consolação para o crente! Porém, a incredulidade não aceita de modo algum isto. Introduzir Deus é transtornar todos os argumentos dos cépticos, porque todos eles se baseiam na completa exclusão de Deus.

Contudo, não escrevemos agora para combater infiéis, mas para a edificação dos crentes, e todavia convém às vezes chamar a atenção sobre o estado de completa corrupção de todo o sistema de infidelidade; e isto não pode ser

mostrado tão clara e forçosamente como pelo fato que todo esse sistema descansa inteiramente sobre a exclusão de Deus. Compreendamos isto bem, e todo o sistema desmoronar-se-á aos nossos pés. Se cremos que Deus é, então seguramente todas as coisas devem ser encaradas em relação com Ele. Devemos ser todas as coisas segundo o Seu ponto de vista.

Mas isto não é tudo. Se cremos que Deus é, então temos de ver que o homem não pode julgá-Lo. Deus deve ser o Juiz do bem e do mal do que é digno de Si e que não o é. E o mesmo acontece também a respeito da Palavra de Deus. Se é verdade que Deus é, e que nos tem falado e dado uma revelação, então, seguramente, essa revelação não pode ser julgada pela razão humana. Está acima e além de tal tribunal. Imagine-se a pretensão de medir a Palavra de Deus pelas regras dos cálculos humanos! E todavia é isto precisamente que tem sido feito em nossos dias com o precioso livro de Números, com o qual estamos agora ocupados e com o estudo do qual prosseguiremos, pondo de lado a infidelidade e a sua aritmética.

### O Livro e a Alma

Sentimos que é muito necessário, nos nossos comentários e reflexões sobre este livro, bem como sobre todos os outros, lembrar duas coisas, a saber: primeiro, o livro; e, depois, a alma: o livro e o seu conteúdo; a alma e as suas necessidades. Existe o perigo de esquecermos a alma e as suas necessidades por estarmos muito ocupados com o livro. E, por outro lado, há o perigo de esquecermos o livro por estarmos absorvidos com a alma. Devemos atender às duas coisas. E podemos dizer que o que constitui um ministério eficiente, quer escrito quer oral, é o próprio ajustamento destas duas coisas.

Há ministros que estudam a Palavra diligentemente, e, pode ser, profundamente. São versados em conhecimento bíblico; beberam amplamente na fonte da inspiração. Tudo isto é da maior importância e de grande valor. Um ministério sem isto será de fato estéril. Se um homem não estuda a sua Bíblia com cuidado e com oração, terá pouco para dar aos seus leitores ou aos seus ouvintes; pelo menos que valha a pena eles terem. Aqueles que trabalham na Palavra devem cavar para si próprios, e "cavar fundo".

Mas é preciso pensar na alma—antecipar a sua condição e suprir as suas necessidades. Se isto é perdido de vista, o ministério carecerá e fim, efeito e poder. Será ineficiente e infrutífero. Em suma, as duas coisas devem ser combinadas e convenientemente proporcionadas. Um homem que meramente estuda o livro será inábil. Um homem que apenas estuda a alma será deficiente. Um homem que estuda devidamente ambas as coisas será um bom ministro de Jesus Cristo.

Ora nós desejamos, segundo a nossa capacidade, ser isto para o leitor; e por isso, ao avançar, na sua companhia, através do livro maravilhoso que está aberto perante nós, queremos não só indicar as suas belezas morais e desenrolar as suas santas lições, mas sentimos também ser nosso dever imperioso fazer casualmente uma ou outra pergunta ao leitor, a fim de o induzir a ver até que ponto essas lições estão sendo aprendidas e essas belezas apreciadas.

Creio que o leitor não se oporá a isto, e por isso, antes de terminar esta primeira parte, quero fazer uma ou duas perguntas sobre ela.

#### Algumas Considerações Práticas

E, antes do mais, prezado amigo, estás bem inteirado e seguro quanto à tua "descendência"? E um caso arrumado que estás ao lado do Senhor? Não deixes, rogo-te, de decidir esta grande questão. Fizemos esta pergunta antes e fazemo-la outra vez. Conheces a tua descendência espiritual e podes declará-la? É a primeira condição para se ser um guerreiro de Deus. É inútil pensar em entrar para a hoste militante enquanto não se está certo sobre este ponto. Não dizemos que um homem não pode estar salvo sem isto. Longe de nós tal ideia. Mas não pode entrar nas fileiras como homem de guerra. Não pode combater contra o mundo, contra a carne e o diabo, enquanto estiver cheio de dúvidas e temores sobre a linguagem espiritual. Para que haja algum progresso, para que haja essa decisão, tão essencial a um guerreiro espiritual, temos de poder dizer — "Sabemos que passamos da morte para a vida eterna" — "Sabemos que somos de Deus".

Esta é a própria linguagem de um homem de guerra. Nenhum homem desse poderoso exército que se agrupava "ao redor, defronte da tenda da

congregação", teria compreendido alguma coisa parecida com uma dúvida ou sombra de dúvida quanto à sua própria descendência. Seguramente, ele teria rido se alguém levantasse uma dúvida sobre o assunto. Cada um daqueles seiscentos mil sabia bem de onde procedia; e, portanto, onde ocupar o seu lugar. E assim acontece hoje com a hoste militante de Deus. Cada membro dela necessita de possuir a mais límpida confiança acerca do seu parentesco, de contrário não poderá manter-se no combate.

E agora quanto à "bandeira". O que é? É uma doutrina? Não. É um sistema teológico? Não. É uma organização eclesiástica? Não. É um sistema de ordenações, ritos ou cerimônias? Nada disso. Os guerreiros de Deus não lutam sob tais bandeiras. Qual é a bandeira da hoste militante de Deus? Escutemos e recordemos: E Cristo!

Este é o único estandarte de Deus e o único pendão deste bando guerreiro que acampa no deserto deste mundo para sustentar a luta com as hostes do mal, e batalhar as batalhas do Senhor. Cristo é o estandarte para todas as coisas. Se tivéssemos qualquer outro, seríamos por isso incapacitados para esse conflito espiritual a que somos chamados. Que temos nós, como cristãos, que batalhar por qualquer sistema de teologia ou organização eclesiástica? Que importância têm, no nosso parecer, as ordenações, cerimônias ou observâncias ritualistas? Vamos combater debaixo de estandartes como estes? Não permita Deus! A nossa teologia é a Bíblia. A nossa organização eclesiástica é o Corpo de Cristo, formado pela presença do Espírito Santo e unido à Cabeça viva e exaltada nos céus. Lutar por qualquer coisa que não seja isto é absolutamente indigno de um verdadeiro guerreiro espiritual.

Ah! Infelizmente são tantos os que professam pertencer à Igreja de Deus e esquecem o seu próprio estandarte para lutarem sob outro pendão! Podemos estar certos que isto aumenta a fraqueza, corrompe o testemunho e impede o progresso. Se queremos ficar firmes no dia da batalha, não devemos reconhecer seja que estandarte for senão Cristo e a Sua Palavra — a Palavra viva e a Palavra escrita. É nisto que consiste a nossa segurança em face dos nossos inimigos espirituais.

Quanto mais estreitamente aderimos a Cristo, e somente a Cristo, tanto mais fortes seremos e seguros estaremos. Ter a Cristo como perfeita venda para os

nossos olhos — mantermo-nos perto d Ele, seguros a Seu lado—eis a nossa salvaguarda moral.

E os filhos de Israel assentarão as suas tendas, cada um no seu esquadrão e cada um junto à sua bandeira, segundo os seus exércitos (Nm 1:52). Oh! Que seja assim também em toda a hoste da Igreja de Deus! Que tudo seja posto de parte por Cristo! Que Ele seja suficiente para os nossos corações. Ao traçarmos a nossa descendência até Ele, que o Seu nome seja inscrito sobre o "estandarte" ao redor do qual nos acampamos neste deserto, através do qual estamos passando para o nosso descanso eterno no céu! Prezado leitor, faz com que não haja, nós te rogamos, nem um jota nem um til inscrito na tua bandeira, salvo o nome de Jesus Cristo — esse nome que é acima de todo nome, e que será exaltado para sempre através do vasto universo de Deus.

## CAPÍTULOS 3 e 4

### DEUS ESTA NO MEIO DO SEU POVO

Que maravilhoso espetáculo apresentava o acampamento de Israel nesse deserto ermo e árido! Que espetáculo para os anjos, para os homens e para os demônios! Os olhos de Deus estavam sempre postos nele. A Sua presença estava ali. Ele habita no meio de Seu povo militante. Era ali que havia encontrado a Sua habitação. Não encontrou nem podia encontrar a sua habitação entre os esplendores do Egito, da Assíria ou de Babilônia. Sem dúvida, esses países apresentavam muitos atrativos para os olhos da carne. As artes e as ciências floresciam entre eles. A civilização tinha alcançado um ponto muito mais elevado entre essas nações antigas do que os modernos estão dispostos a admitir. O refinamento e o luxo eram provavelmente tão importantes como entre aqueles que têm as maiores pretensões.

Mas, recorde-se, o Senhor não era conhecido entre esses povos. O Seu nome nunca lhes havia sido revelado. Não habitava no meio deles. Decerto, havia inumeráveis testemunhos do Seu poder criador. E, além disso, a Sua providência estava sobre eles. Deu-lhes chuva e estações frutíferas, enchendo os seus corações de alegria e mantimentos. As bênçãos e os benefícios da Sua

mão liberal eram derramados sobre eles, dia após dia, e ano após ano. As chuvas fertilizavam os seus campos e os raios de sol alegravam os seus corações. Mas não O conheciam nem o buscavam. A Sua habitação não era ali. Nenhuma dessas nações podia dizer: "O SENHOR é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação; este é o meu ' portanto lhe farei uma habitação; ele é o Deus de meu pai; por isso, o exaltarei" (Êx 15:2).

O Senhor havia fixado a Sua habitação no seio do Seu povo resgatado e em nenhum outro sítio. A redenção era a base indispensável da habitação de Deus no meio dos homens. Fora da redenção a presença divina só podia ocasionar a destruição do homem; porém, conhecida a redenção, essa presença segura o mais elevado privilégio e a mais brilhante glória.

Deus habitava no meio do Seu povo Israel. Desceu do céu não só para o resgatar da terra do Egito, mas para ser o seu companheiro de viagem através do deserto. Que pensamento! O Deus altíssimo tendo a Sua habitação nas areias do deserto e no próprio seio da congregação dos Seus resgatados! Na verdade, não havia nada semelhante em todo o vasto mundo. Ali estava esse exército de seiscentos mil homens, além das mulheres e crianças, num deserto estéril, onde não crescia uma só folha de erva, e não havia uma gota de água—nenhum sinal de subsistência. Como iam ser alimentados? Deus estava ali! Como iam manter-se em ordem? Deus estava ali! Como iam abrir caminho através daquele deserto medonho onde não havia nenhum caminho? Deus estava ali!

Em suma, a presença de Deus assegurava todas as coisas. A incredulidade poderia dizer: "O quê?- Três milhões de pessoas vão ser alimentadas e vão viver do ar? Quem é o responsável pelos abastecimentos?- Onde estão os depósitos militares?- Onde está a bagagem?- Quem é o responsável pelo vestuário?" Só a fé poderia responder e a sua resposta é simples, breve e conclusiva: "Deus estava ali!" E isso era bastante. Tudo está compreendido nessa frase. Na aritmética da fé, Deus é o algarismo essencial, e, tendo-O, pode adicionar-se tantas cifras quantas se quer. Se os nossos recursos estão no Deus vivo, deixa de existir a questão das nossas necessidades, para se tornar numa questão da Sua suficiência.

O que eram seiscentos mil homens de pé para o Deus Poderoso? Que importância tinham as várias necessidades das suas mulheres e crianças? Na opinião dos homens, estas coisas podiam parecer esmagadoras. A Inglaterra acaba precisamente de mandar dez mil homens para a Abissínia; mas pense-se nas enormes despesas e trabalho necessários para essa expedição; considere-se nos meios de transporte necessários para a condução das provisões e outros meios de subsistência deste pequeno exército. Contudo, imagine-se um exército que, sem contar as mulheres e as crianças, fosse sessenta vezes maior.

Suponha-se este grande exército começando uma marcha que deveria prolongar-se por espaço de quarenta anos, por um "grande e terrível deserto", em que não havia cereais nem erva nem fontes de água. Como haviam de ser abastecidos? Não tinham víveres consigo, nem contratos com nações aliadas para os fornecerem nos diversos pontos do caminho — não existia um único meio visível de suprimento, nada que a natureza pudesse considerar ao seu dispor.

Vale a pena ponderar sobre tudo isto. Mas devemos fazê-lo na presença divina. De nada aproveitaria à razão humana assentar-se e tentar resolver por cálculo tamanho problema. Não leitor; só a fé pode resolvê-lo, e isso também só pela Palavra de Deus. Aqui se encontra a verdadeira solução. Conte-se só com Deus para a solução do problema, e não haverá necessidade de nenhum outro fator para dar a resposta. Deixai-O de parte, e quanto mais forte for a razão e profunda a aritmética, mais desesperada será a vossa perplexidade.

Assim a fé resolve a questão. Deus estava no meio do Seu povo. Estava ali em toda a plenitude da Sua graça e misericórdia—estava ali com o perfeito conhecimento das necessidades do Seu povo e das dificuldades do seu caminho — com o Seu poder onipotente e recursos ilimitados para fazer frente a essas dificuldades e suprir essas necessidades. E penetrou tão completamente nestas coisas, que, ao cabo de suas longas peregrinações no deserto, pôde apelar para os seus corações com palavras tão comovedoras como estas: "Pois o Senhor teu Deus te abençoou, em toda a obra das tuas mãos; ele sabe que andas por este grande deserto; estes quarenta anos o Senhor Teu Deus esteve

contigo, coisa nenhuma te faltou". E também, "Nunca se envelheceu a tua veste sobre ti, nem se inchou o teu pé estes quarenta anos" (Dt 2:7; 8:4).

Israel é uma Figura da Igreja

Ora, em todas estas coisas, o acampamento de Israel era uma figura — uma figura intensa e notável. Uma figura de que?— Uma figura da Igreja de Deus passando por este mundo. O testemunho a Escritura é tão claro sobre este ponto, que não deixa lugar para o curso da imaginação. "Ora tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos" (1 Co 10:11).

Podemos, pois, acercar-nos e contemplar com vivo interesse esse maravilhoso espetáculo e procurar tirar dele as preciosas lições que tão apropriada e eminentemente ele nos ensina. E, oh, que lições! Quem poderá apreciá-las devidamente? Pensai nesse acampamento misterioso no deserto composto, como havemos dito, de guerreiros, trabalhadores e adoradores! Que separação de todas as nações do mundo! Que falta absoluta de recursos! Que exposição ao inimigo! Que dependência absoluta de Deus! Não tinham nada; nada podiam fazer; nada podiam saber. Não tinham nada que comer, nem uma gota de água mais do que recebiam, dia a dia, diretamente da mão de Deus. Quando à noite se retiravam para descansar, não tinham nem um simples átomo de provisões para o dia seguinte. Não havia armazéns, nem despensa nem fontes visíveis de suprimento, nada com que pudessem contar.

Mas Deus estava ali, e isso, no parecer da fé, era bastante. Estavam resguardados com Deus. Esta é a única grande realidade. A fé não reconhece nada real, nada sólido, nada verdadeiro senão o Deus vivo, verdadeiro e eterno. A natureza podia volver os olhos cobiçosos para os celeiros do Egito e ver neles alguma coisa substancial. Mas a fé olha para o céu e encontra ali todos os seus recursos.

Assim era no acampamento do deserto; e assim é com a Igreja no mundo. Não havia uma só exigência, uma só contingência, uma só necessidade fosse de que natureza fosse que a presença divina não fosse uma resposta inteiramente suficiente. As nações dos incircuncisos podiam ver e maravilhar-se. Podiam, na confusão da cega incredulidade, levantar questões e procurar saber como podia

alimentar-se um tal exército, vestir-se e manter-se em ordem. Certamente eles não tinham olhos para ver como isto podia ser feito. Não conheciam o SENHOR—o SENHOR Deus dos Hebreus; e portanto dizer-lhes que Ele se havia encarregado daquela vasta assembleia ter-lhes-ia parecido um conto fútil. E assim é agora a respeito da Igreja de Deus neste mundo, que pode muito bem ser chamado um deserto moral. Considerada do ponto de vista de Deus, essa assembleia não é do mundo; está completamente separada dele. Está tão fora do mundo como o acampamento de Israel estava fora do Egito. As águas do Mar Vermelho corriam entre o acampamento e o Egito; e as águas mais profundas e mais sombrias da morte de Cristo correm entre a Igreja de Deus e este presente século mau. É impossível conceber uma separação mais completa. "Não são do mundo", diz o Senhor Jesus Cristo, "como eu do mundo não sou" (João 17:16).

E, agora, quanto à completa dependência: o que poderá haver de mais dependente do que a Igreja de Deus neste mundo?— Ela não tem nada em si ou de si mesma. Está colocada no meio de um deserto, uma triste assolação, um vasto deserto, no qual não há literalmente nada com que ela possa viver. Não há uma só gota de água, nem uma simples porção de alimento próprio para a Igreja de Deus em toda a circunferência deste mundo.

O mesmo sucede quanto à maneira como ela está exposta a toda a sorte de influências hostis. Nada pode exceder essa sua posição. Nada há uma simples influência amigável. Tudo é contra ela. Está no meio deste mundo como uma planta exótica—uma planta que pertence a um clima estrangeiro e colocada uma esfera onde o solo e a atmosfera são igualmente incompatíveis com ela.

### A Igreja no Mundo

Tal é a Igreja de Deus no mundo—uma coisa separada, dependente, indefesa, dependendo em tudo do Deus vivo. Está calculada para dar vivacidade, força e clareza aos nossos pensamentos a respeito da Igreja de forma a encararmos-la como o antítipo do acampamento no deserto; e não é de modo nenhum um capricho ou precipitação considerá-la assim, visto que 1 Coríntios 10-11 claramente o mostra. Temos plena liberdade para dizer que o acampamento de Israel era literalmente o que a Igreja é moralmente. E, ainda mais, que o deserto

era literalmente para Israel o que o mundo é moral e espiritualmente para a Igreja de Deus. O deserto era a esfera de ação e perigo para Israel—não era a origem dos seus suprimentos ou contentamentos e o mundo é a esfera da vida da Igreja e do perigo que ela corre, e não a origem dos seus suprimentos e gozo.

É conveniente compreender este fato em todo o seu poder moral. A assembleia de Deus no mundo, à semelhança da "congregação no deserto", está inteiramente na dependência de Deus. Falamos, note-se, do ponto de vista divino—do que a Igreja é à vista de Deus. Vista do ponto de vista humano — contemplada como ela é, no seu próprio estado prático atual, é, infelizmente, outra coisa. Ocupamo-nos apenas por agora com a ideia verdadeira e normal que Deus tem da Igreja no mundo.

E não se esqueça, nem por um momento, que, tão certo como havia um acampamento no deserto—uma congregação no deserto - assim há agora a Igreja de Deus, o corpo de Cristo no mundo.

Indubitavelmente, as nações do mundo conheciam pouco dessa congregação da antiguidade, e preocupavam-se menos com ela; mas isso não enfraquecia nem afetava o grande fato da sua existência. Do mesmo modo, os homens do mundo conhecem pouco da Igreja de Deus—o corpo de Cristo—e menos se preocupam com ela; mas isso não afeta, de modo nenhum, a grande verdade que existe realmente tal coisa neste mundo, e que tem existido sempre desde que o Espírito Santo desceu no dia de Pentecostes.

Decerto, a congregação da antiguidade teve as suas provações, os seus conflitos, as suas dores, as suas tentações, as suas lutas, as suas controvérsias—as suas excitações internas—as suas inumeráveis dificuldades, que exigiam os variados recursos que havia em Deus - o ministério precioso do profeta, sacerdote e rei que Deus lhe havia dado; já que, como sabemos, Moisés estava ali como "rei em Jerurum", e como o profeta levantado por Deus; e Arão estava ali também para exercer todas as funções sacerdotais.

Mas apesar de todas estas coisas que havemos enumerado — apesar da fraqueza, o fracasso, o pecado, a rebelião, contendas, a verdade é que havia ali um fato notável para ser conhecido dos homens, dos demônios e dos anjos, a saber: uma grande congregação, que se elevava a qualquer coisa como três

milhões de almas (— segundo o uso habitual de cálculo—) viajando pelo deserto, dependendo inteiramente de um braço invisível, guiada e tratada pelo Deus eterno, cujos olhos não se afastavam um só momento desse misterioso e simbólico exército; sim, Deus habitava no meio dela, do Seu povo, e nunca o abandonou, apesar da sua incredulidade, do seu esquecimento, da sua ingratidão e rebelião. Deus estava ali para o manter e guiar, para o guardar e conservá-lo, dia a dia; e deu-lhes água da rocha.

Isto era seguramente um fato admirável—um profundo mistério. Deus tinha uma congregação no deserto—mantida à parte de todas as nações circunvizinhas, separada para Si. É possível que as nações do mundo nada conhecessem, nada se preocupassem, não pensassem nada desta assembleia. Certo é que o deserto nada produzia para sustento ou refrigério. Havia nele serpentes e escorpiões—havia perigos e ciladas— seca, aridez e desolação. Porém havia também aquela maravilhosa assembleia mantida de tal maneira que confundia a razão humana.

E, prezado leitor, recordemos que isto era uma figura. Uma figura de quê? Uma figura de alguma coisa que tem estado em existência durante dezenove séculos; existe ainda; e existirá até ao momento em que o Senhor Jesus Cristo se levantar da Sua atual posição o descer aos ares. Numa palavra, é uma figura da Igreja de Deus neste mundo. Quão importante é reconhecer este fato! Que pena ter sido perdido de vista! E como é tão pouco compreendido até mesmo nos nossos dias! E todavia todo o cristão é responsável por reconhecê-lo e de o confessar na prática. Não pode ser evitado. E verdade que existe atualmente no mundo alguma coisa que corresponde ao acampamento no deserto? Certamente; existe a Igreja no deserto. Há uma assembleia que passa por este mundo como Israel passava pelo deserto.

E, além disso, o mundo é, moral e espiritualmente, para a Igreja o que o deserto era, literal e praticamente, para Israel. Israel não encontrou fontes do deserto; e a Igreja de Deus não encontra fontes no mundo. Se as encontra, traio seu Senhor. Israel não era do deserto, mas passava por ele; e a Igreja de Deus não é do mundo, mas está de passagem pelo mundo.

Se o leitor se compenetrar inteiramente disto, verá o lugar de completa separação que pertence à Igreja de Deus no seu conjunto e a cada um dos seus membros individualmente.

A Igreja, do ponto de vista de Deus a seu respeito, está tão completamente separada deste mundo como separado estava o acampamento de Israel no meio do deserto que o rodeava. Existe tão pouco de comum entre a igreja e o mundo, como havia entre Israel e a areia do deserto. As mais brilhantes atrações e as mais sedutoras fascinações do mundo são para a Igreja de Deus o que eram para Israel as serpentes, os escorpiões e os mil outros perigos do deserto.

A Igreja, o Corpo de Cristo na Terra

Tal é a ideia divina da Igreja; e é com esta ideia que nos ocupamos agora. Ah! Quão diferente é com a que se chama igreja! Mas desejamos, contudo, que o leitor fixe a sua atenção, por agora, sobre o que é verdadeiro. Queremos que se coloque, pela fé, do lado do ponto de vista de Deus e considere a Igreja desde ali. E só fazendo assim que pode formar uma verdadeira ideia do que é a Igreja, ou da sua própria responsabilidade a respeito dela. Deus tem uma Igreja no mundo. Há atualmente na terra um corpo em que habita o Espírito e unido a Cristo, a Cabeça. Esta Igreja — este corpo — é composta de todos aqueles que verdadeiramente creem no Filho de Deus, e que estão unidos pelo grande fato da presença do Espírito Santo.

Note-se que não se trata de uma opinião ou de certa ideia que pode aceitar-se ou não ao gosto de cada qual. É um fato divino. É uma grande verdade, quer lhe demos ouvidos ou não. A existência da Igreja como um corpo é um fato, e nós, como crentes, somos membros dele. Não podemos evitar isso. Não podemos tampouco ignorá-lo. Estamos com efeito nesta relação — fomos batizados em um corpo pelo Espírito Santo. E uma coisa tão real e positiva como o nascimento de um menino numa família. Ocorreu o nascimento, o parentesco está formado, e nós só temos que reconhecê-lo e andarmos, dia a dia, com a compreensão desse fato.

No próprio momento em que uma alma é nascida de novo — nascida de cima e selada pelo Espírito Santo—é incorporada no corpo de Cristo. Já não pode

considerar-se como um indivíduo solitário, uma pessoa independente, um átomo isolado; é membro de um corpo, precisamente como a mão ou o pé é um membro do corpo humano. E um membro da Igreja de Deus, e não pode, propriamente ou verdadeiramente, ser membro de alguma coisa mais. Como poderia o meu braço ser membro de qualquer outro corpo? E, segundo este mesmo critério, podemos perguntar: como poderia um membro do corpo de Cristo ser membro de qualquer outro corpo?

Que verdade gloriosa é esta quanto à Igreja de Deus, a qual é o antítipo do acampamento do deserto, "a congregação no deserto"!

Um fato a que nos devemos submeter. A Igreja de Deus existe no meio de toda a ruína e do naufrágio, da luta e da discórdia, da confusão e das divisões, das seitas e dos partidos. Isto é certamente uma verdade das mais preciosas. E não somente é preciosa, mas é também prática e constitutiva. Nós somos obrigados a reconhecer, pela fé, esta Igreja no mundo, como os israelitas eram obrigados a reconhecer, por vista, o acampamento no deserto. Havia um acampamento, uma congregação, a que pertencia todo o verdadeiro israelita; existe uma Igreja — um corpo — a que pertence o verdadeiro cristão.

Porém, como é organizado este corpo? Pelo Espírito Santo, como está escrito: "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo" (1 Co 12:13). Como é mantida?— Pela sua Cabeça vivente, através do Espírito e pela Palavra, como está escrito: "Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja" (Ef 5:29). Isto não é bastante? Cristo não é suficiente"? O Espírito Santo não bastai Precisamos de alguma coisa mais que as diversas virtudes que se encontram no nome de Jesus? Os dons do Espírito Santo não são acaso suficientes para o crescimento e manutenção da Igreja de Deus? O fato da presença divina na igreja não assegura tudo que a Igreja possa por acaso necessitar? Não é suficiente para as exigências de cada hora\*?— A fé diz "Sim", e di-lo com ênfase e decisão! A incredulidade—a razão humana—diz, "Não, precisamos também de muitas outras coisas". Qual é a nossa resposta?— Simplesmente esta: "Se Deus não é suficiente, não sabemos para onde nos havemos de voltar. Se o nome de Jesus não basta, não sabemos que fazer. Se o Espírito Santo não

pode suprir todas as necessidades da comunhão, do ministério e do culto, então, não sabemos que dizer."

Pode, todavia, dizer-se que "as coisas não são como eram nos tempos apostólicos. A Igreja professa falhou; os dons do Pentecostes cessaram; os dias gloriosos do primeiro amor da Igreja desapareceram e portanto temos de adotar os melhores meios que estão ao nosso alcance para a organização e manutenção das nossas igrejas". A tudo isto nós respondemos: "Deus não tem falhado, Cristo, o Cabeça da Igreja, não tem faltado. O Espírito Santo não tem faltado. Nem um jota nem um til da Palavra de Deus tem falhado. Este é o verdadeiro fundamento da fé. "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hb 13:8) Ele disse: "Eis que estou convosco." Quanto tempo?- Durante os dias do primeiro amor?- Durante os tempos apostólicos? Enquanto a Igreja continuar fie? Não; "eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28:20).

Assim também, antes, quando, pela primeira vez em todo o cânone da escritura, a Igreja, propriamente dita, é mencionada, temos essas palavras memoráveis, "sobre esta pedra (ou: rocha — Filho do Deus vivo) edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16:18).

Ora, a questão é esta: Essa Igreja está atualmente na terra Com certeza. E tão verdade que existe uma Igreja agora na terra como em outro tempo houve um acampamento no deserto. E assim como Deus estava nesse acampamento para suprir todas as necessidades do povo, do mesmo modo está agora verdadeiramente na Igreja para ordenar e dirigir em todas as coisas, como está escrito; "No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito" (Ef 2:22).

Isto é suficiente. Só nos falta agarrarmos, pela simples fé, esta grande realidade. O nome de Jesus é suficiente para todas as necessidades da Igreja de Deus assim como o é para a salvação da alma. Uma coisa é tão verdadeira como a outra. "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18:20). Isto deixou de ser verdadeiro?- Se não deixou de ser verdadeiro não será a presença de Cristo suficiente para a Sua Igreja? Necessitamos de fazer planos ou de atuarmos por nossa iniciativa em assuntos de igreja? Não necessitamos de fazer mais do que com o assunto da

salvação da alma. Que dizemos nós ao pecador? Confia em Cristo. Que dizemos ao crente? Confia em Cristo. Que dizemos a uma assembleia de santos, seja pequena ou grande?- Confia em Cristo. Há alguma coisa que Ele não possa fazer? "Haveria alguma coisa difícil ao Senhor?" Já se esgotou o tesouro dos Seus dons e graças? Não pode proporcionar dons ou ministério?

Não pode levantar evangelistas, pastores e doutores?- Não pode fazer frente a todas as variadas necessidades da Sua Igreja no deserto?- Se Ele não pode, onde estamos nós? Que faremos?- Para onde nos voltaremos? Que tinha que fazer a congregação de outro tempo? Olhar para o Senhor. Em todas as coisas?- Sim, em todas as coisas; por alimento, por água, por vestuário, por orientação, por proteção, por tudo. Todos os seus recursos estavam n'Ele. Devemos nós recorrer a alguém mais? Nunca. Cristo, nosso Senhor, é amplamente bastante, apesar de todo o nosso fracasso e ruína, pecado e infidelidade. Ele enviou o Espírito Santo, o outro Consolador, para habitar com e no Seu povo — para formar com eles um só corpo e uni-los à Cabeça vivente no céu. O Espírito é o poder de unidade, de comunhão, de ministério e de culto. Não nos tem abandonado, e não nos abandonará; demos-Lhe lugar para atuar. Guardemo-nos escrupulosamente de tudo que possa contribuir para O extinguir, impedir de atuar ou entristecê-Lo. Reconheçamos o Seu próprio lugar na igreja e sujeitemo-nos em tudo à Sua direção e autoridade.

Estamos convencidos de que aqui está o verdadeiro segredo de poder e bênção. Negamos a ruína? Como poderíamos negá-la? Infelizmente apresenta-se como um fato demasiado palpável e notório para ser negado. Procuramos negar a nossa parte da ruína —a nossa loucura e o nosso pecado? Provera a Deus que a sentíssemos mais intensamente! Mas acrescentaremos ao nosso pecado a negação da graça e do poder de nosso Senhor para nos valerem na nossa loucura e ruína? Desprezaremos o Senhor, a fonte de águas vivas, para cavarmos para nós próprios cisternas rotas que não podem reter água? Deixaremos a Rocha dos séculos para nos apoiarmos às canas quebradas da nossa imaginação? Deus nos livre! Antes seja a linguagem dos nossos corações, ao pensarmos no nome de Jesus, de louvores e gratidão.

Mas não suponha o leitor que pretendemos conceder a mínima aprovação às pretensões eclesiásticas. Aborrecemo-las completamente; consideramo-las

inteiramente desprezíveis. Cremos que nunca será possível ocuparmos um lugar demasiadamente humilde. Um lugar modesto e um espírito humilde são o que mais nos convém em vista do nosso pecado comum e da nossa vileza. Tudo que procuramos sustentar é isto, a suficiência do nome de Jesus para todas as necessidades da Igreja de Deus, em todos os tempos e em todas as circunstâncias. Havia todo o poder nesse nome nos tempos apostólicos; e porque não o terá agora ? Esse nome glorioso sofreu alguma alteração?- Não, bendito seja Deus! Bem, então é suficiente para nós neste momento, e tudo que precisamos é confiar nele inteiramente e mostrarmos que confiamos desta maneira recusando completamente qualquer outro fundamento de confiança, e saindo, com ousada decisão, para esse precioso e incomparável nome. Bendito seja o Seu nome, ele tem descido até à mais baixa congregação, ao plural mais reduzido, visto que tem dito: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles". Isto ainda tem algum valor? Ou já perdeu o seu poder? Já não tem aplicação?- Quando foi revogado?-

Prezado leitor cristão, conjuramos-te por meio de todos os argumentos que deveriam influir sobre o teu coração a que dêes o teu cordial assentimento a esta verdade eterna, a saber: A plena suficiência do nome do Senhor Jesus Cristo para a Igreja de Deus, em qualquer condição que possa ser achada, durante todo o curso da sua história (1). Exortamos-te não apenas que consideres isto como uma verdadeira teoria, mas que a confesses na prática, e então seguramente provarás a profunda bem-aventurança da presença de Jesus no lugar de separações — uma bem — aventurança que tem de ser posta em prática para poder ser conhecida; mas, uma vez experimentada, não pode jamais ser esquecida ou abandonada por coisa alguma.

---

(1) Usando a expressão, "A plena suficiência do nome do Senhor Jesus Cristo . queremos dizer tudo que está assegurado para o Seu povo nesse nome — vida; justiça; aceitação; a presença do Espírito Santo com todos os diferentes dons: um centro divino ou ponto de reunião. Numa palavra, cremos que tudo quanto a Igreja possa possivelmente necessitar para o tempo presente ou a eternidade está compreendido nesse glorioso nome — o Senhor Jesus Cristo.

Mas não tínhamos a intenção de prosseguir até tão longe com esta linha de pensamentos ou de redigir um introdução tão extensa à parte do livro que temos perante nós, e para a qual desejamos agora chamar a atenção do leitor.

Ao considerar atentamente "a congregação no deserto" (At 7:38), descobrimos que é composta de três elementos distintos, a saber, guerreiros, obreiros e adoradores. Havia uma nação de guerreiros, uma tribo de obreiros, uma família de adoradores ou sacerdotes. Já aludimos aos primeiros e vimos como cada um, segundo a sua "linhagem", tomou o seu lugar segundo a sua "bandeira" e conforme a ordem do Senhor; vamo-nos deter por uns momentos com os segundos e ver cada um entregue à sua obra e serviço, segundo a mesma ordenação. Já consideramos os guerreiros, meditemos sobre os obreiros.

#### Os Levitas

Os Levitas estavam claramente assinalados de entre as outras tribos e eram chamados a ocupar um posto muito especial e para um serviço particular. Assim, lemos a seu respeito: "Mas os levitas, segundo a tribo de seus pais, não foram contados entre eles, porquanto o SENHOR tinha falado a Moisés, dizendo: Somente não contarás a tribo de Levi, nem tomarás a soma deles entre os filhos de Israel; mas, tu, põe os levitas sobre o tabernáculo do Testemunho, e sobre todos os seus utensílios e sobre tudo o que lhe pertence; eles levarão o tabernáculo e todos os seus utensílios; e eles o administrarão e assentarão o seu arraial ao redor do tabernáculo. E, quando o tabernáculo partir, os levitas o desarmarão; e, quando o tabernáculo assentar arraial, os levitas o armarão; e o estrangeiro que se chegar morrerá. E os filhos de Israel assentarão as suas tendas, cada um no seu esquadrão e cada um junto à sua bandeira, segundo os seus exércitos. Mas os levitas assentarão as suas tendas ao redor do tabernáculo do Testemunho, para que não haja indignação sobre a congregação dos filhos de Israel; pelo que os levitas terão o cuidado da guarda do tabernáculo do Testemunho" (Nm 1:47-53). Lemos também em capítulo 2:33: "Mas os levitas não foram contados entre os filhos de Israel, como o SENHOR ordenara a Moisés".

Mas por que os levitas?- Porque foi essa tribo especialmente designada entre todas as outras e separada para um serviço tão santo e tão elevado. Havia neles alguma santidade ou algum bem particular que motivasse uma tal

distinção? Não, decerto, nem por natureza nem por sua conduta, como podemos ver pelas seguintes palavras: "Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho, não entre minha alma; com a sua congregação, minha glória não se ajunte; porque, no seu furor mataram varões e, na sua teima, arrebataram bois. Maldito seja o seu furor, pois era forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel" (Gn 49:5-7).

Tal era Levi por natureza e pela prática, voluntarioso, violento e cruel.

Como é notável que um tal homem fosse escolhido e elevado a um posto tão alto e de tão santo privilégio! Seguramente podemos dizer que era graça desde o começo ao fim. É desígnio da graça cuidar dos piores casos. Debruça-se sobre as maiores profundidades e ajunta de ali os seus mais brilhantes troféus. "Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Tm 1:15)." A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo" (Ef 3:8).

Mas como é surpreendente a linguagem, "No seu secreto conselho, não entre minha alma com a sua congregação, minha glória não se ajunte"! Deus é demasiado puro de olhos para ver o mal e não pode contemplar a iniquidade. Deus não podia entrar no secreto conselho de Levi nem ajuntar-Se com a sua congregação. Isso era impossível. Deus não podia ter alguma coisa que ver com a obstinação, ferocidade e crueldade. Mas podia contudo introduzir Levi no Seu secreto conselho e juntá-lo à Sua assembleia. Podia tirá-lo da sua habitação, onde havia instrumentos de crueldade, e trazê-lo para o tabernáculo para estar ocupado com os instrumentos sagrados e vasos que ali havia. Isto era graça — livre, soberana graça; e nisto deve buscar-se a base de todo o alto e abençoado serviço de Levi. Tanto quanto lhe dizia respeito pessoalmente existia uma distância imensurável entre si e o Deus santo — um abismo que nenhum poder humano podia transpor. O Deus santo não podia ter nada de comum com a obstinação, a ferocidade e a crueldade; mas o Deus de graça podia ocupar-Se de Levi. Em Sua soberana misericórdia, podia visitar um tal e

levantá-lo das profundidades da sua degradação moral e trazê-lo para um lugar de aproximação de Si Mesmo.

E, oh, que contraste maravilhoso entre a posição de Levi por natureza e a sua posição pela graça! Entre os instrumentos de crueldade e os vasos do santuário! Entre Levi em Gênesis 34 e Levi em Números 3 e 4!

Mas consideremos a forma como Deus trata com Levi — o fundamento sobre o qual foi levado a um tal lugar de bênção. Para isso será necessário referir o capítulo 8 do nosso livro, e ali seremos levados a penetrar no segredo de todo o assunto. Veremos que nada que pertencia a Levi foi, e não podia ser, permitido; nenhum dos seus caminhos foi aprovado; e todavia deu-se a mais perfeita manifestação da graça—a graça reinando por meio da justiça. Falamos do símbolo e do seu significado, segundo a narração já referida: "Todas estas coisas lhes aconteceram como figuras." Não se trata da questão de saber até que ponto os levitas viam por meio destas coisas. O ponto em questão não é este. Não temos de perguntar, o que os levitas viam nos desígnios de Deus a seu respeito, mas, o que aprendemos com eles?

#### A Purificação dos Levitas

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Toma os levitas do meio dos filhos de Israel e purifica-os; e assim lhes farás, para os purificar: Esparge sobre eles a água da expiação; e sobre toda a sua carne farão passar a navalha, e lavarão os seus vestidos, e se purificarão" (Nm 8:5-7).

Aqui temos, em figura, o único princípio divino de purificação. E a aplicação da morte à natureza e todos os seus hábitos. É a palavra de Deus aplicada ao coração e à consciência de uma forma viva. Nada pode ser mais expressivo que a dupla ação apresentada nesta passagem. Moisés devia espargir a água da expiação sobre eles; e ato continuo eles deviam cortar todo o seu pelo e lavar todo o seu vestuário. Há nisto grande beleza e precisão. Moisés, representando os direitos de Deus, purifica os levitas em conformidade com esses direitos; e eles, estando purificados, são capazes de fazer passar a navalha sobre tudo que era apenas o crescimento da natureza e de lavar o seu vestuário, que representa, de uma forma simbólica, a purificação dos seus hábitos de conformidade com a Palavra de Deus.

Este era o modo de Deus satisfazer tudo que dizia respeito ao estado natural de Levi — à obstinação, ferocidade e crueldade. A água pura e a navalha afiada entravam em ação—a lavagem e o corte do pelo deviam continuar até que Levi estivesse apto a ter acesso aos vasos do santuário.

Assim é em todos os casos. Não há, não pode haver, tolerância para a natureza entre os obreiros de Deus. Nunca houve erro mais falaz do que procurar alistar a natureza no serviço de Deus. Não importa qual o meio por que se procure melhorá-la ou regulá-la. Não é o melhoramento que servirá, mas, sim, a morte. É da maior importância para o leitor compreender claramente esta grande verdade prática. O homem tem sido pesado na balança e foi achado em falta. O prumo foi-lhe aplicado e ele foi achado torto. E de todo impossível tentar reformá-lo. Nada resultará senão a água e a navalha. Deus fechou a história do homem. Pôs-lhe fim na morte de Cristo. O primeiro grande fato em que o Espírito Santo insiste sobre a consciência humana é que Deus pronunciou o Seu solene veredicto sobre a natureza humana e que é necessário que esse veredicto seja aceito por cada um contra si mesmo. Não é uma questão de opinião ou de sentimento. Alguém poderá dizer: "Não vejo ou não sinto que sou tão mau como parece querer dar a entender". A nossa resposta é que isso em nada afeta a questão. Deus pronunciou a Sua sentença sobre todos, e o primeiro dever do homem é inclinar-se a essa sentença e aceitá-la.

De que teria servido a Levi dizer que não concordava com o que a palavra de Deus dizia a respeito dele. Isso teria ou poderia alterar a questão a seu respeito?— De modo nenhum. A declaração divina era a mesma quer Levi a sentisse quer não; mas é evidente que o primeiro passo no caminho da sabedoria era submeter-se a essa declaração.

Tudo isto está expresso, em figura, na "água" e "a navalha" — no ato de "lavar" e de "passar a navalha por todo o corpo". Nada poderia ser mais significativo ou expressivo. Estes atos mostram a verdade solene da sentença de morte sobre a natureza e a execução do juízo contra tudo que a natureza produz.

E o que é, queremos perguntar, o significado do ato iniciativo do cristianismo, o batismo?— Não representa o fato bendito de que "o nosso homem velho" — a nossa natureza caída — está completamente posto de parte e que nós somos introduzidos numa posição inteiramente nova? Com certeza. E como usamos a

navalhai Mediante uma própria e severa condenação, dia a dia, e a austera negação de tudo que precede da natureza. Este é o verdadeiro caminho que devem seguir todos os obreiros de Deus no deserto.

Quando consideramos a conduta de Levi em Siquém, Gêneses 34, e a narração que é feita a seu respeito em Gêneses 49, podemos perguntar, como pode permitir-se a uma pessoa assim levar os vasos do santuário? A resposta é que a graça de Deus brilha na chamada de Levi, e a santidade em sua purificação. Foi chamado para a obra, segundo as riquezas da graça divina; mas foi tornado apto para a obra segundo os direitos da santidade divina.

Assim deve ser com todos os obreiros de Deus. Estamos absolutamente convencidos que estamos aptos para a obra de Deus na medida em que a natureza é posta sob o poder da cruz e da navalha afiada da própria reprovação. A vontade própria nunca pode ser útil no serviço de Deus; pelo contrário, tem de ser posta de lado, se queremos saber o que é o verdadeiro serviço. Existe, infelizmente, muita coisa que passa por ser serviço e que, julgada à luz da presença divina, seria reconhecida apenas como o fruto de uma vontade inquieta.

Isto é muito solene, e exige a nossa mais séria atenção. Não podemos ser severos demais na censura que exercemos sobre nós próprios a este respeito. O coração é tão enganoso que podemos ser levados a imaginar que estamos fazendo a obra do Senhor, quando, na realidade, estamos apenas buscando a nossa própria complacência.

Porém, se queremos trilhar o caminho do verdadeiro serviço temos de procurar estar cada vez mais separados da natureza. O voluntarioso Levi tem de passar pelo processo simbólico da lavagem e do barbear antes de poder estar ocupado nesse elevado serviço que é designado por nomeação direta do Deus de Israel.

## QUEM É DO Senhor?

Mas, antes de prosseguirmos propriamente com o exame da obra e serviço dos Levitas, devemos contemplar por um momento a cena em Êxodo 32, na qual desempenham uma parte muito importante e notável. Referimo-nos, como o

leitor compreenderá imediatamente, ao bezerro de ouro. Durante a ausência de Moisés, o povo perdeu tão completamente de vista Deus e os Seus direitos que levantou um bezerro de fundição e se prostrou diante dele. Este terrível ato exigia um juízo sumário.

"E, vendo Moisés que o povo estava despido, porque Arão o havia despido para vergonha entre os seus inimigos, pôs-se em pé Moisés, na porta do arraial e disse: Quem é do SENHOR, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial, de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo e cada um a seu próximo. E os filhos de Levi fizeram conforme a palavra de Moisés; e caíram do povo, aquele dia, uns três mil homens. Porquanto Moisés tinha dito: Consagrai hoje as vossas mãos ao SENHOR porquanto cada um será contra o seu filho e contra o seu irmão; e isto para ele vos dar hoje bênção" (Êx 32:25-29).

Foi um momento de prova. Não podia ser de outra maneira, visto que se dirigia ao coração e à consciência a grande questão, "Quem é do Senhor?" Nada podia ser mais penetrante. A pergunta não era "Quem quer trabalhar" Não; era uma pergunta muito mais profunda e premente. Não se tratava de saber quem iria aqui ou ali fazer isto ou aquilo. Podia haver muita ação e movimento, e, ao mesmo tempo, ser apenas o impulso de uma vontade indomável, que, agindo segundo a natureza religiosa, dava uma aparência de devoção e piedade eminentemente calculada para se enganar e enganar outros.

Mas estar do lado do Senhor envolve a renúncia da vontade própria — sim, a própria rendição, e isto é essencial ao servo verdadeiro ou ao verdadeiro obreiro. Saulo de Tarso encontrava-se neste terreno quando exclamou: "Senhor, que queres que eu faça?" Que palavras, do obstinado, cruel e feroz perseguidor da Igreja de Deus!

"Quem é do Senhor"? É o leitor? Examine-se e veja. Examine-se atentamente. Lembre-se que a questão não é de modo algum, "Que estás fazendo?" Não; é mais profunda.

Se estais do lado do Senhor, estais pronto para qualquer coisa e todas as coisas—pronto para estar quieto e pronto para ir avante; pronto para ir para a direita ou para a esquerda; pronto a ser ativo ou estar sossegado; pronto a

manter-se de pé ou estar deitado. O ponto importante é este: o abandono próprio aos direitos de outrem, e esse é Cristo, o Senhor.

Isto é um assunto de grande alcance. De fato, não conhecemos nada mais importante, neste momento, que esta importante pergunta: "Quem é do Senhor?" Vivemos em dias de muita obstinação. O homem exulta com a sua liberdade. E isto dá-se, de modo proeminente, em assuntos religiosos. Precisamente como acontecia no acampamento de Israel, nos dias do capítulo trinta e dois de Êxodo—os dias do bezerro de ouro. Moisés estava ausente e a vontade humana estava operando; o buril foi posto em ação. E qual foi o resultado"?- O bezerro de fundição; e no seu regresso Moisés encontrou o povo nu e na idolatria. E então fez-se a pergunta solene e indagadora: "Quem é do Senhor?" Isto obrigava a uma decisão, ou, melhor, punha o povo à prova. Tampouco é diferente agora. A vontade do homem domina sobretudo em assuntos de religião.

O homem gloria-se dos seus direitos, da liberdade da sua vontade e livre arbítrio. E a negação do senhorio de Cristo; e portanto convém mantermo-nos em guarda e certificarmo-nos de que tomamos realmente partido com o Senhor contra nós mesmos; que tomamos a atitude de simples sujeição à Sua autoridade. Então não estaremos ocupados com o volume ou caráter do nosso serviço; será nosso único objetivo fazer a vontade de nosso Senhor.

Ora, atuar assim debaixo da direção do Senhor pode muitas vezes dar a impressão de estreiteza na nossa esfera de ação; mas com isto não temos absolutamente nada que ver. Se um amo diz ao seu criado para permanecer na sala e não se mover enquanto ele não tocar a campainha, qual é a obrigação daquele servos Evidentemente estar quieto e não abandonar esta posição ou atitude, ainda que os seus conservos considerem uma falta a sua aparente inatividade e ociosidade; pode estar certo de que o seu amo aprovará e justificará a sua conduta. Isto é bastante para todo o servo consagrado, cujo único desejo for não tanto fazer muita coisa, mas sim fazer a vontade do seu Senhor.

Em suma, a questão para o acampamento de Israel, nos dias do bezerro de ouro, a questão para a Igreja, nestes dias de vontade humana, é esta, "Quem é do Senhor? Que momentosa questão! Não consiste em perguntar quem está do

lado da religião, da filantropia, ou da reforma morais. Pode praticar-se largamente uma ou todas estas coisas e contudo ter uma vontade inteiramente indomável. Não esqueçamos isto; pelo contrário, diremos antes que devemos ter isto continuamente em vista. Podemos ser muito zelosos em promover todos os diversos sistemas de filantropia, religião e reformas morais, e, durante todo o tempo, estarmos a servir o ego e a vontade própria. É uma consideração ponderosa e solene; e é conveniente prestarmos-lhe a mais sincera atenção.

Atravessamos uma época em que a vontade do homem é constantemente lisonjeada. Cremos, sem sombra de dúvidas, que o verdadeiro remédio para este mal se encontra envolvido nesta interrogação: "Quem é do Senhor?-" Existe um imenso poder prático nesta pergunta. Estar realmente do lado do Senhor é estar pronto para qualquer coisa que Ele possa julgar própria para nos chamar, não importa o que for. Se a alma está disposta a dizer verdadeiramente "Senhor, que queres que eu faça?- Fala, Senhor, for que o teu servo ouve", então estamos prontos para todas as coisas. Por isso no caso dos Levitas, eles foram chamados para matar "cada um o seu irmão, cada um o seu companheiro, cada um o seu vizinho". Era uma tarefa terrível para a carne e o sangue. Porém as circunstâncias requeriam-no.

Os direitos de Deus haviam sido desonrados aberta e descaradamente. A invenção humana havia entrado em ação com o cinzel e um bezerro havia sido levantado. A glória de Deus havia sido convertida em semelhança de um boi que come erva; e portanto todos os que estavam do lado do Senhor foram convidados a cingir a espada. A natureza podia dizer: "Não; sejamos indulgentes, compassivos e misericordiosos. Conseguiremos mais por benevolência do que por severidade. Nenhum bem pode haver em ferir as pessoas. Existe muito mais poder em amor do que no rigor. Amemo-nos uns aos outros. Assim poderia a natureza humana ter feito as suas sugestões—podia argumentar e racionar desta forma. Porém, a ordem era clara e terminante, "Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa". A espada era a única coisa que era de utilidade enquanto estivesse ali o bezerro de ouro.

Falar de amor em semelhante momento seria escarnecer dos direitos do Deus de Israel. Compete ao verdadeiro espírito de obediência prestar o próprio serviço que convém às circunstâncias.

Um servo não tem que raciocinar, deve, simplesmente, fazer o que se lhe manda. Fazer uma pergunta ou expor uma objeção é abandonar o nosso lugar de servo. Poderia parecer uma tarefa terrível matar um irmão, um companheiro ou um vizinho. Porém a Palavra do Senhor era imperativa. Não deixava lugar para pretextos; e os levitas, por graça, mostraram uma pronta e completa obediência. "E os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés".

#### A Fidelidade dos Levitas

Este é o único e verdadeiro caminho para todos os que quiserem ser obreiros de Deus e servos de Cristo neste mundo onde predomina a vontade própria. É da maior importância ter a verdade do senhorio de Cristo gravada no coração. É o único regulador da carreira e da conduta. Resolve uma infinidade de questões. Se o coração estiver realmente submetido à autoridade de Cristo está-se pronto para tudo que Ele mandar, seja estar quieto ou avançar, fazer pouco ou muito, ser ativo ou passivo. Para um coração verdadeiramente obediente, a questão não é, "Que faço?-" ou "Onde vou?" mas, sim, "Faço a vontade do meu Senhor?-"

Tal era o terreno ocupado por Levi. E observe-se o comentário divino que se nos dá sobre isto em Malaquias 2:4-6 "Então, sabereis que eu vos enviei este mandamento, para que o meu concerto seja com Levi, diz o SENHOR dos Exércitos. Meu concerto com ele foi de vida e de paz, e eu lhas dei para que me temesse, e me temeu e assombrou-se por causa do meu nome.

"A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz, e em retidão e apartou a muitos da iniquidade". Observe-se também a bênção pronunciada pelo lábios de Moisés em Deuteronômio 33:8-11. "E de Levi disse: Teu Tumim e teu Urim são para o teu amado, que tu provaste, em Massá, com quem contendeste nas águas de Meribá. Aquele que disse a seu pai e a sua mãe: Nunca o vi. E não conheceu a seus irmãos, e não estimou a seus filhos, pois guardaram a tua palavra e observaram o teu concerto. Ensinaram os teus juízos a Jacó e a tua lei a Israel; levaram incenso ao teu nariz e o holocausto sobre o teu altar. Abençoa o seu poder, ó SENHOR, e a obra das suas mãos te agrade; fere os lombos dos que se levantavam contra ele e o aborrecem, que nunca mais se levantem."

Poderia ter parecido severidade indesculpável que Levi não tivesse visto os seus pais nem conhecido ou reconhecido seus irmãos. Porém os direitos de Deus são soberanos; e Cristo, nosso Senhor, declarou estas solenes palavras: "Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14:26).

Estas palavras são claras; e nos fazem penetrar no segredo do que está no fundo de todo o verdadeiro serviço.

Ninguém pense que não devemos ter afetos naturais. Longe de nós tal pensamento. Isso seria aderirmos moralmente à apostasia dos últimos dias (veja-se 2 Timóteo 3:3). Porém, quando se deixa intervir as instâncias dos afetos naturais como obstáculo no dever do nosso consagrado serviço a Cristo, e quando ao amor, assim chamado, dos nossos irmãos é dado um lugar mais elevado que a fidelidade a Cristo, então somos incompetentes para o Seu serviço e indignos do nome de Seus servos. Note-se atentamente que o que constituía o fundamento moral do título de Levi para ser empregado no serviço do Senhor era o fato que ele não via os seus pais nem reconhecia seus irmãos nem conhecia os seus filhos. Numa palavra, pôde pôr inteiramente de parte as exigências da natureza e dar aos direitos do Senhor o lugar principal em seu coração. Esta é, repito, a única base verdadeira do caráter de servo.

Isto é um assunto de muita importância, que requer a mais séria atenção do leitor cristão. Pode haver muitas coisas que se assemelham a serviço — muita atividade de idas e vindas, de atos e palavras — e, ao mesmo tempo, pode não haver um simples átomo de verdadeiro serviço de Levita; sim, pode, segundo apreciação de Deus, se apenas a atividade agitada da vontade. — O quê —dirá alguém— a vontade pode manifestar-se no serviço de Deus ou matéria religiosa?— Ah! Pode manifestar-se e infelizmente manifesta-se. Frequentemente a energia aparente e a infecundidade no trabalho e serviço estão em proporção equitativa com a energia da vontade. Isto é particularmente solene. Exige o mais severo auto-juízo à luz da presença divina.

O verdadeiro serviço não consiste em grande atividade, mas em profunda sujeição à vontade do nosso Senhor; e sempre que esta sujeição existe haverá boa disposição de ânimo para suprimir os direitos de pais, irmãos, e filhos, de

forma a cumprir a vontade dAquele que reconhecemos como nosso Senhor. Decerto, devemos amar os nossos pais, os nossos irmãos e os nossos filhos. Não se trata de os amarmos menos, mas, sim de amar mais a Cristo. E preciso que o Senhor e os Seus direitos ocupem sempre o primeiro lugar em nosso coração, se queremos ser verdadeiros servos de Deus, verdadeiros servos de Cristo, verdadeiros levitas no deserto. Era isto que caracterizava os atos de Levi na ocasião a que nos referimos. Os direitos de Deus estavam em causa, e por isso os direitos da natureza não eram tomados em consideração. Os pais, os irmãos e os filhos, por mais queridos que pudessem ser, não podiam ser um obstáculo quando a glória do Deus de Israel tinha sido mudada em semelhança de um boi que come erva.

A questão apresenta-se aqui em toda a sua importância e magnitude. Os laços de parentesco natural, com todos os direitos, deveres e responsabilidades inerentes a tais laços, terão sempre o seu próprio lugar e legítima atenção daqueles cujos corações, espíritos e consciências têm sido colocados sob a influência reguladora da verdade de Deus. Nada senão o que é realmente devido a Deus deve ser permitido que infrinja aqueles direitos que são fundados sobre o parentesco natural. É uma consideração necessária e das mais salutares e sobre a qual desejo particularmente insistir perante o leitor jovem. Temos de nos guardar sempre do espírito de obstinação e egoísmo, que nunca é tão perigoso como quando se reveste de aparência de serviço religioso e do trabalho assim chamado.

É conveniente estarmos seguros de que somos direta e simplesmente dirigidos em obediência aos direitos de Deus quando negligenciamos os direitos do parentesco natural. No caso de Levi, o assunto era tão claro como o sol, e por isso a "espada" do juízo e não o beijo de afeição era o que convinha nesse momento crítico. Assim também na nossa história, há momentos em que seria manifesta deslealdade a Cristo nosso Senhor atender, por um momento, a voz do parentesco natural.

As observações precedentes podem ajudar o leitor a compreender os atos dos Levitas em Êxodo 32 e as palavras do Senhor em Lucas 14:26. Que o Espírito de Deus nos habilite a realizar e mostrar o poder apropriado da verdade!

## A Consagração dos Levitas

Fixemos agora a nossa atenção, por um momento, sobre a consagração dos Levitas em Números 8, a fim de podermos ter todo o assunto ante as nossas mentes. É um tema verdadeiramente cheio de instrução para todos os que desejam ser servos de Deus.

Depois dos atos cerimoniais de "lavar" e "barbear" já referidos, lemos: "Então, tomarão (quer dizer, os levitas) um novilho, com a sua oferta de manjares de flor de farinha amassada com azeite; e tomarás outro novilho, para expiação do pecado. E farás chegar os levitas perante a tenda da congregação; e farás ajuntar toda a congregação dos filhos de Israel. E Arão moverá os levitas por oferta de movimento perante o SENHOR pelos filhos de Israel; e serão para servirem no ministério do SENHOR. E OS levitas porão as suas mãos sobre a cabeça dos novilhos; então, sacrifica tu um para expiação do pecado e o outro para holocausto ao SENHOR, para fazer expiação pelos levitas."

Aqui se nos apresentam, em figura, os dois grandes aspectos da morte de Cristo. A expiação do pecado dá-nos um; o holocausto mostra-nos o outro. Não entramos em pormenores sobre essas ofertas, o que já tentamos fazer nos primeiros capítulos dos nossos "Estudos sobre o Livro de Levítico". Queremos observar apenas aqui que, na expiação do pecado vemos Cristo levando o pecado em Seu corpo sobre o madeiro e sofrendo a ira de Deus contra o pecado. No holocausto vemos Cristo glorificando a Deus até mesmo no próprio ato de fazer expiação pelo pecado. Em ambos os casos faz expiação pelo pecado; porém, no primeiro é expiação segundo a profundidade das necessidades do pecador; no último é expiação na medida do afeto de Cristo a Deus. Naquele vemos a aversão do pecado; neste a preciosidade de Cristo. Desnecessário é dizer, é a mesma morte expiatória de Cristo, mas apresentada em dois aspectos distintos(1)

---

Para mais instrução sobre a doutrina da expiação do pecado e o holocausto retemos o feitor para "Estudos sobre o Livro de Levítico" — capítulos 1 a 4.

Ora, os Levitas punham as suas mãos sobre a expiação do pecado e o holocausto; e este ato de imposição das mãos representava simplesmente o

fato da identificação. Porém quão diferente era o resultado em cada caso! Quando Levi punha as suas mãos sobre a cabeça da expiação do pecado, isso envolvia a transferência de todos os seus pecados, de toda a sua culpa, de toda a sua violência, crueldade e obstinação para a vítima. E por outro lado, quando punha as suas mãos sobre a cabeça do holocausto, isso implicava a transferência de toda a aceitabilidade e de toda a perfeição do sacrifício para Levi. Evidentemente, falamos do que o símbolo expressa. Não procuramos averiguar até que ponto a inteligência de Levi compreendia estas coisas; procuramos apenas desenrolar o significado do símbolo cerimonial; e, seguramente, nenhuma figura poderia ser mais expressiva do que a imposição das mãos, quer a contemplemos no caso da expiação do pecado ou no caso do holocausto. A doutrina de tudo isto está englobada na passagem muito importante do versículo final de 2 Coríntios 5: "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus." "E porás os levitas perante Arão e perante os seus filhos, e os moverás por oferta de movimento ao SENHOR. E separarás os levitas do meio dos filhos de Israel, para que os levitas meus sejam. E, depois, os levitas entrarão para fazerem o serviço da tenda da congregação; e tu os purificarás e, por oferta de movimento, os moverás. Por quanto eles, do meio dos filhos de Israel, me são dados; em lugar de todo aquele que abre a madre, do primogênito de cada um dos filhos de Israel, para mim os tenho tomado. Porque meu é todo primogênito entre os filhos de Israel, entre os homens e entre os animais; no dia em que, na terra do Egito, feri a todo primogênito, os santifiquei para mim. E tomei os levitas em lugar de todo primogênito entre os filhos de Israel. E os levitas, dados a Arão e seus filhos, do meio dos filhos de Israel, tenho dado para exercerem o ministério dos filhos de Israel na tenda da congregação e para fazerem expiação pelos filhos de Israel, para que não haja praga entre os filhos de Israel, chegando-se os filhos de Israel ao santuário. E assim fez Moisés, e Arão, e toda a congregação dos filhos de Israel com os levitas; conforme tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés acerca dos levitas, assim os filhos de Israel lhes fizeram" (Nm 8:13-20).

Quão forçosamente estas passagens nos recordam as palavras de nosso Senhor em João 17: "Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me

deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra... Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus. E todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e nisso sou glorificado" (versículos 6-10).

Os levitas eram um povo separado — a possessão especial de Deus. Tomavam o lugar de todos os primogênitos em Israel — daqueles que haviam sido salvos da espada do destruidor pelo sangue do cordeiro. Eram, simbolicamente, um povo morto e ressuscitado, posto de parte para Deus, e que Ele oferecia como um dom a Arão, o sumo sacerdote, para o serviço do tabernáculo.

Que lugar para o obstinado, violento e cruel Levi! Que triunfo da graça! Que ilustração do sangue da expiação e da água da purificação! Estavam, por natureza e por suas obras, longe de Deus; mas o "sangue" da expiação e a "água" da purificação e a "navalha" do juízo próprio tinham feito a sua bendita obra, e por isso os levitas estavam em condições de serem apresentados como tais como um dom a Arão e seus filhos para serem associados com eles nos serviços sagrados do tabernáculo da congregação.

Em tudo isto, os levitas eram um símbolo notável do povo de Deus agora. Os que formam este povo têm sido levantados das profundidades da sua degradação e ruína como pecadores. Estão lavados no precioso sangue de Cristo, purificados pela aplicação da palavra e chamados ao exercício de habitual e severa condenação de si mesmos. Assim estão aptos para o serviço santo a que são chamados. Deus deu-os a Seu Filho para que pudessem ser os Seus servos neste mundo. "Eram teus e tu mos deste."

Que pensamento maravilhoso! E pensarmos que se pode falar assim de nós! Pensar que somos propriedade de Deus e dom de Deus a Seu Filho! Bem podemos dizer que isto ultrapassa a imaginação humana. Não só estamos salvos do inferno, o que é verdade; não só estamos perdoados, justificados e aceitos, o que é tudo verdade; mas somos chamados para o elevado e supremo cargo de levar por este mundo o nome, o testemunho e a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. Esta é a nossa obra como verdadeiros levitas. Como homens de guerra, somos chamados para lutar; como sacerdotes, temos o privilégio de adorar; mas como levitas, temos a responsabilidade de servir, e o nosso serviço consiste em levar através deste árido deserto o antítipo do

tabernáculo e esse tabernáculo era o símbolo de Cristo. Esta é claramente a nossa linha de serviço. E para isto que somos chamados — para isto que somos postos de parte.

O leitor notará, sem dúvida, com interesse, o fato que é neste livro de Números, e somente nele, que nos são dados todos os pormenores precisos e profundamente instrutivos a respeito dos levitas. Neste fato temos uma nova ilustração do caráter do nosso livro. E do ponto de vista de um deserto que obtemos uma vista própria e completa tanto dos obreiros como dos guerreiros de Deus.

### O Serviço dos Levitas

E agora, examinemos por alguns momentos o serviço dos levitas descrito em Números 3 e 4.

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Faze chegar a tribo de Levi e põe-na diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam, e tenham cuidado da sua guarda e da guarda de toda a congregação, diante da tenda da congregação, para administrar o ministério do tabernáculo, e tenham cuidado de todos os utensílios da tenda da congregação e da guarda dos filhos de Israel, para administrar o ministério do tabernáculo. Darás, pois, os levitas a Arão e a seus filhos: dentre os filhos de Israel lhes são dados em dádiva" (Nm 3:5-9).

Os levitas representavam toda a congregação de Israel e atuavam em seu favor. Isto depende-se do fato que os filhos de Israel punham as suas mãos sobre as cabeças dos levitas, assim como os levitas punham as suas mãos sobre as cabeças dos sacrifícios (veja-se capítulo 8:10).

A imposição das mãos era um ato expressivo de identificação; de forma que, segundo este significado, os levitas oferecem um aspecto muito especial do povo de Deus no deserto. Apresentam-no como uma companhia de zelosos obreiros, e isso, também, note-se, não como simples obreiros inconstantes, correndo de um lado para o outro, e fazendo cada qual o que parecia bem aos seus olhos. Nada disso. Se os homens de guerra tinham que mostrar a sua linhagem e permanecer fiéis à sua bandeira, os levitas tinham também o seu centro de reunião e a sua tarefa a cumprir. Tudo era claro, distinto e definido

tanto quanto Deus o podia fazer; e, além disso, tudo estava sob a direção imediata e da autoridade do sumo sacerdote.

É necessário que todos os que querem ser verdadeiros levitas, verdadeiros obreiros, servos inteligentes, ponderem com toda a seriedade este assunto. O serviço dos levitas devia ser regulado por nomeação do sacerdote. Não havia mais lugar para o exercício da vontade própria no serviço dos levitas, como tampouco havia na posição dos homens de guerra. Tudo está divinamente estabelecido, e isto era uma graça particular para todos aqueles que tinham os seus corações numa condição justa. Para aquele cuja vontade era inflexível poderia parecer uma injustiça e a mais enfadonha tarefa ser-se obrigado a ocupar a mesma posição ou ter que desempenhar invariavelmente a mesma linha de serviço.

Uma tal pessoa podia suspirar por alguma coisa nova — por alguma variedade no seu trabalho. Pelo contrário, sempre que a vontade era submissa e o coração estava em paz, cada um podia dizer: O meu caminho é perfeitamente claro; eu só tenho que obedecer.

Este é sempre o dever do verdadeiro servo. Foi assim de um modo preeminente com Aquele que foi o único servo perfeito que passou pelo mundo. Ele pôde dizer, "Porque eu descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 6:38). E também, "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4:34).

Porém, há outro fato a respeito dos levitas que merece a nossa atenção, e este é que o seu serviço dizia respeito exclusivamente ao tabernáculo e o que lhe pertencia. Nada mais tinham que fazer. Pensar que podiam meter mão em qualquer outra coisa seria para um levita renegar a sua chamada, abandonar a sua obra divinamente determinada e apartar-se dos mandamentos de Deus.

O mesmo acontece com o cristão agora. A sua tarefa exclusiva — a sua única e grande obra — o seu serviço essencial é Cristo e os Seus interesses. Nada mais tem que fazer. Para um cristão pensar em lançar a sua mão a qualquer outra coisa é renegar a sua chamada, abandonar a sua obra divinamente estabelecida e furtar-se aos mandamentos divinos. Um verdadeiro levita da antiguidade podia dizer: "Para mim o viver é o tabernáculo"; e um verdadeiro cristão pode dizer; "Para mim viver é Cristo". A grande questão em tudo quanto

pode apresentar-se a um cristão é esta: "Posso associar Cristo com isto? Se não posso, nada tenho absolutamente que ver com o assunto."

Esta é a verdadeira forma de encarar as coisas. Não se trata da questão quanto ao que há de bom ou mau nisto ou naquilo. Não; é apenas uma questão de saber até que ponto interessa ao nome e à glória de Cristo. Isto simplifica maravilhosamente todas as coisas, resolve mil dificuldades, responde a múltiplas interrogações e torna o caminho do cristão verdadeiro e fiel tão claro como os raios do sol.

Um levita não tinha dificuldade quanto ao seu trabalho. Estava tudo estabelecido com precisão divina. O fardo que cada um tinha que levar e o trabalho que cada um tinha que fazer estavam estabelecidos com uma precisão tal que não deixava lugar para as dúvidas do coração. Cada um conhecia o seu trabalho e fazia-o; e podemos dizer que o trabalho era feito por cada um no cumprimento das suas funções específicas. Não era correndo de cá para lá e fazendo isto ou aquilo que se cumpria plenamente o serviço do tabernáculo, mas do modo como cada um ocupava assiduamente da sua tarefa especial.

Convém não esquecer isto. Somos, como cristãos, bastante propensos a rivalizar uns com os outros; e podemos estar certos de atuar assim se cada um de nós não segue a linha de trabalho divinamente estabelecida. Dizemos divinamente estabelecida e desejamos acentuar esta expressão. Não temos o direito de escolher a nossa própria obra. Se o Senhor fez a um homem evangelista, a outro doutor (ou: mestre), a outro pastor e a outro dotou para exortação, como deve fazer-se o trabalho?

Não é certamente tratando o evangelista de ensinar e procurando o doutor exortar, ou por aquele que, não estando qualificado nem para um nem para o outro, trata de exercer ambos os dons. Não; é exercendo cada um o dom que lhe foi divinamente dado. Sem dúvida, o Senhor pode comprazer-Se em dotar um homem com uma diversidade de dons; mas isto não afeta em nada o princípio de que tratamos, o qual é simplesmente este: cada um de nós é responsável por conhecer o seu próprio serviço e cumpri-lo. Se perdermos isto de vista perder-nos-emos em desesperada confusão. Deus tem os Seus cabouqueiros, e canteiros e pedreiros.

A obra progride à medida que cada um faz diligentemente o seu trabalho. Se todos fossem cabouqueiros, onde estariam os canteiros? E se todos fossem canteiros, onde estariam os pedreiros? O que aspira ao trabalho de outro, ou procura imitar o dom de outro, causa o maior prejuízo que pode imaginar-se à causa de Cristo e à obra de Deus no mundo. É um erro grave, contra o qual queremos advertir solenemente o leitor. Nada pode ser mais absurdo. Deus nunca faz duas coisas iguais. Não há dois rostos humanos iguais, nem existem na floresta duas folhas iguais, nem duas hastes de erva semelhantes.

Porque há-de, pois, alguém aspirar ao trabalho de outro ou imitar o dom de outrem? Contentem-se cada um em ser precisamente o que o seu Senhor fez dele. Este é o segredo de uma verdadeira paz e do progresso.

Tudo isto encontra uma brilhante ilustração na narrativa inspirada acerca do serviço das três classes distintas de levitas, a cuja reprodução vamos, agora, proceder integralmente para proveito o leitor. No fim de contas, nada há que possa comparar-se com a verdadeira linguagem das Sagradas Escrituras.

#### O Serviço dos Filhos de Gérson

"E falou o SENHOR a Moisés no deserto do Sinai, dizendo: Conta os filhos de Levi, segundo a casa de seus pais, pelas suas gerações; contarás a todo varão da idade de um mês e para cima. E Moisés os contou conforme ao mandado do SENHOR, como lhe foi ordenado. Estes, pois, foram os filhos de Levi, pelos seus nomes: Gérson, e Coate, e Merari. E estes são os nomes dos filhos de Gérson pelas suas gerações: Libni e Simei. E os filhos de Coate pelas suas gerações: Anrão, e Izar, e Hebrom, e Uziel. E os filhos de Merari pelas suas gerações: Mali e Musi: estas são as gerações dos levitas, segundo a casa de seus pais. De Gérson é a geração dos libnitas e a geração dos simeitas; estas são as gerações dos gersonitas. Os que deles foram contados pelo número de todo varão da idade de um mês para cima, os que deles foram contados foram sete mil e quinhentos. As gerações dos gersonitas assentarão as suas tendas atrás do tabernáculo, ao ocidente. E o príncipe da casa paterna dos gersonitas será Eliasafe, filho de Lael. E a guarda dos filhos de Gérson, na tenda da congregação será o tabernáculo, e a tenda, a sua coberta, e o véu da porta da

tenda da congregação, e as cortinas do pátio, e o pavilhão da porta do pátio, que estão junto ao tabernáculo e junto ao altar, em redor; como também as suas cordas para todo o seu serviço" (Nm 3:14-26).

E lemos também em capítulo 4:21-28: "Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Toma também a soma dos filhos de Gérson, segundo a casa de seus pais, segundo as suas gerações; da idade de trinta anos para cima, até aos cinquenta, contarás a todo aquele que entrar a servir no seu serviço, para exercer o ministério na tenda da congregação. Este será o ministério das gerações dos gersonitas, no serviço e na carga: levarão, pois, as cortinas do tabernáculo, e a tenda da congregação, e a sua coberta, e a coberta de peles de texugos que está em cima, sobre ele, e o véu da porta da tenda da congregação, e as cortinas do pátio e o véu da porta do pátio, que está junto ao tabernáculo e junto ao altar em redor, e as suas cordas e todos os instrumentos do seu ministério, como tudo que se adereçar para eles, para que ministrem. Todo o ministério dos filhos dos gersonitas, em todo o seu cargo e em todo o seu ministério, será segundo o mandado de Arão e de seus filhos; e lhes encomendareis em guarda todo o seu cargo. Este é o ministério das gerações dos filhos dos gersonitas na tenda da congregação; e a sua guarda será debaixo da mão de Itamar, filho de Arão, o sacerdote."

Isto é tudo que diz respeito a Gérson e sua obra. Ele e seu irmão Merari tinham de levar "o tabernáculo"; enquanto que Coate estava destinado a levar "o santuário", como lemos em capítulo 10:17,21. "Então, desarmaram o tabernáculo, e os filhos de Gérson e os filhos de Merari partiram, levando o tabernáculo... então, partiram os coaitas, levando o santuário-, e os outros (isto é, os gersonitas e meraritas) levantaram o tabernáculo, enquanto estes vinham."

Havia um forte laço moral que unia Gérson e Merari no seu serviço, embora a sua obra fosse perfeitamente distinta, como veremos pela passagem seguinte.

#### O Serviço dos Filhos de Merari

"Quanto aos filhos de Merari, segundo as suas gerações e segundo a casa de seus pais os contarás; da idade de trinta anos para cima, até aos cinquenta, contarás a todo aquele que entrar neste serviço, para exercer o ministério da

tenda da congregação. Esta, pois, será a guarda do seu cargo, segundo todo o seu ministério, na tenda da congregação: as tábuas do tabernáculo, e os seus varais, e as suas colunas, e as suas bases como também as colunas do pátio em redor, e as suas bases, e as suas estacas, e as suas cordas, com todos os seus instrumentos, com todo o seu ministério; e contareis os utensílios da guarda do seu cargo, nome por nome. Este é o ministério das gerações dos filhos de Merari, segundo todo o seu ministério, na tenda da congregação, debaixo da mão de Itamar, filho de Arão, o sacerdote" (Nm 4:29-33).

Tudo isto era claro e bem distinto. Gérson nada tinha que ver com as tábuas e as estacas; e Merari nada tinha que ver com as cortinas ou cobertas. E contudo estavam intimamente unidos, assim como estavam mutuamente dependentes. "As tábuas e as bases" de nada serviam sem "as cortinas"; e as cortinas não teriam sido úteis sem as tábuas e as bases. E quanto às "estacas", ainda que parecessem insignificantes, quem poderia apreciar a sua importância unindo os objetos entre si e mantendo a unidade visível do conjunto? Assim todos trabalhavam em conjunto para um fim, e este era alcançado ocupando-se cada um na sua especialidade. Se um gersonita tivesse a ideia de abandonar "as cortinas" para se ocupar das "estacas" teria deixado o seu próprio trabalho inacabado e interferido com o trabalho de um merarita. Isto de nada serviria. Tudo teria caído em desesperada confusão: enquanto que atendendo-se a regra divina tudo era mantido na mais perfeita ordem.

Deve ter sido perfeitamente belo observar os obreiros de Deus no deserto. Cada um estava no seu posto e atuava dentro da esfera que lhe havia sido divinamente designada. Por isso, logo que a nuvem se levantava e a ordem de partir era dada, cada um sabia o que tinha a fazer, e dirigia-se para isso e nada mais. Ninguém tinha o direito de seguir os seus próprios pensamentos. O Senhor pensava por todos. Os levitas haviam-se declarado "do lado do SENHOR"; tinham-se submetido à Sua autoridade; e este fato estava na própria origem de toda a sua obra e serviço no deserto. Encaradas as coisas à luz deste princípio era indiferente que um homem tivesse de levar uma estaca ou uma cortina ou um castiçal de ouro. A grande questão para todos e cada um era simplesmente esta: É este o meu trabalho? E isto que o Senhor me tem dado a fazer?

Isto resolvia tudo. Tivesse o assunto sido deixado ao critério ou escolha humana, e um teria preferido isto, outro poderia gostar mais daquilo, e um terceiro poderia gostar de qualquer coisa mais. Como poderia, pois, o tabernáculo ser transportado através do deserto ou montado no seu lugar? Era impossível! Só podia haver uma autoridade suprema, a saber, o Próprio Senhor. Ele havia disposto tudo e todos tinham de submeter-se-Lhe. Não havia nenhum lugar para a manifestação da vontade humana. Isto era um sinal de misericórdia. Evitava todo um mundo de lutas e confusão. Tem de haver sujeição — é necessário que haja uma vontade quebrantada—e uma cordial adesão à autoridade divina, de outra forma seria como nos dias do Livro de Juízes. "Porém, cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos" (Jz 21:25).

Um merarita podia dizer ou pensar, se não o dizia: "O quê? Tenho de gastar a melhor parte da minha vida na terra — a flor da minha vida—a cuidar de algumas estacas?- Foi para este fim que eu nascia Não haverá nada mais elevado perante mim como objetivo da minha vida? Tem de ser esta a minha ocupação desde a idade dos trinta aos cinquenta anos?

Para tais interrogações havia uma resposta dupla. Em primeiro lugar, a um merarita bastava saber que o Senhor Ihe havia destinado a sua obra. Isto bastava para comunicar dignidade ao que a natureza podia considerar a ocupação mais ínfima e obscura.

Pouco importa o que estamos fazendo, contanto que cumpramos a tarefa que nos foi divinamente destinada. Um homem pode seguir uma carreira que aos seus semelhantes pareça brilhante; pode empregar a sua energia, o seu tempo, o seu talento em busca do que os homens deste mundo consideram grande e glorioso; e, ao mesmo tempo, a sua vida pode ser apenas uma brilhante ilusão. Por outro lado, o homem que faz simplesmente a vontade de Deus, seja qual for, o homem que cumpre os mandamentos do seu Senhor, seja o que for que esses mandamentos imponham — esse é o homem cujo caminho é iluminado pelo raios da aprovação divina e cuja obra será recordada quando os mais esplêndidos projetos dos filhos deste mundo tiverem caído em eterno esquecimento.

Mas, além do valor moral que sempre acompanhava o ato de fazer o que Ihe era ordenado, havia também uma dignidade particular envolta na obra de um

merarita, ainda mesmo quando essa obra consistia apenas em cuidar de algumas "estacas" ou de "bases".

Tudo que se relacionava com o tabernáculo era do maior interesse e elevado valor. Não havia em todo o mundo coisa alguma que pudesse ser comparada com esse tabernáculo coberto de tábuas com todas as suas místicas dependências. Era uma dignidade santa e um sagrado privilégio ser-se autorizado a tocar na mais pequena estaca que formava parte desse maravilhoso tabernáculo no deserto. Era infinitamente mais glorioso ser um merarita, cuidando das estacas do tabernáculo, do que manejar o cetro do Egito ou da Assíria. E verdade que esse merarita, segundo o significado do seu nome, podia parecer um pobre homem "amargurado"; mas, o seu trabalho estava relacionado com a habitação do Deus Altíssimo, Possuidor dos céus e da terra. As suas mãos pousavam sobre objetos que eram figuras de coisas que estavam nos céus. Cada estaca, cada base, cada cortina e cada cobertura era uma sombra das grandes coisas que haviam de vir — uma figura de Cristo.

Não pretendemos afirmar que o humilde servo merarita ou gersonita compreendia estas coisas. A questão não é, de modo algum, esta. Nós compreendemo-las. É nosso privilégio colocar todas estas coisas, o tabernáculo e o seu equipamento místico, sob a luz brilhante do Novo Testamento, e descobrir Cristo em todas.

Apesar de não basearmos nada sobre a medida de inteligência que possuíam os levitas sobre o seu respectivo trabalho, podemos, contudo, dizer com confiança que era um precioso privilégio serem autorizados a tocar e manejar e transportar através do deserto as sombras terrestres de realidades celestiais. Além disso, era uma graça especial ter a autoridade de um "Assim diz o SENHOR" para tudo em que punham as mãos. Quem pode apreciar uma tal graça e um tal privilégio? Cada membro dessa maravilhosa tribo de obreiros tinha o seu limite especial de coisas marcado pela mão de Deus, e sob a direção do sacerdote de Deus. Não era questão de cada um fazer o que mais lhe agradava seguir de outrem, mas de todos se submeterem à autoridade de Deus, e de fazerem precisamente o que lhes era ordenado.

Este era o segredo da ordem entre os oito mil quinhentos e oitenta obreiros (Nm 4:48). E podemos dizer, com toda a confiança, que é ainda o único e verdadeiro

segredo de ordem. Por que é que nós temos tanta confusão na igreja professante? Por que tantos conflitos de pensamentos, de sentimentos e opiniões? Por que tanta colisão de uns contra outros? Por que se atravessam uns no caminho dos outros?- Simplesmente por falta de submissão completa e absoluta à Palavra de Deus. A nossa vontade trabalha. Escolhemos os nossos próprios caminhos em vez de deixarmos que Deus escolha por nós. Falta-nos aquela atitude e estado de alma em que todos os pensamentos humanos, incluindo os nossos próprios, são considerados pelo que realmente valem, e em que os pensamentos de Deus se elevam a uma absoluta soberania.

### A Completa Submissão a Deus

Estamos convencidos de que esta é a grande aspiração — a necessidade premente dos dias em que vivemos. A vontade do homem está ganhando por toda a parte domínio. Levanta-se como uma poderosa onda e arrasta as antigas barreiras que, em certa medida, a têm detido. Muitas das antigas e veneráveis instituições estão, neste momento, sendo arrastadas pela corrente esmagadora. Muitos edifícios cujos fundamentos, segundo supúnhamos, estavam profundamente lançados nas afeições reverentes e afetuosas do povo, estão sendo demolidos pelo ariete do sentimento popular. "Rompamos as suas ataduras e sacudamos de nós as suas cordas" (Sl 2:3).

Tal é, de modo proeminente, o espírito do século. Qual é o antídoto? Submissão! Submissão a quê? E submissão ao que se chama a autoridade da Igreja? A voz da tradição? Aos mandamentos e doutrinas dos homens? Não; bendito seja Deus, não é a qualquer destas coisas nem a todas elas juntas. Então, a quê? A voz do Deus vivo — à voz da Sagrada Escritura. Este é o grande remédio para a vontade própria, por um lado, e a submissão à autoridade humana, por outro. "Devemos obedecer". Esta é a resposta à vontade própria. "Devemos obedecer a Deus". E a resposta à sujeição à autoridade humana em matéria de fé. Vemos estes dois elementos sempre em redor de nós. O primeiro, a vontade própria, gira em infidelidade. O Segundo, a submissão ao homem, resolve-se em superstição. Estas duas tendências exercem a sua influência sobre todo o mundo civilizado. Arrastarão todos salvo

aqueles que são divinamente ensinados a dizer e sentir e atuar segundo a máxima imortal: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens".

Era isto que habilitava o gersonita, no deserto, a cuidar dessas "peles" pouco atraentes e ásperas "de texugo"; e habilitava também o merarita a cuidar das "estacas" aparentemente insignificantes. Sim, e é isto que habilitará o cristão, nos nossos dias, a aplicar-se àquela linha especial de serviço para que o seu Senhor achar conveniente chamá-lo. Ainda que à vista humana tal serviço pareça humilde e insignificante, deve bastar-nos que o nosso Senhor nos tenha determinado o nosso lugar e dado o nosso trabalho, e que este trabalho tenha uma relação imediata com a pessoa e glória d Aquele que traz a bandeira entre dez mil e é totalmente desejável.

Nós poderemos ter também que nos limitarmos ao antítipo das peles ásperas de texugo ou às insignificantes estacas. Porém, lembremo-nos de que tudo que se relaciona com Cristo—com o Seu nome, com a Sua Pessoa e Sua causa — no mundo é infavelmente precioso para Deus. Pode ser muito pequeno no parecer humano; mas que importai Devemos ver as coisas do ponto de vista de Deus, e devemos medi-las, pela Sua medida, e esta é Cristo. Deus mede tudo por Cristo. Tudo aquilo que tem até mesmo a mais pequena relação com Cristo é interessante e importante no parecer de Deus. Ao passo que os mais excelentes empreendimentos, os projetos mais gigantescos, as empresas mais admiráveis dos homens deste mundo, todos se desvanecem como a nuvem e o orvalho da manhã.

O homem faz do ego o seu centro, o seu objetivo e o seu padrão. Avalia as coisas segundo a medida em que elas o exaltam e favorecem seus interesses. Apropria religião, assim chamada, é abraçada do mesmo modo, e convertida num pedestal para ele se salvar. Em resumo, todas as coisas servem como um capital para o ego e são usadas como refletor para projetar luz sobre esse único objeto e chamar para ele a atenção. Assim há um imenso abismo entre os pensamentos de Deus e os pensamentos dos homens; e as margens desse abismo estão tão separadas como Cristo e o ego. Tudo que pertence a Cristo é de importância e interesse eterno. Tudo que Pertence ao ego passará e será esquecido.

Por isso, o mais fatal erro em que pode cair qualquer pessoa é fazer do ego o seu objetivo. O resultado será um eterno desapontamento. Mas, por outro lado, a coisa mais sensata, mais segura e melhor que qualquer pessoa pode fazer é ter a Cristo por seu único e absorvente objetivo. Isto redundará infalivelmente em bênção e glória eternas.

Prezado leitor, detém-te por um momento e consulta o teu coração e a tua consciência. Parece-nos, neste ponto, que tens uma sagrada responsabilidade a cumprir com respeito à tua alma. Estamos redigindo estas linhas na solidão do nosso quarto em Bristol, e talvez tu as leias na solidão do teu na Nova Zelândia, Austrália ou em algum outro lugar distante.

Queremos portanto lembrar que o nosso objetivo não é escrever um livro, nem tampouco comentar apenas a Escritura. Desejamos ser usados por Deus na obra bendita de tratar com o profundo da tua alma. Permite, pois, que te faça esta pergunta solene e premente: Qual é o teu objetivo? E Cristo ou o ego? Sê sincero ante o Todo-Poderoso, Absoluto esquadrinhador dos corações. Julga-te a ti próprio como estando na própria luz da presença divina. Não te deixes enganar por qualquer brilho ou falsa cor. Deus vê o que está abaixo da superfície das coisas e quer que procedas do mesmo modo. Ele apresenta-te Cristo em contraste com tudo o mais. Já O aceitaste? E Ele a tua sabedoria, a tua justiça, tua santificação e redenção? Podes dizer, sem hesitação, "O meu amado é meu e eu sou d'Ele"? Examina e vê. E este um ponto para ti completamente arrumado nas profundidades da tua alma?- Se assim é, fazes de Cristo o teu único objetivo? Medes todas as coisas por Ele?-

Oh, prezado amigo, estas são perguntas penetrantes! Está certo de que não as fazemos sem sentir o seu poder penetrante. Deus é testemunha de que sentimos, muito embora em que pequena medida, a sua importância e gravidade. Estamos profunda e inteiramente convencidos de que nada permanecerá senão o que está relacionado com Cristo; e, além disso, que a questão mais ínfima que levemente Lhe diga respeito é de supremo interesse no juízo do céu. Se nos for dado despertar em algum coração o sentimento destas verdades ou de aprofundar este sentimento onde não haja sido despertado, não teremos redigido esta obra em vão.

## O Serviço dos Filhos de Coate

Devemos, agora, antes de fechar esta extensa parte, dar uma vista de olhos, por alguns momentos, aos filhos de Coate e a sua obra.

"E falou o SENHOR a Moisés e a Arão, dizendo: Toma a soma dos filhos de Coate, do meio dos filhos de Levi, pelas suas gerações, segundo a casa de seus pais; da idade de trinta anos para cima até aos cinquenta anos será todo aquele que entrar neste exército para fazer obra na tenda da congregação. Este será o ministério dos filhos de Coate, na tenda da congregação, nas coisas santíssimas. Quando partir o arraial, Arão e seus filhos virão e tirarão o véu da cobertura e com ele cobrirão a arca do Testemunho; e pôr-lhe-ão por cima uma cobertura de peles de texugos, e sobre ela estenderão um pano, todo azul, e lhe meterão os varais. Também sobre a mesa da proposição estenderão um pano azul e; sobre ela, porão os pratos, e os seus incensários, e as taças, e escudelas; também o pão contínuo estará sobre ela. Depois, estenderão, em cima deles um pano de carmesim, e, com a cobertura de peles de texugos, o cobrirão, e lhe porão os seus varais. Então, tomarão um pano de azul e cobrirão o castiçal da luminária, e as suas lâmpadas, e os seus espevitadores, e os seus apagadores, e todos os seus utensílios de azeite, com que o servem. E meterão, a ele e a todos os seus utensílios, na cobertura de peles de texugos e o porão sobre os varais. E, sobre o altar de ouro, estenderão um pano azul, e com a cobertura de peles de texugos o cobrirão, e lhe porão os seus varais. Também tomarão todos os utensílios do ministério, com que servem no santuário; e os porão num pano azul, e os cobrirão com uma cobertura de peles de texugos, e os porão sobre os varais. E tirarão as cinzas do altar e por cima dele estenderão um pano de púrpura. E sobre eles porão todos os seus instrumentos com que o servem: e os seus braseiros, e os garfos, e as pás, e as bacias, todos os utensílios do altar; e por cima dele estenderão uma cobertura de peles de texugos e lhe porão os seus varais. Havendo, pois, Arão e seus filhos, ao partir do arraial, acabado de cobrir o santuário e todos os instrumentos do santuário, então, os filhos de Coate virão para levá-lo; mas, no santuário não tocarão, para que não morram; este é o cargo dos filhos de Coate na tenda da congregação" (Nm 4:1-15).

Aqui vemos os preciosos mistérios confiados à guarda do filhos de Coate. A arca, a mesa de ouro, o castiçal de ouro, o altar de ouro, e o altar do holocausto — todos eles sombras de bens futuros — figuras de coisas nos céus, figuras de coisas verdadeiras; símbolos de Cristo, em Sua Pessoa, Sua obra, e Seu ofício, como já procuramos demonstrar nos nossos Estudos sobre o Livro do Êxodo 29 e 30.

Estas coisas nos são apresentadas no deserto, e, se nos é permitida a expressão, no seu traje de viagem. Com exceção da arca do concerto, todas estas coisas tinham a aparência inalterável para os olhos humanos, a saber, a áspera cobertura de peles de texugos. Com a arca havia esta diferença, que sobre as peles de texugos havia "um pano todo azul" mostrando indubitavelmente o caráter do Senhor Jesus Cristo em Sua Própria Pessoa divina. O que n'Ele era essencialmente celestial manifestava-se sobre a própria superfície da Sua bendita vida aqui na terra. Foi sempre o homem celestial — "O Senhor do céu". Sob esta coberta de azul estavam as peles de texugos, que podem ser consideradas como a expressão do que protege o mal. A arca era o único objeto que era coberto desta maneira peculiar.

Quanto à mesa dos "pães da proposição", que era uma figura de nosso Senhor Jesus Cristo em Sua relação com as doze tribos de Israel, havia primeiramente "um pano azul", depois "um pano de carmesim", e sobre tudo as peles de texugos. Por outras palavras, havia o que era essencialmente celestial; em seguida o que representa o esplendor humano; e por cima de tudo o que protege do mal. E propósito de Deus que as doze tribos de Israel tenham a supremacia na terra — que nelas se veja o tipo mais elevado de esplendor humano. Daí a aptidão da coberta de "carmesim" sobre a mesa da proposição. Os doze pães representam evidentemente as doze tribos; e quanto à cor escarlata, o leitor só tem que recorrer à Escritura para ver que representa o que o homem considera esplêndido.

As cobertas do castiçal de ouro e do altar de ouro eram idênticas, isto é, primeiro e cobertura celeste, e exteriormente as peles de texugos. No castiçal vemos Cristo, o Senhor, em relação com a obra do Espírito Santo em luz e testemunho. O altar de ouro mostra-nos Cristo e o valor precioso da Sua intercessão—a fragrância e o valor do que Ele é diante de Deus. Estes dois

objetos, ao passarem pelas areias do deserto, iam embrulhados no que era celeste e protegidos por cima pelas peles de texugos.

Por fim, quanto ao altar de cobre observamos uma diferença notável. Era coberto com "púrpura" em vez de "azul" ou de "carmesim". Porque se fazia esta diferença? Sem dúvida, porque o altar de cobre prefigurava Cristo como aquele que "sofreu pelos pecados", e que deve, portanto, manejar o cetro da realeza. A "púrpura" é a cor real. O mesmo que sofreu neste mundo reinará. Aquele sobre cuja cabeça puseram uma coroa de espinhos usará a coroa de glória. Daí a razão por que convinha cobrir o altar de cobre com "púrpura", pois sobre esse altar era oferecida a vítima.

Sabemos que nada existe na Escritura sem o seu próprio significado divino, e é nosso privilégio bem como o nosso dever procurar conhecer o significado de tudo que Deus tem misericordiosamente escrito para nosso ensino. Isto, cremos, só pode conseguir-se esperando em Deus com humildade, paciência e oração. O mesmo que inspirou o Livro conhece perfeitamente o fim e o assunto do Livro no seu conjunto e cada uma das suas partes em que ele se divide. O conhecimento deste fato terá o efeito de reprimir os caprichos da imaginação. Só o Espírito de Deus pode abrir as Escrituras às nossas almas. Deus é o seu próprio intérprete tanto em revelação como em providência, e quanto mais nos apoiarmos n'Ele com o sentimento verdadeiro da nossa nulidade tanto mais profundo será o conhecimento que adquiriremos tanto da Sua palavra como dos Seus caminhos.

Uma Meditação na Presença de Deus sobre Tudo o que nos é Apresentado  
Figuradamente

Queremos portanto convidar o leitor cristão a ler os primeiros quinze versículos de Números 4 na presença de Deus, e a pedir-Lhe que Lhe explique o significado de cada cláusula—o significado da arca e a razão por que só ela era coberta com um "pano todo azul"; e assim todo o resto. Temo-nos aventurado, com espírito humilde, sugerir o significado, mas desejamos ardentemente que o leitor o receba diretamente de Deus, por si mesmo, e não apenas do homem. Confessamos que tememos muito a imaginação, e cremos poder dizer que jamais nos havemos sentado para escrever sobre as Sagradas Escrituras sem

estarmos profundamente convencidos de que ninguém senão o Espírito Santo pode realmente explicá-las.

Dirás, portanto, por que escreves, então? Bem, é com a viva esperança de me ser permitido, ainda que de um modo fraco, ajudar o que estuda seriamente a Escritura a alcançar com a vista as raras e excelentes pedras preciosas que estão espalhadas ao longo das páginas inspiradas, de forma que ele próprio possa apanhá-las. Milhares de leitores poderiam ler repetidas vezes o capítulo quatro de Números e não perceberem sequer o fato que a arca era a única peça mística do mobiliário do tabernáculo que não ostentava a pele de texugo. E se o simples fato não for compreendido em si, como poderá ver-se a sua importância? Assim também quanto ao altar de cobre, quantos têm deixado de observar que só ele era coberto com a "púrpura"?

Ora, nós podemos estar certos que estes dois fatos são plenos de significado espiritual. A arca era a mais elevada manifestação de Deus, e portanto podemos compreender o motivo por que ela mostrava, à primeira vista, o que era puramente divino. O altar de cobre era o lugar onde o pecado era julgado — simbolizava Cristo em Sua obra como Aquele que leva o pecado—mostrava esse lugar afastadíssimo a que Ele teve de ir por nós; e ainda assim esse altar de cobre era a única coisa que era embrulhada numa cobertura real. Pode existir alguma coisa mais excelente que temos aqui? Que sabedoria infinita há em todas estas distinções! A arca conduz-nos ao mais alto ponto no céu. O altar de cobre conduz-nos ao ponto mais baixo da terra. Estavam em pontos extremos do tabernáculo. Naquela vemos Aquele que engrandeceu a lei; neste vemos Aquele que foi feito pecado. Na arca via-se ao primeiro golpe de vista o que era celestial; e era só quando se procurava mais abaixo que se via a pele de texugo; e profundando mais via-se esse misterioso véu, figura da carne de Cristo. Mas no altar de cobre a primeira coisa que se via era a pele de texugo e por baixo dela a cobertura real.

Vemos Cristo em cada um destes objetos, embora em dois aspectos diferentes. Na arca temos Cristo mantendo a glória de Deus. No altar de cobre temos Cristo respondendo às necessidades do pecador. Bendita combinação para nós!

Porém, o leitor já notou, além do mais, que em toda esta maravilhosa passagem para a qual temos chamado a sua atenção, não se faz menção de uma certa

peça de mobiliário que, segundo Êxodo 30 e outras passagens das Escrituras, ocupava um lugar muito importante no tabernáculo? - Referimo-nos à pia de cobre. Porque é esta omitida em Números 4? É mais que provável que alguns dos nossos clarividentes racionalistas encontrem aqui o que eles chamam um erro, um defeito, uma discordância. Mas será assim? Não, graças a Deus! O cristão estudioso sabe muito bem que tais coisas são inteiramente incompatíveis com o Livro de Deus. Sabe e confessa isto, até mesmo se não puder ser capaz de justificar a falta ou a inclusão deste ou daquele pormenor em uma dada passagem. Mas precisamente na medida em que podemos, pela misericórdia de Deus, ver a razão espiritual das coisas, descobrimos sempre que onde o racionalista vê, ou aparenta ver, falhas, o crente estudioso e piedoso vê pedras preciosas.

Acontece assim, não duvidamos, a respeito da omissão da bacia de cobre da relação de Números 4. E apenas uma de dez mil ilustrações da beleza e perfeição do volume inspirado.

Mas o leitor pode perguntar, por que é omitida a pia? A razão pode ser encontrada no duplo fato do que era feita a pia e para o fim que era feita. Este duplo fato já foi apresentado em Êxodo. A pia foi feita dos espelhos das mulheres que se ajuntavam, ajuntando-se à porta da tenda da congregação (Êx 38:8). Este era o seu material. E quanto ao seu fim, foi dada como um meio de purificação para o homem. Ora, em todas estas coisas que formavam a tarefa especial e obrigatória dos filhos de Coate, nós vemos as diversas manifestações de Deus em Cristo, desde a arca no lugar santíssimo até o altar de cobre no pátio do tabernáculo; e, visto que a pia não era uma manifestação de Deus, mas do homem, não é portanto confiada à guarda e responsabilidade dos coatitas.

Mas devemos agora deixar que o leitor medite sobre esta Profunda parte do nosso livro (Nm 3 e 4). Podíamos continuar a desenvolver o assunto longamente até termos enchido volumes em vez de páginas, e, afinal de contas, sentimo-nos como quem tem apenas penetrado a superfície de uma mina cuja profundidade nunca poderá ser sondada — cujos tesouros jamais podem ser esgotados. Qual a pena que pode descrever a instrução maravilhosa que contém a relação inspirada da tribo de Levi? Quem pode tentar desenvolver a

graça soberana que brilha no fato que o obstinado Levi fosse o primeiro a responder à pergunta comovente "Quem é do Senhor"? Quem pode falar acertadamente dessa rica, abundante e distinta graça exemplificada no fato que aqueles cujas mãos tinham sido usadas para derramar sangue fossem as primeiras a ser permitidas a tocar nos vasos do santuário, e que aqueles em cuja assembleia o Espírito de Deus não podia deixar entrar, fossem trazidos ao próprio seio da congregação de Deus, para ali estarem ocupados com o que era tão precioso para Si?

E depois essas três divisões de obreiros, meraritas, gersonitas e coatitas! Quanta instrução temos aqui! Que símbolo dos diversos membros da Igreja de Deus, nos seus vários serviços! Que profundidade de misteriosa sabedoria em tudo isto! Será falar forte demais dizermos, neste momento, que nada nos impressiona mais profundamente que o sentimento de completa fraqueza e pobreza de tudo que temos exposto sobre uma das mais ricas partes do volume inspirado? - Ainda assim, temos conduzido o leitor a uma mina de infinita profundidade e inesgotáveis riquezas, e devemos deixá-lo para penetrar nela com o auxílio de Aquele a quem pertence a mina e que é o único capaz de descobrir a sua riqueza. Tudo quanto o homem pode escrever ou dizer sobre qualquer porção da Palavra de Deus, pode, quando muito, ser sugestivo; falar dela como de um assunto exaustivo seria lançar desprezo sobre o cânone sagrado. Possamos nós trilhar o lugar santo com os pés descalços, e ser como aqueles que indagam no templo, e cujos estudos são perfumados pelo espírito de adoração (1).

---

(1) Para mais sugestões sobre os assuntos abordados na parte precedente do nosso Livro, recomendamos ao leitor "Estudos sobre o Livro de Êxodo", capítulos 24 a 30.

## CAPÍTULO 5

### A PRESENÇA DE DEUS NO MEIO DO SEU POVO PRESSUPÕE DISCIPLINA

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Ordena aos filhos de Israel que lancem fora do arraial a todo leproso, e a todo o que padece fluxo, e a todos os imundos por causa de contato com algum morto. Desde o homem até à mulher os lançareis; fora do arraial os lançareis, para que não contaminem os seus arraiais, no meio dos quais eu habito. E os filhos de Israel fizeram assim, e os lançaram fora do arraial; como o SENHOR; falara a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel" (versículos 1-4).

Aqui temos desenrolado perante nós, em poucas palavras, o grande princípio fundamental em que é baseada a disciplina da assembleia—um princípio, podemos dizer, da maior importância, embora, infelizmente, tão pouco compreendido ou observado! Era a presença de Deus no meio do Seu povo Israel que exigia santidade da parte deles. "Para que não contaminem os seus arraiais, no meio dos quais eu habito." O lugar em que habita o Santo Senhor deve ser santo. É uma verdade clara e necessária.

Já observamos que a redenção era a base da habitação de Deus no meio do Seu povo. Mas devemos recordar que a disciplina era essencial à Sua permanência entre eles. Deus não podia habitar onde o pecado era deliberada e declaradamente aprovado. Bendito seja o Seu nome, Ele pode suportar e suporta a fraqueza e a ignorância; mas os Seus olhos são puros demais para contemplarem o mal, e não podem ver a iniquidade. O mal não pode habitar com Deus, e Deus não pode ter comunhão com o mal. Isto envolveria a negação da Sua natureza; e Ele não pode negar-Se a Si Mesmo.

Pode, todavia, fazer-se a seguinte objeção: Deus o Espírito Santo não habita individualmente no crente, e todavia há nele muito mate É verdade que o Espírito Santo habita no crente com base na redenção efetuada. Está ali não para sancionar o que é da natureza, mas como o selo do que é de Cristo; e nós gozamos da Sua presença e da Sua comunhão precisamente na medida em que o mal em nós é habitualmente julgado. Querirá alguém sustentar que podemos realizar a presença do Espírito em nós e deleitarmo-nos nela e ao mesmo tempo permitir a nossa depravação natural e dar satisfação aos desejos da carne e da mente?- Não; é preciso julgarmo-nos, afastar de nós tudo o que é inconsistente com a santidade de dAquele que habita em nós. O nosso "homem velho" não é reconhecido de modo algum. Não tem existência diante de Deus. Foi condenado inteiramente na cruz de Cristo. Sentimos, enfim, a sua influência, lamentamo-nos e julgamo-nos por causa dela; mas Deus vê-nos em Cristo—em Espírito—na nova criação. E, além disso, o Espírito Santo habita no corpo do crente com base no sangue de Cristo; e esta habitação exige o julgamento do mal em todas as formas e feitios.

#### O Julgamento do Mal na Igreja

Assim é também a respeito da assembleia. Sem dúvida há mal nela — mal em cada membro individualmente e, portanto, mal no corpo coletivo. Mas o mal tem que ser julgado; e se é julgado não é permitido que atue, é anulado. Porém dizer-se que uma assembleia não tem que julgar o mal não é nada mais nada menos que estabelecer o antinomianismo. Que diríamos nós de um cristão professo que asseverasse que não era solenemente responsável por julgar o mal em si mesmo e nos seus caminhos?

Podíamos, com absoluta decisão, declará-lo antinomianista. E se é mau para um só indivíduo tomar uma tal posição, não será proporcionalmente para uma assembleia? Não vemos como é que isto possa ser posto em dúvida.

Qual teria sido o resultado se Israel tivesse recusado obedecer ao "mandamento" peremptório dado no começo do capítulo que temos perante nós?- Suponhamos que diziam: "Não somos responsáveis de julgar o mal, nem cremos que é próprio de pobres mortais como nós, fracos e falíveis, julgar seja quem for. Estas pessoas com lepra, e outros males são Israelitas como nós e têm tanto direito a todas as bênçãos e privilégios do acampamento como nós; não cremos portanto que seja justo pô-los fora."

Ora, qual seria, perguntamos, a réplica de Deus a tais objeções?- Se o leitor quiser abrir apenas um instante o capítulo 7 de Josué encontrará uma resposta tão solene quanto podia dar-se. Acerque-se e examine atentamente esse "grande monte de pedras" no vale de Acor. Leia a inscrição que está sobre ele. Qual é?- "Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos e grandemente reverenciado por todos os que o cercam." (Sl 89:7). "Porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12:29). Qual é o significado de tudo isto? Escutemo-lo e ponderemo-lo! A concupiscência havia concebido no coração de um membro da congregação e deu à luz o pecado. Então?- Isto envolvia toda a congregação?- Sim, realmente, esta é a verdade solene. "Israel (não apenas Acã) pecou, e até transgrediram o meu concerto que lhes tinha ordenado, e até tomaram do anátema, e também furtaram, e também mentiram, e até debaixo da sua bagagem o puseram. Pelo que os filhos de Israel não puderam subsistir perante os seus inimigos; viraram as costas diante dos seus inimigos, porquanto estão amaldiçoados; não serei mais convosco, se não desarraigardes o anátema do meio de vós" (Js 7:11-12).

Isto é particularmente solene e tocante. Faz seguramente repercutir aos nossos ouvidos uma alta voz e transmite uma solene lição aos nossos corações. Havia, até onde a narrativa nos informa, muitas centenas de milhares em todo o acampamento de Israel tão ignorantes do fato do pecado de Acã como o próprio Josué parece ter sido; e todavia foi dito "Israel pecou... transgrediram..., tomaram do anátema, furtaram e mentiram".

Como era isto?- A assembleia era uma. A presença de Deus no meio da congregação constituía-a em uma unidade, unidade tal que o pecado de cada um era o pecado de todos "Um pouco de fermento leveda toda a massa." A razão humana pode pôr dúvidas sobre isto, como certamente duvida de tudo que está para além do seu limitado alcance. Mas Deus vê, e isto é bastante para o espírito crente. Não nos compete perguntar, por quê? Como?- Ou por que motivo?- O testemunho de Deus regula todas as coisas, e nós só temos que crer e obedecer. Basta-nos saber que o fato da presença de Deus exige santidade, pureza, e o julgamento do mal. Lembremos que isto não se requer com base no princípio justamente repudiado por todo o espírito humilde, "...não te chegues a mim, porque sou mais santo do que tu" (Is 65:5). Não, não; é inteiramente sobre o fundamento do que Deus é: "Sede santos, porque eu sou santo."

Deus não pode dar a sanção da Sua santa presença ao mal por julgar.

O quê?- Dar a vitória em Ai com Acã no acampamento? Impossível! A vitória em tais circunstâncias teria sido uma desonra para Deus, e a coisa pior que poderia acontecer a Israel. Isto não podia ser. Israel devia ser castigado. Deviam ser humilhados e quebrantados. Devem descer ao vale de Acor—o lugar de perturbação — por que só ali pode ser aberta "uma porta de esperança" quando o mal tem entrado (Os2:15).

O leitor não deve compreender mal este grande princípio prático. Tem sido, receamos, muito mal compreendido, por muitos do povo do Senhor. Muitos há que parece pensarem que nunca poderá ser correto para aqueles que estão salvos pela graça, e que são eles próprios monumentos assinalados de misericórdia, exercerem disciplina de qualquer forma ou sobre seja o que for. No parecer de tais pessoas Mateus 7:1 parece condenar completamente o pensamento do nosso empenho em julgar. Não é dito, argumentam, expressamente por nosso Senhor para não julgarmos?- Não são estas as Suas próprias palavras: "Não julgueis, para que não sejais julgados"1?- Sem dúvida. Mas que significam estas palavras?-

Querem dizer que não devemos julgar a doutrina e maneira de vida dos que se apresentam para a comunhão cristã?- Prestam algum apoio à ideia de que, seja qual for a crença de um homem, ou o que ele ensina ou faz, devemos recebê-lo

de igual modo? Pode ser esta a força e o significado das palavras do Senhor? Quem poderia ceder, ainda que por um momento, a uma coisa tão monstruosa, como esta?- Nosso Senhor não nos diz, neste mesmíssimo capítulo, que nos devemos acautelar "dos falsos profetas"? Mas como podemos acautelar-nos de alguém, se não devemos julgar? Se o juízo não deve exercer-se em nenhum caso, porque dizer-nos para nos acautelarmos?

Leitor cristão, a verdade é tão simples quanto possível. A assembleia de Deus é responsável por julgar a doutrina e a moral de todos os que pedem para ingressar nela. Não temos que julgar as razões, mas sim os atos. O apóstolo inspirado ensina-nos diretamente no capítulo quinto de 1 Coríntios que somos obrigados a julgar todos os que tomam lugar na assembleia. "Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora?- Não julgais vós os que estão dentro? ...Tirai pois de entre vós a esse iníquo" (versículos 12-13).

Isto é muito claro. Nós não temos de julgar os que estão de "fora"; mas temos de julgar os que estão "dentro". Isto é, os que ocupam o lugar de cristãos — que são membros da assembleia — esses estão todos ao alcance do julgamento. No próprio momento em que um homem é admitido na assembleia, toma o seu lugar nessa esfera onde a disciplina se exerce sobre tudo que é contrário à santidade de Aquele que habita ali.

A Relação que Há entre a Unidade da Igreja, o Corpo de Cristo, e a Disciplina  
Não julgue o leitor, nem por um momento, que a unidade do corpo é afetada quando a disciplina da casa é mantida. Isto seria um erro muito grave; e contudo é, infelizmente, muito vulgar. Ouvimos dizer frequentemente dos que buscam justamente manter a disciplina da casa de Deus, que despedaçam o corpo de Cristo. Não pode haver erro maior. O fato é que manter a disciplina é nosso estrito dever, enquanto que despedaçar o corpo é uma completa impossibilidade. A disciplina da casa de Deus tem de ser exercida, mas a unidade do corpo nunca poderá ser desfeita.

Por outro lado, ouvimos às vezes pessoas falarem de separar membros do corpo de Cristo. Isto também é um erro. Nenhum membro do corpo de Cristo pode ser separado. Cada membro foi incorporado no seu lugar pelo Espírito Santo em cumprimento do eterno propósito de Deus e sobre o fundamento da

expição efetua da por Cristo; nenhum poder humano nem diabólico poderá jamais separar um só membro do corpo. Todos estão unidos indissolúvelmente em uma perfeita unidade, e são mantidos nela por poder divino. A unidade da Igreja de Deus pode ser comparada a uma cadeia estendida através de um rio: veem-se os extremos de cada lado, mas o meio está submergido, e se fôssemos julgar por vista poderíamos supor que a cadeia estava partida no centro. Assim é com a Igreja de Deus; foi vista no princípio como sendo uma; será vista como uma dentro em pouco; e é, à vista de Deus, uma agora embora a unidade não seja visível a olhos mortais.

É da maior importância que o leitor cristão esteja perfeitamente informado sobre esta grande questão da Igreja. O inimigo tem procurado por todos os meios ao seu dispor deitar poeira aos olhos do povo de Deus, a fim de que não possam ver a verdade sobre este assunto. Temos, por um lado, a alardeada unidade do catolicismo romano-, e, por outro lado, as lamentáveis divisões do protestantismo. Roma alega com ar de triunfo as numerosas seitas dos protestantes; e os protestantes apontam de igual modo para os erros e abusos do romanismo. Assim o que busca sinceramente a verdade dificilmente sabe para onde se voltar ou o que pensar; enquanto que, por outra parte, os negligentes, os indiferentes, os acomodados e os mundanos estão sempre prontos a tirar argumentos de tudo que veem em redor deles para pôr de parte todos os pensamentos sinceros e interesses sobre as coisas divinas; e até mesmo se, como Pilatos, às vezes perguntam loquazmente: "Que é a verdade?", eles, como ele, voltam as costas sem aguardar a resposta.

Ora, nós estamos firmemente convencidos que o verdadeiro segredo de todo o assunto — a grande solução da dificuldade —, o verdadeiro alívio para o coração dos bem amados santos de Deus, se encontrará na verdade da indivisível unidade da Igreja de Deus, o corpo de Cristo na terra. Esta verdade não é apenas para ser mantida como uma doutrina, mas para ser confessada, mantida, e praticada a todo o custo. É uma grande verdade formativa para a alma, e contém em si a resposta à apregoada unidade de Roma, por um lado, e às divisões protestantes, por outro. Tornar-nos-á capazes de testificar perante o protestantismo que temos achado a unidade, e ao catolicismo romano que temos achado a unidade do Espírito.

Pode argumentar-se contudo que é a maior utopia querer realizar semelhante ideia no estado atual de coisas. Tudo está em tal ruína e confusão que nos encontramos como um grupo de crianças que tivessem perdido o seu caminho na floresta e procurassem encaminhar-se o melhor que soubessem para casa, alguns em grupos grandes, outros em grupos de dois ou três e outros ainda sozinhos.

Ora, isto pode parecer muito plausível; e nós não duvidamos, de modo nenhum, que tem grande importância para um grande número do povo do Senhor na atualidade. Porém, no juízo da fé, essa maneira de pôr a questão não tem qualquer importância, pela simples razão que a única questão importante para a fé é esta: A unidade da Igreja é uma teoria humana ou uma realidade divina. Uma realidade divina, seguramente, como está escrito: "Há um só corpo e um só espírito" (Ef 4:4). Se negamos que existe "um só corpo" podemos negar de igual modo que há "um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos", visto que tudo está lado a lado nas páginas inspiradas, e se estorvamos uma então todas são perturbadas.

Além disso não estamos limitados só a uma passagem das Escrituras sobre este assunto; ainda que se houvesse mais que suficiente. Mas temos mais do que uma. Ouvi a seguinte: "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão" (1 Co 10:16-17). Lê-se também 1 Coríntios 12:12-27, onde este mesmo assunto é desenvolvido e encontra a sua aplicação.

Em suma, a palavra de Deus estabelece clara e inteiramente a verdade da unidade indissolúvel do corpo de Cristo; e, além disso, estabelece, de um modo tão claro e completo, a verdade da disciplina da casa de Deus. Mas, note-se, a conveniente aplicação da última nunca poderá interferir com a primeira. As duas coisas são perfeitamente incompatíveis. Havemos de supor que quando o apóstolo recomendou à Igreja de Corinto "tirai pois de entre vós a esse iníquo" a unidade do corpo foi afetada? Claro que não. E contudo, esse homem não era membro do Corpo de Cristo?- Era, decerto, porque o encontramos restaurado na segunda epístola. A disciplina da casa de Deus fez a sua obra com um

membro do corpo de Cristo, e aquele que havia pecado foi restaurado. Esse era o objetivo do ato da Igreja.

Tudo isto pode esclarecer a mente do leitor acerca do assunto profundamente interessante da recepção à mesa do Senhor e da exclusão dela. Parece haver muita confusão sobre estas coisas na mente de muitos cristãos. Há alguns que parece crerem que contanto que uma pessoa seja cristã não deve por motivo algum recusar-se a um lugar à mesa do Senhor. O caso de 1 Coríntios 5 é suficiente para decidir a questão. Evidentemente, esse homem não foi separado por não ser cristão. Era, como sabemos, apesar da sua queda e do seu pecado, um filho de Deus; e todavia a assembleia de Corinto foi convidada a excluí-lo; e se os coríntios não tivessem feito assim, teriam atraído o juízo de Deus sobre toda a assembleia. A presença de Deus está na assembleia, e portanto o mal tem que ser julgado.

Assim, quer seja no capítulo quinto de Números, que no capítulo quinto de Coríntios, aprendemos a mesma verdade solene do Salmo 93:5: "A santidade convém à tua casa, Senhor, para sempre." E além disso aprendemos que a disciplina deve ser mantida entre o povo de Deus e não entre os de fora. Pois que lemos nas primeiras linhas de Números Ordenou-se aos filhos de Israel que lançassem fora do acampamento todos os que não fossem Israelitas, todos os que não estivessem circuncidados, todos os que não pudessem estabelecer a sua linhagem em linha reta até Abraão?- Eram estes os motivos de exclusão do acampamento? De modo nenhum. Quem devia então ser posto fora? "Todo leproso", quer dizer, todo aquele em quem se reconhece que o pecado opera. "Todo o que padece fluxo —isto é, "todo aquele de quem emana uma influência corruptora; e, todos os imundos por causa de contaminação com algum morto Estas eram as pessoas que deviam ser separadas do acampamento no deserto, e os seus antítipos devem ser separados da assembleia nos nossos dias.

A Relação que Há entre o Julgamento do Mal e a Santidade de Deus

E porque, podemos perguntar, se exigia esta separação? Era para conservar a reputação e respeitabilidade do povo? Nada disso. Então? "Para que não contaminem os seus arraiais, no meio dos quais eu habito." E assim é agora.

Não julgamos nem reprovamos uma má doutrina a fim de mantermos a nossa ortodoxia; nem tampouco julgamos e lançamos fora o mal para mantermos a nossa reputação e respeitabilidade. O único fundamento de juízo e exclusão é este: "A santidade convém À tua casa, SENHOR, para sempre" (Sl 93:5). Deus habita no meio do Seu povo. "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles." "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1 Co 3:18). "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos Santos e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito" (Ef 2:19-22).

Pode ser que o leitor se sinta disposto a fazer perguntas como estas: Como seria possível encontrar uma igreja pura, perfeita?- Não há, não haverá, não deve haver algum mal em cada assembleia, apesar da mais intensa vigilância pastoral e fidelidade coletiva? Como, pois, poderá manter-se este elevado padrão de pureza? Não há dúvida que há mal na assembleia, visto que habita pecado em cada membro da assembleia. Mas esse mal não deve ser permitido; não deve ser sancionado; deve ser julgado e refreado. Não é a presença do mal julgado que contamina, mas a tolerância e a sanção do mal.

O princípio é o mesmo tanto a respeito da Igreja, no seu caráter coletivo, como dos membros em seu caráter individual: "Porque se nós nos julgássemos a nós mesmos não seríamos julgados" (1 Co 11:31).

Aqui, pois, vemos que o pecado, por grande que seja, não deve levar ninguém a separar-se da Igreja de Deus; mas se uma assembleia nega a sua solene responsabilidade de julgar o mal, tanto em doutrina como em moral, já não está no terreno da Igreja de Deus, e torna-se um dever sagrado separarmo-nos dela. Enquanto uma assembleia se mantiver no terreno da igreja de Deus, por muito fraca que possa ser e por mais pequena que seja em número, separar-se alguém dela é cisma. Porém se uma assembleia não estiver no terreno de Deus—e indubitavelmente não está, se nega o seu dever de julgar o mal—então é cisma continuar em comunhão com ela.

Mas isto não tem por fim multiplicar e perpetuar as divisões? Não, seguramente. Pode resultar na quebra de meras relações humanas; porém isto não é cisma, mas o contrário, visto que tais associações, por muito grandes, poderosas e aparentemente úteis, são positivamente antagônicas à unidade do corpo de Cristo—a Igreja de Deus.

O leitor atento não deixará de notar que o Espírito de Deus desperta a atenção em todas as partes para a grande questão da Igreja. Os homens começam a ver que existe muito mais sobre este assunto do que a simples opinião individual ou o dogma de um partido. A pergunta, "Que é a Igreja?", impõe-se por si a muitos corações e exige uma resposta. E que graça ter uma resposta para dar? Uma resposta tão clara, tão distinta, e tão cheia de autoridade como a voz de Deus, a voz da Sagrada Escritura, a pode dar. Não é um inefável privilégio, quando assaltados por todos os lados pelas pretensões de igrejas—a "Alta Igreja", a "Igreja Humilde", a "Igreja Liberal", a "Igreja do Estado", a "Igreja Livre"—poder-se recorrer à única Igreja verdadeira do Deus vivo, o corpo de Cristo? Nós certamente consideramo-la como tal, e estamos firmemente convencidos que aqui somente está a solução divina para as dificuldades de milhares do povo de Deus.

Porém, onde se encontra esta Igreja?- Não é um empreendimento inútil procurá-la entre a ruína e confusão que nos cercam? Não, bendito seja Deus! Porque não obstante não podemos ver todos os membros da Igreja reunidos, é nosso privilégio e santo dever conhecer e ocupar o terreno da Igreja de Deus, e não outro. E como deve discernir-se este terreno? Cremos que o primeiro passo para o discernimento do verdadeiro terreno da igreja de Deus é mantermo-nos de lado de tudo que lhe é contrário. Não devemos esperar descobrir o que é verdadeiro enquanto as nossas mentes estão obscurecidas pelo que é falso. A ordem divina é, "Cessai de fazer mal; aprendei a fazer o bem". Deus só nos dá luz para praticarmos o bem depois de termos deixado de fazer o mal. Por isso logo que descobrimos que estamos sobre terreno mau é nosso dever abandoná-lo, e esperar em Deus por mais luz, que Ele, certamente, nos dará.

#### Confissão e Restituição

Mas devemos prosseguir com o estudo do nosso capítulo. "Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Dize aos filhos de Israel: Quando homem ou

mulher fizer algum de todos os pecados humanos transgredindo contra o SENHOR, tal alma culpada é. E confessará o pecado que fez; então restituirá pela sua culpa, segundo a soma total, e lhe acrescentará o seu quinto, e o dará àquele contra quem se fez culpado. Mas, se aquele homem não tiver resgatador, a quem se restitua pela culpa, então, a culpa que se restituir ao SENHOR será do sacerdote, além do carneiro da expiação com que por ele fizer expiação" (versículos 5-8).

A doutrina da expiação do pecado já foi considerada nos nossos Estudos sobre o livro de Levítico, capítulo 5, que recomendamos ao leitor, visto não quisermos perder o seu e o nosso tempo entrando em pormenores sobre assuntos já tratados. Só faremos notar aqui a importante questão de confissão e restituição. A passagem reproduzida não somente nos ensina que Deus e o homem ganham com a grande expiação do pecado oferecida na cruz do Calvário, mas que Deus exigia a confissão e a restituição quando havia sido cometido algum pecado. A sinceridade da confissão era demonstrada pela restituição. Não era bastante que judeu, que tivesse pecado contra seu irmão, dissesse, "Sinto muito". Tinha de restituir o que havia tomado e acrescentar-lhe um quinto do seu valor.

Ora, apesar de não estarmos debaixo de lei, podemos, ainda assim, tirar muita instrução das suas instituições; ainda que não estamos sujeitos ao aio, podemos aprender com ele boas lições. Se, pois, temos transgredido contra alguém, não basta confessar o nosso pecado a Deus e ao nosso irmão; temos de fazer restituição: somos convidados a dar uma prova prática de que nos julgamos quanto ao ato sobre que havemos transgredido.

Duvidamos que este dever seja compreendido como deveria ser. Cremos que há um meio de agir superficial, petulante e pachorrento, a respeito do pecado e das faltas, que são verdadeiramente dolorosas para o Espírito Santo. Ficamos contentes com a simples confissão de lábios sem o sentimento profundo e sincero do mal do pecado à vista de Deus. O próprio mal não é julgado na sua origem moral, e, como consequência desta brincadeira com o pecado, o coração torna-se duro e a consciência perde a sua sensibilidade. Isto é muito sério. Conhecemos poucas coisas mais preciosas do que uma consciência

sensível. Não queremos dizer uma consciência escrupulosa, que é dominada pelas suas próprias excentricidades; ou uma consciência mórbida, que é dirigida pelos seus próprios temores. Estes dois gêneros de consciência são dois hóspedes importunos e difíceis de manter.

Mas referimo-nos a uma consciência terna, que é governada em tudo pela Palavra de Deus e que se submete, em todos os casos, à Sua autoridade. Consideramos esta descrição da consciência como um tesouro inestimável. Ela regula todas as coisas, toma conhecimento das coisas vulgares relacionadas com os nossos hábitos diários—o nosso modo de vestir, a nossa casa, os nossos móveis, a nossa mesa e todo o nosso modo de viver, em espírito e estilo — o modo de conduzir os nossos negócios, ou, se a nossa tarefa for servir os outros, a forma como nos desempenhamos do serviço, seja o que for. Em suma, tudo está sujeito à influência moral de uma consciência sensível. "E por isso", diz o bem-aventurado apóstolo, "procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens" (At 24:16).

E isto que bem podemos ambicionar. Existe qualquer coisa moralmente bela e atrativa no exercício do maior e mais dotado servo de Cristo. Com todos os seus excelentes dons, com todos os seus poderes maravilhosos, e um profundo conhecimento dos caminhos e desígnios de Deus, com tudo que tinha para falar e gloriar-se, com todas as revelações que lhe haviam sido feitas no terceiro céu, em suma, ele, o mais venerado e privilegiado dos santos, fazia uma santa diligência para manter uma consciência livre de ofensa tanto para com Deus como para com os homens; e se, num momento de descuido, pronunciava uma palavra precipitada, como fez dirigindo-se a Ananias, o sumo sacerdote, estava pronto, imediatamente, a confessar e fazer restituição, de forma que a expressão precipitada, "Deus te ferirá, parede branqueada", foi retirada e substituída por esta palavra de Deus: "Não dirás mal do príncipe do teu povo".

Ora nós não cremos que Paulo tivesse podido retirar-se para descansar nessa noite com uma consciência livre de ofensa se não tivesse retirado as suas palavras. Deve haver confissão quando fazemos ou dissermos alguma coisa má; e se não houver confissão, a nossa comunhão será certamente interrompida. Comunhão com pecado por confessar sobre a consciência é uma impossibilidade moral. Podemos falar dela, mas é apenas uma ilusão. Devemos

manter uma consciência limpa se queremos andar com Deus. Nada há tanto para temer como a insensibilidade moral, uma consciência impura, um sentido moral surdo que podem permitir que passe toda a sorte de coisas sem serem julgadas; com essa insensibilidade pode cometer-se o pecado, passar por cima dele, e dizer friamente: "Que mal fiz eu?"

Prezado leitor, vigiemos com santo cuidado contra estes males. Procuremos cultivar uma consciência delicada. Isto requererá de nos o que foi exigido a Paulo, a saber, exercício. Contudo, é um exercício bendito, e que produzirá os mais preciosos frutos. Não devemos supor que há alguma coisa parecida com o legalismo neste exercício; não; é inteiramente cristão. Com efeito, consideramos essas nobres palavras de Paulo como a própria personificação, em forma resumida, de toda a prática do cristão. Andar sempre com uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com homens. compreende todas as coisas.

Mas, ah, em quão pouca conta temos habitualmente os direitos de Deus ou os direitos do nosso próximo! Quão longe está a nossa consciência do que deveria ser! Descuidamos direitos de toda a sorte, contudo não sentimos isso. Não há abatimento nem contrição perante o Senhor. Cometemos transgressões em mil e uma coisas, e contudo não há confissão nem restituição. Deixam-se passar coisas que deviam ser julgadas, confessadas e afastadas. Há pecado em nossos atos sagrados; há irreflexão e indiferença de espírito na assembleia e à mesa do Senhor; roubamos a Deus de diversas maneiras; pensamos segundo os nossos próprios pensamentos, falamos as nossas próprias palavras; fazemos o que é do nosso próprio agrado; e o que é tudo isto senão roubar a Deus, visto que não somos de nós mesmos, mas fomos comprados por bom preço?

Ora, nós não podemos deixar de pensar que tudo isto deve infelizmente impedir o nosso crescimento espiritual. Entristece o Espírito de Deus e põe obstáculos ao Seu glorioso ministério de Cristo às nossas almas, sem o qual não podemos crescer na vida espiritual. Sabemos, por diversas passagens da Palavra de Deus, quanto Ele aprecia um espírito terno e um coração contrito, "...mas eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra" (Is 66:2). Deus pode habitar com uma tal pessoa; mas com o

endurecimento e a insensibilidade, com a frieza e a indiferença, Ele não pode ter comunhão. Oh! exercitemo-nos, pois, para termos sempre uma consciência pura e lícita, tanto para com Deus como para com os nossos semelhantes.

### A Prova dos Ciúmes

A terceira e última parte do nosso capítulo, que não há necessidade de citar na íntegra, ensina-nos uma lição profundamente solene, quer a consideremos sob o ponto de vista das dispensações quer do ponto de vista moral. Contém o texto da grande ordenação destinada ao julgamento do ciúme. O lugar que ocupa aqui é notável. Na primeira parte temos o julgamento coletivo do mal; na segunda temos o julgamento individual de cada um, a confissão e a restituição; e na terceira ensina-se que Deus não pode suportar até mesmo a simples suspeita de mal.

Bem, nós cremos plenamente que esta tocante ordenação tem um alcance dispensacional sobre as relações entre o Senhor e Israel. Os profetas tratam largamente da conduta de Israel, considerado como uma esposa, e dos ciúmes de Javé a respeito.

Não é nosso propósito citar as passagens, mas o leitor poderá encontrá-las através das páginas de Jeremias e Ezequiel. Israel não pôde resistir perante a prova investigadora da água amargosa. A sua infidelidade foi manifesta. A nação quebrou os seus votos. Desviou-se do seu Marido, o Santo de Israel, cujos zelos ardentes têm sido derramados sobre a nação infiel. Deus é um Deus ciumento, e não pode tolerar o pensamento de que o coração que Ele reclama como Seu, seja dado a outro.

Vemos assim que esta ordenação para julgamento do ciúme leva consigo claramente o cunho do caráter divino. Por este meio Deus entra plenamente nos pensamentos e sentimentos de um marido ultrajado ou até mesmo de um que suspeita de infidelidade.

A simples suspeita é de todo intolerável, e quando ela se apodera do coração, o assunto tem de ser examinado a fundo. O suspeito deve ser submetido a um processo de natureza tão rigorosa que só um inocente pode suportar. Se houvesse um traço de culpa as águas amargas seriam empregadas para investigar mesmo até às profundidades da alma e pô-la a descoberto. Não havia

modo de escapar para o culpado; e podemos dizer que o próprio fato de não haver possibilidade de o culpado escapar contribuía para o triunfo da defesa do inocente. O mesmíssimo processo que declarava a culpa do culpado, tornava manifesto a inocência do fiel. Para aquele que esta inteiramente cômico de integridade, quanto mais rigorosa é a investigação tanto mais bem recebida é. Se houvesse possibilidade de o culpado escapar devido a qualquer defeito na maneira de fazer a prova, só serviria para prejudicar o inocente. Mas o processo era divino e portanto perfeito; por isso quando a esposa inculpada saía em Uberdade, a sua fidelidade era perfeitamente manifesta e a plena confiança era restaurada.

Que mercê, pois, ter um modo tão perfeito de resolver todos os casos duvidosos! A suspeita é o golpe mortal de toda a intimidade afetuosa, e Deus não queria que ela existisse no meio da Sua congregação. Não só queria que o Seu povo julgasse o mal coletivamente e que se julgassem a si mesmos individualmente, mas até mesmo onde havia a suspeita de mal, sem que a evidência aparecesse, havia um meio imaginado por Ele de prova que punha a verdade perfeitamente a descoberto. O culpado tinha de beber a morte e encontrava nela o juízo (1). O que era fiel bebia a morte e achava nela a vitória.

---

(1) O "pó" tomado do chão do tabernáculo pode ser considerado como figura da morte: "... me puseste no pó da morte" (SI 22:15). A "água" simboliza a Palavra, que, sendo empregada para atuar sobre a consciência pelo poder do Espírito Santo, manifesta todas as coisas. Se tiver havido qualquer infidelidade a Cristo, verdadeiro Esposo do Seu povo, tem de ser inteiramente julgada. Isto é aplicável à nação de Israel, à Igreja de Deus e ao crente individualmente. Se o coração não for fiel a Cristo, não poderá resistir ao poder penetrante da Palavra. Mas se existir verdade no íntimo, quanto mais se é examinado e provado, tanto melhor. Quão bem-aventurada coisa é podermos dizer, verdadeiramente: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (SI 139: 23-24).

CAPÍTULO 6

## O VOTO DO NAZIREU

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando um homem ou mulher se tiver separado, fazendo voto de nazireu, para se separar para o SENHOR, de vinho e de bebida forte se apartará; vinagre de vinho ou vinagre de bebida forte não beberá; nem beberá alguma beberagem de uvas; nem uvas frescas nem secas comerá. Todos os dias do seu nazireado, não comerá coisa alguma que se faz da vinha, desde os caroços até às cascas. Todos os dias do voto do seu nazireado sobre a sua cabeça não passará navalha; até que se cumpram os dias, que se separou para o SENHOR, santo será, deixando crescer as guedelhas do cabelo da sua cabeça. Todos os dias que se separar para o SENHOR, não se chegará a corpo de um morto. Por seu pai, ou por sua mãe, por seu irmão, ou por sua irmã, por eles se não contaminará, quando forem mortos; porquanto o nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça. Todos os dias do seu nazireado, santo será ao SENHOR" (versículos 1 -8).

A ordenação do nazireado está cheia de interesse e instrução prática. Vemos nela o caso de um que se põe de parte, de uma forma muito especial, de coisas que, embora não sejam absolutamente pecaminosas em si, são, todavia, prejudiciais à inteira consagração de coração que se manifesta no nazireado.

Em primeiro lugar, o Nazireu não devia beber vinho. O fruto a videira, sob qualquer forma que fosse, estava-lhe proibido. Ora o vinho, como sabemos, é o símbolo natural de alegria terrestre — expressão daquele gozo social a que o coração humano é inteiramente capaz de se entregar. O nazireu devia abster-se cuidadosamente no deserto. Para ele era uma ordenação. Não devia excitar sua natureza com o uso de bebida forte. Durante todos os dias da sua separação era chamado a observar a mais rigorosa abstinência do vinho.

Tal era o símbolo, e está escrito para nossa instrução—e escrito também neste maravilhoso livro de Números tão rico em suas lições do deserto. Isto é o que podíamos esperar. A instituição solene do nazireado encontra o seu lugar apropriado no livro de Números. Está em perfeita harmonia com o caráter do livro, o qual, como já foi acentuado, contém tudo que pertence especialmente à vida do deserto.

Indaguemos pois qual é a natureza da lição que se nos ensina na abstinência do nazireu de tudo que pertencia à videira, desde os caroços até às cascas.

### Jesus, o Perfeito Nazireu

Neste mundo não houve senão um verdadeiro e perfeito nazireu —mas um que manteve, desde o princípio ao fim, a mais completa separação de todo o gozo meramente terrestre. Desde o momento em que entrou no Seu ministério público, Ele manteve-se a parte de tudo que era deste mundo. O Seu coração estava posto em Deus e na Sua obra com uma dedicação que nada podia alterar. Jamais permitiu, nem por um instante, que as pretensões da terra ou da natureza sem interpusessem entre o Seu coração essa obra que Ele tinha vindo fazer. "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?-" "Mulher, que tenho eu contigo?" Com tais palavras o verdadeiro nazireu buscava ajustar as exigências da natureza. Tinha uma obra a fazer, e para isso separava-Se perfeitamente. Os Seus olhos estavam postos num alvo e o Seu coração não estava dividido. Isto é evidente desde o princípio ao fim da Sua vida na terra. Podia dizer aos Seus discípulos: "Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis", e quando eles, não compreendendo o profundo significado das Suas palavras, disseram: "Trouxe-lhe porventura alguém de comerá", Ele respondeu: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou a realizar a sua obra" (Jo 4:32-34). Assim, também, no fim da Sua carreira na terra, ouvimo-Lo pronunciar palavras tais como estas, tomando o cálice da páscoa: "Tomai-o e reparti-o entre vós, porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus" (Lc 22:17-18).

Vemos assim como o perfeito nazireu se conduziu em tudo. Não podia ter gozo na terra, nenhum gozo na nação de Israel. Não era tempo ainda para isso, e portanto Ele desprendia-Se de tudo que o mero afeto humano podia achar nas relações com os seus, de forma a dedicar-Se ao único e grande objeto que sempre esteve perante a Sua mente. O dia virá em que, como Messias, Ele Se regozijará com o Seu povo na terra; mas antes que chegue esse momento ditoso, Ele está à parte como o verdadeiro nazireu, e o Seu povo está unido com Ele. "Não são do mundo, como eu do mundo não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste a mim, também

eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade" (Jo 17:16-19).

Leitor cristão, poderemos seriamente este grande aspecto do caráter do nazireu. É importante examinarmo-nos fielmente à luz que dele irradia. É uma questão muito séria, decerto, saber até que ponto nós, como cristãos, compreendemos realmente o significado e poder desta extrema separação de toda a excitação da natureza e da alegria puramente terrena. Pode dizer-se, talvez: "Que mal há em se ter um pouco de divertimento ou recreio? Com certeza que não somos chamados para sermos monges. Não nos tem dado Deus todas as coisas liberalmente para as desfrutarmos? E enquanto estamos no mundo, não é justo divertirmo-nos nele?"

A toda esta argumentação respondemos dizendo que não é uma questão do mal que há nisto, naquilo ou naquele outro. Não havia mal, em regra geral, no vinho nem nada de mal na videira. Mas o ponto é este, se alguém aspirava ser nazireu, se ambicionava essa santa separação para o Senhor, tinha de abster-se completamente do uso do vinho e de bebidas fortes. Outros podiam beber vinho, mas o Nazireu não podia tocar nele.

Como se Pode Ter Hoje o Caráter de Nazireu?

Ora, a questão para nós é esta, desejamos ser nazireus? Anelamos separação completa e a consagração de nós mesmos, de corpo, alma e espírito a Deus? Se é assim, temos de estar separados de todas estas coisas em que a natureza acha a sua satisfação. É sobre esta verdade que gira toda a questão.

Mas, "queremos ser nazireus? É desejo de nosso coração sermos separados com o Senhor da alegria puramente terrena — sermos separados para Deus daquelas coisas que, apesar de não serem absolutamente pecaminosas em si mesmas, tendem, contudo, a dificultar essa inteira consagração de alma que é o verdadeiro segredo de todo o nazireado espiritual? Ignora o leitor cristão que existem, com efeito, tais coisas? Não sente que há inúmeras coisas cuja influência distrai e enfraquece o seu espírito, e que, se fossem julgadas pelo padrão normal de moralidade, podiam passar por inocentes?"

Porém, devemos recordar que os nazireus de Deus não medem as coisas por tal regra. A sua moral não é de modo algum vulgar. Eles veem as coisas do

ponto de vista divino e celestial, e por isso não podem deixar passar coisa alguma que possa interferir, de qualquer modo, com esse tom elevado de consagração a Deus que as suas almas fervorosamente anseiam.

Que Deus nos dê graça para ponderarmos estas coisas e vigiarmos contra toda a influência corruptora. Cada qual deve saber, no seu caso, o que se ao poderia equiparar ao vinho e bebida forte. Pode parecer uma insignificância; mas podemos estar certos que nada do que interrompe o curso da comunhão das nossas almas com Deus e nos priva desta santa intimidade que é nosso privilégio desfrutar, é insignificante.

Mas havia outra coisa que caracteriza o nazireu. Não devia tosquiar a sua cabeça. "Todos os dias do voto do seu nazireado sobre a sua cabeça não passará navalha; até que se cumpram os dias que se separou para o SENHOR, santo será, deixando crescer as guedelhas do cabelo da sua cabeça" (versículo 5).

Em 1 Coríntios 11:14 aprendemos que uma cabeleira crescida é considerada como falta de dignidade no homem. "Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido?" Isto demonstra-nos que, se queremos realmente viver uma vida de separação para Deus, temos de estar dispostos a abandonar e renunciar à nossa dignidade na natureza.

Foi isto que o Senhor Jesus Cristo fez de um modo perfeito. Humilhou-Se a Si mesmo. Renunciou aos Seus direitos em tudo. Podia dizer: "Mas eu sou verme e não homem" (S1 22:6). Despojou-Se inteiramente de tudo e tomou o lugar mais humilde. Esqueceu-Se de Si enquanto cuidava dos outros. Em suma, o Seu nazireado foi perfeito nisto como em tudo mais.

Ora isto é precisamente o que nós gostamos muito pouco de fazer. Defendemos naturalmente a nossa dignidade e procuramos manter os nossos direitos. E simplesmente de supor que o homem o faça com brio. Mas o Homem Perfeito nunca o fez; e se nós desejarmos ser nazireus também o não faremos. Devemos abandonar as dignidades da natureza e renunciar aos gozos da terra, se quisermos trilhar o caminho de inteira separação para Deus neste mundo. Ambas as coisas estarão em breve no seu próprio lugar, mas enquanto não chega esse dia temos de as renunciar.

Aqui note-se mais uma vez a questão não é de saber se o caso em pleito é justo ou não. Como regra geral, era próprio o homem cortar o cabelo; mas não era conveniente para um nazireu, antes pelo contrário, era um ato completamente mau fazê-lo. A diferença estava nisto. Era perfeitamente justo um homem cortar o cabelo e beber vinho, mas o nazireu não era um homem vulgar; estava separado de tudo que era normal para seguir um caminho próprio, e tê-lo-ia abandonado por completo se tivesse usado a navalha ou provado vinho. Por isso, se alguém pergunta: Não é justo desfrutar os prazeres da terra e manter a dignidade da natureza? Nós respondemos: É perfeitamente justo, se nos propomos andar como homens; mas é inteiramente mau, ou é absolutamente funesto, se desejamos andar como nazireus.

Isto simplifica admiravelmente o assunto; responde a múltiplas interrogações e resolve inúmeras dificuldades. É inútil alguém prender-se com pormenores sobre o mal que pode haver neste ou naquele caso especial. A questão é esta: Qual é o nosso verdadeiro Propósito e qual o nosso objetivo? Queremos comportar-nos apenas como homens ou desejamos ardentemente viver como verdadeiros nazireus? Segundo a linguagem de 1 Coríntios 3:3 as expressões carnis e "andar segundo os homens" são sinônimas.

Somos orientados por esta linguagem?- Compreendemos o espírito e respiramos a atmosfera desta Escriturai Ou somos dirigidos pelo espírito e os princípios deste mundo sem Deus e sem Cristo?

É inútil empregarmos o tempo discutindo pontos que nunca seriam levantados se as nossas almas estivessem na sua disposição natural e mantivessem uma atitude espiritual. Sem dúvida, é perfeitamente legítimo, perfeitamente natural e conseqüente para os homens deste mundo gozarem tudo que o mundo tem para lhes oferecer e manterem enquanto podem os seus direitos e a sua dignidade. Seria pueril discutir isto.

Mas, por outro lado, o que é legítimo, natural e conseqüente para os homens deste mundo é mau, anormal e inconseqüente para os nazireus de Deus. A questão está neste pé, se formos governados pela simples verdade de Deus. Sabemos pelo capítulo sexto de Números que se uma nazireu bebida vinho ou tosquiava o seu cabelo contaminava a cabeça da sua consagração. Isto não nos diz nada, nem tem um lição para nós? É evidente que tem. Ensina-nos que,

se as nossas almas desejam prosseguir no caminho de inteira consagração a Deus, devemos abster-nos dos gozos da terra e renunciar à dignidade e aos direitos da natureza. Tem de ser assim, visto que Deus e o mundo, a carne e o espírito, não podem ligar-se. Tempo virá em que será diferente; mas, no tempo presente, todos os que quiserem viver para Deus e andar no Espírito, têm de viver separados do mundo e mortificar a carne. Que Deus, em Sua grande misericórdia, nos ajude a fazer assim!

Resta-nos considerar uma outra característica do Nazireu. Não devia tocar um corpo morto. "Todos os dias que se separar para o SENHOR não se chegará a corpo de um morto. Por seu pai, ou por sua mãe, por seu irmão, ou por sua irmã, por eles não se contaminará, quando forem mortos, porquanto o nazireado do seu Deus está sobre a sua cabeça" (versículos 6-7).

Vemos assim que, quer fosse beber vinho quer tosquiar o seu cabelo, ou tocar um corpo morto, o efeito era o mesmo; qualquer das três coisas implicava a contaminação da cabeça da consagração do nazireu. Portanto, é evidente que era tão contagioso para o nazireu beber vinho ou tosquiar a cabeça como tocar um corpo. E conveniente compreendermos isto. Estamos sempre a fazer distinções que não resistem um instante à luz da presença divina. Uma vez que o nazireado do seu Deus estava sobre a cabeça da qualquer pessoa, esse importante fato tornava-se a regra e pedra de toque de toda a moralidade. O indivíduo era, desse modo, colocado sobre um terreno inteiramente novo e especial e impunha-lhe o dever de ver todas as coisas de um ponto de vista novo e também especial. Já não devia perguntar o que lhe interessava como homem, mas sim o que lhe interessava como nazireu. Por isso, se o seu mais querido amigo jazia morto a seu lado, ele não devia tocar-lhe. havia sido chamado para se manter à parte da influência contagiosa da morte, e tudo porque o "nazireado do seu Deus estava sobre a sua cabeça".

Ora, em todo este assunto do nazireado, é necessário que o leitor compreenda claramente que não se trata, de modo nenhum, da questão da salvação da alma, da vida eterna ou da segurança perfeita do crente em Cristo. Se isto não for claramente compreendido o espírito pode ver-se envolvido em trevas e perplexidade. Existem dois grandes vínculos no Cristianismo, que, ainda que intimamente unidos, são inteiramente distintos, a saber, o vínculo da vida

eterna, e o elo de comunhão pessoal. O primeiro nunca poderá ser quebrado por coisa alguma; o último pode ser interrompido num momento pelo peso de uma pena. E ao segundo destes laços que pertence a doutrina do nazireado.

Vemos na pessoa do nazireu um símbolo de alguém que entra numa situação especial de dedicação e consagração a Cristo. O poder de prosseguir neste caminho consiste numa secreta comunhão com Deus; de forma que se a comunhão é interrompida o poder desaparece e torna o assunto peculiarmente solene. Existe a possibilidade do grande perigo de se tentar seguir o caminho na falta do que constitui a fonte do seu poder. Isto é desastroso e exige o maior cuidado.

Temos examinado rapidamente as diversas coisas que contribuem para interromper a comunhão do nazireu; mas seria completamente impossível descrever o efeito moral de qualquer tentativa para guardar a aparência de nazireado quando a realidade íntima pareceu. E em extremo perigoso. E infinitamente melhor confessarmos a nossa falta, tomarmos o nosso verdadeiro lugar, do que mantermos uma falsa aparência. Deus quer a realidade, e nós podemos ficar certos de que, mais cedo ou mais tarde, a nossa fraqueza e a nossa loucura, serão manifestadas a todos. É lamentável e humilhante quando "Os nazireus mais alvos do que a neve" se tornam mais pretos "do que o negrume" (Ml 4:6-8); mas é muito pior quando aqueles que se tornaram assim negros tomam a pretensão de estar brancos.

#### Sansão

Consideremos o caso solene de Sansão, que se nos apresenta no capítulo dezesseis de Juízes. Numa hora má, ele traiu o seu segredo e perdeu o seu poder— perdeu-o embora o não soubesse. Mas o inimigo depressa o soube. Cedo foi manifesto a todos que o nazireu tinha contaminado a cabeça do seu nazireado. "E sucedeu que, importunando-o ela todos os dias com as suas palavras e molestando-o, a sua alma se angustiou até à morte. E descobriu-lhe todo o seu coração, e disse-lhe: Nunca subiu navalha à minha cabeça, porque sou nazireu de Deus, desde o ventre de minha mãe; se viesse a ser rapada ir-se-ia de mim a minha força e me enfraqueceria e seria como todos os mais homens" (Jz 16:16-17).

Ah! Aqui estava a denúncia do profundo e sagrado segredo de todo o seu poder! Até aqui o seu caminho havia sido uma vida de força e vitória, simplesmente porque havia sido uma vida de santo nazireado. Mas o regaço de Dalila era muito para o coração de Sansão, o que mil filisteus não puderam fazer foi feito pela influência ardilosa de uma simples mulher. Sansão saiu da elevada posição de nazireu ao nível de um homem vulgar.

"Vendo, pois, Dalila que já lhe descobrira todo o seu coração, enviou e chamou os príncipes dos filisteus, dizendo: Subi esta vez, porque, agora, me descobriu ele todo o seu coração. E os príncipes dos filisteus subiram a ela e trouxeram o dinheiro na sua mão. Então, ela o fez dormir sobre os seus joelhos" (—Ah! que sono fatal para um nazireu de Deus! —) "e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças do cabelo de sua cabeça; e começou a afligi-lo, e retirou-se dele a sua força. E disse ela: Os filisteus vem sobre ti, Sansão. E despertou do seu sono, e disse: Sairei ainda esta vez como dantes e me livrarei. Porque ele não sabia que já o SENHOR se tinha retirado dele. Então, os filisteus pegaram nele e lhe arrancaram os olhos, e fizeram-no descer a Gaza, e amarraram-no com duas cadeias de bronze, e andava ele moendo no cárcere" (Jz 16:18-21).

Oh!, prezado leitor, que quadro! Quão solene! E que advertência! Que triste espetáculo era Sansão levantando-se para se livrar "como dantes"! Ah, o "como" estava fora do lugar! Podia levantar-se, mas já não era "como dantes", porque o poder havia desaparecido; o Senhor tinha-se retirado dele; e o nazireu, ainda há pouco poderoso, tornou-se em prisioneiro cego; e, em vez de triunfar sobre os filisteus, teve de moer no cárcere. E tudo por ter cedido simplesmente à natureza. Sansão nunca recuperou a sua liberdade. Foi-lhe permitido pela graça de Deus ganhar um vitória sobre os incircuncisos, mas essa vitória custou-lhe a vida. Os nazireus de Deus têm de manter-se puros ou perder o seu poder. No seu caso, o poder e a pureza são inseparáveis. Não podem avançar sem santidade; e daí a necessidade urgente de estarem sempre vigilantes contra diversas coisas que contribuem para afastar o coração, distrair o espírito e rebaixar o grau de espiritualidade. Conservemos sempre perante as nossas almas essas palavras do nosso capítulo: "Todos os dias do seu nazireado será santo a SENHOR." A santidade é a grande e indispensável

característica de todos os dias do nazireado; de maneira que uma vez perdida a santidade o nazireado está terminado.

Então, pode perguntar-se, que deve fazer-se? A Escritura que temos diante de nós dá a resposta. "E se alguém vier a morrer junto a ele por acaso, subitamente, e contaminar a cabeça do seu nazireado, então, no dia da sua purificação, reparará a sua cabeça, e, ao sétimo dia, a reparará. E, ao oitavo dia, trará duas rolas ou dois pombinhos, ao sacerdote, a porta da tenda da congregação; e o sacerdote oferecerá um para expiação o pecado e o outro para holocausto; e fará propiciação por esse que pecou no corpo; assim, naquele mesmo dia, santificará a sua cabeça. Então, separará os dias do seu nazireado ao SENHOR e, para expiação da culpa um cordeiro de um ano: e os dias antecedentes serão perdidos, Porquanto o seu nazireado foi contaminado" (versículos 9-12).

Aqui encontramos expiação nos seus dois grandes aspectos como o único fundamento em que o nazireu podia ser restaurado à comunhão. Havia contraído contaminação e essa contaminação só podia ser removida pelo sangue do sacrifício. Nós podíamos julgar que tocar um corpo morto era um caso insignificante, especialmente em tais circunstâncias. Como poderia ele evitar o contato de um corpo morto se este havia caído a seu lado? A resposta é ao mesmo tempo simples e solene. Os nazireus de Deus devem manter a pureza pessoal; e, além disso, o padrão mediante o qual a pureza deve ser regulada não é humano mas divino. O simples toque da morte era suficiente para quebrar o elo de comunhão; e se o nazireu tivesse julgado que podia continuar como se nada tivesse acontecido, teria fugido ao cumprimento dos mandamentos de Deus atraindo sobre si um terrível juízo.

#### Os Primeiros Dias São Anulados

Mas, bendito seja Deus, a graça havia previsto a contingência. Havia o holocausto, figura da morte de Cristo em relação com Deus. Havia a expiação do pecado, símbolo dessa morte em relação conosco. E havia a expiação da culpa, símbolo da morte de Cristo não apenas na sua aplicação à raiz ou princípio de pecado na natureza, mas também ao pecado cometido. Em suma, era necessária a plena eficácia da morte de Cristo para remover a contaminação causada pelo simples contato com um corpo morto. Isto é

especialmente solene. O pecado é uma coisa terrível à vista de Deus — a mais terrível. Um simples pensamento, um olhar pecaminoso, uma palavra pecaminosa, bastam para trazer sobre a alma uma nuvem escura e carregada, que ocultará à nossa vista a luz do semblante de Deus e nos submergirá em profunda tristeza e miséria.

Guardemo-nos, pois, de tratar o pecado com leviandade. Lembremo-nos de que antes que uma só mancha de pecado — até a mais pequena — pudesse ser removida, o bendito Senhor Jesus Cristo teve de passar pelos horrores indizíveis do Calvário. O brado intensamente doloroso do Calvário, "Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?", é a única coisa que pode dar-nos uma ideia do que é o pecado; e nenhum mortal ou anjo algum poderá jamais penetrar nas profundidades imensas desse brado.

Mas embora não possamos jamais sondar as profundidades misteriosas dos sofrimentos de Cristo, devemo-nos, ao menos, dedicar à meditação na Sua cruz e paixão e procurar conseguir desta forma uma compreensão mais profunda do caráter odioso do pecado à vista de Deus. Se, na verdade, o pecado é tão horrendo e de tal modo abominável à vista do Deus santo que foi constrangido a desviar a luz do Seu semblante d'Aquele bendito Senhor que havia habitado no Seu seio desde toda eternidade, se teve de O abandonar porque Ele levava o pecado sobre o Seu corpo sobre o madeiro, então que será o pecado?

Prezado leitor, consideremos atentamente estas coisas. Que elas possam ter sempre um lugar profundo em nossos corações, que tão facilmente são arrastados a pecar! Quão superficialmente pensamos, às vezes, que o pecado custou ao Senhor Jesus não somente a vida, mas o que é melhor e mais precioso do que a vida, a luz do semblante de Deus!

Que Deus nos dê uma maior compreensão de aversão ao pecado! Vigiem cuidadosamente contra o simples movimento dos olhos em má direção, porque podemos estar certos de que o coração seguirá os olhos, e os pés seguirão o coração, e assim nos afastamos do Senhor, perdemos o sentimento da Sua presença e do Seu amor, tornamo-nos infelizes ou, o que é muito pior, mortos, frios, e endurecidos — endurecidos "pelo engano do pecado" (Hb 3:13).

Que Deus, em Sua graça infinita, nos guarde de cairmos! Que nos conceda a graça de vigiarmos com mais zelo contra tudo que possa manchar a cabeça do

nosso nazireado! Perder a comunhão é uma coisa muito grave; e é um caso muito perigoso intentar prosseguir no Serviço do Senhor com uma consciência contaminada. Decerto, a graça perdoa e restaura, mas nunca mais recuperamos que temos perdido; isto é o que se ensina com solene ênfase na passagem que temos diante de nós: "Então, separará os dias do seu nazireado ao SENHOR, e para expiação da culpa, trará um cordeiro de um ano; e os dias antecedente serão perdidos, porquanto o seu areado foi contaminado" (versículo 12).

Este ponto do nosso assunto é cheio de instrução e de advertência para as nossas almas. Quando o nazireu se contaminava, de qualquer modo, até mesmo pelo contato com um corpo morto, tinha de começar de novo. Não eram só os dias da sua contaminação que estavam perdidos, mas sim todos os dias do seu antecedente nazireado. Tudo havia sido em vão, e tudo por haver tocado um corpo morto!

Que nos ensina isto? Ensina-nos, pelo menos, que quando nos desviamos, ainda que seja a espessura de um cabelo, do caminho estreito da comunhão, e nos afastamos do Senhor, temos de regressar ao próprio ponto de onde partimos e começar outra vez. Temos muitos exemplos disto nas Escrituras; e seria prudente considerá-los e também ponderar a verdade que eles ilustram.

Tomemos o caso de Abrão, na sua descida ao Egito, segundo descrição em Gênesis 12. Isto era, evidentemente, afastar-se do seu próprio caminho. E qual foi o resultado? Os dias passados ali foram perdidos ou desperdiçados, e ele teve de voltar ao ponto de onde tinha partido e começar de novo. Assim, em Gênesis 12:8, lemos: "E moveu-se de ali para a montanha à banda do oriente de Betel e armou a sua tenda, tendo Betel ao ocidente e Ai ao oriente; e edificou ali um altar ao SENHOR, e invocou o nome do SENHOR". Logo depois da sua volta da terra do Egito, lemos: "E fez as suas jornadas do Sul até Betel, até ao lugar onde, ao princípio, estivera a sua tenda, entre Betel e Ai; até ao lugar que, dantes, ali tinha feito; e Abrão invocou ali o nome do SENHOR" (Gn 13:3-4). Todo o tempo passado no Egito foi inútil. Não havia ali nenhum altar, nenhuma comunhão nem culto; e Abraão teve de regressar ao mesmíssimo lugar de onde se havia afastado e começar de novo.

Assim é em todos os casos; e só assim se explica o progresso miseravelmente lento que alguns de entre nós fazem na sua carreira prática. Falhamos,

desviamo-nos, e afastamo-nos do Senhor e caímos em trevas espirituais; e então a Sua voz de amor chega até nós e nos reconduz ao ponto de onde nos tínhamos desviado; as nossas almas são restauradas, mas nós perdemos tempo e sofremos. Isto é muito grave e deveria induzir-nos a andar com santa vigilância e circunspeção, a fim de não termos de ser obrigados a retroceder o nosso caminho e perder o que nunca mais podemos recuperar. Decerto, os nossos desvios, e os nossos tropeços e as nossas fraquezas dão-nos um profundo conhecimento dos nossos próprios corações, ensinam-nos a não confiarmos em nós mesmos e ilustram a graça ilimitada e imutável de Deus.

Tudo isto é muito verdade, todavia há um meio muito mais elevado de nos conhecermos a nós próprios e a Deus do que os desvios, as nossas quedas e fraquezas. O ego, em todas as profundidades terríveis dessa palavra, deve ser julgado à luz santa da presença divina; e ali as nossas almas devem também crescer no conhecimento de Deus, na medida em que Ele é revelado pelo Espírito Santo na face de Jesus Cristo e nas preciosas páginas das Escrituras. Este é seguramente o meio mais excelente de nos conhecermos a nós próprios e a Deus; e é também o poder de separação de todo o verdadeiro nazireu. A alma que vive habitualmente no santuário de Deus, ou, por outras palavras, que anda em comunhão contínua com Deus, é a que terá um sentimento verdadeiro do que é a natureza em todas as suas fazes, embora não tenha aprendido por amarga experiência. E, além disso, terá um sentimento mais profundo e mais exato do que Deus é em Si Mesmo e para todos os que põem n'Ele a sua confiança. Coisa triste é aprender por experiência própria. Podemos estar certos de que o verdadeiro meio de aprender está na comunhão; e quando assim aprendemos não temos de estar continuamente ocupados com a nossa vileza; pelo contrário, estaremos ocupados com o que está fora e inteiramente acima do ego, isto é, a excelência do conhecimento de Jesus Cristo nosso Senhor.

#### A Lei do Nazireu e o seu Ensino Prático

Em conclusão desta parte, citaremos por extenso a exposição da lei do nazireu. E esta é a lei do nazireu; no dia em que se cumprirem os dias do seu nazireado, trá-lo-ão à porta da tenda da congregação; e ele oferecerá a sua oferta ao

SENHOR, um cordeiro sem mancha de um ano, em holocausto, e uma cordeira sem mancha, de um ano, para expiação da culpa, e um carneiro sem mancha por oferta pacífica; e um cesto de bolos asmos, bolos de flor de farinha com azeite, amassados, e coscorões asmos untados com azeite, como também a sua oferta de manjares e as suas libações. E o sacerdote os trará perante o SENHOR e sacrificará a sua expiação do pecado e o seu holocausto; também sacrificará o carneiro em sacrifício pacífico ao SENHOR, com o cesto dos bolos asmos; e o sacerdote oferecerá a sua oferta de manjares e a sua libação. Então, o nazireu, à porta da tenda da congregação, rapará a cabeça do seu nazireado, e tomará o cabelo da cabeça do seu nazireado, e o porá sobre o fogo que está debaixo do sacrifício pacífico. Depois, o sacerdote tomará a espádua cozida do carneiro, e um bolo asmo do cesto, e um coscorão asmo e os porá nas mãos do nazireu, depois de haver rapado a cabeça do seu nazireado. E o sacerdote os moverá, em oferta de movimento, perante o SENHOR; isto é santo para o sacerdote, juntamente com o peito da oferta de movimento, e com a espádua da oferta alçada; e depois, o nazireu pode beber vinho. Esta é a lei do nazireu que fizer voto da sua oferta ao SENHOR pelo seu nazireado, além do que alcançar a sua mão; segundo o seu voto, que fizer, assim fará, conforme à lei do seu nazireado" (versículos 13-21).

Esta maravilhosa "lei" conduz-nos a alguma coisa futura, quando aparecer o pleno resultado da obra perfeita de Cristo; e quando Ele, como o Messias de Israel, provar, no fim da Sua separação de nazireu, o verdadeiro gozo com o Seu povo amado, neste mundo. Será então o tempo de o nazireu beber vinho. Ele separou-Se de tudo isto, a fim de dar cumprimento a essa grande obra tão completamente exposta em todos os seus aspectos e em todo o seu alcance na "lei" precedente. Está separado da nação, separado deste mundo, no poder do verdadeiro nazireado, como disse aos Seus discípulos nessa noite memorável, "... desde agora não beberei deste fruto da vide até àquele dia em que o beba, novo, convosco no reino de meu Pai" (Mt 26:29).

Virá, pois, um dia resplandecente em que Javé, o Messias, se regozijará em Jerusalém e no Seu povo. Os profetas, desde Isaías a Malaquias, estão cheios das mais gloriosas e emocionantes alusões a esse ditoso e resplandecente dia. A reprodução das passagens que com ele se relacionam encheria literalmente

um livro. Mas se o leitor abrir a parte final da profecia de Isaías, encontrará um exemplo do que queremos dizer; e encontrara também muitas passagens semelhantes através do diversos livros dos profetas.

Não tentaremos mencionar passagens; mas queremos advertir o leitor contra o perigo de ser induzido em erro pelos cabeçalhos não inspirados desses magníficos capítulos que se referem ao fundo de Israel, tais como, por exemplo, "As bênçãos do evangelho" — "O engrandecimento da Igreja". Estas expressões são próprias para induzir em erro muitos leitores piedosos demasiado dispostos a crer que esses cabeçalhos são tão inspirados como o texto; ou, se não são inspirados, que contêm pelo menos, uma exposição correta daquilo que o texto apresenta. O fato é que não existe uma sílaba acerca da Igreja desde o princípio ao fim dos profetas. Que a Igreja pode encontrar a mais preciosa instrução, luz, conforto e edificação nesta grande parte do volume inspirado, é felizmente verdade; mas conseguirá tudo isto só na proporção em que é habilitada pelo ensino do Espírito a discernir o verdadeiro intento e objetivo desta parte do livro de Deus.

Supor que podemos tirar proveito e conforto somente do que se refere exclusiva ou primeiramente a nós próprios, seria ter um conceito muito estreito, para não dizer egoísta, das coisas. Não podemos aprender com o livro de Levítico? E todavia quem ousaria afirmar que se refere à Igreja?

Não, leitor, pode estar certo de que um estudo feito com calma, sem ideia preconcebida e com oração, da "lei e dos profetas" convencê-lo-á de que o grande tema tanto de uma como dos outros e o governo de Deus deste mundo em relação imediata com Israel. Verdade é que, através de "Moisés e os Profetas" há coisas que dizem respeito ao Senhor Mesmo. Isto é claro segundo Lucas 24-27. Mas e a 'Ele Próprio' em Sua administração deste mundo, e principalmente de Israel. Se este fato não for claramente compreendido, o nosso estudo do Velho Testamento será pouco inteligente ou de nenhum proveito.

Poderá parecer a alguns dos nossos leitores uma afirmação exagerada afirmar que nada há acerca da Igreja propriamente dita em todos os profetas ou com efeito em todo o Velho Testamento; Porem uma passagem ou duas da pena

inspirada do apóstolo Paulo resolverá toda a questão para quem quer submeter-se realmente à autoridade das Sagradas Escrituras.

Assim em Romanos 16, lemos: "Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto, mas que se manifestou agora e se notificou pelas Escrituras dos profetas (evidentemente do Novo Testamento) segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé" (versículos 25-26).

Assim também em Efésios 3 lemos: "Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios, se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima, em pouco, vos escrevi; pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas (1), a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho... e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos esteve OCULTO EM DEUS, que tudo criou; para que, agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (versículos 1-10).

---

(1) Os "profetas", na passagem acima reproduzida, são os do Novo Testamento, como é evidente pela forma de expressão. Se o apóstolo se referisse aos profetas do Velho Testamento, teria dito, "Os seus santos profetas e apóstolos". Mas o ponto em que ele insiste é que o mistério nunca havia sido revelado até aos seus dias — que não havia sido dado a conhecer aos filhos dos homens noutros séculos — que estava oculto em Deus; não estava oculto nas Escrituras, mas na mente infinita de Deus.

Mas não devemos prosseguir este interessantíssimo assunto da Igreja; temos apenas referido as passagens precedentes das Escrituras a fim de esclarecermos o espírito do leitor quanto ao fato de que a doutrina da Igreja, tal

como a ensina Paulo, não se encontra nas páginas do Velho Testamento; e, portanto, quando ler os profetas e encontrar as palavras "Israel", "Jerusalém", "Sião" não deve aplicá-las à Igreja de Deus, visto que se referem ao próprio povo de Israel, a semente de Abraão, a terra de Canaã e a cidade de Jerusalém (1).

---

(1) Estes termos referem-se evidentemente às profecias do Velho Testamento. Há passagens nas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas em que todos os crentes são considerados como a semente de Abraão (Veja-se Rm 4:8-17; G1 3:7, 9, 21; 6:16); mas isto é sem dúvida uma coisa muito diferente. Não temos revelação da "Igreja", assim propriamente chamada, nas Escrituras do Velho Testamento.

Deus sabe o que diz; e portanto não devemos favorecer nada que se pareça com uma maneira ligeira e irreverente de manejar a Palavra de Deus. Quando o Espírito fala de Jerusalém, quer dizer Jerusalém; se quisesse referir-Se à Igreja tê-lo-ia dito. Não nos ocorreria tratar um documento humano respeitável como tratamos o volume inspirado. Aceitamos como certo que um homem sabe não somente o que quer dizer, como diz o que quer dizer; e se é assim a respeito de um pobre falível mortal, quanto mais a respeito do Deus vivo e único sábio, que não pode mentir?

Mas devemos pôr fim ao estudo desta parte do capítulo e deixar que o leitor medite sozinho sobre a ordenação do nazireu, tão cheia de sagrado ensino para o coração. Desejamos que considere, de um modo especial, o fato de o Espírito Santo nos ter dado a exposição completa da lei do nazireado no livro de Números — o livro do deserto. E não somente isto, mas que considere atentamente a própria instituição. Quer procure compreender a razão por que o nazireu não devia beber vinho; por que não devia cortar as suas tranças; e por que não devia tocar um corpo morto. Que medite sobre estas três coisas, e procure recolher a instrução abrangida por elas. Que se interrogue. "Desejo realmente ser um nazireu? — andar no caminho estreito de separação para Deus? E, se é assim, estou pronto a abandonar todas as coisas que tendem a

contaminar, a distrair e impedir os nazireus de Deus? E, por fim, lembre-se de que virá tempo em que "o nazireu pode beber vinho", ou, por outras palavras, em que não haverá necessidade de vigiar contra as diversas formas do mal íntimo ou exterior; tudo será puro; os afetos poderão ter livre curso; as vestes poderão ser envergadas sem cinto ao nosso redor; não haverá mal para termos de nos separar, e portanto não haverá necessidade de separação. Em suma, haverá "novos céus e nova terra, em que habita a justiça". Que Deus, em Sua infinita misericórdia, nos guarde até que venha esse bendito tempo em verdadeira consagração de coração para Si.

#### A Bênção Divina Depende da Ordem no Acampamento

O leitor notará que chegamos aqui ao fim de uma parte muito clara do nosso livro. O acampamento está devidamente arranjado; cada guerreiro ocupa o seu próprio posto (capítulos 1 e 2); cada obreiro está ocupado com o seu próprio trabalho (capítulos 3 e 4); a congregação é purificada da sua contaminação (capítulo 5). Faz-se provisão para o mais elevado caráter de separação para Deus (capítulo 6). Tudo isto está bem especificado. A ordem é notavelmente bela. Temos perante nós não somente um acampamento limpo e bem ordenado, mas também um caráter de consagração a Deus além do qual é impossível chegar, visto que só foi visto em toda a sua integridade na vida de nosso Senhor Jesus Cristo. Chegados, pois, a este ponto culminante, nada restava para o Senhor senão pronunciar a Sua bênção sobre toda a congregação e por consequência encontramos essa bênção no fim do capítulo 6; e, sem dúvida, podemos dizer que é inteiramente real. Leiamos e consideremos.

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala a Arão e a seus filhos, dizendo: Assim abençoareis os filhos de Israel, dizendo- -lhes: O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz. Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei".

Esta abundante bênção corre através do sacerdócio. Arão e seus filhos são encarregados de pronunciar esta maravilhosa bênção. A assembleia de Deus tem de ser abençoada e guardada por Ele continuamente; deve ser sempre

protegida à luz do Seu misericordioso semblante; a sua paz deve correr como um rio; o nome do Senhor deve ser invocado sobre ela; Ele está sempre ali para abençoar.

Que provisão! Oh! se Israel a tivesse usado e vivido no poder dela! Mas não o fizeram. Depressa se desviaram, como veremos. Trocaram a luz do semblante de Deus pelas trevas do Monte Sinai. Abandonaram o terreno da graça e colocaram-se sob a lei. Em vez de estarem satisfeitos com a sua parte no Deus de seus pais, cobiçaram outras coisas (compare-se os Salmos 105 e 106). Em vez da ordem, da pureza e da separação para Deus com que abre o nosso livro, temos a desordem, contaminação e a idolatria.

Mas, bendito seja Deus, aproxima-se o momento em que a magnificente bênção de números 6 terá a sua plena aplicação; quando as doze tribos de Israel forem alinhadas em redor dessa imperecível bandeira, "Javé Samá" — "O Senhor está ali" (Ez 48:35): quando forem purificadas de toda a sua contaminação e consagradas a Deus no poder do verdadeiro nazireado. Estas coisas são apresentadas da maneira mais clara e plena através das páginas dos profetas. Todos estes inspirados testemunhos, sem uma única voz discordante, anunciam o glorioso porvir reservado a Israel; todos assinalam o tempo em que as nuvens carregadas que se têm acumulado e ainda pairam sobre o horizonte da nação serão afugentadas ante os brilhantes raios do "Sol da Justiça"; em que Israel gozará de um dia sem nuvens de bênção e glória, debaixo das videiras e das figueiras dessa mesmíssima terra que Deus deu em possessão eterna a Abraão, Isaque e Jacó.

Se negamos o que antecede poderemos muito bem cercear uma grande parte do Velho Testamento e uma parte não menor do Novo, visto que tanto em um como no outro o Espírito Santo dá claramente e sem equívoco testemunho deste precioso fato, a saber, misericórdia, salvação e bênção para a semente de Jacó. Não hesitamos em declarar a nossa convicção de que ninguém pode na verdade compreender os profetas se não faz caso desta verdade. Existe um brilhante porvir reservado aos amados de Deus, ainda que sejam na atualidade desprezados. Tenhamos cuidado do modo como tratamos deste fato. É uma coisa grave tentar interferir, de qualquer modo que seja, com a verdade e própria aplicação da Palavra de Deus. Se Ele Próprio Se comprometeu a

abençoar a nação de Israel, guardemo-nos cuidadosamente de forçar a corrente de bênção a correr noutra direção. A ingerência nos propósitos de Deus é uma coisa muita séria. Ele tem declarado que é Seu firme propósito dar a terra de Canaã em possessão eterna à semente de Jacó; e se isto for posto em dúvida não vemos como podemos manter a integridade de qualquer parte da Palavra de Deus.

Se nos permitimos proceder levemente com uma grande parte do cânone inspirado — e certamente é leviandade querer desviá-la do seu verdadeiro objetivo — que segurança temos a respeito da aplicação da Escritura em geral? Se Deus não quer dizer exatamente o que diz quando fala de Israel e da Terra de Canaã, como sabemos que Ele quer dizer precisamente o que diz quando fala da Igreja e da sua parte celestial em Cristo?— Se o Judeu for defraudado da sua glória futura, que segurança poderá ter a Igreja da sua?

Prezado leitor, recordemos que "TODAS" (não apenas algumas) "as promessas de Deus são sim e amém em Cristo Jesus". E enquanto nos regozijamos com a aplicação que nos é feita desta preciosa afirmação, não procuremos negar a sua aplicação aos outros. Cremos firmemente que os filhos de Israel gozarão ainda a plenitude de bênção apresentada no parágrafo final de Números 6; e até então a Igreja de Deus é chamada para participar das bênçãos que são especialmente para ela. Ela tem o privilégio de saber que a presença de Deus está continuamente com ela e no meio dela—de habitar na luz do Seu rosto—de beber do rio da paz, de ser abençoada e guardada dia após dia por Aquele que nunca pestaneja nem dorme. Mas não olvidemos, ou, antes, recordemos seriamente e de contínuo que o sentimento prático e o gozo experimental destas imensas bênçãos e privilégios estarão em proporção exata com a medida com que a Igreja procurar manter a ordem, a pureza e a separação do nazireado a que é chamada como habitação de Deus — o corpo de Cristo — a habitação do Espírito Santo.

Que estas coisas penetrem em nossos corações e exerçam a sua influência santificadora sobre toda a nossa vida e o nosso caráter!

## CAPÍTULO 7

### O TABERNÁCULO ESTÁ LEVANTADO

#### As Ofertas dos Príncipes

Esta é a divisão mais extensa de todo o livro de Números. Contém um exposição pormenorizada dos nomes dos príncipes da congregação e de suas respectivas oferendas na ocasião da construção do tabernáculo.

"E aconteceu, no dia em que Moisés acabou de levantar o tabernáculo, e o ungiu, e o santificou, e todos os seus utensílios; e também o altar e todos os seus utensílios, e os ungiu, e os santificou, que os príncipes de Israel, os cabeças da casa de seus pais, os que foram príncipes das tribos, que estavam sobre os que foram contados, ofereceram e trouxeram a sua oferta perante o SENHOR, seis carros cobertos e doze bois; por dois príncipes um carro, e, por cada um, um boi; e os trouxeram diante do tabernáculo.

E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Toma-os deles, e serão para servir no ministério da tenda da congregação; e os darás aos levitas, a cada qual segundo o seu ministério. Assim Moisés tomou os carros e os bois e os deu aos levitas. Dois carros e quatro bois deu aos filhos de Gérson, segundo o seu ministério; e quatro carros e oito bois deu aos filhos de Merari, segundo o seu ministério, debaixo da mão de Itamar, filho de Arão, o sacerdote. Mas aos filhos de Coate nada deu, porquanto a seu cargo estava o santuário, e o levavam aos ombros. E ofereceram os príncipes para a consagração do altar, no dia em que foi ungido; ofereceram, pois, os príncipes a sua oferta perante o altar" (versículos 1-10).

Observamos, no nosso estudo sobre os capítulos 3 e 4, que os filhos de Coate tinham o privilégio de levar tudo que era mais precioso entre os instrumentos e mobiliário do santuário. Por isso não receberam nenhuma das oferendas dos príncipes. O seu serviço elevado e santo consistia em carregar aos ombros e

não usar carros ou bois. Quanto mais atentamente examinamos as coisas que estavam confiadas à guarda e encargo dos coatitas, tanto mais veremos que apresentam, em figura, as manifestações mais profundas e plenas de Deus em Cristo. Os gersonitas e os meraritas, pelo contrário, tinham que atender às coisas que eram mais exteriores. O seu trabalho era mais duro e arriscado, e portanto estavam providos dos recursos que a liberalidade dos príncipes pôs à sua disposição. O coatita não tinha necessidade de um carro ou de um boi no seu elevado serviço. Devia transportar sobre os ombros a sua preciosa carga mística.

#### A Consagração do Altar: A Oferta de cada Príncipe em seu Dia

"E ofereceram os príncipes para a consagração do altar, no dia em que foi ungido; ofereceram, pois, os príncipes a sua oferta perante o altar. E disse o SENHOR a Moisés: Cada príncipe oferecerá a sua oferta (cada qual em seu dia) para a consagração do altar" (versículos 10-11).

O leitor pouco espiritual, percorrendo com os seus olhos este longo capítulo, podia sentir-se disposto a perguntar por que, num documento inspirado, o que podia dizer-se em meia dúzia de linhas ocupa tanto espaço. Se um homem tivesse de dar a conta dos negócios desses doze dias, tê-la-ia, muito provavelmente, resumido em uma só declaração, dizendo-nos que os doze príncipes ofereceram cada um tais e quais coisas.

Mas isso não teria de modo algum agrado à mente divina. Os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, nem os Seus caminhos os nossos caminhos.

O Senhor não podia dar-Se por satisfeito senão com a informação mais completa e pormenorizada do nome de cada príncipe, da tribo que representava e da oferta que fazia ao santuário de Deus. Daí este longo capítulo de oitenta e nove versículos.

Cada nome brilha com a sua própria distinção. Cada oferta é descrita minuciosamente e devidamente apreciada. Os nomes e as ofertas não são confusamente misturados. Isto não corresponderia ao carácter do nosso Deus; e Ele só pode atuar e falar segundo o que e, em tudo que faz e tudo que diz. O homem pode passar rapidamente e com descuido sobre os dons e as

oferendas, mas Deus não pode assim fazer e nunca o faz, e não o quer nunca. Deleita-Se em inscrever todo o pequeno serviço e todo o pequeno dom. Nunca esquece a mais pequena coisa; e não só não as esquece como toma o cuidado especial em que o seu registro seja lido por um número infinito de indivíduos. Quão longe estavam esses doze príncipes de imaginar que os seus nomes e as suas ofertas seriam transmitidos de século para século para serem lidos por incontáveis gerações! E contudo assim sucedeu, porque Deus assim o quis. Preocupa-Se com o que poderia parecer à nossa vista fastidioso pormenor; sim, se quiserem, preocupa-se com o que o homem podia julgar repetição enfadonha da mesma coisa, a omitir o nome de um só dos Seus ou uma simples particularidade do seu trabalho.

Um Ensino Prático (semelhante ao de 2 Sm 23 e Rm 16)

Assim, no capítulo que temos diante de nós, "cada príncipe" tinha "o seu dia" determinado para fazer a sua oferta, e o seu próprio espaço nas páginas eternas de inspiração em que o mais completo registro dos seus dons é feito por Deus o Espírito Santo.

Isto é divino. E não podemos dizer que este sétimo capítulo de Números é um espécime dessas páginas do livro da eternidade em que o dedo de Deus tem gravado os nomes dos Seus servos e feito o registro da sua obra. Creemos que é, e se o leitor se voltar para o capítulo vigésimo - terceiro do segundo livro de Samuel e o décimo sexto da epístola aos Romanos, encontrará duas páginas semelhantes a esta. Na primeira, temos os nomes e os feitos dos dignitários de Davi; na última os nomes e os feitos dos amigos de Paulo em Roma. Em ambas vemos uma ilustração daquilo que, estamos persuadidos, é verdadeiro a respeito de todos os santos de Deus e dos servos de Cristo desde o princípio ao fim.

Cada um tem o seu lugar especial na lista, e cada um ocupa o seu lugar no coração do Mestre; e todos serão em breve manifestados. Entre os valentes de Davi, temos "os três primeiros", "os três" e "os trinta". Nenhum dos "trinta" obteve jamais um lugar entre "os três"; nem tampouco um dos "três" conseguiu chegar aos "três primeiros".

Mas isto não é tudo. Cada ato é fielmente descrito; e o feito e a maneira como foi levado a cabo é esmeradamente posto diante de nós. Temos o nome do homem, o que ele fez e como o fez. Tudo está registrado cuidadosa e minuciosamente pela pena imparcial e infalível do Espírito Santo.

Assim também quando nos voltamos para o exemplo notável que nos é apresentado em Romanos 16, temos tudo que diz respeito a Febe, o que ela era e o que fez, e que sólido fundamento ela tinha para firmar os seus direitos à simpatia e socorro da assembleia em Roma. Depois temos Priscila e Áquila — a mulher é mencionada primeiro—e como eles tinham expostos as suas cabeças pela vida do apóstolo, merecendo o seu agradecimento e de todas as igrejas dos gentios. Em seguida temos o "amado Epêneto"; e "Maria" que prestou não apenas trabalho mas "trabalhou muito" pelo apóstolo. Não teria sido falar segundo o pensamento do Espírito ou o coração de Cristo dizer apenas que Epêneto era "amado" ou que Maria havia rendido "trabalho". Não; os dois vocábulos "bem" e "muito" eram necessários a fim de mostrar o estado exato de cada um.

Mas não nos devemos alargar mais sobre este assunto, e somente chamaremos a atenção do leitor para o versículo 12. Por que razão não coloca o escritor inspirado "Trifena e Trifosa" e "a amada Pérside" sob o mesmo título?— Por que não os qualifica na mesma posição? A razão é extremamente bela; porque ele não só podia dizer das duas primeiras que trabalhavam no Senhor, enquanto que era preciso acrescentar à última que "trabalhou muito no Senhor". Pode haver alguma coisa mais clara?— São "os três" — "os primeiros três" — e os "trinta" ainda uma vez. Não há jogo confuso de nomes e serviços; nenhuma precipitação; nenhum engano. Diz-se o que cada um era e o que fez. Cada qual ocupa o seu lugar e recebe a sua recompensa em louvores.

E isto, note-se, é uma página exemplar do livro da eternidade. Quão solene é tudo! E contudo quão animador! Não existe um só ato de serviço que fazemos ao Senhor que não seja escrito no Seu livro; e não apenas a substância do ato, mas também a maneira como é feito, porque Deus aprecia a execução tão bem como nós. Ama ao que dá com alegria e um obreiro jubiloso, porque isso é precisamente o que Ele próprio é. Era agradável para o Seu coração ver a onda de liberalidade dos representantes das doze tribos correndo em relação com o

Seu santuário. Era grato ao Seu coração anotar os feitos dos dignitários de David nos dias da Sua rejeição. Era agradável ao Seu coração seguir o caminho de devoção das Priscilas, as Aquilas e as Febes dos últimos dias. E podemos acrescentar que é grato ao Seu coração, nestes dias de tanta indiferença e insípida profissão, ver, por aqui e por ali, um coração que ama verdadeiramente e Cristo a um obreiro consagrado na Sua vinha.

Que o Espírito de Deus excite os nossos corações a uma dedicação mais completa! Que o amor de Cristo nos constranja, mais e mais, a viver, não para nós próprios, mas para Aquele que nos amou e nos lavou dos nossos pecados escarlates em Seu precioso sangue e fez de nós tudo que somos ou que esperamos vir a ser.

## CAPÍTULO 8

### AS SETE LÂMPADAS ALUMIARÃO O ESPAÇO EM FRENTE DO CANDEEIRO

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala a Arão e dize-lhe: Quando acenderes as lâmpadas, defronte do candeeiro alumiarão as sete lâmpadas. E Arão fez assim; defronte da face do candeeiro acendeu as suas lâmpadas, como o SENHOR ordenara a Moisés. E era esta obra do candeeiro de ouro batido; desde o pé até às suas flores era batido; conforme o modelo que o SENHOR mostrara a Moisés, assim ele fez o candeeiro" (versículos 1-4).

Lendo este parágrafo, duas coisas chamam a atenção do leitor, a saber, primeiro, a posição que ocupa o símbolo do candeeiro, segundo, a instrução que o símbolo nos dá.

É notável que o candeeiro seja a única parte do mobiliário do tabernáculo aqui mencionado. Nada é dito sobre o altar de ouro, nada acerca da mesa de ouro. Só o candeeiro está diante de nós, não com a sua cobertura de azul e peles de texugos, como em capítulo 4, onde, como tudo mais, é visto como a sua cobertura de transporte. Aqui vêmo-lo aceso, e não coberto. Menciona-se entre as ofertas dos príncipes e a consagração dos levitas e esparge a sua luz mística conforme o mandamento do Senhor.

A luz não pode dispensar-se no deserto e portanto o candeeiro de ouro tende ser despojado da sua cobertura para brilhar em testemunho de Deus, o qual, recorde-se, é o grande objeto de tudo, quer seja na oferta da nossa substância, como no caso dos príncipes, quer na dedicação das nossas pessoas, como no caso dos levitas. É só à luz do santuário que o verdadeiro valor de qualquer coisa ou de alguém pode ser visto.

Por isso a ordem moral de toda esta parte do livro é notável e bela; em boa verdade e divinamente perfeita. Havendo lido, em capítulo 7, a narração completa da liberalidade dos príncipes, nós, em nossa sabedoria, poderíamos supor que se seguiria por ordem a consagração dos levitas, mostrando assim, em relação ininterrupta, "as nossas pessoas e ofertas", mas não. O Espírito de Deus faz intervir a luz do santuário a fim de podermos discernir nela o verdadeiro objetivo de toda a liberalidade e de todo o serviço no deserto.

Não há nisto uma utilidade moralmente bela?- Poderá algum leitor espiritual deixar de vê-la? Por que motivo não está aqui o altar de ouro com a sua nuvem de incenso? Porque não vemos aqui a mesa pura com os seus doze pães?- Porque nem o altar nem a mesa teria a menor relação moral com os acontecimentos antecedentes ou que se seguem; contudo o candeeiro de ouro está relacionado com todos, visto que nos ensina que toda a liberalidade e todo o trabalho têm de ser considerados à luz do santuário, a fim de se lhes poder atribuir o seu valor real. Isto é uma grande lição para o deserto, e é ensinada aqui de uma forma tão perfeita quanto um símbolo nos pode ensinar.

Nas nossas considerações sobre o livro de Números, acabamos de ler a descrição da liberalidade devocional dos principais chefes da congregação por ocasião da dedicação do altar; e estamos prestes a ler a narração da consagração dos levitas; mas o escritor inspirado detém-se, entre estes dois relatos, a fim de permitir que a luz do santuário brilhe sobre eles.

Isto é ordem divina. E, tomamos a liberdade de dizer, uma das inúmeras ilustrações que se acham espalhadas à superfície da Escritura, e tem por fim demonstrar a perfeição divina do volume, no seu conjunto, e de cada livro, cada parte e cada um dos seus parágrafos. Sentimos prazer, muitíssimo prazer, em poder indicar estas preciosas ilustrações ao leitor à medida que passamos por elas em sua companhia. Julgamos prestar-lhe com isto um bom serviço; e, ao mesmo tempo, pagamos o nosso humilde tributo de louvor a este precioso livro que o nosso Pai graciosamente escreveu par nós. Bem sabemos que esse livro não necessita do nosso pobre testemunho nem do testemunho de nenhuma pena ou língua mortal.

Contudo, é com alegria que rendemos o nosso testemunho ante ataques inúmeros mas inúteis do inimigo contra a sua inspiração. A verdadeira origem e

o caráter de tais ataques tornar-se-ão mais claros à medida que adquirimos um conhecimento mais profundo, mais vivo e mais experimental das infinitas profundidades e das divinas perfeições do volume. E por isso a evidência interna da Sagrada Escritura—o seu efeito poderoso sobre nós próprios, nada menos que as suas glórias morais intrínsecas — a sua faculdade de julgar as próprias raízes do caráter e da conduta, e a sua admirável estrutura, em todas as suas partes, são os mais poderosos argumentos em defesa da sua divindade. Um livro que me mostra o que eu sou — que me diz tudo que há em meu coração — que põe a descoberto as origens morais ocultas da minha natureza—que me julga completamente, e ao mesmo tempo me revela Aquele que supre todas as minhas necessidades—um tal livro leva consigo as suas próprias credenciais. Não pede e não precisa de cartas de recomendação do homem. Não tem necessidade do seu favor, nem teme a sua ira.

Lembro-me muitas vezes de que se tivéssemos de arguir acerca da Bíblia como a mulher de Sicar discorreu acerca do Senhor, chegaríamos a uma conclusão tão correta a seu respeito como aquela que ela tirou a respeito d'Ele: "Vinde", disse essa simples e feliz mulher, "vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito: porventura não é este o Cristo?" Não poderemos nós dizer, como igual força: "Vinde, vede um livro que me disse tudo quanto tenho feito: porventura não é este a Palavra de Deus?" Sim, na verdade; e não somente isto, mas podemos argumentar, à fortiori, porquanto o livro de Deus não somente nos diz tudo quanto temos feito mas tudo que pensamos, e tudo que dizemos e tudo que somos. Veja-se Romanos 3:10-18; Mateus 15:19.

Mas será que desprezamos as provas externas?- Longe disso. Alegramo-nos nelas. Apreciamos todo o argumento e toda a prova que têm por fim fortalecer a base da confiança do coração na inspiração divina da Escritura Sagrada; e, decerto, temos abundância de tais argumentos e provas. A história do próprio livro, com todos os seus fatos surpreendentes, dá-nos abundância de evidência. A história da sua composição; a história da sua preservação; a história da sua tradução de língua para língua; a história da sua circulação por toda a superfície da terra — em suma, toda a sua história "superior à fábula e todavia verdadeira" forma um poderoso argumento em defesa da sua origem divina. Pensemos, por exemplo, nesse fato de grande interesse, isto é: a sua conservação durante

mais de mil anos nas mãos daqueles que de boa vontade a teriam deitado, se pudessem, ao eterno esquecimento. Isto não é um fato eloquente? Com certeza; e há muitos fatos destes na história maravilhosa deste incomparável e inestimável Livro.

Porém, depois de termos marcado uma margem bastante extensa para nela incluímos o valor das provas externas, voltamos com decisão inabalável à nossa afirmação de que as provas internas—as provas que devem ser tiradas do próprio livro—constituem uma defesa tão poderosa quanto é possível erigir para reter a onda da oposição infiel e céptica.

Contudo, não prosseguiremos esta linha de pensamento a que fomos levados ao contemplar a notável posição assinalada ao candeeiro de ouro no livro de Números. Fomos constrangidos a dar o nosso depoimento da nossa preciosa Bíblia, e depois disso voltamos ao nosso capítulo para tirar o ensino que encerra o primeiro parágrafo.

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala a Arão e dize-lhe: Quando acenderes as lâmpadas, defronte do candeeiro alumiarão as sete lâmpadas." Estas sete lâmpadas representam a luz do Espírito em testemunho. Estavam ligadas com a barra de ouro batido do castiçal, a qual simboliza Cristo, que, em Sua própria pessoa e obra, é o fundamento da obra do Espírito na Igreja. Tudo depende de Cristo. Cada raio de luz na Igreja, no crente, individualmente, ou, dentro em pouco, em Israel, emana de Cristo.

Mas isto não é tudo que o símbolo nos ensina. "Defronte do candeeiro alumiarão as sete lâmpadas." Se quiséssemos revestir esta figura em linguagem do Novo Testamento, citaríamos as palavras do Senhor quando nos diz: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5:16). Onde quer que a luz do Espírito resplandece dará sempre um testemunho claro a Cristo. Não chamará a atenção para si mesma, mas sim para Ele; e este é o meio de glorificar a Deus. "Defronte do candeeiro alumiarão as sete lâmpadas."

A Luz de Cristo Brilha por Intermédio dos Seus

Isto é uma grande verdade prática para todos os cristãos. A mais bela prova que pode dar-se de um verdadeiro trabalho espiritual é que ele tem por fim exaltar Cristo. Caso se procure chamar a atenção para o trabalho ou para o obreiro, a luz tem-se, então, tornado pálida, e o Ministro do santuário tem de usar os espevitadores. Era encargo de Arão acender as lâmpadas; e era ele também quem as espevitava. Por outras palavras, a luz que, como cristãos, temos a responsabilidade de dar não só está fundada em Cristo como é mantida por Ele, de momento a momento durante toda a noite. Sem Ele nada podemos fazer. A barra de ouro sustinha as lâmpadas; a mão sacerdotal fornecia o azeite e aplicava os espevitadores. É tudo em Cristo, de Cristo e por Cristo. E mais, é tudo para Cristo. Onde quer que a luz do Espírito — a verdadeira luz do santuário — tem brilhado, no deserto deste mundo, o objetivo dessa luz tem sido exaltar o nome de Jesus.

Tudo aquilo que tem sido feito pelo Espírito Santo, tudo aquilo que tem sido dito, qualquer coisa que tem sido escrita, tem tido por fim a glória deste bendito Senhor. E podemos dizer com confiança que tudo aquilo que não tem essa tendência—esse alvo—não é do Espírito Santo. Pode haver muito trabalho feito, muitos resultados aparentemente alcançados, uma boa quantidade de coisas próprias para atrair a atenção humana, e provocar os aplausos do homem, e contudo não haver um simples raio de luz do candeeiro de ouro. E por quê? Porque a atenção é chamada para o trabalho ou para os que estão ocupados nele. O homem e os seus feitos são exaltados em vez de Cristo. A luz não tem sido produzida pelo azeite provido pela mão do grande Sumo Sacerdote; e, como consequência, é uma luz falsa. É uma luz que não brilha defronte do candeeiro, mas defronte do nome e dos atos de qualquer pobre mortal.

Tudo isto é muito solene e requer a nossa maior atenção. Existe sempre o maior perigo quando um homem ou o seu trabalho se torna notável. Pode estar certo de que Satanás está alcançando o seu objetivo quando a atenção é atraída para qualquer coisa ou alguém que não seja o Senhor Jesus Mesmo.

Uma obra de ser começada com a maior simplicidade possível, mas por falta de santa vigilância e espiritualidade por parte do obreiro a atenção geral pode ser atraída sobre ele próprio ou sobre os resultados da sua obra, e cair nas ciladas

do diabo. O grande e incessante objetivo de Satanás é desonrar o Senhor Jesus, e se pode conseguir isto por meio do que tem a aparência de um serviço cristão, obtém de momento uma grande vitória. Satanás não tem objeção a fazer a uma tal obra, desde que possa desligá-la do nome de Jesus. Unir-se-á, se puder, com o trabalho; apresentar-se-á entre os servos de Cristo, assim como uma vez se apresentou entre os filhos de Deus; porém o seu objetivo é sempre o mesmo, a saber, desonrar o Senhor. Permitiu à donzela de Atos 16 dar testemunho dos servos de Cristo, dizendo: "Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo". Mas isto era feito só com vista a seduzir esses servos e manchar o seu trabalho. Foi derrotado, contudo, porque a luz que emanava de Paulo e Silas era a luz genuína do santuário e brilhava somente para Cristo. Eles não buscavam um nome para si próprios; e, visto que era deles e não do seu Mestre que a donzela dava testemunho, eles rejeitaram o testemunho e preferiram sofrer por amor do Seu Mestre a ser exaltados à Sua custa.

Isto é um bom exemplo para todos os obreiros do Senhor. E se voltarmos, por um instante, para Atos 3, encontraremos outra ilustração muito notável. Ali a luz do santuário brilhou na cura do homem coxo, e quando a atenção foi atraída para os obreiros, apesar de eles não a terem procurado, vemos que Pedro e João se retiram imediatamente para trás do seu glorioso Mestre com santo ciúme por Ele e atribuem-Lhe toda a glória.

"E, apegando-se ele a Pedro e a João, todo o povo correu atônito para junto deles no alpendre chamado de Salomão. E, quando Pedro viu isto, disse ao povo: Varões israelitas, por que vos maravilhais disto?-Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar o este homem? O Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Filho JESUS" (versículos 11-13).

Aqui temos, em boa verdade, "As sete lâmpadas alumando defronte do candeeiro"; ou, por outras palavras, a sétupla ou perfeita manifestação da luz do Espírito em claro testemunho ao nome de Jesus. "Porque", disseram estes fiéis portadores da luz do Espírito, "olhais tanto para nós?" Não houve necessidade dos espevitadores aqui! A luz era clara. Era, sem dúvida, uma ocasião de que os apóstolos podiam ter-se aproveitado, se estivessem dispostos para isso. Era

uma ocasião em que podiam rodear os seus nomes com uma auréola de glória. Podiam ter-se elevado ao pináculo da fama e atraído sobre si o respeito e a veneração de milhares de pessoas maravilhadas ou em própria adoração.

Mas se assim tivessem feito, teriam defraudado o seu Mestre, corrompido o testemunho, contristado o Espírito Santo e atraído sobre si juízo d'Aquele que não dará a Sua glória a outro.

Mas não; as sete lâmpadas brilhavam vivamente em Jerusalém neste interessante momento. O verdadeiro castiçal estava no alpendre de Salomão e não no templo. Pelo menos as sete lâmpadas estavam ali e cumpriam ditosamente a sua obra. Esses honrados servos não buscavam glória para si; pelo contrário, empregavam imediatamente toda a sua energia para desviar de si os olhares de assombro da multidão e os fixarem n Aquele que só é digno deles e que, embora tivesse penetrado nos céus, estava, todavia, trabalhando na terra por intermédio do Seu Espírito.

Muitos outros exemplos podiam tirar-se das páginas dos Atos dos Apóstolos; mas os que acabamos de ver bastarão para gravar em nossos corações a grande lição prática que nos ensina o candeeiro de ouro com as suas sete lâmpadas. Sentimos profundamente a necessidade desta lição neste próprio momento. Existe sempre o perigo de o trabalho e o obreiro se tornarem o objetivo em vez do Mestre. Estejamos de prevenção contra isto. É um grande mal, que contrista o Espírito Santo, cujo labor tem sempre por fim exaltar o nome de Jesus: é ofensivo para o Pai, que quer sempre fazer soar aos nossos ouvidos e chegar ao mais profundo dos nossos corações estas palavras procedentes do céu aberto e ouvidas no monte da transfiguração: "Este é o meu amado Filho, em quem me comprazo; escutai-o" (Mt 17:5). Está em direta e positiva oposição com o pensamento do céu, onde todos os olhos estão postos em Jesus, cada coração ocupado com Jesus, e onde o único brado eterno, universal e unânime será "Digno és".

Pensemos em tudo isto—pensemos profunda e habitualmente — a fim de os abstermos de tudo quanto se aproxima ou se parece com a exaltação do homem — do ego — das nossas palavras e dos nossos pensamentos. Busquemos com mais ardor a senda tranquila, sombria e discreta em que o Espírito do manso e humilde Jesus nos guiará sempre na conduta e no serviço.

Numa palavra, que possamos estar de tal forma em Cristo, receber d'Ele, dia a dia e momento após momento, o azeite puro, que os nossos corações brilhem, sem pensarmos nisso, para louvor d'Aquele em quem somente temos TUDO e sem o qual NADA absolutamente podemos fazer.

Os versículos finais do oitavo capítulo de Números contêm a descrição do cerimonial em conexão com a consagração dos levitas, a que já nos referimos nas nossas notas sobre os capítulos 3 e 4.

## CAPÍTULO 9

### A PÁSCOA CELEBRADA NO DESERTO

"E falou o SENHOR a Moisés, no deserto de Sinai, no ano segundo da sua saída da terra do Egito, no primeiro mês, dizendo: Que os filhos de Israel celebrem a Páscoa a seu tempo determinado. No dia catorze deste mês, pela tarde, a seu tempo determinado a celebrareis; segundo todos os seus estatutos e segundo os seus ritos, a celebrareis. Disse, pois, Moisés aos filhos de Israel que celebrassem a Páscoa. Então, celebraram a Páscoa no dia catorze do

primeiro mês, pela tarde, no deserto de Sinai; conforme tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés, assim fizeram os filhos de Israel" (versículos 1-5).

Existem três posições distintas em que vemos celebrada esta grande festa de redenção, a saber, no Egito (Êxodo 12); no deserto (Números 9); na terra de Canaã (Josué 5). A redenção encontra-se à base de tudo que se relaciona com a história do povo de Deus. Devem ser libertados da escravidão, da morte e das trevas do Egito? É por meio da redenção. Devem ser suportados através de todas as dificuldades e perigos do deserto? E sobre a base da redenção. Devem marchar através das ruínas dos muros ameaçadores de Jericó e pôr os pés sobre o pescoço dos reis de Canaã? É em virtude da redenção.

Assim o sangue do cordeiro da páscoa encontrou o Israel de Deus no meio da profunda degradação da terra do Egito, e libertou-os dela. Encontrou-os no deserto fatigante e levou-os através dele. Encontrou-os à sua entrada da terra de Canaã e estabeleceu-os nela.

Em suma, o sangue do cordeiro encontrou o povo no Egito; acompanhou-o pelo deserto; e estabeleceu-os em Canaã. Era a base bendita de todos os atos divinos neles, com eles e por eles. Era uma questão de juízo de Deus sobre o Egito? O sangue do cordeiro punha-os a coberto desse juízo. Tratava-se das inúmeras e indescritíveis necessidades do deserto? O sangue do cordeiro garantia-lhes provisões abundantes. Tratava-se da questão do poder terrível de sete nações de Canaã? O sangue do cordeiro era a garantia de uma vitória completa e gloriosa. Desde o momento em que vemos o Senhor sair para atuar a favor do Seu povo com base no sangue do cordeiro tudo está infalivelmente garantido desde princípio ao fim. Toda essa misteriosa e maravilhosa jornada, desde os fornos de tijolo às colinas cobertas de vinhedos e planícies melífluas da Palestina, serviu apenas para ilustrar e mostrar as diversas virtudes do sangue do cordeiro.

### Casos Particulares

Contudo, o capítulo que agora temos aberto diante de nós apresenta-nos a páscoa inteiramente do ponto de vista do deserto; e explicará ao leitor porque se faz menção da seguinte circunstância: "E houve alguns que estavam imundos pelo corpo de um homem morto; e no mesmo dia não podiam celebrar

a Páscoa; pelo que se chegaram perante Moisés e perante Arão aquele mesmo dia."

Aqui estava uma dificuldade prática — algo anormal, como diríamos —, alguma coisa imprevista e portanto a questão foi submetida a Moisés e Arão. "Chegaram-se perante Moisés" — o expoente dos direitos de Deus —; e "se chegaram perante Arão" — o expoente dos recursos da graça de Deus. Parece haver algo de distinto e enfático na maneira como se faz alusão a estes dois funcionários. Os dois elementos dos quais eles são a expressão parecem ser essenciais para a solução de uma dificuldade como aquela que se apresenta aqui.

"E aqueles homens disseram-lhe: Imundos estamos nós pelo corpo de um homem morto; por que seríamos privados de oferecer a oferta do SENHOR a seu tempo determinado no meio dos filhos de Israel?" Fez-se sinceramente confissão da contaminação, e a questão que se apresentava era esta: deviam ser privados do santo privilégio de comparecer ante o Senhor como Ele ordenara? Não havia recurso para tal caso?—

Uma questão extremamente interessante, sem dúvida, mas para a qual não havia ainda sido encontrada resposta. Não temos um tal caso previsto na instituição em Êxodo 12, apesar de encontrarmos nela uma exposição completa de todos os ritos e cerimônias da festa. Estava reservado ao deserto desenvolver este novo ponto. Era da marcha atual do povo — nos pormenores verdadeiros na vida do deserto — que se apresentava a dificuldade para a qual tinha de se encontrar uma solução. Por isso, o relato de toda a questão é feito muito a propósito no livro de Números, o livro do deserto.

"E disse-lhes Moisés: Esperai, e ouvirei o que o SENHOR VOS ordenará." Bela atitude! Moisés não tinha resposta para dar; mas sabia quem a tinha e dirigiu-se a Ele. Isto era a coisa melhor e mais prudente que Moisés podia fazer. Não teve a pretensão de poder dar uma resposta. Não se envergonhou de dizer, "não sei".

Com toda a sua sabedoria e conhecimentos, não hesitou em mostrar a sua ignorância. Isto é verdadeira sabedoria—verdadeiro conhecimento. Poderia parecer humilhante para um homem na posição de Moisés parecer ignorante aos olhos da congregação ou qualquer dos seus membros, sobre qualquer

assunto. Aquele que tinha tirado o povo do Egito, que o havia conduzido através do Mar Vermelho, que havia conversado com o Senhor e recebido a sua missão do grande "Eu sou", seria possível que fosse incapaz de responder a uma dificuldade originada por um caso tão simples como aquele que estava agora perante si?- Era realmente verdade que uma pessoa como Moisés ignorava o justo caminho a seguir a respeito de homens que estavam contaminados por um corpo mortos?

Quão poucos há que, apesar de não ocuparem uma posição tão elevada como Moisés, não teriam procurado dar uma resposta qualquer a uma tal questão! Mas Moisés era o homem mais manso de toda a terra. Não podia ter a presunção de falar quando nada tinha para dizer. Oh! se nós seguíssemos mais fielmente o seu exemplo neste assunto! Evitaríamos muitas tristes figuras, muitos disparates, e esforços inúteis. Além disso isto far-nos-ia mais verdadeiros, mais simples e mais naturais. Somos por vezes bastante insensatos Para termos vergonha de parecer ignorantes. Levianamente imaginamos que a nossa reputação de sabedoria e inteligência é afetada quando pronunciamos essas palavras tão expressivas de uma verdadeira grandeza moral, "Não sei".

É um grande erro. Damos sempre muito mais importância às palavras de um homem que não tem pretensões a um conhecimento que não possui. Mas não estamos dispostos a escutar um homem que está sempre pronto a falar com frívola confiança de si mesmo. Oh! Andemos sempre no espírito destas palavras agradáveis: "Esperai, e ouvirei o que o SENHOR vos ordenará."

"Então falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Quando alguém entre vós ou entre as vossas gerações for imundo por corpo morto, ou se achar em jornada longe de vós, contudo, ainda celebrará a Páscoa ao SENHOR. No segundo mês, no dia catorze, de tarde, a celebrarão: Com pães asmos e ervas amargas a comerão."

Na páscoa são apresentadas duas grandes verdades fundamentais, a saber: a redenção e a unidade do povo de Deus. Estas verdades são imutáveis. Nada poderá destruí-las. Pode haver fraquezas e infidelidade de diversas formas, mas essas gloriosas verdades de eterna redenção e perfeita unidade do povo de Deus permanecem em toda a sua força e poder. Por isso essa ordenação,

que tão vivamente simboliza essas verdades, era de obrigação perpétua. As circunstâncias não deviam impedir o seu cumprimento. A morte ou a distância não deviam interrompê-la. "Quando alguém entre vós ou entre as vossa gerações for imundo por corpo morto, ou se achar em jornada longe de vós, contudo, ainda celebrará e páscoa ao SENHOR."

Celebrar a festa era tão impressivo para cada membro da congregação que em Números 9 se toma uma medida especial para aqueles que não estavam em condições de a celebrar segundo a ordem prescrita. Essas pessoas deviam celebrá-la no "dia catorze do segundo mês". A graça provia a todos os casos de contaminação evitável ou de ausência.

Se o leitor se voltar par o segundo livro de Crônicas 30, verá que Ezequias e a congregação em seus dias se aproveitaram deste gracioso recurso. "E ajuntou-se em Jerusalém muito povo para celebrar a Festa dos Pães Asmos, no segundo mês; uma mui grande congregação... então, sacrificaram a Páscoa no dia décimo-quarto do segundo mês" (versículos 13-15).

A graça de Deus pode valer-nos na nossa maior fraqueza, contanto que a sintamos e confessemos (1). Mas que esta verdade tão preciosa não nos leve a tratar levianamente o pecado ou contaminação. Embora a graça permitisse o segundo mês em vez do primeiro não permitia, por esse motivo, o menor relaxamento quanto aos ritos e cerimônias da festa. Os "pães asmos e ervas amargas" deviam ter sempre o seu lugar; nada do sacrifício devia guardar-se até o dia seguinte, e nenhum osso devia ser quebrado. Deus não pode consentir que o padrão da verdade ou santidade seja rebaixado. O homem por causa de fraqueza, faltas ou o poder das circunstâncias, podia estar atrasado, mas não podia faltar ao padrão. A graça permitia aquela falta; a santidade proibia esta; e se alguém tivesse suposto que, devido à graça, podia passar sem a santidade, teria sido cortado da congregação.

---

(1) O leitor notará com muito interesse e proveito o contraste entre o ato de Ezequias em 2 Crônicas 30 e o ato de Jeroboão em 1 Reis 12:32. O primeiro aproveitou-se da provisão da graça divina, o último seguiu o seu próprio estratagema. O segundo mês era permitido por Deus: o oitavo mês foi

inventado pelo homem. A provisão divina suprindo as necessidades do homem e as invenções do homem opondo-se à Palavra de Deus, são coisas totalmente diferentes.

Isto não nos diz nada? Certamente que sim. Ao passarmos as páginas destes maravilhoso livro de Números, devemos lembrar sempre que as coisas que aconteceram a Israel são figuras para nós, e que é, ao mesmo tempo, o nosso dever e privilégio estudar estas figuras e procurar compreender as santas lições que estão destinadas por Deus a proporcionar-nos.

Que devemos então aprender com os regulamentos relativos à páscoa no segundo mês?- Por que se ordenava especialmente a Israel não omitir nenhum rito ou cerimônia nessa ocasião especial? Por que é que neste capítulo nono de Números as instruções para o segundo mês são muito mais pormenorizadas do que as que correspondem ao primeiro? Não é porque a ordenação fosse mais importante num caso do que no outro, porque a sua importância, no juízo de Deus, era sempre a mesma. Não é tampouco porque houvesse uma sombra de diferença na ordem, em ambos os casos, porque essa era também a mesma.

Contudo, o leitor que medita sobre este capítulo fica surpreendido com o fato de termos simplesmente, quando se menciona a celebração da páscoa no primeiro mês, "segundo todos os seus estatutos e segundo todos os seus ritos a celebrareis". Mas, por outro lado, quando se trata do segundo mês, temos uma relação pormenorizada do que eram esses ritos e estatutos. "Com pães asmos e ervas amargas a comerão. Dela nada deixarão até à manhã, e dela não quebrarão osso algum; segundo todo o estatuto da páscoa a celebrarão" (compare-se versículo 3 com os versículos 11-12).

#### Ensinamentos Práticos

O que é, perguntamos, que este simples fato nos ensina? Cremos que nos ensina claramente que não devemos nunca rebaixar o padrão nas coisas de Deus por causa das faltas e fraquezas do povo de Deus; mas, pelo contrário, ter cuidado especial em manter o padrão em toda a sua integridade divina. Sem dúvida, deve haver o sentimento profundo do fracasso—quanto mais profundo tanto melhor; mas a verdade de Deus não pode ser sacrificada. Podemos contar

sempre, com confiança, com os recursos da graça divina, enquanto procuramos manter, com decisão inquebrantável, o padrão da verdade divina.

Procuraremos reter sempre isto nos pensamentos dos nossos corações. Corremos o perigo, por um lado, de esquecer que o fracasso é um fato—sim, grande fracasso, infidelidade e pecado. E, por outro lado, corremos o risco de esquecer, em vista desse fracasso, a fidelidade infalível de Deus, apesar de tudo. A Igreja professante tem falhado, e tornou-se uma autêntica ruína; e não só isso, mas nós próprios falhamos individualmente e temos contribuído para a ruína. Devemos sentir tudo isto — senti-lo profunda e constantemente. Devemos ter sempre presente em nossos espíritos perante Deus o sentimento íntimo e humilhante da maneira triste e vergonhosa como nos temos conduzido na casa de Deus. Olvidar o fato que temos falhado seria aumentar grandemente as nossas faltas. O que nos convém é profunda humildade e um espírito deveras quebrantado ao recordar tudo isto; e estes sentimentos e exercícios se revelarão necessariamente por uma conduta humilde no meio da cena em vivemos.

"Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade" (2 Tm 2:19). Aqui está o recurso dos fiéis, em face da ruína da cristandade. Deus nunca falta, nunca muda, e nós apenas temos de nos separar da iniquidade e apoiarmo-nos n'Ele. Devemos fazer o que é reto, e segui-lo diligentemente, e deixar as consequências ao Seu cuidado.

Pedimos sinceramente ao leitor que preste toda a sua atenção aos pensamentos precedentes. Desejamos que se detenha uns momentos e que, no espírito de oração, considere todo este assunto. Estamos convencidos de que a questão propriamente considerada, dos dois lados, ajudar-nos-á a encontrar o nosso caminho por entre as ruínas que nos cercam. A recordação da condição da Igreja e da nossa própria infidelidade nos manterá humildes; enquanto que, ao mesmo tempo, a compreensão da regra invariável de Deus nos separará do mal que nos rodeia e nos guardará firmes no caminho da separação. As duas coisas juntas nos preservarão eficazmente de uma vã pretensão, por um lado, e do relaxamento e indiferença, por outro. Devemos ter

sempre ante as nossas almas o fato humilhante de que temos fracassado, falhado, e contudo manter a grande verdade que Deus é fiel.

Estas são por excelência as lições do deserto—lições para os dias atuais — lições para nós. São sugeridas forçosamente pelo relato inspirado da páscoa no mês segundo — um relato particular do livro de Números — o grande livro do deserto. É no deserto que o fracasso humano claramente se manifesta; e no deserto são manifestados os infinitos recursos da graça divina. Mas repetimos mais uma vez a afirmação — e que ela seja profunda e largamente gravada em nossos corações — as mais ricas provisões da graça e da misericórdia divina não dão o menor motivo para baixar o padrão da verdade divina.

Se alguém tivesse alegado contaminação ou distância como desculpa para não celebrar a páscoa ou para a celebrar de modo diferente do ordenado por Deus, teria sido seguramente expulso da congregação. E assim é conosco, se consentimos em abandonar qualquer verdade de Deus por se haver verificado o fracasso—se por incredulidade de coração abandonamos o padrão de Deus e deixamos o fundamento de Deus—se tiramos um argumento do estado de coisas em redor de nós para nos desembaraçarmos da autoridade da verdade de Deus sobre a consciência ou influência formativa sobre a nossa conduta e caráter—é bem claro que a nossa comunhão está suspensa (1).

---

(1) Note-se, de uma vez para sempre, que a exclusão de um membro da congregação de Israel corresponde à exclusão de um crente da comunhão por causa de pecado não julgado.

Prosseguiríamos de bom grado esta corrente de verdade prática um pouco mais, mas devemos deixar de o fazer e encerrar esta parte do nosso assunto citando para o leitor o restante dessa exposição do deserto sobre a páscoa.

"Porém, quando um homem for limpo, e não estiver de caminho, e deixar de celebrar a Páscoa, tal alma do seu povo será extirpada; porquanto não ofereceu a oferta do SENHOR a seu tempo determinado; tal homem levará o seu pecado. E, quando um estrangeiro peregrinar entre vós e também celebrar a Páscoa ao SENHOR, segundo o estatuto da Páscoa e segundo o seu rito, assim a

celebrará; um mesmo estatuto haverá para vós, assim para o estrangeiro como para o natural de terra" (versículos 13-14).

A negligência voluntária da páscoa denotava, por parte de um israelita, uma falta total de apreciação dos benefícios e bênçãos que procediam da sua redenção e libertação da terra do Egito. Quanto mais uma pessoa se compenetrava da realidade divina do que havia sido realizado nessa memorável noite, em que a congregação de Israel encontrara refúgio e descanso ao abrigo do sangue, tanto mais sinceramente suspirava pela chegada do "dia catorze do primeiro mês", a fim de que pudesse ter uma oportunidade de comemorar essa gloriosa ocasião; e se houvesse alguma coisa que o impedia de gozar a ordenação no "primeiro mês", com mais alegria e agradecimento ele teria aproveitado o "segundo mês".

Porém o homem que se houvesse contentado em continuar anos após ano sem guardar a páscoa mostrava que o seu coração estava muito longe do Deus de Israel. Teria sido inútil alguém dizer que amava o Deus de seus pais e gozava as bênçãos da redenção quando a própria ordenação que Deus havia estabelecido para representar essa redenção era menosprezada ano após ano.

#### A Relação com a Ceia

E não podemos aplicar, até certo ponto, tudo isto a nós próprios, em relação com o assunto da ceia do Senhor? Podemos, sem dúvida, e com muito proveito para as nossas almas. Existe esta relação entre a páscoa e a ceia do Senhor, isto é, a primeira era o símbolo, a segunda é o memorial da morte de Cristo. Assim, lemos em 1 Coríntios 5:7: "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós". Esta frase estabelece a relação. A páscoa era o memorial da redenção de Israel da escravidão do Egito; e a ceia do Senhor é o memorial da redenção da Igreja da escravidão mais pesada e mais tenebrosa do pecado e de Satanás.

Por isso, assim como todo o verdadeiro israelita fiel sentia alegria em celebrar a páscoa, no tempo determinado, de acordo com todos os ritos e estatutos, assim todo o crente verdadeiro e fiel se regozijará em celebrar a ceia do Senhor, no dia determinado, segundo todos os princípios estabelecidos a respeito dela no Novo Testamento. Se um israelita não fazia caso da páscoa, até mesmo uma só

vez, teria sido excluído da congregação. Uma tal negligência não era para ser tolerada na assembleia de Israel. Teria atraído imediatamente o juízo divino.

E, podemos perguntar em face deste solene fato, isto não significa nada atualmente — é um assunto de pouca importância para os cristãos descuidarem de semana em semana e de mês em mês a ceia do Senhor? Devemos supor que Aquele que, em Números 9, declarou que todo aquele que não fazia caso da páscoa devia ser excluído, não tem em conta o que despreza a mesa do Senhor? Não podemos acreditar. Porque embora se não trate de uma questão de ser separado da Igreja de Deus, o corpo de Cristo, devemos, por isso, ser descuidados? Longe de nós tal pensamento. Antes pelo contrário, este fato deveria ter o efeito feliz de nos despertar para uma maior assiduidade na celebração desta preciosa festa em que "anunciamos a morte do Senhor até que venha" (1 Cr 11:26).

Para um israelita piedoso nada havia como a páscoa, porque era o memorial da sua redenção. E para um crente piedoso nada há como a ceia do Senhor, porque é o memorial da sua redenção e da morte do seu Senhor. De todos os serviços em que um cristão pode ocupar-se não há nada que ponha Cristo de um modo mais terno ou solene perante o seu coração como a ceia do Senhor. Pode cantar sobre a morte do Senhor, pode orar a esse respeito, pode ler o relato dela, pode ouvir falar dela, mas é só na ceia que a anuncia. "E, tomando o pão e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isso em memória de mim. Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós" (Lc 22:19-20).

Aqui temos a instituição da festa; e, quando nos voltamos para os Atos dos Apóstolos, lemos: "E, no primeiro dia da semana, a juntando-se os discípulos para partir o pão" (At 20:7).

Aqui temos a celebração da festa; e, por fim, quando abrimos as Epístolas, lemos: "Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão" (1 Cr 10:16,17). E em seguida lemos também: "Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor

Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha (1 Cor 11:23-26).

Aqui temos a festa explicada. E não podemos dizer que na instituição, na celebração e na explicação temos um cordão triplo, que dificilmente pode partir-se, para ligar as nossas almas a esta preciosa festa?

Como é possível, pois, que em face de toda esta santa autoridade se encontre alguém do povo de Deus que despreze a mesa do Senhor?

Ou, considerando o assunto de outro ponto de vista, como se explica que alguns membros de Cristo possam passar semanas e meses, e alguns toda a sua vida, sem nunca se lembrarem do seu Senhor no modo direta e positivamente ordenado por Ele? Sabemos que alguns cristãos professos consideram o assunto à luz de um regresso aos ritos judaicos, e como um abandono da posição elevada da Igreja. Encaram a ceia do Senhor e o batismo como mistérios espirituais; e consideram que nos afastamos da verdadeira espiritualidade insistindo na observância literal destes ritos.

A tudo isto respondemos simplesmente que Deus é mais sábio do que nós. Se Cristo instituiu a ceia; se o Espírito Santo levou a Igreja primitiva a celebrá-la; e se Ele nos a tem explicado também, quem somos nós para emitir as nossas ideias em oposição a Deus? Sem dúvida, a ceia do Senhor deveria ser um mistério espiritual íntimo para todos os que participam dela; mas é também uma coisa exterior, literal, palpável. Há nela literalmente pão e vinho, comida e bebida literal. Se alguém nega isto, pode, de igual modo, negar que há literalmente pessoas reunidas. Não temos o direito de explicar a Escritura dessa forma. E para nós um dever santo e feliz submetermo-nos à Escritura e inclinarmo-nos absoluta e implicitamente ante a sua autoridade divina.

Nem se trata meramente de uma questão de sujeição à autoridade da Escritura. É isso, sem dúvida, como temos provado amplamente por citações e mais citações da Palavra divina; e isso só em si e amplamente bastante para todo o

espírito piedoso. Mas há mais que isto. Há alguma coisa como a resposta de amor do coração o crente correspondendo ao amor do coração de Cristo. Isto não é nada? Não devemos nós buscar, em alguma medida, corresponder ao amor de um tal coração? Se o nosso bendito e adorável Senhor tem realmente concedido o pão e o vinho, na ceia, como emblemas do Seu corpo ferido e sangue derramado, se tem determinado que comamos desse pão e bebamos desse cálice em Sua memória, não devemos nós, no poder do afeto correspondente, cumprir o desejo do Seu coração afetuoso? Seguramente nenhum cristão sincero porá isto em dúvida.

Deveria ser sempre uma alegria para os nossos corações reunirmo-nos em redor da mesa do Senhor e de nos recordarmos d'Ele segundo a forma por ele ordenada—para anunciarmos a Sua morte até que venha. É admirável pensar que Ele haja querido ocupar um lugar de recordação em corações como os nossos; mas assim é; e seria muito triste, na verdade, se, por qualquer motivo, e por qualquer razão que seja, negligenciássemos a própria festa à qual tem ligado o Seu nome precioso.

Este não é evidentemente o lugar para entrar numa exposição pormenorizada da ordenação da ceia do Senhor. Temos procurado fazer isto em outra parte (1).

(1) A Ceia do Senhor; publicado pelo Depósito de Literatura Cristã.

O que desejamos especialmente aqui é insistir com o leitor cristão sobre a enorme importância e profundo interesse da ordenança vista sob o duplo fundamento de sujeição à autoridade da escritura e amor recíproco a Cristo mesmo. E, além disso, queremos fazer sentir vivamente a todos que possam ler estas linhas o sentimento de gravidade em deixar de tomar a ceia do Senhor segundo as Escrituras. Podemos estar certos de que é uma atitude perigosa tentar pôr de parte esta instituição positiva de nosso Senhor e Mestre. Isto denota um mau estado da alma. Prova que a consciência não está submetida à autoridade da Palavra e que o coração não se encontra em verdadeira simpatia com as afeições de Cristo. Cuidemos, pois, de ver que estamos procurando honestamente cumprir a nossa responsabilidade quanto à mesa do Senhor

—que não nos abstermos de a celebrar —, que a celebramos segundo a ordem estabelecida por Deus o Espírito Santo.

Dissemos o bastante a respeito da páscoa no deserto e sobre as lições tocantes que ela proporciona às nossas almas.

### O Tabernáculo e a Nuvem: A Direção Divina

Vamos agora falar por alguns momentos sobre o parágrafo final do nosso capítulo, que tem um caráter tão característico como qualquer parte do livro. Nele somos chamados a contemplar uma hoste numerosa de homens, mulheres e crianças, viajando através de um tremendo deserto "onde não havia caminho" — um ermo fatigante, um imenso deserto arenoso sem bússola ou guia humano.

Que ideia! Que espetáculo! Ali estavam esses milhões de seres humanos avançando sem qualquer conhecimento da rota que deviam seguir tão dependentes de Deus quanto à orientação, ao alimento e tudo mais; um exército de peregrinos inteiramente desprovido de recursos. Não podiam fazer planos para o dia seguinte. Quando acampavam não sabiam quando deviam pôr-se em marcha; e quando estavam em marcha não sabiam quando ou onde deviam fazer alto. A sua vida era uma vida de dependência diária e momentânea. Tinham de olhar para cima a fim de receberem a orientação. Os seus movimentos eram dirigidos pelas rodas do carro do Senhor.

Era de verdade um maravilhoso espetáculo. Leiamos o seu relato e retenhamos em nossas almas o seu ensino celestial.

"E, no dia de levantar o tabernáculo, a nuvem cobriu o tabernáculo sobre a tenda do Testemunho; e, à tarde estava sobre o tabernáculo como uma aparência de fogo até à manhã. Assim era de contínuo: a nuvem o cobria, e, de noite, havia aparência de fogo. Mas, sempre que a nuvem se alçava sobre a tenda, os filhos de Israel após ela partiam; e, no lugar onde a nuvem parava, ali os filhos de Israel assentavam o seu arraial. Segundo o dito do SENHOR, OS filhos de Israel partiam e segundo o dito do SENHOR assentavam o arraial; todos os dias em que a nuvem parava sobre o tabernáculo, assentavam o arraial. E, quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então os filhos de Israel tinham cuidado da guarda do Senhor e não partiam. E era que,

quando a nuvem poucos dias estava sobre o tabernáculo, segundo o dito do SENHOR, se alojavam, e, segundo o dito do SENHOR, partiam. Porém era que, quando a nuvem desde a tarde até à manhã ficava ali e a nuvem se alçava pela manhã, então, partiam; quer de dia quer de noite, alçando-se a nuvem, partiam. Ou, quando a nuvem sobre o tabernáculo se detinha dois dias, ou um mês, ou um ano, ficando sobre ele, então, os filhos de Israel se alojavam e não partiam; e, alçando-se ela, partiam. Segundo o dito do SENHOR, se alojavam e, segundo o dito do SENHOR, partiam; da guarda do SENHOR tinham cuidado, segundo o dito do SENHOR, pela mão de Moisés" (versículos 15-23).

Seria impossível conceber um quadro mais admirável de dependência e sujeição absoluta à direção divina do que aquele que é apresentado no parágrafo antecedente. Não havia uma marca de pé humano nem um marco em todo "esse terrível deserto". Era portanto inútil procurar qualquer direção junto dos que tinham passado antes. Dependiam inteiramente de Deus para cada passo do dia. Estavam numa posição em que tinham de esperar constantemente n'Ele. Isto seria intolerável para um espírito insubmisso ou uma vontade inquebrantável; mas para uma alma que conhece e ama a Deus, que confia e se compraz n'Ele, nada podia ser mais profundamente bendito.

Aqui está o ponto principal de toda a questão. Deus é conhecido, amado e confia-se n'Ele se assim for o coração regozijar-se-á na mais absoluta dependência d'Ele. De contrário, uma tal dependência seria de todo insuportável. O homem não regenerado gosta de pensar que é independente—gosta de ter a ilusão de que é livre—gosta de julgar que pode fazer o que quer, ir onde quer, dizer o que quer.

Mas, ah! é tudo mera ilusão! O homem não é livre. É escravo de Satanás. São passados cerca de seis mil anos desde que ele se vendeu a esse grande proprietário de escravos, que desde então o tem tido em seu poder e o tem ainda hoje. Sim, Satanás mantém o homem natural — o homem não convertido e impenitente — em terrível escravidão. Mantém-no atado de pés e mãos com cadeias e grilhões que se não veem no seu verdadeiro caráter por causa do brilho dourado com que astutamente as cobriu. Satanás domina o homem por meio da sua concupiscência, de suas paixões e de seus prazeres. Levanta desejos no coração que satisfaz em seguida com as coisas que há no mundo, e

o homem imagina inutilmente que é livre porque pode satisfazer os seus desejos. Mas é uma triste ilusão; e, mais tarde ou mais cedo, será reconhecido como tal.

Não há liberdade senão a que Cristo dá ao Seu povo. E Ele quem diz "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" e também "Se pois o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres" (Jo 8:36).

Aqui está verdadeira liberdade. É a liberdade que a nova natureza encontra andando no Espírito e fazendo as coisas que são agradáveis à vista de Deus. "O serviço do Senhor é liberdade perfeita." Mas este serviço, em todos os seus pormenores, implica a mais simples dependência do Deus vivo. Assim foi sempre com o único verdadeiro e perfeito Servo que jamais pisou esta terra. Foi dependente em tudo. Cada movimento, cada ato, cada palavra—tudo quanto fazia e tudo quanto deixava de fazer, — era fruto da mais absoluta dependência e sujeição a Deus. Andava quando Deus queria que Ele andasse, e estava sossegado quando Deus assim queria. Falava quando Deus queria que falasse, e ficava em silêncio quando Deus queria que guardasse silêncio.

Jesus, o Caminho

Tal foi Jesus quando viveu neste mundo; e nós, como participantes da Sua natureza—da Sua vida—e tendo o Seu Espírito, que habita em nós, somos chamados para andar em suas pisadas e viver uma vida de simples dependência de Deus, dia após dia. Temos no final deste capítulo uma formosa figura desta vida de dependência, em uma das suas fases especiais. O Israel de Deus—o acampamento no deserto —esse exército de peregrinos seguia o movimento da nuvem. Tinham de olhar para cima para sua orientação. Esta é a própria obra do homem. Foi criado para levantar o seu rosto ao alto, em contraste com as bestas, que foram criadas para olhar para baixo.

Israel não podia fazer planos. Não podiam jamais dizer: "Amanha iremos a tal lugar." Dependiam inteiramente do movimento da nuvem.

Assim era com Israel e assim deveria ser conosco. Estamos passando por um deserto desconhecido—um deserto moral. Não há absolutamente caminho. Não saberíamos como andar, ou aonde ir, se não fosse esta expressão das mais preciosas, profundas e compreensivas saídas dos lábios de nosso bendito Senhor, "Eu sou o caminho". Eis aqui infalível direção divina. Devemos

seguí-Lo. "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8:12). Isto é direção vivente. Não se trata de atuar segundo a letra de certos estatutos e regras; é seguir o Cristo vivo; andar como Ele andou; atuar como Ele atuou; imitar o Seu exemplo em todas as coisas. Isto é movimento cristão—atuação cristã. Trata-se de ter os olhos fixos em Jesus e de ter os característicos traços e as feições do Seu caráter impressos na nossa nova natureza e refletidos ou reproduzidos na nossa vida e conduta diárias.

### O Crente Andando nesse Caminho

Mas isto implica certamente a renúncia da nossa própria vontade, dos nossos planos, da administração de nós próprios. Devemos seguir a nuvem; devemos esperar sempre — esperar somente em Deus. Não podemos dizer "Iremos aqui ou ali, faremos isto ou aquilo, amanhã ou na próxima semana." Todos os nossos movimentos devem ser colocados sob o poder regulador dessa expressão dominante — tantas vezes infelizmente escrita ou proferida levianamente por nós! — "Se o Senhor quiser."

Oh, se pudéssemos compreender melhor tudo isto! Se conhecêssemos melhor o significado da direção divina! Quantas vezes imaginamos inutilmente e afirmamos afoitamente que a nuvem se movimenta na própria direção que se adapta à tendência das nossas inclinações! Queremos fazer determinada coisa ou um certo movimento, e procuramos convencer-nos e de que a nossa vontade é a vontade de Deus.

Desta forma, em vez de sermos guiados por Deus, enganamo-nos a nós próprios. A nossa vontade é inflexível e por isso não podemos ser propriamente guiados, porque o verdadeiro segredo para se ser retamente guiado—guiado por Deus—é termos a nossa própria vontade completamente submetida . "Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o seu caminho (Sl 25:9). "Guiar-te-ei com os meus olhos." Mas ponderemos esta admoestação: Não sejas como o cavalo, nem como a mula, que não tem entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio, para que se não atirem a ti" (Sl 32:8- 9). Se o semblante estiver levantado ao alto de modo a contemplar o movimento dos "olhos" divinos, não teremos necessidade de "cabresto" e de "freio".

Mas é neste ponto precisamente que falhamos. Não vivemos suficientemente perto de Deus para discernir o movimento dos Seus olhos. A vontade está em ação. Queremos seguir o nosso próprio caminho, e por isso temos de colher os seus frutos amargos. Assim aconteceu com Jonas. Fora-lhe dito para ir a Ninive; mas ele quis ir para Tarsis; e as circunstâncias pareciam ser favoráveis; a providência parecia apontar na direção da sua vontade. Mas, oh! Teve de encontrar o seu lugar no ventre da baleia, sim, "no ventre do inferno", onde "as ondas e as vagas passaram por cima da sua cabeça". Foi ali que aprendeu a amargura de seguir a sua própria vontade. Teve de ser instruído, nas profundezas do oceano, acerca do verdadeiro significado do "cabresto" e "freio", por não haver querido seguir a direção benévola dos "olhos" divinos.

Mas Deus é tão misericordioso, tão terno, tão paciente! Quer ensinar e guiar os Seus pobres e débeis filhos extraviados. Não Se poupa a esforços quando se trata de agir a nosso favor. Ocupa-Se continuamente de nós a fim de podermos ser guardados dos nossos próprios caminhos, os quais estão cheios de espinhos e sarças, e andar nos Seus caminhos, que são agradáveis e tranquilos.

Nada há no mundo mais intensamente abençoado do que levar uma vida de dependência habitual de Deus; depender d'Ele a cada momento, esperar d'Ele e contar com Ele em todas as coisas. Ter n'Ele todos os recursos, tal é o verdadeiro segredo da paz, e de santa independência da criatura. A alma que pode verdadeiramente dizer todas as minhas fontes estão em ti" está elevada acima de toda a confiança na criatura, das esperanças humanas, e expectativas terrestres. Não é que Deus se não sirva da criatura de mil e uma maneiras para prover às nossas necessidades. Não queremos, de modo nenhum, dizer tal coisa. Ele emprega a criatura: mas se nos apoiarmos na criatura em vez de dependermos d'Ele, depressa teremos a pobreza e esterilidade em nossas almas. Existe uma grande diferença entre Deus empregar a criatura para nos abençoar e nós nos apoiarmos sobre a criatura para excluir Deus. Num caso somos abençoados e Ele é glorificado; no outro ficamos desapontados e Ele é desonrado.

E conveniente que a alma considere seriamente esta distinção. Cremos que é constantemente descuidada. Julgamos frequentemente que nos apoiamos em

Deus e que esperamos n'Ele, quando, na realidade, se quisermos honestamente penetrar no fundo das coisas e julgar-nos na presença de Deus, encontraremos uma espantosa quantidade de fermento de confiança na criatura. Quantas vezes falamos de viver pela fé e de confiar só em Deus, quando, ao mesmo tempo, se sondássemos as profundidades dos nossos corações, encontraríamos ali uma grande medida de dependência nas circunstâncias, alusão a causas secundárias e coisas semelhantes.

Leitor cristão, pensemos atentamente nisto. Vigiem para que os nossos olhos estejam somente postos no Deus vivo e não sobre o homem, cujo fôlego está nos seus narizes. Esperemos em Deus — esperemos paciente e constantemente. Se estamos embaraçados por qualquer coisa, façamos menção disso direta e simplesmente ao Senhor. Não sabemos o que devemos fazer ou para que lado nos devemos voltar ou que passo devemos dar? Lembremos que Ele disse: "Eu sou o caminho"; sigamo-lo. Ele tornará tudo claro, luminoso e certo. Não pode haver trevas, nem perplexidade ou incerteza se O seguimos; porque Ele disse, e nós temos obrigação de crer: "Quem me segue não andará em trevas." Por isso, se andarmos em trevas, é certo que não O estamos seguindo. Nenhuma treva poderá jamais fixar-se sobre o caminho bendito pelo qual Deus conduz aqueles que, com fé simples, procuram seguir a Jesus.

Mas alguém que esquadrinha estas linhas pode dizer—ou pelo menos sentir-se disposto a dizer:—apesar de tudo estou embaraçado quanto ao meu caminho. Não sei realmente para que lado me hei de voltar e que passo devo dar. Se for esta a linguagem do leitor, quero apenas fazer-lhe esta pergunta:—Esta seguindo a Jesus? Se assim é, não pode estar embaraçado. Segue a nuvem"?- Nesse caso, o caminho é tão claro quanto Deus o pode fazer. E aqui que esta a raiz de toda a questão. A indecisão ou a incerteza é muitas vezes o fruto da atuação da vontade. Somos levados a fazer o que Deus não quer que façamos ou a ir aonde Deus não quer que vamos. Oramos sobre o assunto e não recebemos resposta. Como é isto\*? - Pelo simples fato que Deus quer que permaneçamos tranquilos: que nos quedemos precisamente no lugar em que estamos. Portanto, em vez de torturar o juízo e de cansar as nossas almas a

respeito do que devíamos fazer, nada façamos e esperemos simplesmente em Deus.

Este é o segredo da paz e calma elevação. Se um israelita, no deserto, pensasse em fazer algum movimento independentemente de Javé; se lhe tivesse ocorrido marchar quando a nuvem estava parada, ou parar enquanto a nuvem continuava em movimento, podemos facilmente ver qual teria sido o resultado. E outro tanto sucederá sempre conosco. Se nos movemos quando devíamos estar tranquilos, ouse ficamos sossegados quando devíamos avançar, não teremos a presença divina conosco. "Segundo o dito do SENHOR se alojavam, e segundo o dito do Senhor partiam." Mantinham-se em constante atenção a Deus, a situação mais bem-aventurada que alguém pode ocupar; mas que deve ser ocupada antes de saborear a bem-aventurança. É uma realidade para ser conhecida e não uma mera teoria para conversação. Que nos seja dado prová-la ao longo da nossa jornada!

## CAPÍTULO 10

### AS TROMBETAS DE PRATA

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Faze duas trombetas de prata; de obra batida as farás; e te serão para a convocação da congregação e para a partida dos arraiais. E; quando as tocarem ambas, então, toda a congregação se congregará a ti à porta da tenda da congregação. Mas, quando tocar uma só, então, a ti se congregarão os príncipes, os cabeças dos milhares de Israel. Quando, retinindo, as tocardes, então, partirão os arraiais que alojados estão da banda do oriente. Mas, quando a segunda vez, retinindo, as tocardes, então, partirão os arraiais que se alojam da banda do sul; retinindo, as tocarão para as

suas partidas. Porém, ajuntando a congregação, as tocareis, mas sem retinir. E os filhos de Arão, sacerdotes, tocarão as trombetas; e a vós serão por estatuto perpétuo nas vossas gerações. E, quando na vossa terra sairdes a pelejar contra o inimigo, que vos aperta, também tocareis as trombetas retinindo, e perante o SENHOR, VOSSO Deus, haverá lembrança de vós, e sereis salvos de vossos inimigos. Semelhantemente, no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, e nos princípios dos vossos meses, também tocareis as trombetas sobre os vossos holocaustos, sobre os vossos sacrifícios pacíficos, e vos serão por lembrança perante vosso Deus. Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus" (versículos 1-10).

Havemos reproduzido toda esta interessante passagem a fim de que o leitor possa ter diante de si, na própria linguagem de inspiração, a encantadora instituição das "trombetas de prata". Vem com notável conveniência logo após as instituições acerca do movimento da nuvem e está ligada, de uma maneira bem marcada, com toda a história de Israel, não só no passado mas também no futuro.

O somido da trombeta era familiar aos ouvidos dos circuncisos. Era a comunicação dos pensamentos de Deus de uma forma distinta e bastante simples para ser compreendida por todo o membro da congregação por mais distante que estivesse do lugar de onde emanava o testemunho. Deus havia disposto tudo de maneira que cada um naquela vasta assembleia, por muito afastado, pudesse ouvir os sonidos prateados da trombeta do testemunho.

Cada trombeta devia ser feita de uma só peça e servia um duplo propósito. Por outras palavras, a origem do testemunho era só uma, ainda que o objeto e resultado prático fossem variados. Todo o movimento no acampamento tinha de ser o resultado do somido da trombeta. A congregação devia reunir-se em festa de regozijo e adoração? - Era por meio de certo som da trombeta. As tribos tinham de juntar-se em ordem de batalha? Era ao som da trombeta. Em suma, a assembleia solene e a hoste guerreira; os instrumentos de música e as armas de guerra — tudo — tudo estava regulado pela trombeta de prata. Qualquer movimento, quer fosse festivo, quer religioso, ou hostil que não fosse resultado desse familiar somido, só podia ser fruto de uma vontade inquieta e insubmissa, que o Senhor não podia, de modo algum, sancionar. O exército de peregrinos

no deserto era tão dependente do som da trombeta como dos movimentos da nuvem. O testemunho de Deus, transmitido daquela maneira especial, devia dirigir todo o movimento dos muitos milhares de Israel.

Além disso, competia aos filhos de Arão, os sacerdotes, tocar as trombetas, já que o pensamento de Deus não podia ser conhecido e comunhão senão pela proximidade e comunhão sacerdotal. Era privilégio elevado e santo da família sacerdotal reunir-se em redor do santuário de Deus para ver o primeiro movimento da nuvem e comunicá-lo até aos confins do acampamento. Deviam dar um certo som e cada membro da hoste militante era igualmente responsável por prestar imediata e implícita obediência. Teria sido ao mesmo tempo positiva rebelião alguém intentar pôr-se em marcha sem a palavra de comando ou recusar avançar uma vez dada essa palavra de ordem. Todos tinham de esperar pelo testemunho divino, e avançar à sua luz logo que era dado. Avançar sem o testemunho teria sido andar em trevas; opor-se a marchar, quando o testemunho era dado, teria sido ficamos trevas.

Isto é muito simples e profundamente prático. Não podemos ter dificuldade em ver o seu alcance e aplicação no caso da congregação no deserto. Mas recordemos que tudo isto era um símbolo; e, além disso, que está escrito para nosso ensino. Somos, portanto, obrigados seriamente a contemplá-lo de perto; somos chamados terminantemente para procurar recolher e entesourar a lição prática contida na ordenação especialmente bela da trombeta de prata. Nada poderia ser mais conveniente para o momento atual. Encerra uma lição a que o leitor deveria dar a sua maior atenção. Mostra da maneira mais clara possível que o povo de Deus deve depender completamente do testemunho divino e submeter-se a ele inteiramente em todos os seus movimentos. Uma criança pode ver isto no símbolo que temos perante nós.

A congregação no deserto não se atrevia a reunir-se para qualquer fim festivo religioso antes de ter ouvido o som da trombeta; nem os homens de guerra podiam pôr a sua armadura antes de serem chamados pelo sinal de alarme para enfrentar o inimigo incircunciso. Adoravam e combatiam, viajavam e faziam alto, em obediência simples à chamada da trombeta. Não se tratava, de modo algum, de uma questão dos seus gostos ou da sua aversão, dos seus pensamentos, das suas opiniões ou do seu parecer. Era pura e simplesmente

uma questão de obediência implícita. Cada um dos seus movimentos estava dependente do testemunho de Deus, segundo era dado pelos sacerdotes desde o santuário. O cântico do adorador e o grito do guerreiro eram igualmente o simples fruto do testemunho de Deus.

O Que Significa a Trombeta de Prata para nós?

Como isto é belo! Como é admirável! Como é instrutivo! E, podemos acrescentar, quão prático! Porque insistimos nisto? Porque cremos firmemente que contém uma lição necessária para os dias em que vivemos. Se na hora atual há um rasgo mais característico que outro qualquer, é a insubmissão à autoridade divina—resistência positiva à verdade quando ela exige obediência absoluta e renúncia própria. Está tudo muito bem desde que se trate da verdade que expõe, com plenitude e clareza divina, o nosso perdão, a nossa aceitação a nossa vida, a nossa justiça, a nossa segurança eterna em Cristo. Tudo isto se ouvirá com alegria. Mas logo que se torna uma questão dos direitos e autoridade da pessoa bendita que deu a Sua vida para nos salvar das chamas do inferno e nos introduzir nos gozos eternos do céu, surge toda a sorte de dificuldades; toda a sorte de argumentos e questões; nuvens de preconceitos amontoam-se sobre a alma e obscurecem o entendimento. O gume afiado da verdade é voltado ou desviado de mil maneiras. Não se espera o som da trombeta. E quando ela ressoa, com um som tão claro quanto só Deus pode dar, não há resposta à chamada. Movemo-nos quando devíamos estar tranquilos; e fazemos alto quando devíamos andar.

Leitor, qual há-de ser o resultado disto? Ou falta absoluta de progresso, ou progresso numa direção errada, o que é pior do que nenhuma. E inteiramente impossível que se possa avançar na vida divina, a menos que nos abandonemos a nós próprios, sem reserva, à Palavra do Senhor. Podemos estar salvos pela rica abundância da misericórdia divina e por meio das virtudes expiatórias do sangue do Salvador, mas contentar-nos-emos em ser salvos por Cristo, sem buscar, de algum modo, andar com Ele e viver para Ele? Aceitaremos a salvação por meio da obra que Ele cumpriu, sem suspirar por uma mais profunda intimidade de comunhão com Ele próprio e uma mais completa submissão à Sua autoridade em todas as coisas? Que teria

acontecido a Israel no deserto se tivesse recusado estar atento ao som da trombeta? Podemos compreender facilmente a resposta. Se, por exemplo, tivessem tomado a liberdade de se reunir, em qualquer momento, com um fim festivo ou religioso sem a chamada divinamente estabelecida, qual teria sido o resultado? Ou, ainda mais, se tivessem decidido por si mesmos continuar a sua jornada ou sair para a guerra, antes de a trombeta ter dado alarme, que teria acontecido? Ou, finalmente, se tivessem recusado obedecer quando eram chamados pelo som da trombeta para uma reunião solene ou para avançar ou para a peleja, que lhes teria acontecido?

A resposta é tão clara como a luz do sol. Ponderemo-la. Tem uma lição para nós. Apliquemo-la aos nossos corações. A trombeta de prata determinava e ordenava todo o movimento do antigo Israel. O testemunho de Deus deveria determinar e ordenar todas as coisas na Igreja de Deus, agora. Os antigos sacerdotes tocavam a trombeta de prata. O testemunho de Deus é conhecido agora em comunhão sacerdotal. O cristão não tem o direito de avançar ou agir à parte do testemunho de Deus. Deve aguardar a palavra do seu Senhor. Antes de a conhecer deve permanecer tranquilo. Logo que a recebe deve avançar. Deus pode comunicar e comunica o Seu pensamento ao Seu povo militante tão claramente agora como o fez ao Seu antigo povo. Não é, decerto, mediante o som de uma trombeta ou o movimento de uma nuvem; mas pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito. Não é por qualquer coisa que impressiona os sentidos que o nosso Pai nos guia; mas por aquilo que atua sobre o coração, sobre a consciência e o entendimento. Não é por aquilo que é natural, mas pelo que é espiritual que nos comunica o Seu pensamento.

Mas estejamos bem seguros disto, que o nosso Deus pode dar e dá aos nossos corações plena certeza quanto ao que devemos e não devemos fazer; quanto aonde devemos e aonde não devemos ir. Parece estranho que sejamos obrigados a insistir sobre isto — estranho que algum cristão duvide disto ou ainda mais estranho que o negue. E todavia assim é. Ficamos por vezes mergulhados na dúvida e perplexidade; e há alguns que estão prontos a negar que possa haver alguma coisa que se pareça com a certeza quanto aos pormenores da vida e das ações diárias. Isto é seguramente um erro. Não pode um pai comunicar o seu pensamento ao filho quanto aos mínimos pormenores

da sua conduta?- Quem ousará negar isto? E não pode o nosso Pai celestial comunicar-nos o Seu pensamento quanto aos incidentes da vida diária? É indiscutível que pode; e que o leitor cristão se não prive do santo privilégio de conhecer os pensamentos de seu Pai a respeito de todas as circunstâncias da sua vida diária.

Devemos supor, ainda que só por um momento, que a Igreja e Deus está em piores condições, quanto à questão de orientação, o que o acampamento no deserto? Impossível. Como se explica, pois, que amiudadas vezes se veem cristãos perplexos quanto aos seus movimentos? Isto deve ser devido ao fato que não têm os ouvidos atentos ao som da trombeta de prata e uma vontade submissa para responderão som. Pode, todavia, dizer-se que não vamos esperar ouvir uma voz do céu dizer-nos para fazermos isto ou aquilo ou para ir aqui ou ali; nem tampouco encontrar um versículo formal na Escritura para nos guiar nas coisas mais simples da nossa vida diária. Como poderá uma pessoa saber, por exemplo, se deve visitar uma cidade determinada e permanecer nela um determinado tempo? A nossa resposta é que se o ouvido está atento, ouvir-se-á seguramente soar a trombeta de prata. Antes que ela haja soado, nunca se mova: logo que ela haja soado, não se demore.

Isto torna tudo tão claro, tão simples, tão certo e seguro! É o grande remédio para a dúvida, a indecisão e a vacilação. Isto nos salvará da necessidade de andar de um lado para o outro em busca de conselhos quanto a isto e quanto àquilo, de como devemos agir ou aonde devemos ir. E, além disso, isto nos ensinará que não é da nossa responsabilidade procurar dirigir as ações ou os movimentos dos outros. Tenha cada qual o seu ouvido atento e o seu coração submisso, e então terá toda a certeza que Deus pode dar-lhe quanto aos seus atos e movimentos do dia a dia. O nosso Deus pode em Sua graça esclarecer-nos em todas as decisões. Se não o fizer, ninguém poderá fazê-lo. Se o faz, não temos necessidade de coisa alguma mais.

Isto basta quanto à instituição das trombetas de prata, cujo tema não prosseguiremos, ainda que a sua aplicação se não limite, como já dissemos, a Israel no deserto, mas esteja ligada com toda a sua história até ao fim. Assim, temos a festa das trombetas; a trombeta do jubileu; o som das trombetas sobre os sacrifícios, sobre os quais não nos deteremos agora, visto que o nosso

objetivo imediato é chamar a atenção do leitor para o grande pensamento apresentado no parágrafo inicial do nosso capítulo. Que o Espírito Santo grave em nossos corações a lição importante das "Trombetas de Prata".

#### A Partida Consoante o Mandamento do SENHOR

Chegamos agora sobre no nosso estudo sobre este livro precioso, ao momento em que o acampamento é chamado a pôr-se em marcha. Tudo está devidamente organizado segundo essa grande regra - "O mandamento do SENHOR" . Cada homem segundo a sua linhagem e cada tribo segundo a sua bandeira estão no seu lugar que Deus lhes tem assinalado. Os levitas estão no seu posto, cada qual com o seu trabalho particular para fazer. Estão preparados os meios para limpeza do acampamento de toda a classe de impurezas; e não só isso, mas a bandeira da santidade pessoal é desfraldada e os frutos de uma ativa benevolência são oferecidos. Em seguida temos o candeeiro de ouro e as suas sete lâmpadas dando a sua luz pura e preciosa. Temos a coluna de nuvem e fogo; e, finalmente, o duplo testemunho da trombeta de prata. Em suma, nada falta ao povo peregrino. Olhos vigilantes, mão poderosa e um coração de amor previram todas as eventualidades possíveis a fim de que toda a congregação no deserto, e cada membro em particular, pudessem ser "abundantemente providos".

Isto é o que podíamos esperar. Se Deus toma a Seu cargo prover as necessidades de qualquer pessoa, ou de qualquer povo, a provisão deve necessariamente ser perfeita. E impossível que Deus possa descurar qualquer coisa necessária. Ele sabe todas as coisas, e pode fazer todas as coisas. Nada pode escapar aos Seus olhos vigilantes; nada é impossível para a Sua mão poderosa. Portanto, todos aqueles que verdadeiramente podem dizer: "O SENHOR é o meu pastor", podem acrescentar, sem hesitação ou reserva, "nada me faltará". À alma que se apoia realmente no braço do Deus vivo nunca poderá faltar coisa alguma boa. O pobre e insensato coração pode preocupar-se com mil necessidades imaginárias; mas Deus sabe o que realmente precisamos e proverá TUDO.

Assim, pois, o acampamento está pronto para partir; mas, coisa estranha, há uma diferença na ordem estabelecida no princípio do livro. A arca do concerto,

em vez de estar no meio do acampamento, vai na própria frente. Por outras palavras, em vez de permanecer no centro da congregação para ser servido ali, Javé condescende realmente em Sua graça maravilhosa e ilimitada em desempenhar a obra de mensageiro do dia para o Seu povo.

Hobabe

Mas vejamos a que foi devido essa tocante manifestação de graça. "Disse, então, Moisés a Hobabe, filho de Reuel, o midianita, sogro de Moisés: Nós caminhamos para aquele lugar de que o SENHOR disse; Vo-lo darei: vai conosco, e te faremos bem; porque o SENHOR falou bem sobre Israel. Porém ele lhe disse: Não irei; antes, irei à minha terra e à minha parentela. E ele disse: Ora, não nos deixes; porque tu sabes que nós nos alojamos no deserto; de olhos nos servirás" (versículos 29-31).

Ora, se não conhecêssemos alguma coisa dos nossos próprios corações e a sua inclinação para se apoiarem na criatura em vez do Deus vivo, podíamos muito bem ficar admirados com esta passagem. Podíamos-nos sentir tentados a perguntar: O que esperava Moisés dos olhos de Hobabe? O Senhor não era suficiente?- Não conhecia Ele o deserto? Permitiria Ele que eles se extraviassem? De que serviam a nuvem e a trombeta? Não valiam mais que os olhos de Hobabe? Logo, por que buscou Moisés o auxílio humano?

Ah! Infelizmente podemos compreender muito bem a razão! Todos conhecemos, para nossa tristeza e prejuízo do coração, a inclinação para se apoiar em alguma coisa que os nossos olhos podem ver. Não nos agrada mantermo-nos no terreno de absoluta dependência de Deus para cada passo da jornada. Encontramos dificuldade em nos apoiarmos a um braço invisível. Um Hobabe a quem podemos ver inspira-nos mais confiança que o Deus vivo a Quem não podemos ver. Avançamos com confiança e satisfação quando contamos com o apoio e a presença de algum pobre mortal como nós; mas hesitamos, trememos e desanimamos quando somos chamados para avançar em simples fé em Deus.

Estas afirmações podem parecer fortes; mas a questão é esta: são verdadeiras? Haverá algum cristão que, ao ler estas linhas, não reconheça francamente que é mesmo assim? Temos todos a propensão para nos

apoiarmos num braço de carne, e isto apesar de mil e um exemplos da loucura de atuar deste modo. Temos comprovado, vezes sem conta, a vaidade de toda a confiança da criatura, e todavia queremos confiar na criatura. Por um lado, temos comprovado repetidas vezes a realidade do apoio que se encontra na Palavra e no braço do Deus vivo. Temos visto que nunca nos faltou, que nunca nos desapontou, antes, que sempre tem feito tudo mais abundantemente do que temos pedido ou pensado; e contudo estamos sempre prontos a descrever n'Ele, prontos a apoiarmo-nos numa cana rachada e a recorrermos a cisternas rotas.

Pela Graça do SENHOR a Marcha Prossegue

Assim é conosco; mas bendito seja Deus, a Sua graça abunda par conosco, assim como abundou para com Israel na ocasião a que nos referimos. Se Moisés procura ser guiado por Hobabe, o Senhor ensinará o Seu servo que Ele Próprio é todo suficiente como guia. "Assim, partiram do monte do SENHOR caminho de três dias; e a arca do concerto do SENHOR caminhou diante deles caminho de três dias, para lhes buscar lugar de descanso."

Que rica preciosa graça! Em vez de eles buscarem um lugar de descanso para o Senhor, Ele busca um lugar de descanso para eles. Que pensamento!

O Deus Onipotente, Criador dos confins da terra, indo através do deserto em procura de um lugar para acampar convenientemente um povo que estava sempre pronto, a cada passo da sua jornada, a murmurar e revoltar-se contra Ele!

Tal é o nosso Deus, sempre "paciente, misericordioso, poderoso, santo" — elevando-Se sempre, na magnificência da Sua graça, acima de toda a nossa incredulidade e faltas, e mostrando-Se superior, em Seu grande amor, a todas as barreiras que a nossa infidelidade gostaria de levantar, demonstrou seguramente a Moisés e a Israel que era, como guia, muito melhor do que dez mil Hobabe. Não se nos diz nesta passagem se Hobabe os acompanhou ou não.

Recusou certamente o primeiro apelo e talvez também o segundo. Porém, é-nos dito que o Senhor foi com eles. "E a nuvem do SENHOR ia sobre eles de dia, quando partiam do arraial." Bendito abrigo no deserto! Feliz e infalível

recurso em todas as coisas! Ia adiante do Seu povo para buscar um lugar de repouso, e quando ia encontrado um próprio para as suas necessidades, fazia alto com eles e estendia sobre eles a Sua asa protetora para os guardar de todos os inimigos. "Achou-o na terra do deserto e num ermo solitário cheio de uivos; trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como à menina do seu olho. Como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, assim, só o SENHOR O guiou, e não havia com ele deus estranho" (Dt 32:10-12). "Estendeu uma nuvem por coberta, um fogo para os alumiar de noite" (Sl 105:39).

Assim, pois, tudo foi provido segundo a sabedoria, o poder e a bondade de Deus. Nada faltou, nem podia faltar, visto que Deus mesmo estava ali. "Era, pois, que, partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os aborrecedores. E, pousando ela, dizia: Volta, ó SENHOR, para os muitos milhares de Israel."

## CAPITULO 11

### AS MURMURAÇÕES, O DESEJO, A REPUGNÂNCIA AO ALIMENTO CELESTIAL

Até agora temos estado ocupados, no estudo deste livro, com a maneira de Deus dirigir o Seu povo no deserto e prover as suas necessidades. Temos percorrido os dez primeiros capítulos e visto neles um exemplo da sabedoria, bondade e previsão do Deus de Israel.

Mas agora chegamos a um ponto em que nuvens sombrias se amontoam em redor de nós. Até este ponto, Deus e os Seus atos têm estado diante de nós; mas agora somos chamados para contemplar o homem e os seus miseráveis caminhos. Isto é sempre triste e humilhante. O homem é o mesmo em toda a parte. No Éden, na terra restaurada, no deserto, na terra de Canaã, na Igreja, no Milênio, está provado que o homem é um fracasso. No próprio momento em que parte, ele falha.

Assim, nos dois primeiros capítulos de Gênesis vemos Deus atuando como Criador; tudo está feito e ordenado com perfeição divina, e o homem é posto nesta cena para gozar os frutos da sabedoria, bondade e poder divino. Porém no capítulo 3 tudo é alterado. Logo que o homem atua é para desobedecer e introduzir a ruína e desolação. Assim também depois do dilúvio, em que a terra passou por aquele profundo e terrível batismo, e em que o homem toma outra vez o seu posto, mostra se tal qual é, dá provas de que, longe de poder dominar e governar a terra, não pode sequer governar-se a si próprio (Gn 9). Apenas Israel havia sido tirado do Egito, quando fizeram um bezerro de ouro. O

sacerdócio acabava apenas de ser estabelecido, e já os filhos de Arão ofereciam fogo estranho. Saul é eleito rei, e logo se mostra voluntarioso e desobediente.

Assim também quando nos voltamos para o Novo Testamento, encontramos a mesma coisa. Apenas é fundada a Igreja e dotada com os dons do Pentecostes, ouvimos tristes murmurações e descontentamento. Em suma, a história do homem, desde o princípio ao fim, aqui, ali, e em toda a parte, está marcada com o fracasso. Não existe tanto como uma simples exceção desde o Éden ao fim do milênio.

E conveniente considerar este fato solene e grave, e dar-lhe um lugar no recôndito do coração. Está iminente calculado para corrigir todas as falsas ideias sobre o verdadeiro caráter e condição do homem. É conveniente recordar que a terrível sentença que encheu de terror o coração do voluptuoso rei de Babilônia foi pronunciada, com efeito, sobre toda a raça humana e contra todo o indivíduo filho ou filha de Adão caído, isto é: "Pesado foste na balança, e foste achado em falta."

O leitor já aceitou plenamente esta sentença contra si próprio? E uma pergunta muito séria. Sentimo-nos constrangidos a insistir nela. O leitor é um dos filhos da sabedoria?- Justifica Deus e condena-se a si mesmos Já tomou o seu lugar como pecador culpado e digno do inferno'? Se assim é, Cristo é para si. Ele morreu para tirar o pecado e levar os seus muitos pecados. Confie n'Ele e tudo que Ele é e tudo quando possui é seu. Ele é a sua sabedoria, a sua justiça, a sua santificação e redenção, Todos os que creem simplesmente e de coração em Jesus deixaram completamente o antigo terreno de culpa e condenação e são vistos por Deus sobre o novo terreno de vida eterna e justiça divina. Estão aceites no Cristo ressuscitado e vitorioso. "Qual ele é, somos nós também neste mundo" (I Jo 4:17).

Pedimos sinceramente ao leitor que se não entregue ao repouso até que esta questão importante seja clara e inteiramente resolvida à luz da Palavra de Deus e na Sua presença. Desejamos que Deus, o Espírito Santo, atue sobre coração e a consciência do leitor inconvertido e indeciso e o conduza aos pés do Salvador.

Vamos proceder agora com os nossos comentários sobre o capítulo.

"E aconteceu que, queixando-se o povo, era mal aos ouvidos do Senhor; porque o Senhor ouviu-o, e a sua ira se acendeu, e o fogo do SENHOR ardeu entre eles e consumiu os que estavam na ultima parte do arraial. Então, o povo clamou a Moises, e Moises orou ao SENHOR, e o fogo se apagou. Pelo que chamou aquele lugar Tabera, porquanto o fogo do SENHOR se acendera entre eles. E o vulgo, que estava no meio deles, veio a ter grande desejo; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar, e disseram: Quem nos dará carne a comerá Lembramo-nos dos peixes que no Egito comíamos de graça; e dos pepinos, e dos melões, e dos porros, e das cebolas, e dos alhos. Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos."

Aqui o pobre coração humano descobre-se inteiramente. Os seus gostos e as suas inclinações são manifestos. O povo suspira pela terra do Egito e volve os olhos ávidos para os seus frutos e panelas de carne. Não dizem nada sobre as chicotadas dos exatores, nem do labor dos fornos de tijolo. Há um completo silêncio sobre estas coisas. De nada se lembram agora, salvo os recursos mediante os quais o Egito tinha satisfeito a cobiça da natureza.

Quantas vezes sucede o mesmo conosco! Uma vez que o coração perde o vigor da vida divina quando as coisas divinas começam a perder o seu sabor, quando o primeiro amor declina, quando Cristo deixa de ser uma porção preciosa e absolutamente suficiente para a alma, quando a Palavra de Deus e a oração perdem o seu encanto e se tomam enfadonhos, insípidos e maquinais, então os olhos voltam-se para o mundo, o coração segue os olhos, e os pés seguem o coração. Esquecemos, em tais momentos, o que o mundo era para nós quando estávamos nele e éramos dele. Esquecemos o labor da escravidão, a miséria e a degradação que encontramos ao serviço do pecado e de Satanás, e só pensamos nos prazeres e comodidade e de nos vermos livres dos penosos exercícios, conflitos e ansiedades que se acham no caminho do povo de Deus no deserto.

Tudo isto é muito triste e deveria conduzir a alma ao mais profundo juízo próprio. É terrível quando aqueles que decidiram seguir o Senhor começam a cansar-se do caminho e das provisões de Deus. Quão terrivelmente devem ter soado estas palavras aos ouvidos do Senhor: "Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos"!

Ah! Israel, que te faltava mais? Esse alimento celestial não era suficiente para ti? Não podias viver daquilo que a mão do teu Deus te proporcionava?

### O Maná

E nos permitimo-nos fazer perguntas semelhantes? Encontramos sempre o nosso maná celestial suficiente para as nossas necessidades? Que significa a pergunta frequentemente levantada por cristãos professos sobre o bem ou mal que há neste ou naquele prazer mundano? Não temos nós ouvido dos próprios lábios de pessoas que fazem profissão destacada palavras como estas: "Como devemos então passar o tempo? Não podemos estar sempre a pensar em Cristo e nas coisas celestiais. Devemos ter um pouco de recreio." Isto não é um pouco semelhante à linguagem de Israel em Números 1? Sim, é, realmente; e assim como é a linguagem, assim é a conduta. O próprio fato de nos entregarmos a outras coisas demonstra infelizmente que Cristo não é suficiente para os nossos corações. Quantas vezes, por exemplo, não descuramos a Bíblia para ler avidamente uma literatura mundana. Que significam os periódicos abertos e a Bíblia quase sempre fechada e coberta de pó? Estas coisas não falam claro? Não será isto desprezar o maná e suspirar ou, antes, comer os alhos e as cebolas?

Chamamos especialmente a atenção dos jovens cristãos para o fato que está agora diante de nós. Estamos profundamente impressionados com o sentimento do perigo em que eles estão de cair no mesmo pecado de Israel, segundo o relato neste capítulo. Não resta dúvida de que estamos todos em perigo, mas especialmente os jovens entre nós. Aqueles de entre nós que são avançados em idade não estão tão sujeitos a serem arrastados pelas frívolas pretensões do mundo -os seus concertos, as suas diversões, os seus prazeres, os seus cânticos inúteis e a sua literatura supérflua. Mas os jovens querem ter um pouco do mundo. Anseiam prová-lo por si mesmos. Não acham que Cristo seja suficiente para o coração. Querem algum recreio.

Mas há! Que pensamento! Como é triste ouvir um cristão dizer- -Quero algum recreio. Em que vou passar o dia? Não posso estar sempre a pensar em Jesus. Gostaríamos de perguntar a todos aqueles que assim falam: em que empregarás a eternidade? Cristo não será suficiente para os séculos

incontáveis?- Precisarás de recreio lá d Suspirarás por literatura inútil, canções frívolas e prazeres levianos ?

Dir-se-á, talvez: seremos diferentes então. Em que sentido? Temos a natureza divina - temos o Espírito Santo; temos Cristo por nossa porção; pertencemos ao céu; fomos trazidos a Deus. Mas temos uma natureza má-replicará alguém. Bem, devemos cuidar dela? É por isso que suspiramos por recreio? Devemos esforçar-nos por ajudar a nossa miserável carne a nossa natureza corrupta a passar o dia? Não, somos convidados a negá-la, a mortificá-la, a considerá-la como morta. Isto é o recreio cristão. E este o modo de o cristão empregar o dia. Como podemos nós crescer na vida divina se nos preocupamos apenas em fazer provisões para a carne? O alimento do Egito não pode alimentar a nova natureza; e a grande questão para nós é esta: qual queremos realmente alimentar e fomentar: a nova ou a velha natureza ? E óbvio que a natureza divina não pode de modo algum alimentar-se com os periódicos, canções fúteis, e literatura insubstancial; por isso, se nos entregamos, em qualquer medida, a estas coisas, as nossas almas murcharão e desfalecerão.

Que Deus nos dê graça para pensar nestas coisas atentamente. Andemos em Espírito para que Cristo possa ser sempre a porção suficiente dos nossos corações. Tivesse Israel, no deserto, andado com Deus, e nunca teria dito: "Mas agora a nossa alma se seca; coisa nenhuma há senão este maná diante dos nossos olhos"! Esse maná teria sido amplamente suficiente para eles. E assim é conosco. Se realmente andamos com Deus, neste deserto, as nossas almas se contentarão com a parte que Ele nos dá, e essa parte é um Cristo celestial.

Poderá Ele jamais deixar de satisfazer-nos? Não satisfaz Ele o coração de Deus? Não enche Ele todo o céu com a Sua glória? Não é Ele o tema do cântico dos anos e o objeto supremo da sua homenagem e adoração? Não é Ele o assunto dos desígnios e propósitos eternos?- A história dos Seus caminhos não envolve a eternidade?

Que resposta temos nós para dar a todas estas interrogações? Que outra resposta poderíamos dar senão um sim sincero sem reserva nem hesitação? Pois bem, não é este bendito Senhor, no profundo mistério da Sua Pessoa e glória moral dos Seus caminhos e segundo o brilho e bem-aventurança do Seu caráter, suficiente para os nossos corações? Carecemos de alguma coisa

mais? Necessitamos dos jornais e de alguma vulgar revista par encher o vazio nas nossas almas? Devemos deixar Cristo por uma diversão ou por um concerto?

Oh! Como é triste termos de escrever assim! E mesmo muito triste, mas é muito necessário; e aqui fazemos formalmente esta pergunta ao leitor: Achas realmente que Cristo e insuficiente para satisfazer? Se assim é, estás num estado alarmante de alma, e cumpre te examinar este assunto e examiná-lo atentamente. Inclina o teu rosto perante Deus, e julga-te honestamente. Abre-Lhe tudo. Confessa-Lhe até que ponto tens caído e te extraviaste pois certamente assim tens feito sempre que o Cristo de Deus não tem sido bastante para ti. Confessa tudo no secreto do teu coração a Deus e não descanses até estares plena e ditosamente restaurado à comunhão Consigo comunhão de coração no tocante ao Filho do Seu amor.

#### As Pessoas Estrangeiras

Mas devemos voltar ao nosso capítulo, e fazendo o chamamos a atenção do leitor para uma expressão cheia de importantes avisos para nós: "E o vulgo, que estava no meio deles, veio a ter grande desejo; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar." Não há nada mais prejudicial para a causa de Cristo ou almas do Seu povo do que a união com pessoas de princípios diferentes. E muito mais perigoso do que ter de tratar com inimigos declarados e conhecidos, Satanás sabe isto bem, e por isso faz constantes esforços para levar o povo de Deus a ligar-se com aqueles que têm princípios ambíguos; ou, por outro lado para introduzir falsos elementos, falsos professos, no meio dos que procuram, de qualquer modo, seguir um caminho de separação do mundo.

No Novo Testamento encontramos repetidas referencias a este carácter especial do mal. Encontramo-las profeticamente nos evangelhos e historicamente nos Atos e nas epístolas. Assim, temos o joio e o fermento em Mateus 13. Então, em Atos, encontramos pessoas aderindo à assembleia que eram como "o vulgo" de Números 11. E, finalmente, temos as referências apostólicas a elementos adulterados que o inimigo havia introduzido com o fim de corromper o testemunho e subverteras almas do povo de Deus. Assim o apóstolo fala de

"falsos irmãos que se tinham entremetido" (Gl 2:4). Judas fala também de "alguns que se introduziram" (versículo 4).

De tudo isto aprendemos a necessidade urgente de vigilância por parte do povo de Deus; e não só de vigilância, mas também de absoluta dependência do Senhor, o único que pode preservar o Seu povo da introdução de falsos elementos, e guardá-lo de todo o contato com homens de princípios mistos e caráter duvidoso. "O vulgo" terá certamente "grande desejo", e o povo de Deus corre o perigo iminente de ser desviado da sua própria simplicidade e de se sentir enfastiado do maná celestial, o seu próprio alimento. O que é necessário é absoluta decisão por Cristo por meio de devoção por Ele e a Sua causa. Onde um grupo de crentes pode andar em verdadeira devoção a Cristo e notória separação do mundo, não há perigo de pessoas de caráter ambíguo procurarem um lugar entre eles, ainda que Satanás procure, sem dúvida, sempre manchar o testemunho introduzindo hipócritas. Tais pessoas conseguem entrar, e por seus maus caminhos trazem opróbrio sobre o nome do Senhor. Satanás sabia muito bem o que estava a fazer, quando induziu o vulgo a unir-se à congregação de Israel. Não foi imediatamente que se manifestaram os efeitos dessa mistura. O povo havia saído com mão forte; tinham passado o Mar Vermelho e entoado o cântico da vitória nas suas margens. Tudo parecia brilhante e prometedora; mas, não obstante, "o vulgo" estava ali, e o efeito da sua presença bem depressa se manifestou.

Assim é sempre na história do povo de Deus. Podemos distinguir nos grandes movimentos espirituais que têm tido lugar de século em século certos elementos de decadência que, ocultos da vista, ao princípio, pela grande corrente de graça e energia, se mostraram logo que essa corrente começou a baixar.

Isto é muito grave e exige uma santa vigilância. Diz respeito tanto aos indivíduos como forçosamente à assembleia do povo de Deus coletivamente. Nos primeiros dias da nossa juventude, quando o zelo e o fervor nos caracterizavam, a corrente da graça deslizava tão ditosamente que muitas coisas podiam passar sem ser julgadas, as quais eram, na realidade, sementes atiradas ao solo pela mão do inimigo, e que, a seu tempo, é certo germinarem e frutificarem. Por isso segue-se que tanto as assembleias dos cristãos como os

próprios cristãos individualmente devem estar sempre de atalaia - mantendo sempre ciosamente guarda para que o inimigo não ganhe vantagem neste caso. Onde o coração é leal a Cristo, é certo que tudo acabará bem. O nosso Deus é tão misericordioso, que toma cuidado de nós e nos preserva de mil e uma ciladas. Possamos nós confiar n'Ele e louvá-Lo.

### Moisés Fraquejando sob o Peso da Responsabilidade

Mas temos outras lições a tirar do importante capítulo que está aberto diante de nós. Não só temos de contemplar faltas por parte da congregação de Israel, como vemos o próprio Moisés fraquejar e quase sucumbir sob o peso da sua responsabilidade.

"E disse Moisés ao SENHOR: Porque fizeste mal a teu servo, e por que não achei graça aos teus olhos, que pusesses sobre mim a carga de todo este povo?- Concebi, eu porventura, todo este povo?- Gerei-o eu para que me disesses que o levasse ao colo, como o aio leva o que cria, à terra que juraste a seus pais\*?- Donde teria eu carne para dar a todo este povo? Porquanto contra mim choram, dizendo: Dá-nos carne a comer; eu só não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim. E, se assim fazes comigo, mata-me, eu to peço, se tenho achado graça aos teus olhos; e não me deixes ver o meu mal" (versículos 11-15).

Isto é verdadeiramente linguagem espantosa. Não pensamos nem por um momento explorar os defeitos e fraquezas de um servo tão querido e consagrado como Moisés. Longe de nós tal pensamento. Ficaria mal comentar os atos e as palavras de um que o Espírito Santo declarou que "foi fiel em toda a sua casa" (Hb 12). Moises, a semelhança de todos santos do Velho Testamento, tomou o seu lugar entre, "os espíritos dos justos aperfeiçoados", e todas as referências que lhe são feitas no Novo Testamento têm por fim honrá-lo e apresentá-lo como um vaso precioso.

Contudo, somos obrigados a considerar a história inspirada que temos diante de nós, história escrita pelo próprio Moisés. É verdade, ditosamente verdade, que os defeitos e as faltas do povo de Deus de que se fala no Velho Testamento não se comentam no Novo Testamento; e contudo estão registrados no Velho Testamento, por quê? Não será isto para nosso ensino? Sem duvida: "Porque

tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança" (Rm 15:4).

Que devemos então aprender com essa notável explosão de abatimento descrita em Números 11:11-15? Pelo menos, aprendemos isto: que é o deserto que realmente revela o que há no melhor de nós. É ali que se prova o que há em nossos corações. E como o Livro de Números é enfaticamente o livro do deserto, é nele que podíamos esperar ver toda a sorte de falhas e fraquezas inteiramente descobertas. O Espírito de Deus registra fielmente todas as coisas. Apresenta os homens como são; e até mesmo se é Moisés quem "fala imprudentemente com seus lábios" (Sl 106:33), essa linguagem imprudente está registrada para nossa admoestação e instrução. Moisés era "sujeito às mesmas paixões" a que nós estamos sujeitos; e é evidente que nesta parte da sua história o seu coração sente-se sucumbir sob o peso espantoso das suas responsabilidades.

Dir-se-á talvez- não admira que o seu coração sucumbisse. Não é caso para admirar, certamente, porque o seu fardo era pesado demais para ombros humanos. Mas a questão é esta: Era pesado e mais para os ombros divinos? Moisés havia sido chamado realmente para levar sozinho o fardo? O Deus vivo não estava com ele? Deus não era suficiente? Que importava que Deus atuasse por intermédio de um homem ou de dez mil? Todo o poder, toda a sabedoria, toda a graça estão com Ele. Ele é a fonte de toda a bem-aventurança, e, segundo o juízo da fé, não tem nenhuma importância que haja só um canal ou que haja mil e um.

Isto é um bom princípio moral para todos os servos de Cristo. É muito necessário que os tais se lembrem de que sempre que Deus coloca um homem numa posição de responsabilidade, pode tanto habilitá-lo para a ocupar como mantê-lo nela. É uma coisa diferente se a vontade dum homem o precipita, sem ser enviado, em qualquer campo de trabalho ou posto de dificuldade e perigo. Em tal caso podemos seguramente esperar um completo abatimento mais cedo ou mais tarde. Mas quando Deus chama um homem para uma determinada posição, não deixa de o dotar com a necessária graça para a ocupar. Ele nunca manda ninguém lutar à sua custa; e portanto tudo que temos a fazer é depender d'Ele para tudo que necessitamos. Isto diz respeito a todos os casos. Não

podemos nunca falhar se nos apoiarmos no Deus vivo. Não nos atormentará a sede de bebermos da fonte. Os pequenos mananciais bem cedo secarão; mas nosso Senhor Jesus Cristo declara: "Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre" (Jo 7:38).

E uma grande lição para o deserto. Sem ela não podemos avançar um passo. Se Moisés a tivesse plenamente compreendido, nunca teria proferido tais palavras como estas; "Donde teria eu carne para dar a todo este povo? Ele teria fixado os seus olhos só em Deus. Teria sabido que era apenas um instrumento nas mãos de Deus, cujos recursos eram ilimitados. Seguramente Moisés não podia proporcionar alimento àquela vasta assembleia nem um só dia; mas o Senhor podia suprir as necessidades de tudo quanto vive, e supri-las para sempre.

Creemos realmente isto? Não parece às vezes que duvidamos disso? Não sentimos às vezes como se nos competisse a nós e não a Deus prover as nossas necessidades? - E então é caso para admirar se desanimamos e trememos e sucumbimos\*? - Na verdade Moisés tinha razão para dizer: "Eu só não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim". Havia só um coração que podia suportar uma tal companhia, a saber: o coração d'Aquele bendito Senhor que, quando eles sucumbiam de cansaço junto dos fornos de tijolo do Egito, tinha descido para os libertar, e que tendo os redimido da terra do inimigo, havia estabelecido a sua morada no meio deles. Ele podia sustentá-lo e somente Ele. O Seu coração amantíssimo e a Sua mão poderosa eram por si só suficientes para essa tarefa; e se Moisés estivesse no pleno poder desta grande verdade não teria e não poderia ter dito: "E, se assim fazes comigo, mata-me, eu to peço, se tenho achado graça aos teus olhos; e não me deixes ver o meu mal."

Isto foi certamente um momento sombrio na história deste ilustre servo de Deus. Faz-nos lembrar alguma coisa do profeta Elias, quando se assentou debaixo de um zimbro e pediu ao Senhor para tomar a sua vida (1 Rs 19:4). Como é maravilhoso ver estes dois homens no monte da transfiguração? - Isto prova de uma maneira notável que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, nem os Seus caminhos são os nossos caminhos. Tinha alguma coisa melhor guardada para Moisés e Elias do que o que eles contemplavam.

Bendito seja o Seu nome, Ele repreende os nossos temores pelas riquezas da Sua graça, e quando os nossos pobres corações querem antecipar a morte e a desgraça, Ele dá vida, vitória e glória.

#### A Resposta de Deus e a Suficiência do Espírito Santo

Sem dúvida, não podemos deixar de ver que Moisés, fugindo a um lugar de tanta responsabilidade, renunciou realmente a um lugar de alta dignidade e a um santo privilégio. Isto parece muito evidente pela seguinte passagem: "É disse o SENHOR a Moisés: Ajunta-me setenta homens dos anciãos de Israel, de quem são anciãos do povo e seus oficiais; e os trarás perante a tenda da congregação, e ali se porão contigo. Então, eu descerei, e ali falarei contigo, e tirarei do Espírito que está sobre ti, e o porei sobre eles; e contigo levarão a carga do povo, para que tu sozinho o não leves" (versículos 16-17).

Ganhou-se algum poder adicional com a introdução de setenta homens? Não poder espiritual, certamente, visto que, depois de u o, era só o espírito que estava sobre Moisés. Decerto, eram setenta homens em vez de um; mas a multiplicação de homens não era um aumento de poder espiritual. Evitou muitos cuidados a Moisés, mas perdeu dignidade. Desde então ele ia ser um instrumento em vez de ser o único.

Pode dizer-se que Moisés, abençoado servo como era, não desejava dignidade para si, mas que buscava antes um senda sombria, humilde e secreta. Sem dúvida; mas isto não afeta a questão que estamos considerando. Moisés, como veremos imediatamente, era o homem mais manso de toda a terra; nem nós queremos sugerir sequer a ideia de que qualquer simples homem teria feito melhor nas suas circunstâncias.

Mas devemos procurar reter a grande lição prática que este capítulo encerra de uma maneira tão admirável. O melhor dos homens falha; e parece muito claro que Moisés, no capítulo décimo primeiro de Números, não estava na calma elevada da fé. Parece ter perdido, de momento, aquele equilíbrio de alma que é o resultado a que chegam com certeza aqueles que só têm o Deus vivo como centro dos seus pensamentos. Chegamos a esta conclusão não só com o fato de ele haver vacilado sob o peso da sua responsabilidade, mas do estudo do seguinte parágrafo:

"E dirás ao povo: Santificai vos para amanhã e comereis carne; porquanto chorastes aos ouvidos do SENHOR, dizendo: Quem nos dará carne a comer, pois bem nos ia no Egito? Pelo que o SENHOR vos dará carne, e comereis; não comereis um dia, nem dois dias, nem cinco dias, nem dez dias, nem vinte dias; mas um mês inteiro, até vos sair pelos narizes, até que vos enfastieis dela, porquanto rejeitastes ao SENHOR, que esta no meio de vós, e chorastes diante dele, dizendo: Porque saímos do Egito?- E disse Moisés: Seiscentos mil homens de pé é este povo, no meio do qual estou; e tu tens dito: Dar-lhe-ei carne, e comerão um mês inteiro. Degolar-se-ão para eles ovelhas e vacas, que lhes bastem? Ou ajuntar-se-ão para eles todos os peixes do mar que lhes bastem? Porém o SENHOR disse a Moisés: Seria, pois, encurtada a mão do SENHOR? Agora verás se a minha palavra te acontecerá ou não" (versículo 18-23).

Em tudo isto vemos a operação daquele espírito de incredulidade que tende sempre a limitar o Santo de Israel. Não podia o Deus, o Possuidor dos céus e da terra, prover de carne seiscentos mil homens de pé? Ah! É precisamente aqui que todos nós tão tristemente falhamos. Não compreendemos, como deveríamos, a realidade que temos de tratar com o Deus vivo. A fé introduz Deus na cena e portanto não conhece nada acerca de dificuldades; pelo contrario, ri das impossibilidades. Segundo o juízo da fé, Deus é a grande resposta para toda a questão a grande solução de todas as dificuldades. Submete tudo a Deus; e por isso para a fé não importa que sejam seiscentos mil ou seiscentos milhões; sabe que Deus é todo suficiente. Encontra todos os seus recursos n'Ele. A incredulidade diz: "Como podem ser tais e tais coisas?-" Está cheia de interrogações; mas a fé tem uma só e grande resposta para dez mil interrogações, e esta resposta é DEUS.

"E saiu Moisés, e falou as palavras do SENHOR ao povo, e ajuntou setenta homens dos anciãos do povo e os pôs em roda da tenda. Então, o SENHOR desceu na nuvem e lhe falou; e, tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; e aconteceu que, quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas, depois, nunca mais" (versículos 24-25).

O verdadeiro segredo de todo o ministério é o poder espiritual. Não é o talento ou o intelecto ou a energia do homem; mas simplesmente o poder do Espírito de

Deus. Isto era verdadeiro nos dias de Moisés e é verdadeiro agora. "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos" (Zc 4:6). E conveniente que todos os ministros se lembrem sempre disto. Isto fortalecerá o seu coração e dará ao seu ministério uma constante vivacidade. Um ministério que emana de uma dependência permanente do Espírito Santo nunca pode tornar se estéril. Se um homem está confiado nos seus próprios recursos, depressa estará desprovido deles. Pouco importa o que os seus talentos possam ser ou que tenha vastos conhecimentos ou amplos meios de informação; se o Espírito Santo não for a fonte e poder do seu ministério, ele perderá mais cedo ou mais tarde a sua vivacidade e a sua eficácia.

#### Ensinamentos Práticos para Nós

Quão importante é pois que todos os que servem, quer seja no evangelho ou na Igreja de Deus, dependam contínua e exclusivamente do poder do Espírito Santo. Ele sabe o que as almas necessitam e pode suprir essas necessidades. Mas tem de confiar se n'Ele. De nada servirá confiar em parte no ego e em parte no Espírito de Deus. Se houver algo de confiança própria, depressa se tornará evidente. Devemos realmente renunciar a tudo que pertence ao ego, se queremos ser vasos do Espírito Santo.

Não quer dizer que não deva haver uma santa diligência e fervor no estudo da Palavra de Deus e no estudo também dos exercícios, provações, conflitos, e as diversas dificuldades das almas. Pelo contrário, estamos convencidos de que quanto mais absolutamente nos apoiarmos no grande poder do Espírito Santo, com o sentimento da nossa nulidade, tanto mais estudaremos sincera e diligentemente tanto o Livro como a alma. Seria um erro fatal usar a profissão de dependência do Espírito Santo, como pretexto para descuidar o estudo feito com oração e meditação. "Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos" (1 Tm 4:15).

Mas, depois de tudo, recorde se que o Espírito Santo é a fonte inesgotável e vivente do ministério. É Ele só que pode descobrir em vivacidade e plenitude divina os tesouros da Palavra de Deus e aplicá-los, em poder celestial, às necessidades atuais da alma. Não se trata de revelar nova verdade, mas simplesmente de patentear a própria Palavra de maneira que opere sobre o

estado espiritual e moral do povo de Deus. Isso é verdadeiro ministério. Um homem pode falar cem vezes sobre a mesma porção da Escritura, às mesmas pessoas, e, em cada uma delas, pode anunciar Cristo em vivacidade espiritual às suas almas. E, por outro lado, um homem pode atormentar o seu cérebro para descobrir novos temas e novas maneiras de tratar velhos textos, e, ao mesmo tempo, pode não haver um átomo de Cristo ou de poder espiritual no seu ministério.

Tudo isto é certo para o evangelista bem como para o ensinador ou pastor. Um homem pode ser chamado para pregar o evangelho no mesmo lugar durante anos, e pode, por vezes, sentir-se deprimido pelo pensamento de ter de dirigir se ao mesmo auditório sobre o mesmo tema semana após semana, mês após mês, ano após ano. Pode sentir dificuldade em encontrar alguma coisa nova e variada. Pode sentir o desejo de se deslocar a qualquer outra esfera, onde os temas que lhe são familiares serão novos para os ouvintes. Será muito útil aos tais lembrar-lhes que o grande tema do evangelista é Cristo.

O Espírito Santo é o poder para desenrolar este tema; e aquele perante o qual este tema deve ser desenrolado é o pobre pecador perdido. Ora, Cristo é sempre novo; o poder do Espírito é sempre novo; a condição e o destino do pecador são sempre interessantíssimos. Além disso, é conveniente para o evangelista recordar, cada vez que prega, que aqueles a quem prega ignoram realmente o evangelho, e por isso deve falar-lhe como se fosse a primeira vez que o seu auditório ouvisse a mensagem e a primeira vez que ele a entregava. Porque, recorde-se, a pregação do evangelho, na aceitação divina da frase, não é uma exposição estéril de simples doutrina evangélica, uma certa forma de palavras expostas sem cessar com a mesma rotina fastidiosa. Muito longe disso. Pregar o evangelho é realmente patentear o coração de Deus, a pessoa e a obra de Cristo; e tudo isto pela presente energia do Espírito Santo dos inesgotáveis tesouros da Sagrada Escritura.

Que todos os pregadores tenham sempre estas coisas perante o seu pensamento, e então pouco importará que haja um só pregador ou setenta, um homem no mesmo lugar durante cinquenta anos ou o mesmo homem em cinquenta lugares diferentes num ano. A questão não é de modo algum de

homens novos ou novos lugares, mas simples e inteiramente quanto ao poder do Espírito Santo revelando Cristo à alma.

Assim, no caso de Moisés, segundo o relato do nosso capítulo, não houve aumento de poder. Do espírito que estava sobre ele foi dado aos setenta anciãos. Deus pode atuar no intermédio de um homem tão bem como por setenta; e se não atua, setenta não são mais que um. E da máxima importância ter Deus sempre diante da alma. Este é o verdadeiro segredo de poder e vivacidade quer para o evangelista, quer para o ensinador ou qualquer outro servo.

Quando um homem pode dizer: "Todas as minhas fontes estão em Deus" (Sl 87:7) não necessita de perturbar-se quanto à esfera do seu trabalho ou competência para o fazer. Mas quando assim não é, podemos compreender muito bem a razão por que um homem deseja ardentemente compartilhar com outros o seu trabalho e responsabilidade.

Podemos recordar como, no começo do livro de Êxodo, Moisés não queria ir para o Egito em simples dependência de Deus, e como foi prontamente em companhia de Arão. Assim sucede sempre. Gostamos de alguma coisa palpável, alguma coisa que os olhos possam ver e as mãos tocar. Achamos que é duro termos que ficar firmes como vendo Aquele que é invisível. E todavia os próprios esteios a que nos encostamos acabam por ser muitas vezes canas rachadas que ferem as mãos. Arão veio a ser uma origem abundante de dores para Moisés; e aqueles que nós, na nossa estultícia, imaginamos serem indispensáveis coadjutores, vêm a ser, frequentemente, o contrário. Oh, que possamos todos aprender a inclinarmo-nos de todo o coração e inquebrantável confiança sobre o Deus vivo!

#### Eldade e Medade

Mas devemos terminar esta parte do livro, e, antes de o fazer, queremos aludir por um momento ao espírito verdadeiramente excelente com que Moisés enfrenta as novas circunstâncias em que ele próprio se havia colocado. Uma coisa é retroceder ante o peso da responsabilidade e cuidado e outra muito diferente comportarmo-nos com graça e verdadeira humildade para com aqueles que são chamados para compartilhar esse peso conosco. As duas

coisas são totalmente diferentes, e podemos muitas vezes ver a diferença ilustrada de uma maneira notável. Na cena que temos diante de nós, Moisés manifesta aquela delicada humildade que o caracterizava de um modo tão especial.

"Porém no arraial ficaram dois homens [dos setenta]; o nome de um era Eldade, e o nome do outro era Medade; e repousou sobre eles o Espírito (porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda), e profetizaram no arraial. Então, correu um moço, o anunciou a Moisés, e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. E Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus jovens escolhidos, respondeu e disse: Senhor meu, Moisés, proíbe-lho. Porém Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (versículos 26-29).

Isto é lindo. Moisés estava muito longe desse espírito miserável de inveja que não deixa falar ninguém senão ele próprio. Estava preparado pela graça para se alegrar com todas as manifestações de verdadeiro poder espiritual, não importava onde nem por quem. Sabia muito bem que não podia haver verdadeira profecia senão pelo poder do Espírito de Deus; e onde quer que esse poder fosse exibido, quem era ele para procurar extingui-lo ou impedi-lo? Oxalá que houvesse mais deste excelente espírito! Que cada um de nós o busque! Que tenhamos graça para nos regozijarmos sinceramente com o testemunho e serviço de todo o povo do Senhor, ainda que não nos seja possível ver todas as coisas do mesmo ponto de vista e ainda que o nosso método e a nossa medida não sejam diferentes! Nada pode ser mais desprezível que aquele espírito de inveja e ciúme que não permitirá que um homem tome interesse em qualquer trabalho senão o seu. Podemos estar certos de que de quer que o Espírito de Cristo está atuando nos corações, aí haverá a compreensão para abraçar o vasto campo da obra do nosso bendito Senhor e todos os Seus amados obreiros têm regozijo sincero pelo trabalho ser feito, seja quem for o obreiro que o faz. Um homem cujo coração está cheio de Cristo, poderá dizer e dizê-lo sem afetação - contanto que a obra se faça contanto que Cristo seja glorificado, contanto que as almas sejam salvas,

contanto que o rebanho do Senhor seja alimentado e cuidado, não me interessa saber quem faz o trabalho.

Este é o espírito justo que devemos cultivar e está em flagrante contraste com a ocupação mesquinha e egoísta que só se regozija no trabalho em que o próprio eu tem um lugar proeminente. Que o Senhor nos liberte de tudo isto e nos dê aquele estado de alma que Moisés expressou quando disse: "Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse do seu Espírito!

### O Juízo da Cobiça

O parágrafo final do nosso capítulo mostra-nos o povo entregue ao miserável e fatal gozo daquilo por que os seus corações tinham cobiçado. "E ele satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar as suas almas" (SI 106-15). Obtiveram aquilo por que suspiravam e encontraram nele a morte. Queriam carne; e com a carne veio o juízo de Deus. Isto é muito solene. Tenhamos em conta a advertência! O pobre coração está cheio de desejos e de odiosa cobiça. O maná celestial deixa de o satisfazer. Necessita de alguma coisa mais. Deus permite que o tenhamos. Mas, então? Fraqueza, esterilidade, juízo! Oh, Senhor, guarda os nossos corações unidos sempre só a ti! Sê Tu sempre a porção suficiente das nossas almas, enquanto atravessamos este deserto, e até vermos a Tua face em glória!

## MIRIÃ, ARÃO E A MULHER CUSITA DE MOISÉS

Aparte resumida do nosso livro de que nos acercamos agora pode ser considerada sob dois aspectos distintos: em primeiro lugar, é simbólica; e em segundo, é moral ou prática.

Na união de Moisés com "a mulher cusita" temos uma figura do grande e maravilhoso mistério da união da Igreja com Cristo, sua Cabeça. Este assunto já foi tratado no nosso estudo sobre o livro do Êxodo; porém vêmo-lo aqui, através de um prisma particular, como aquilo que provoca a inimizade de Arão e Miriã. Os atos soberanos da graça encontram oposição daqueles que se mantêm sobre o terreno das relações naturais e privilégios carnis. Sabemos, segundo o ensino do Novo Testamento, que a extensão da graça aos gentios foi o que provocou o ódio mais cruel e terrível dos judeus. Não a queriam; não acreditavam nela ou, antes, não queriam sequer ouvir falar dela. Em Romanos, capítulo 11, faz-se uma alusão notável a isto, quando o apóstolo, referindo-se aos gentios, diz: "Porque assim como vós também, antigamente, fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes (judeus), agora, foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada" (Rm 11:30-31). Isto é precisamente o que temos simbolizado na história de Moisés. Antes de tudo, ele apresentou-se a Israel, seus irmãos segundo a carne, mas eles, em sua incredulidade, o aborreceram.

Lançaram-no fora e nada queriam com ele. Isto tornou-se, na sabedoria de Deus a ocasião de misericórdia para a estrangeira, pois, foi durante o período de rejeição de Moisés por Israel que ele formou a união mística com uma noiva gentílica. Contra esta união Miriã e Arão falam neste capítulo 12: e a sua oposição desencadeia o juízo de Deus. Miriã fica leprosa, uma pobre pessoa contaminada, objeto próprio de misericórdia que ali aflui sobre ela pela intercessão do próprio contra quem ela havia falado.

O símbolo é completo e o mais notável. Os judeus não têm crido na gloriosa verdade de misericórdia para os gentios e portanto a ira tem caído sobre eles o mais possível. Mas serão trazidos a Deus dentro em pouco com base na simples misericórdia, assim como tem acontecido com os gentios. Isto é

deveras humilhante para aqueles que procuravam permanecer sobre o princípio da promessa e privilégio nacional; mas assim é na sabedoria da dispensação de Deus, sabedoria cujo pensamento arranca ao apóstolo inspirado esta magnificente doxologia: "O profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?- Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!" (Rm 11:33-36).

Isto basta quanto ao sentido típico do nosso capítulo. Vejamos agora o seu lado prático e moral,

"E falaram Miriã e Arão contra Moisés, por causa da mulher cusita, que tomara; porquanto tinha tomado a mulher cusita. E disseram: Porventura, falou o SENHOR somente por Moisés? Não falou também por nós? E o SENHOR O ouviu. E era o varão Moisés muito manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra. E logo o SENHOR disse a Moisés, e a Arão e a Miriã: Vós três saí à tenda da congregação. E saíram eles três. Então, o SENHOR desceu na coluna da nuvem e se pôs à porta da tenda: depois, chamou Arão e a Miriã, e eles saíram ambos. E disse: Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele me farei conhecer ou em sonhos falarei com ele. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, e de vista, e não por figuras; pois ele vê a semelhança do SENHOR; por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo, contra Moisés? Assim, a ira do SENHOR contra eles se acendeu; e foi-se. E a nuvem se desviou de sobre a tenda; e eis que Miriã era leprosa como a neve; olhou Arão para Miriã, e eis que era leprosa" (versículos 1-10).

É uma coisa muito grave falar-se contra o servo do Senhor. Podemos estar certos de que, mais cedo ou mais tarde, Deus tratará do caso. No caso de Miriã, o juízo divino caiu imediatamente e de um modo solene. Era uma falta grave, sim, positiva rebelião falar contra um a quem Deus, havia elevado de uma maneira tão notável e que havia sido incumbido de uma missão divina; e que, além disso, no próprio assunto de que eles se queixavam, tinha agido em perfeita harmonia com os desígnios de Deus e proporcionava um tipo desse

glorioso mistério que esteve oculto em Seus pensamentos eternos: a união de Cristo e a igreja.

Mas, em todo o caso, é um erro fatal ainda que seja contra o mais fraco e mais humilde dos servos de Deus. Se o servo faz mal, se está em erro ou tem falhado em qualquer coisa, o próprio Senhor tratará com ele; mas que os seus conservos tenham em conta como procuram tomar conta do assunto, para não serem achados, à semelhança de Miriã, entremetendo-se para seu próprio dano.

#### A Honra que se Deve ao Servo de Deus

E terrível ouvir, por vezes, a maneira como as pessoas se permitem falar e escrever sobre os servos de Cristo. Eles podem, na verdade, dar motivo para isso; podem ter cometido erros e manifestado um espírito mau e falta de domínio próprio; mas temos de confessar que é, no nosso parecer, um pecado terrível contra Cristo falar mal dos Seus amados servos. Seguramente, devíamos sentir a importância e solenidade destas palavras: "Por que, pois, não tivestes temor de falar contra o meu servo?"

Possa Deus dar-nos graça para nos guardarmos deste grande mal! Vigiem para não sermos achados fazendo aquilo que tanto O ofende, ou seja falar contra aqueles que Lhe são queridos. Não existe um só membro do povo de Deus em quem não se possa achar alguma coisa boa, se a buscarmos de um modo próprio. Ocupemo-nos só do em; fixemo-nos nele, e procuremos fortalecê-lo e desenvolvê-lo por todos os modos possíveis. E, por outro lado, se não temos podido descobrir coisas boas no nosso irmão e conservo; se os nossos olhos têm descoberto coisas perversas; se não temos conseguido descobrir a faísca vital no meio das cinzas a preciosa gema no meio do lixo; se apenas temos visto o que era simplesmente da natureza, então lancemos com mão delicada e carinhosa o véu do silêncio sobre o nosso irmão ou falemos dele somente no trono da graça.

Assim também quando acontece estarmos na companhia daqueles que se entregam à pecaminosa prática de falar contra o povo do Senhor, se não podemos conseguir mudar o curso o da conversação, levantemo-nos e abandonemos o lugar, dando deste modo testemunho contra aquilo que é tão

detestável para Cristo. Não nos sentemos jamais com o detrator para o escutar. Podemos estar certos de que ele está fazendo a obra do diabo e infligindo positivamente dano a três pessoas, a saber: a si próprio, àquele que o escuta e a quem é alvo das suas observações de crítica.

Existe qualquer coisa perfeitamente bela na maneira como Moisés se conduziu na cena que temos diante de nós. Mostra se verdadeiramente um homem manso não só no caso de Eldade e Medade, mas também no assunto mais delicado de Miriã e Arão. Quanto ao primeiro, em vez de ter ciúmes daqueles que eram chamados para compartilhar da sua dignidade e responsabilidade, regozijou-se no seu trabalho, e desejou que todo o povo de Deus pudesse ter o mesmo sagrado privilégio. E, quanto ao segundo, em vez de alimentar qualquer ressentimento contra seu irmão e irmã, estava pronto para, imediatamente, tomar o lugar de intercessão. "Pelo que Arão disse a Moisés: Ah! senhor meu, ora não ponhas sobre nós este pecado, que fizemos loucamente, e com que havemos pecado! Ora, não seja ela como um morto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade da sua carne já consumida.

Clamou, pois, Moisés ao SENHOR, dizendo: O Deus, rogo-te que acures" (versículos 11-13).

#### A Intercessão de Moisés

Aqui Moisés manifesta o Espírito do seu Mestre e ora por aqueles que tão severamente tinham falado contra ele. Isto era vitória, vitória - de um homem manso - vitória da graça. Um homem que conhece o seu próprio lugar na presença de Deus é capaz de se elevar acima de toda a maledicência. Não se deixa perturbar por ela, a não ser por causa daqueles que a praticam. Pode bem perdoá-la. Não é atingível, pertinaz, nem se ocupa consigo mesmo. Sabe que ninguém o pode pôr mais baixo do que ele merece estar; e, por isso, se alguém fala contra, ele pode humildemente curvar a cabeça e passar em frente, entregando se a si próprio e deixando a sua causa nas mãos d'Aquele que julga justamente e que seguramente retribuirá a cada um segundo as suas obras.

Isto é verdadeira dignidade. Possamos nós compreendê-la um pouco melhor, e, então, não estaremos tão dispostos a cederá cólera se alguém julga que é oportuno falar afrontosamente de nós ou do nosso trabalho; pelo contrário,

seremos capazes de levantar os nossos corações em ardente oração por eles, e assim fazer descer bênção sobre eles e as nossas almas.

As linhas finais do nosso capítulo confirmam o ponto de vista típico ou de dispensação que nos arriscamos a sugerir. "E disse o SENHOR a Moisés: Se seu pai cuspira em seu rosto, não seria envergonhada sete dias? Esteja fechada sete dias fora do arraial; e, depois, a recolham. Assim, Miriã esteve fechada fora do arraial sete dias, e o povo não partiu, até que recolheram a Miriã. Porém, depois, o povo partiu de Hazerote; e assentaram o arraial no deserto de, Parã" (versículos 14-16). Podemos considerar Miriã, assim fechada fora do acampamento, como uma figura da condição presente da nação de Israel, a qual, em consequência da sua implacável oposição ao pensamento divino de misericórdia para com os gentios, está posta de parte.

Mas quando tiverem decorrido os " sete dias", Israel será restaurado com base na graça soberana exercida para com eles por meio da intercessão de Cristo.

## CAPÍTULO 13

### OS DOZE ESPIAS NA TERRA DE CANAÃ

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Envia homens que espieem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual maioral entre eles. E enviou-os Moisés, do deserto de Parã, segundo o dito do SENHOR" (versículos 1-3).

Para compreender perfeitamente este mandamento devemos confrontá-lo com uma passagem no livro de Deuteronômio, na qual Moisés, repassando os fatos da história maravilhosa de Israel no deserto, recorda-lhes esta circunstância importante e cheia de interesse: "Então, partimos de Horebe e caminhamos por todo aquele grande e tremendo deserto que vistes, pelo caminho das montanhas dos amorreus, como o SENHOR, nosso Deus, nos ordenara; e chegamos a Cades-Barnéia. Então, eu vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o SENHOR, nosso Deus, nos dará. Eis aqui o SENHOR, teu Deus, te deu esta terra diante de ti; sobe, possui-a, como te falou o SENHOR, Deus de teus pais; não temas e não te assustes. Então, todos vós vos chegastes a mim e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espieem a terra e nos deem resposta por que caminho devemos subir a ela e a que cidades devemos ir" (Dt 1:19-22).

Aqui temos portanto a origem moral do fato exposto em Números 13:2. É evidente que o Senhor deu o mandamento a respeito dos espias por causa de condição moral do povo. Tivessem eles sido guiados por simples fé, e teriam atuado de acordo com essas palavras tocantes de Moisés: "Eis aqui o SENHOR, teu Deus, te deu esta terra diante de ti; sobe, possui-a, como te falou o SENHOR, Deus de teus Pais; não temas e não te assustes."

Não há nenhuma referência nesta esplêndida passagem a respeito dos espias. Que necessidade tem a fé de espias quando tem a palavra e a presença do Deus vivo? Se Javé lhes havia dado uma terra, devia valer a pena possuí-la. E não lhes a havia Ele dado? Sim, certamente; e não somente isso, mas tinha dado também testemunho da natureza e caráter dessa terra nas seguintes palavras: "Porque o SENHOR, teu Deus, te mete numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes e de abismos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem

escassez, e nada te faltará nela; terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre" (Dt 8:7-9).

Isto tudo não teria sido suficiente para Israel? Não deveriam ter estado satisfeitos com o testemunho de Deus? Não havia ele examinado a terra por eles e não lhes havia dito tudo acerca dela? E isto não era bastante? Que necessidade havia de enviar homens para espiara terra? Deus não sabia tudo a respeito dela? Acaso havia um só lugar "desde Dã a Berseba" do qual Ele não tinha perfeito conhecimento? Não havia Ele escolhido e destinado esta terra, em Seus conselhos eternos, para a semente de Abrão, o Seu amigo? Não conhecia Ele todas as dificuldades? E não podia vencê-las? Então, por que se chegaram todos a Moisés e disseram: "Mandemos homens adiante de nós, para que nos espiem a terra e nos deem resposta?"

Ah, prezado leitor, estas interrogações tocam de perto os nossos corações! Descubrem-nos e mostram claramente o estado em que estamos. Não nos pertence criticar friamente os caminhos de Israel no deserto e apontar um erro aqui e uma falta ali. Devemos considerar todas estas coisas como tipos postos diante de nós para nossa admoestação. São sinais erigidos por uma mão fiel e amiga a fim de nos avisar e desviar-nos dos escolhos perigosos, areias movediças e rochas que se encontram ao longo do nosso caminho e ameaçam a nossa segurança. Podemos estar certos de que isto é o verdadeiro modo de ler cada página da história de Israel, se quisermos colher o fruto que o nosso Deus nos tem destinado ao fazer uma tal narração.

Mas pode acontecer que o leitor esteja disposto a perguntar: "O Senhor não ordenou expressamente a Moisés que mandasse os espias? E se assim foi, porque foi mal Israel mandá-los?-" É verdade que em Números 13 o Senhor ordenou a Moisés que enviasse os espias, mais isto era uma consequência da condição moral do povo, como se demonstra em Deuteronômio 1. Não compreenderemos a primeira passagem se não a lermos à luz da última. Aprendemos claramente de Deuteronômio 1:22 que a ideia de enviar os espias teve a sua origem no coração de Israel. Deus viu a sua condição moral e deu um mandamento em perfeito acordo com essa situação.

Se o leitor consultar as primeiras páginas do Primeiro Livro de Samuel, encontrará qualquer coisa semelhante no caso da eleição de um rei. O Senhor

deu ordem a Samuel para dar ouvidos à voz do povo e constituir-lhes um rei. Era porque aprovava esse plano? Seguramente que não; pelo contrário, declara abertamente que isso equivalia positivamente a rejeitá-lo. E porque ordena então a Samuel que lhes constitua um rei? A ordem foi dada em consequência da condição de Israel. Começavam a estar cansados da posição de inteira dependência sobre um braço invisível; e aspiravam a um braço de carne. Desejavam ser como as nações à roda deles e ter um rei para sair adiante deles e fazer as suas guerras.

Bem, Deus deu-lhes o que pediam, e eles depressa foram convidados a comprovar a inutilidade do seu plano. O seu rei comportou-se como um falhado, e eles tiveram de aprender que era uma coisa amarga e má abandonar o Deus vivo para se apoiarem a uma cana quebrada de sua própria eleição.

Pois bem, vemos a mesma coisa no caso dos espias. Não pode haver dúvidas na mente de qualquer pessoa espiritual que estuda todo assunto, quanto ao fato de que o plano de enviar os espias foi fruto da incredulidade. Um coração simples que confiasse em Deus nunca teria pensado em tal coisa. O quê! Devemos enviar pobres mortais para espiares um país que Deus por Sua muita graça nos tem dado e que Ele próprio tem plena e fielmente descrito? Longe de nós tal pensamento; não, digamos, pelo contrário: "É bastante; a terra é dádiva de Deus, e como tal tem que ser boa. Temos a palavra do Deus vivo."

Mas infelizmente Israel não estava em condições de adotar uma tal linguagem. Queriam enviar os espias. Sentiam necessidade deles, os seus corações aspiravam por eles: o desejo deles, estava nas próprias profundidades da alma; o Senhor sabia isto, e por isso deu uma ordem em relação direta com o estado moral do povo.

O leitor fará bem em considerar este assunto à luz da Escritura. Terá necessidade de comparar Deuteronômio 1 com Números 13. É possível que encontre dificuldade em julgar a verdadeira natureza e origem moral do ato de enviar os espias devido ao fato de que o acontecimento teve lugar por fim em conformidade com "o dito do SENHOR". Porém, devemos recordar sempre que o fato de o Senhor mandar que isso fosse feito não prova, de modo algum, que o povo tivesse razão em a pedir. A concessão da lei no Monte Sinai; o envio dos espias; e a eleição de um rei, são provas disto.

Sem duvida Deus dominava todas estas coisas para Sua própria glória e para a bênção final do homem; porém mesmo assim a lei não podia ser encarada como a expressão do coração de Deus; a eleição de um rei era um rejeição absoluta d'Ele mesmo; e podemos dizer que o envio dos espias à terra da promessa provou claramente que o coração de Israel não estava inteiramente satisfeito com o Senhor. Toda a questão era o fruto da sua fraqueza e incredulidade, embora consentido por Deus por causa da sua condição, e dominado por Ele, em Sua infinita bondade e sabedoria infalível, para o desenvolvimento dos Seus caminhos e manifestação da Sua glória. Tudo isto é demonstrado plenamente no prosseguimento da sua história.

"Enviou-os (os espias), pois, Moisés a espiar a terra de Canaã e disse-lhes: Subi por aqui para a banda do sul e subi à montanha; e vede que terra é, e o povo que nela habita; se é forte ou fraco; se pouco ou muito; e qual é a terra em que habita, se boa ou má; e quais são as cidades em que habita, se em arraiais, se em fortalezas. Também qual é a terra, se grossa ou magra; se nela há árvores ou não; e esforçai-vos e tomai do fruto da terra. E eram aqueles dias os dias das primícias das uvas. Assim, subiram e espiaram a terra desde o deserto de Zim até Reobe, à entrada de Hamate... depois, vieram até ao vale de Escol e dali cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas, o qual trouxeram dois homens sobre uma verga, como também romãs e figos. Chamaram àquele lugar o vale de Escol, por causa do cacho que dali cortaram os filhos de Israel. Depois, voltaram de espiar a terra, ao fim de quarenta dias. E caminharam, e vieram a Moisés, e a Arão e a toda a congregação dos filhos de Israel no deserto de Parã, a Cades, e, tomando, deram-lhe conta a eles e a toda a congregação; e mostraram-lhes o fruto da terra. E contaram-lhe e disseram: Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel, e este é o fruto" (versículos 17-27).

Aqui, pois, estava a mais plena confirmação de tudo quanto o Senhor havia dito acerca da terra: o testemunho de doze homens quanto ao fato de que a terra manava leite e mel, testemunho dos seus próprios sentidos quanto ao caráter do fruto da terra. Além disso, havia o fato eloquente de que doze homens tinham estado realmente na terra, que tinham gastado quarenta dias a percorrê-la em todas as direções, haviam bebido das suas fontes e comido dos

seus frutos. E qual teria sido, segundo o juízo da fé, a conclusão evidente a tirar de um tal fato? Simplesmente esta, que a mesma mão que havia conduzido doze homens dentro da terra podia conduzir toda a congregação.

#### A Dúvida quanto às Promessas Divinas

Mas, ah, o povo não era governado pela fé, mas por funesta e desanimadora incredulidade; e até os próprios espias—os próprios homens que haviam sido enviados com o propósito de incutir confiança na congregação e de a confirmar—com duas brilhantes exceções estavam sob o poder do mesmo espírito desonroso para Deus! Em suma, todo o plano resultou num fracasso. O resultado apenas tomou evidente a verdadeira condição dos corações do povo. A incredulidade dominava. O testemunho era bastante claro; "Fomos à terra a que nos enviaste; e, verdadeiramente, mana leite e mel, e este é o fruto." Nada faltava ao lado em que Deus havia posto a questão. A terra era tudo que Ele havia dito, os próprios espias eram testemunhas; mas escutemos o que se segue.

"O povo, porém, que habita nessa terra é poderoso, e as cidades, fortes e mui grandes; e também ali vimos os filhos de Anaque" (versículo 28).

E certo haver sempre um "porém" onde o homem entra em jogo e quando a incredulidade está em ação. Os espias incrédulos viram as dificuldades—grandes cidades, muralhas altas, gigantes. Viram todas estas coisas; mas não viram o Senhor. Olharam para as coisas que se viam em vez das coisas que se não viam. Os seus olhos não estavam postos n'Aquele que é invisível. Decerto, as cidades eram indubitavelmente grandes; mas Deus era maior. As muralhas eram altas; mas Deus estava mais alto. Os gigantes eram fortes; mas Deus era mais forte.

E assim que a fé sempre raciocina. A fé parte no seu raciocínio de Deus para as dificuldades: Começa com Deus. A incredulidade, pelo contrário, raciocina desde as dificuldades para Deus: começa com elas. Nisto consiste toda a diferença. Não quero dizer que temos de ser insensíveis às dificuldades; nem temos de ser indiferentes. Nem a insensibilidade nem a indiferença é fé.

Há pessoas despreocupadas que parecem avançar através da vida sobre o princípio de tomar as coisas pelo seu lado bom. Isso não é fé. A fé encara as

dificuldades de frente; está perfeitamente alerta contra o lado escabroso, Não é ignorante nem indiferente nem descuidada; mas—o quê?—INTRODUZ O DEUS VIVO em todo o assunto. Olha para Ele, apoia-se n'Ele e recebe d'Ele. Eis aqui o grande segredo do seu poder. Acalenta a convicção profunda de que nunca houve para o Deus Todo-Poderoso uma muralha demasiado alta, uma cidade demasiado grande uma gigante demasiado forte. Em suma, a fé é a única coisa que dá Deus o Seu próprio lugar; e, como consequência, é a única coisa que eleva a alma inteiramente acima da influência das circunstâncias que nos rodeiam, sejam quais forem. Calebe foi o expoente desta preciosa fé, quando disse: "Subamos animosamente e possuamo-la em herança; porque, certamente, prevaleceremos contra ela." Este é o tom de voz dessa fé viva que glorifica Deus e não se preocupa com as circunstâncias.

Mas infelizmente a maioria dos espias não estava mais compenetrada desta fé viva do que os homens que os enviaram; e por isso o único crente foi reduzido ao silêncio pelos dez infiéis. "Porém, os homens que com ele subiram disseram: Não poderemos subir contra aquele povo." A linguagem da infidelidade estava absolutamente oposta à linguagem da fé. Esta, olhando para Deus, disse: "Podemos muito bem subir." Aquela, olhando para as dificuldades, disse: "Não podemos." Assim foi e assim é. Os olhos da fé estão sempre vendados pelo Deus vivo, e portanto as dificuldades não são vistas. Os olhos da incredulidade estão vendados com as circunstâncias, e portanto Deus não é visto. A fé introduz Deus, e portanto tudo é resplandecente e fácil. A incredulidade exclui sempre Deus, e portanto tudo é escuro e difícil.

"E infamaram a terra, que tinham espiado, perante os filhos de Israel, dizendo: A terra, pelo meio da qual passamos a espiar, é terra que consome os seus moradores; e todo o povo que vimos no meio dela são homens de grande estatura. Também vimos ali gigantes, filhos de Anaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos e assim também éramos aos seus olhos." Nem uma palavra sobre Deus. Deus é inteiramente deixado de fora. Se tivessem pensado n'Ele, se tivessem comparado os gigantes com Ele, então nenhuma diferença haveria, quer eles fossem como gafanhotos, quer fossem como homens. Mas, de fato, eles, por meio da sua vergonhosa incredulidade, reduziram o Deus de Israel ao nível de um gafanhoto!

É notável que onde quer que a infidelidade atuar, ver como é sempre caracterizada pelo fato de excluir a Deus. Ver como isto é verdadeiro em todas as épocas, em todos os lugares e sob todas as circunstâncias. Não há exceção. A infidelidade toma em conta os feitos humanos, pode discorrer sobre eles, e tirar deles conclusões; porém todas as suas deduções e conclusões são baseadas sobre a exclusão de Deus. A força dos seus argumentos depende da exclusão e separação d'Ele. Introduza-se Deus, e toda a argumentação da infidelidade se desfaz em pó aos nossos pés. Assim, na cena que temos perante nós: Qual é a resposta da fé a todas as objeções apresentadas por esses dez incrédulos?- A sua resposta simples, satisfatória, para a qual não pode haver réplica é—DEUS!

Prezado leitor, conheces alguma coisa do valor e força desta bem-aventurada resposta? Conheces Deus? Ele enche inteiramente o curso da visão da tua alma? Ele é a resposta para todas as tuas interrogações? A solução de todas tuas dificuldades? Conheces a realidade de andar, dia a dia, com o Deus vivo? Conheces o poder tranquilizador de se estar apoiado n'Ele "através de todas as mutações e contingências desta vida mortal? Se assim não é, permite que te rogue que não continues uma hora mais no teu estado presente. O caminho está aberto. Deus revelou-Se na face de Jesus Cristo como o socorro e refúgio de toda a alma necessitada. Olha para Ele agora mesmo, "enquanto Ele pode ser achado; invoca O enquanto está perto". "Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"; e "todo aquele que crê não será confundido".

Mas se, pelo contrário, conheces Deus, pela graça, como teu Deus e Salvador—teu Pai—então busca glorificá-Lo em todos os teus caminhos por meio de uma confiança pueril e indiscutível em todas as coisas. Que Ela encha perfeitamente os teus olhos, em todas as circunstâncias, e assim, apesar de todas as dificuldades, a tua alma será mantida em perfeita paz.

## CAPITULO 14

### A INCREDELIDADE

"Então, levantou-se toda a congregação, e alçaram a sua voz; e o povo chorou naquela mesma noite." Admiramo-nos? Que mais podia esperar-se de um povo que nada tinha diante dos seus olhos senão gigantes poderosos, altas muralhas e grandes cidades? Que mais podia esperar-se senão lágrimas e suspiros de uma congregação que se via a si própria como gafanhotos na presença de tão insuperáveis dificuldades e sem ter o sentido do poder divino que podia conduzi-los vitoriosamente através de tudo? Toda a assembleia estava entregue ao domínio absoluto da infidelidade. Estavam rodeados pelas nuvens escuras e glaciais da incredulidade. Deus estava excluído. Não havia um só raio de luz para iluminar nas trevas em que se haviam envolvido a si próprios. Estavam ocupados consigo mesmos e as suas dificuldades em vez de Deus e os Seus recursos. Que mais podiam portanto fazer senão levantar as suas vozes de choro e lamentações?

Que contraste entre isto e o começo do Êxodo 15! Ali os seus olhos estavam só fixados em Javé, e portanto podiam cantar o cântico da vitória. "Tu, com a tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste; com a tua força o levaste à habitação da tua santidade. Os povos o ouvirão, eles estremecerão: apoderar-se-á uma dor dos habitantes da Filístia" (versículos 13-14). Em vez disto era Israel que estava em temor, e a dor apoderou-se deles.

"Então, os príncipes de Edom se pasmarão, dos poderosos dos moabitas apoderar-se-á um tremor, derreter-se-ão todos os habitantes de Canaã. Espanto e pavor cairá sobre eles" (versículos 15-16). Em suma, é o lado contrário do quadro. O tremor, o espanto e o pavor se apoderaram de Israel em vez de seus inimigos. E por quê? Por que Aquele que enche a sua visão em Êxodo 15 é completamente excluído em Números 14. Nisto está toda a diferença. Num caso a fé leva a vantagem; no outro é a infidelidade. "Pela grandeza do teu braço emudecerão como pedra; até que o teu povo haja passado, ó SENHOR, até que passe este povo que adquiriste. Tu os introduzirás e os plantarás no monte da tua herança, no lugar que tu, ó SENHOR, aparelhaste para a tua habitação; no santuário, ó Senhor, que a tuas mãos estabeleceram. O SENHOR reinará eterna e perpetuamente."

Oh, que contraste entre estes acentos de triunfo e os gritos infieis e lamentações de Números 14! Em Êxodo 15 nem uma palavra sobre os filhos de Enaque, muralhas altas e gafanhotos. Não, não; O Senhor é tudo. É a Sua destra, o Seu braço poderoso, o Seu poder, a Sua herança, a Sua habitação, os Seus atos a favor do Seu povo resgatado. E por outro lado se é feita preferência aos habitantes de Canaã é só pensando neles como apoderados de tremor, espantos e perturbados.

Mas, por outro lado, quando nos voltamos para Números 14 tudo é lamentavelmente invertido. Os filhos de Enaque são postos em eminência. As altas muralhas, as cidades enormes com as suas temíveis fortificações, enchem a visão do povo, e não ouvimos uma só palavra sobre o Todo-Poderoso Libertador. De um lado estão as dificuldades e do outro os gafanhotos; e se constrangido a exclamar: "Será possível que os que entoaram o cântico de triunfo junto ao Mar Vermelho se hajam convertido nos chorosos incrédulos de Cades?"

Ah! Assim é, e aqui aprendemos uma profunda e santa lição. Temos de recorrer continuamente, ao passar por estas cenas do deserto, a essas palavras que nos dizem que " ... tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos" (1 Co 10:11). Não somos nós, à semelhança de Israel, mais propensos a olhar para as dificuldades que nos rodeiam do que para o bendito Senhor que se tem encarregado de nos conduzir através delas todas e nos introduzir em segurança no Seu reino eterno? Porque estamos às vezes abatidos"? Por que nos lamentamos? Por que motivo se ouvem mais as palavras de descontentamento e impaciência no meio de nós do que os cânticos de louvor e ações de graças? Simplesmente porque permitimos que as circunstâncias nos ocultem Deus, em vez de termos Deus como um perfeito véu para os nossos olhos e objeto dos nossos corações.

E demais, perguntamos, por que razão é que nós menosprezamos a nossa posição de homens celestiais? - por que deixamos de tomar posse do que nos pertence como cristãos? - de pôr pé sobre essa herança espiritual e celestial que Cristo tem adquirido para nós e na posse da qual entrou como nosso precursor? Qual a resposta a dar a estas interrogações? Apenas uma palavra: incredulidade!

A Palavra inspirada declara a propósito de Israel que eles "não puderam entrar por causa da sua incredulidade" (Hb 3:19). Assim acontece conosco. Deixamos de entrar na nossa herança celestial, deixamos de tomar posse praticamente da nossa verdadeira e própria parte, deixamos de andar, dia a dia, como povo celestial, sem ter lugar, nome ou porção na terra, sem nada termos que ver com este mundo senão passar dele como peregrinos e estrangeiros, através que seguem as pisadas d'Aquele que nos precedeu e tomou o Seu lugar nos céus. E por que fracassamos? Por causa da incredulidade. A fé não está na energia, e portanto as coisas que se veem têm mais poder sobre os nossos corações do que as coisas que se não veem.

Oh, que o Espírito Santo fortaleça a nossa fé e dê energia às nossas almas e nos conduza em tudo de forma que possamos não só ser achados falando da vida celestial mas vivendo-a para louvor d'Aquele que nos chamou em Sua infinita graça para ali!

"E todos os filhos de Israel murmuraram contra Moisés e contra Arão; e toda a congregação lhe disse: Ah! Se morrêramos na terra do Egito! Ou, ah! Se morrêramos neste deserto! E por que nos traz o SENHOR a esta terra para cairmos à espada e para que nossas mulheres e nossas crianças sejam por presa? Não nos seria melhor voltarmos ao Egito? E diziam uns aos outros: Levantemos um capitão e voltemos ao Egito" (versículos 2-4).

Existem duas tristes fases de incredulidade que se mostram na história de Israel no deserto: uma em Horebe, a outra em Cades. Em Horebe fizeram um bezerro de ouro, e disseram: "Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito." Em Cades sugeriram levantar um capitão para os reconduzir ao Egito. O primeiro caso é a superstição da incredulidade; o segundo a independência voluntária da incredulidade; e, certamente, não temos motivo para espanto se aqueles que pensavam que um bezerro os tinha tirado do Egito agora queriam levantar um capitão para os conduzir de novo ali. A pobre inteligência humana é jogada como uma bola de um para outro desses males dolorosos. Não existe recurso senão aquele que a fé encontra no Deus vivo. No caso de Israel Deus foi perdido de vista. Não viam outro recurso senão um bezerro ou um capitão; morte no deserto ou regresso ao Egito. Calebe forma um brilhante contraste com tudo isto, Para ele não havia morte no deserto nem regresso ao Egito, mas uma ampla entrada na terra prometida ao abrigo do impenetrável escudo de Javé.

#### Josué e Calebe

"E Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, dos que espiaram a terra, rasgaram as suas vestes. E falaram a toda a congregação dos filhos de Israel, dizendo: A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra muito boa. Se o SENHOR se agradar de nós, então, nos porá nesta terra, e no-la dará, terra que mana leite e mel. Tão-somente na sejais rebeldes contra o SENHOR e não temais o povo desta terra, porquanto são eles nosso pão; retirou-se deles o seu amparo, e o SENHOR é conosco; não os temais. Então, disse toda a congregação que os apedrejassem."

E porque deviam ser apedrejados? Era por terem mentido? Era por haverem proferido blasfêmias ou feito algum mal? Não; era por causa do seu ousado e

sincero testemunho da verdade. Haviam sido enviados a espiar a terra e fazer um relato exato a respeito dela.

Fizeram isto; e por isso "disse toda a congregação que os apedrejassem com pedras". O povo não gostava então mais da verdade do que agora. A verdade nunca é popular. Não há lugar para ela neste mundo ou no coração humano. A mentira e o erro, em todas as suas formas, será aceite, mas a verdade nunca. Josué e Calebe tiveram que afrontar, no seu tempo, o que todas as verdadeiras testemunhas do Senhor, em todos os tempos, têm experimentado e terão de experimentar, isto é, a oposição e o aborrecimento da massa dos seus semelhantes. Seiscentas mil vozes levantaram-se contra dois homens que simplesmente disseram a verdade e confiaram em Deus. Assim tem sido; assim é; e assim será até esse glorioso momento em que "a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Is 11: 9).

Mas, oh! Quão importante é estar-se habilitado, à semelhança de Josué e Calebe, a dar um testemunho claro, firme e completo da verdade de Deus! Quão importante é manter a verdade quanto à própria parte e herança santos! Existe uma grande tendência para corromper a verdade - para a desperdiçar e abandonar e rebaixar o seu padrão. Daí a necessidade urgente de possuir a verdade em poder divino na alma e podermos dizer, ainda que na nossa pequena medida, "nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos" (Jo 3:11). Calebe e Josué não só haviam estado na terra, mas haviam estado com Deus por causa da terra. Tinham olhado para ela do ponto de vista da fé. Sabiam que a terra era deles no propósito de Deus; que, como dom de Deus, era digna de ser possuída; e que, pelo poder de Deus, ainda haviam de a possuir. Eram homens cheios de fé, de coragem e poder.

Bem-aventurados homens! Viviam na luz da presença divina, enquanto toda a congregação estava envolta nas sombras escuras da sua incredulidade. Que contraste! E isto que sempre marca a diferença até mesmo entre o povo de Deus. Encontramos constantemente pessoas de quem não podemos ter dúvidas de que são filhos de Deus; mas que, não obstante, parecem nunca chegar à altura da revelação divina quanto à sua posição e parte que têm como santos de Deus. Estão sempre cheios de dúvidas e temores; sempre rodeados de nuvens; sempre do lado escuro das coisas. Olham para si mesmos ou para

as suas circunstâncias ou dificuldades. Nunca são alegres e felizes; nunca podem mostrar essa alegre confiança e coragem que convém a um cristão e que glorifica a Deus.

Tudo isto é verdadeiramente deplorável, e não deveria ser; podemos estar seguros de que aqui há algum grave defeito, qualquer coisa radicalmente má. O cristão deveria estar sempre tranquilo e feliz; sempre disposto, haja o que houver, a louvar a Deus. A sua alegria não provém de si mesmo ou da cena através da qual passa, mas do Deus vivo e está fora do alcance de toda a influência terrestre. Ele pode dizer: "Deus meu, fonte de todas as minhas alegrias." Este é o doce privilégio do mais fraco filho de Deus. Mas é aqui justamente que falhamos de um modo tão triste. Desviamos os nossos olhos de Deus para os fixarmos em nós próprios ou nas circunstâncias, nos agravos ou nas dificuldades; por isso tudo é trevas e descontentamento, murmurações e lamentações. Isto não é, de modo nenhum, cristianismo. É incredulidade—incredulidade sombria, mortal, que desonra a Deus e deprime o coração."... Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e de moderação" (2 Tm 1:7).

Tal é a linguagem de um Calebe verdadeiramente espiritual, linguagem dirigida àquele cujo coração sentia o peso das dificuldades e perigos que o rodeavam. O Espírito de Deus enche a alma do verdadeiro crente de uma santa ousadia. Dá elevação moral acima da atmosfera fria e tenebrosa que o rodeia e leva a alma à claridade deslumbradora daquela região "onde os vendavais e as tempestades jamais se desencadeiam".

#### Moisés e a Glória do SENHOR

"Porém a glória do SENHOR apareceu na tenda da congregação a todos os filhos de Israel. E disse o SENHOR a Moisés: Até quando me provocará este povo?- E até quando me não crerão por todos os sinais que fiz no meio deles?- Com pestilência o ferirei, e o rejeitarei, e farei de ti povo maior e mais forte do que este" (versículos 10-12).

Que momento este na história de Moisés! Aqui estava o que a natureza podia considerar como uma oportunidade única para ele.

Nunca antes e nunca depois houve qualquer ocasião de um simples homem ter assim uma porta aberta diante dele. O inimigo e o seu próprio coração podiam dizer: "Este é o momento favorável para ti. Tens aqui a oferta de vires a ser o chefe e fundador de uma grande e poderosa nação — uma oferta feita pelo próprio Senhor.

Tu não a procuraste. E posta diante de ti pelo Deus vivo, e seria o cúmulo da loucura da tua parte rejeitá-la."

Porém, leitor, Moisés não era egoísta. Estava embebido demasiadamente do Espírito de Cristo para buscar ser alguma coisa. Não tinha ambições profanas nem aspirações egoístas. Só desejava a glória de Deus e o bem do Seu povo; e a fim de alcançar esse fim, estavam, por graça, a sacrificar-se a si próprio e aos seus interesses sobre o altar.

Ouvi a sua admirável resposta. Em vez de agarrar a oferta contida nas palavras "farei de ti povo maior e mais forte do que este" — em vez de aproveitar avidamente a ocasião única de lançar os fundamentos da sua fama e fortuna pessoal se coloca a si próprio completamente de lado e responde no tom de mais nobre desinteresse: — "E disse Moisés ao SENHOR: Assim, os egípcios o ouvirão; porquanto com a tua força fizeste subir este povo do meio deles. E o dirão aos moradores desta terra, que ouvirem que tu, ó SENHOR, estás no meio deste ovo, que de face a face, ó SENHOR, lhes apareces, que tua nuvem está sobre eles, e que vais adiante deles numa coluna de nuvem de dia e numa coluna de fogo de noite. E, se matares este povo como a um só homem, as nações, pois, que ouvirem a tua fama, falarão, dizendo: Porquanto o SENHOR não podia pôr este povo na terra que lhes tinha jurado; por isso, os matou no deserto" (versículos 13-16).

Moisés toma aqui posição mais elevada. Está exclusivamente ocupado com a glória do Senhor. Não pode suportar a ideia de que o brilho dessa glória seja deslustrado à vista das nações dos incircuncisos. Que importava que ele se tornasse em um chefe e fundador?— Que importava que no futuro milhões de homens o considerassem como ilustre progenitor, se toda esta glória e esta grandeza pessoal só devia ser adquirida por um sacrifício de um raio de glória divina? O quê? Fora com tal pensamento. Que o nome Moisés seja riscado para sempre! Assim o havia dito nos dias do bezerro de ouro, e estava pronto a

repeti-lo nos dias do capitão. Ante a superstição e independência de uma nação incrédula, o coração de Moisés batia só pela glória de Deus. Essa glória deve ser mantida a todo o custo. Venha o que vier, custe o que custar, a glória de Deus deve ser mantida.

Moisés sentiu que era impossível qualquer coisa estar bem se o mandamento não fosse posto na rigorosa manutenção da glória do Deus de Israel, O pensamento de se engrandecer a expensas do Senhor era totalmente insuportável para o coração deste abençoado homem de Deus. Não podia suportar a ideia de que o nome que ele tanto amava fosse blasfemado entre as nações, ou que jamais fosse dito, por alguém que o Senhor não havia podido.

Mas havia outra coisa que estava junto do coração desinteressado de Moisés: pensou no povo. Amava-os e interessava-se por eles. A glória do Senhor sem dúvida, estava em primeiro lugar, mas a bênção de Israel vinha logo depois. "Agora, pois, rogo-te que a força do meu SENHOR se engrandeça; como tens falado, dizendo: O SENHOR é longânimo, e grande em beneficência, que perdoa a iniquidade e a transgressão, que o culpado não tem por inocente e visita a iniquidade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração. Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua benignidade e como também perdoaste a este povo desde a terra do Egito até aqui" (versículos 17-19).

Isto é extraordinariamente belo. A ordem, o tom e o espírito desta petição são dos mais primorosos. Há, primeiro e acima de tudo, uma grande solicitude pela glória do Senhor. Esta glória deve ser protegida por todos os lados. Mas então é precisamente sobre este princípio, isto é, a manutenção da glória, que ele busca o perdão para o povo. As duas coisas estão ligadas entre si da maneira mais bendita nesta intercessão: "Que a força do meu SENHOR se engrandeça." Com que fim? De julgamento e destruição? Não; "O SENHOR É longânimo."

Que pensamento! O poder de Deus em longanimidade e perdão! Como é indizivelmente precioso! Quão familiarizado estava Moisés com o próprio coração e pensamento de Deus para poder falar neste tom! E como ele está em contraste com Elias quando no monte Horebe intercedia contra Israel! Não temos muita dificuldade em ver qual destes dois homens honrados estava mais de harmonia com o Espírito de Cristo. "Perdoa pois a iniquidade deste povo,

segundo a grandeza da sua benignidade". Estas palavras eram agradáveis aos ouvidos do Senhor, pois Ele deleita-Se em dar perdão. "E disse o SENHOR: Conforme à tua palavra, lhe perdoei". E então acrescenta: "Porem, tão certamente como eu vivo e como a glória do SENHOR encherá toda a terra" (versículos 19-21).

Observe o leitor atentamente estas duas expressões. São absolutas e sem restrição. "Lhe perdoei". E "a glória do Senhor encherá toda a terra". Nada poderia, de maneira alguma, tocar estes grandes fatos. O perdão está assegurado; e a glória resplandecerá ainda sobre toda a terra. Nenhum poder do mundo ou do inferno, dos homens ou demônios, poderá jamais interferir com a integridade divina destas duas preciosas expressões. Israel se regozijará no perdão pleno do seu Deus; e toda a terra se alegrará ainda com o brilho puro da Sua glória.

#### O Juízo contra a Incredulidade e as suas Consequências

Mas, por consequência, há tanto a disciplina como a graça. Isto nunca deve ser esquecido; nem estas coisas devem ser confundidas. Todo o livro de Deus ilustra a distinção entre a graça e o regime de governo; e em nenhuma parte tão eficazmente como na passagem que temos diante de nós. A graça perdoará; e a graça encherá a terra com os raios benditos da gloria divina; mas note-se a linguagem espantosa das rodas do governo manifestada nestas temíveis palavras: "E que todos os homens que viram a minha glória e os meus sinais que fiz no Egito e no deserto, e me tentaram estas dez (vezes, e não obedeceram à minha voz, não verão a terra de que a seus pais jurei, e até nenhum daqueles que me provocaram a verá. Porém o meu servo Calebe, porquanto nele houve outro espírito e perseverou em seguir-me, eu o levarei à terra em que entrou, e a sua semente a possuirá em herança. Ora, os amalequitas e os cananeus habitam no vale; tornai-vos, amanhã, e caminhai para o deserto pelo caminho do mar Vermelho" (versículos 22-25).

Isto é muito solene. Em vez de confiarem em Deus e avançarem ousadamente para a terra da promessa em simples dependência do Seu braço onipotente, eles provocaram-no por sua incredulidade, menosprezaram a terra agradável, e foram compelidos a retroceder aquele grande e terrível deserto.

Depois, falou o SENHOR a Moisés e a Arão dizendo: Até quando sofrerei esta má congregação, que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel, com que murmuram contra mim. Dize-lhes: Assim eu vivo, diz o SENHOR, que, como falastes aos meus ouvidos, assim farei a vós outros. Neste deserto cairá o vosso cadáver, como também todos os que de vós foram contados segundo toda a vossa conta, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra mim murmurastes; não entrareis na terra pela qual levantei a minha mão que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num. Mas os vossos filhos, de que dizeis: Por presa serão, meterei nela; e eles saberão da terra que vós desprezastes. Porém, quanto a vós, o vosso cadáver cairá neste deserto. E vossos filhos pastorearão neste deserto quarenta anos, e levarão sobre si as vossas infidelidades, até que o vosso cadáver se consuma neste deserto. Segundo o número dos dias em que espiastes esta terra, quarenta dias, o cada dia representado um ano, levareis sobre vós as vossas iniquidades quarenta anos e conhecereis o meu afastamento. Eu, o SENHOR, falei. E assim farei a toda esta má congregação, que se levantou contra mim; neste deserto se consumirão e aí falecerão" (versículos 26-35).

Tal foi, pois, o fruto da incredulidade, e tal foi a conduta governamental de Deus com um povo que O havia provocado com as suas murmurações e dureza de coração.

É da máxima importância observar aqui que foi a incredulidade que manteve Israel fora de Canaã na ocasião que estamos considerando. O comentário inspirado de Hebreus 3 põe esta questão fora de toda a dúvida. "E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade". Poderia talvez dizer-se que não havia chegado o tempo de Israel entrar na terra de Canaã. A iniquidade dos amorreus não tinha ainda atingido o seu ponto culminante. Mas esta não é a razão porque Israel recusou atravessar o Jordão. Não sabiam nada da iniquidade dos amorreus nem pensaram nela. A Escritura é tão clara quanto possível: "Não puderam entrar" — não por causa da iniquidade dos amorreus; não porque o tempo não era ainda chegado—mas simplesmente "por causa da sua incredulidade". Deveriam ter entrado. Era seu dever fazê-lo; e foram julgados por não o haverem feito. O caminho estava aberto. O juízo da fé, como fora pronunciado por Calebe, era claro e firme: "Subamos animosamente e

possuamo-la em herança; porque certamente prevaleceremos contra ela". Eram capazes nesse momento como podiam ser em qualquer outro, visto que Aquele que lhes havia dado a terra era o mesmo que podia torná-los capazes de entrar nela e a possuírem.

É conveniente notar isto e ponderá-lo cuidadosamente. Existe um certo modo de falar dos conselhos, propósitos e decretos de Deus das suas ordenanças de governo moral; e dos tempos e estações que Ele estabeleceu pelo Seu próprio poder que tem um alcance tal que chega a varrer os próprios fundamentos da responsabilidade humana. Devemo-nos guardar cuidadosamente desta ideia. Devemos lembrar sempre que a responsabilidade do homem assenta sobre o que é revelado e não sobre o que é secreto. Era dever de Israel subir imediatamente e tomar posse da terra; e foram julgados por não haverem feito. Os seus cadáveres caíram no deserto, porque não tiveram fé para entrar na terra.

Como Combater?

Não nos oferece isto uma solene lição? Certamente. Como é que, nós, como cristãos, falhamos assim em fazer valer praticamente a nossa posição celestial? Somos libertados do juízo pelo sangue do Cordeiro; somos libertados deste presente século pela morte de Cristo; mas não atravessamos o Jordão, em espírito e fé, para tomar posse da nossa herança celestial. Crê-se geralmente que o Jordão é um tipo da morte como fim da nossa vida natural neste mundo. Isto, em um sentido, é verdade. Porém, como se explica que, quando Israel, por fim, atravessou o Jordão tiveram de começar a combaterá Seguramente nós não teremos de combater quando chegarmos ao céu. Os espíritos dos que têm partido na fé em Cristo não estão a combater no céu. Não estão em conflito de qualquer forma. Estão em repouso. Estão à espera da manhã da ressurreição; mas esperam no repouso, não em conflito.

Por isso, há alguma coisa mais simbolizada no Jordão do que o fim da vida do indivíduo neste mundo. Devemos encará-lo como a figura da morte de Cristo sob um grande aspecto; assim como o ar Vermelho é uma figura da morte de Cristo sob outro aspecto; e o sangue do cordeiro da páscoa de outro. O Sangue do cordeiro havia posto Israel ao abrigo do juízo de Deus sobre o Egito. As

águas do Mar Vermelho haviam libertado Israel do próprio Egito e de todo o seu poder. Mas eles tinham de atravessar o Jordão, tinham de pôr a planta do pé sobre a terra da promessa e manter o seu lugar ali a despeito de todos os inimigos, Tinham de lutar por cada polegada de Canaã.

E qual é o significado deste último episódio? Nós temos de combater pelo céu? Quando um cristão adormece e o seu espírito parte para estar com Cristo no paraíso, é ainda uma questão de combaterá Claro que não. Que devemos então aprender com a travessia do Jordão e as guerras de Canaã? Simplesmente isto: Jesus foi morto; deixou este mundo; não só morreu por nossos pecados, mas quebrou todos os elos que nos ligavam a este mundo; de forma que nós estamos mortos para o mundo, mortos para o pecado e mortos para a lei. A vista de Deus e no juízo da fé temos tanto que ver com este mundo como um morto tem que ver com o mundo. Somos chamados para nos considerarmos como mortos para o mundo e vivos para Deus por Jesus Cristo nosso Senhor: para vivermos no vigor da nova vida que possuímos em união com Cristo ressuscitado. Pertencemos ao céu; e é mantendo a nossa posição como homens celestiais que temos de combater com os espíritos perversos nos lugares celestiais na própria esfera que nos pertence e da qual eles não foram ainda expulsos.

Se nos contentarmos em "andar à maneira dos homens" em viver como aqueles que pertencem a este mundo em parar junto ao Jordão, se nos contentarmos em viver como "habitantes da terra", se não aspiramos à nossa própria parte e posição celestial, então não conhecemos nada do conflito de Efésios 6:12. E procurando viver como homens celestiais, no tempo presente na terra, que compreenderemos o significado do conflito que é o antítipo das guerras de Israel em Canaã. Não teremos de combater quando chegarmos ao céu; mas se desejamos viver uma vida celestial na terra; se procuramos comportar nos como aqueles que estão mortos para o mundo e vivos n Aquele que desceu por nós às águas frias do Jordão, então, certamente, temos de combater.

Satanás não se poupou a esforços para nos impedir de viver no vigor da nossa vida celestial; e daí o conflito. Procurará fazer nos andar como aqueles que têm um posição terrestre, para sermos cidadãos deste mundo, para contendermos pelos nossos direitos, para mantermos a nossa distinção e dignidade, par

desdizer praticamente essa grande verdade cristã fundamental que estamos mortos com Cristo e ressuscitados com Ele.

Se o leitor se voltar por um momento para Efésios 6, verá como o autor inspirado apresenta este interessante assunto. "No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra carne e sangue (como Israel teve de fazer em Canaã), mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes" (versículos 10-13).

Aqui temos o próprio conflito cristão. Não se trata aqui de uma questão de concupiscência da carne ou da fascinação do mundo ainda que, seguramente, temos de vigiar contra essas coisas más das "ciladas do diabo". Não do seu poder, que está para sempre destruído, mas daqueles meios ardilosos e ciladas por meio dos quais procura impedir que os cristãos deem cumprimento à sua posição e herança celestial.

Ora, é na condução deste conflito que nós falhamos tão assinaladamente. Não aspiramos a tomar aquilo para que temos sido chamados. Muitos de nós estamos satisfeitos por saber que estamos ao abrigo do juízo pelo sangue do Cordeiro. Não compreendemos o profundo significado do Mar Vermelho e do rio Jordão: não nos apoderamos praticamente da sua importância espiritual. Andamos como os demais homens, a própria coisa pela qual o apóstolo censurou os Coríntios. Vivemos e atuamos como se pertencêssemos a este mundo, ao passo que a Escritura ensina e o nosso batismo expressa que estamos mortos para o mundo, assim como Jesus está morto para ele, e que n'Ele também ressuscitamos Pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos (Cl 2:12).

Que o Espírito Santo conduza as nossas almas à realidade destas coisas. Possa Ele apresentar-nos os preciosos frutos desse país celestial que é nosso em Cristo e nos fortaleça no Seu próprio poder no homem interior, que possamos ousadamente atravessar o Jordão e pôr os pés na Canaã espiritual.

Vivemos, como cristãos, muito abaixo dos nossos privilégios, Consentimos que as coisas que se veem nos roubem o gozo das coisas que se não veem. Oh, que possamos ter uma fé mais forte para tomar posse de tudo que Deus nos tem dado livremente em Cristo!

Devemos prosseguir agora com a nossa história.

"E os homens que Moisés mandara a espiar a terra e que, voltando, fizeram murmurar toda a congregação contra ele, infamando a terra, aqueles mesmos homens, que infamaram a terra, morreram de praga perante o SENHOR. Mas Josué, filho de Num, e Calebe, filho de Jefoné, que eram dos homens que foram espiar a terra, ficaram com vida" (versículos 36 a 38).

E espantoso pensar que entre aquela vasta assembleia de seiscentos mil homens, além das mulheres e crianças, só houve dois que tiveram fé no Deus vivo. Não falamos certamente de Moisés, mas simplesmente da congregação. Toda a assembleia, salvo duas exceções brilhantes, estava dominada por um espírito de incredulidade. Não podiam confiar em Deus para os introduzir na terra; não, pensaram que Ele os tinha trazido ao deserto para ali morrerem; e certamente podemos dizer que eles colheram os frutos da sua incredulidade. As dez testemunhas falsas morreram da praga; e os muitos milhares que aceitaram o seu falso testemunho foram obrigados a regressar ao deserto para ali vaguearem para cima e para baixo durante quarenta anos e morrerem então e ali serem sepultados.

Mas Josué e Calebe permaneceram sobre o bendito terreno de fé no Deus vivo, essa fé que enche a alma de coragem e da mais alegre confiança. E deles podemos dizer que colheram segundo a sua fé. Deus há de honrar sempre a fé que ele tem infundido na alma. E Seu próprio dom, e Ele não pode, podemos dizer com reverência, senão reconhecê-lo onde quer que ele existir. Josué e Calebe puderam, no simples poder da fé, resistir a uma tremenda corrente de infidelidade. Mantiveram a sua confiança em Deus em face de todas as dificuldades; e Ele honrou a sua fé de uma maneira assinalada no fim pois enquanto os cadáveres dos seus irmãos se reduziam a pó nas areias do deserto, os seus pés pisavam as colinas cobertas de vinhedos e os vales férteis da terra de Canaã. Aqueles declararam que Deus os havia tirado do Egito para

morrerem no deserto; e o seu fim foi segundo a sua palavra. Estes declaram que Deus podia introduzi-los na terra, e foram tratados segundo a sua palavra. Isto é um princípio muito importante, "Seja-vos feito segundo a vossa fé" (Mt 9:29). Lembremo-nos disto. Deus deleita-Se na fé Gosta de ser crido; e conferirá sempre honra àqueles que n'Ele confiam. Pelo contrário, a incredulidade é dolorosa para Si. Desonra-O e provoca-O e traz trevas e a morte sobre a alma. E o mais terrível pecado duvidar do Deus vivo que não pode mentir e abrigar dúvidas quando Ele tem falado. O diabo é o autor de todas as interrogações duvidosas. Compraz-se em fazer vacilar a confiança da alma; mas não tem qualquer poder sobre a alma que confia simplesmente em Deus. Os seus dardos inflamados não podem atingir aquele que está escondido atrás do escudo da fé. E, oh! Quão precioso é viver uma vida de pueril confiança em Deus! E isto que faz o coração tão feliz e enche a boca de louvor e ações de graças. Desvanece todas as nuvens e neblinas, e faz resplandecer o nosso caminho com os raios benditos do semblante do nosso Pai. Por outro lado, a incredulidade enche o coração de toda a sorte de interrogações, lança-nos sobre nós próprios, escurece a nossa senda e faz-nos verdadeiramente miseráveis.

O coração de Calebe estava cheio de alegre confiança, enquanto que os corações dos seus irmãos estavam cheios de murmurações e queixas. Assim será sempre. Se queremos ser felizes, devemos estar ocupados com Deus e o que O rodeia. Se queremos ser infelizes, temos de estar só ocupados com o ego e o que o rodeia. Vejamos por um momento o capítulo primeiro de Lucas. O que foi que encerrou Zacarias em mudo silêncio?- Foi a incredulidade. O que era que enchia coração e abria os lábios de Maria e Isabel? A fé. Aqui está a herança. Zacarias teria podido juntar-se a essas duas mulheres Piedosas em seus cânticos de louvor, se a sombria incredulidade não tivesse selado os seus lábios em melancólico silêncio. Que quadro! Que lição! Ah, possamos nós aprender a confiar com mais simplicidade em Deus! Que o espírito da dúvida esteja longe de nós! Que sejamos, no meio de uma cena infiel, fortes na fé que glorifica Deus.

Uma Atitude Insensata e Israel é Vencido pelos Inimigos

O parágrafo final do nosso capítulo ensina-nos outra santa lição. "E falou Moisés estas palavras a todos os filhos de Israel; então, o povo se contristou muito. E levantaram-se pela manhã de madrugada, e subiram ao cume do monte, dizendo: Eis nos aqui, e subiremos ao lugar que o SENHOR tem dito; porquanto havemos pecado. Mas Moisés disse: Por que quebrantais o mandado do SENHOR? Pois isso não prosperará. Não subais, pois o SENHOR não estará no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos nossos inimigos. Porque os amalequitas e os cananeus estão ali diante da vossa face, e caireis à espada; pois, porquanto vos desviastes do SENHOR, O SENHOR não será convosco, Contudo, temerariamente, tentaram subir ao cume do monte; mas a arca do concerto do Senhor e Moisés não se apartaram do meio do arraial. Então, desceram os amalequitas e os cananeus, que habitavam na montanha, e os feriram, derrotando os até Horma" (versículos 39-45).

Que conjunto de contradição é o coração humano! Quando exortados a subir imediatamente na energia da fé e tomar posse da terra, eles recuaram e recusaram ir. Caíram e choraram quando deviam ter subido e conquistar a terra. Em vão, o fiel Calebe lhes garante que o Senhor os introduziria no monte da Sua herança que Ele podia fazê-lo. Não quiseram subir porque não podiam confiar em Deus. Mas agora, em vez de curvarem as cabeças e aceitarem os ditames do governo de Deus, eles querem subir presumidamente, confiando em si mesmos.

Mas, ah! Como era inútil marchar sem o Deus vivo no meio deles. Sem Ele nada podiam fazer. E todavia, quando podiam tê-Lo, tiveram receio dos amalequitas; mas agora, ousam enfrentar esse mesmo povo sem Ele. "Eis nos aqui, e subiremos ao lugar que o SENHOR tem dito." Isto era mais fácil de dizer do que fazer. Um Israelita sem Deus não podia medir-se com um amalequita; e é digno de nota que, quando Israel recusou agir na energia da fé, quando caíram sob o poder da incredulidade que desonra a Deus, Moisés mostra-lhes as próprias dificuldades a que eles se haviam referido. Disse-lhes: "Os amalequitas e os cananeus estão ali."

Isto é pleno de instrução. Por sua incredulidade, eles haviam excluído a Deus; e portanto era obviamente uma questão entre Israel e os cananeus. A fé teria considerado a questão como uma questão entre Deus e os cananeus. Este era

precisamente o modo como Josué e Calebe viam o assunto quando disseram: "Se o SENHOR se agradar de nós, então nos porá nesta terra, e no-la dar; terra que mana leite e mel. Tão-somente não sejais rebeldes contra o SENHOR, e não temais porquanto são eles nosso pão; retirou-se deles o seu amparo, e o SENHOR é conosco; não os temais."

Aqui está o grande segredo. A presença do Senhor com o Seu povo garante vitória sobre todos os inimigos, Mas se Ele não estiver com eles, eles são como água derramada no chão. Os dez espias incrédulos haviam declarado que eles eram como gafanhotos na presença dos gigantes; e Moisés, pegando na sua palavra, declara-lhes, por assim dizer, que os gafanhotos não podem medir-se com os gigantes. Se, por um lado é verdade que "vos será feito segundo a vossa fé", por outro lado é também verdade que vos será feito segundo a vossa incredulidade.

Mas o povo conjeturava. Presumiam ser alguma coisa quando não eram nada. E oh, que desgraça presumirmos que podemos avançar na nossa própria força! Que derrota e que confusão! Que situação e que contumácia! Que humilhação e que derrota! Tinha de ser assim por força. Abandonaram a Deus na sua incredulidade; e Ele abandonou-os à sua vã conjetura. Não quiseram subir com Ele em fé; e Ele não quis ir com eles na sua incredulidade. "Mas a arca do concerto do SENHOR e Moisés não se apartaram do meio do arraial."

Assim terá de ser sempre. De nada vale aparentar força, mostrar e evadas pretensões, presumir ser alguma coisa. As pretensões e as aparências são piores do que inúteis. Se Deus não for conosco, somos como o vapor da manhã. Contudo, devemos aprender isto pratica mente. Devemos descer ao próprio fundo de tudo que existe no ego, para provar a sua completa nulidade. E efetivamente é o deserto, com todas as suas variadas cenas e mil experiências, que conduz a este resultado prático. Ali aprendemos o que é carne. Ali a natureza mostra-se inteiramente em todas as suas, fases; algumas vezes cheia de uma covarde incredulidade; outras, cheia de uma falsa confiança. Em Cades recusa subir quando lhe é dito para avançar; em Horma persiste em subir quando se lhe diz que não suba. Assim é como os extremos se tocam nessa natureza pecaminosa que o autor e o leitor destas páginas trazem em si de dia em dia.

Porém, há uma lição especial, prezado leitor, que devemos procurar aprender a fundo, antes de começar a nossa partida de Horma; e é esta: Existe uma imensa dificuldade em andar humilde e pacientemente no caminho que o nosso fracasso tornou necessário para nós. A incredulidade de Israel, recusando subir à terra de Canaã, tomou necessário que, nos atos do governo de Deus, eles voltassem para trás e errassem no deserto durante quarenta anos. A isto eles não queriam submeter-se. Recalcitraram contra isso. Não podiam dobrar a cerviz ao jugo que lhes era necessário.

Quantas vezes é este o nosso caso! Falhamos; damos qualquer passo em falso; caímos nas conseqüentes circunstâncias de provação; e, então, em vez de nos inclinarmos humildemente debaixo da mão de Deus e buscarmos andar com Ele, em humildade e espírito contrito, tornamo-nos obstinados e rebeldes; queixamo-nos das circunstâncias em vez de nos julgarmos a nós próprios, e procuramos obstinadamente escapar às circunstâncias, em vez de as aceitarmos como as conseqüências justas e necessárias da nossa conduta.

Pode suceder também que por fraqueza ou fracasso, de uma ou outra forma, recusamos entrar numa posição ou senda de privilégio espiritual, e, em conseqüência disso, somos empurrados para trás na nossa carreira, e colocados num banco mais baixo da escola. Então, em vez de nos conduzirmos humildemente e de nos submetermos com humildade e contradição às mãos de Deus, tomamos a liberdade de forçar a posição, e aparentamos gozar o privilégio e alegamos pretensões de poder, e tudo resulta na mais humilhante derrota e confusão.

Estas coisas requerem a nossa mais profunda consideração. É uma grande coisa cultivar um espírito humilde, um coração consente com um lugar de fraqueza e menosprezo. Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Um espírito pretensioso tem de ser mais cedo ou mais tarde, humilhado; e toda a pretensão de poder tem de ser revelada. Se não houver fé para tomar posse da terra prometida, então não haverá outra coisa a fazer senão trilhar o deserto em humildade e simplicidade.

E, bendito seja Deus, Ele estará conosco nesta viagem do deserto, ainda que não possa estar e não estará conosco no caminho do orgulho e pretensão. O Senhor recusou acompanhar Israel à montanha dos amorreus; mas estava

pronto a voltar para trás, e, em graça paciente, a acompanhá-los em todos os seus desvios através do deserto. Se Israel não quer entrar em Canaã com o Senhor, Ele está disposto a voltar ao deserto com Israel. Nada pode exceder a graça que brilha nisto. Tivessem eles sido tratados segundo os seus merecimentos, e podiam, pelo menos, ter sido deixados para vaguear sozinhos através do deserto. Mas, bendito seja para sempre o Seu grande nome, Ele não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui segundo as nossas iniquidades. Os Seus pensamentos não são os nossos pensamentos, nem os Seus caminhos os nossos caminhos. Não obstante toda a incredulidade, a ingratidão e a provocação que o povo mostrou; apesar do seu regresso ao deserto ser o fruto da sua própria conduta, o Senhor, em condescendente graça e paciente amor, volta com eles para ser um companheiro de viagem no deserto durante quarenta longos e tristes anos.

Assim, se o deserto demonstra o que o homem é, mostra também o que Deus é; e, além disso, mostra o que é a fé, pois Josué e Calebe tiveram de voltar com toda a congregação dos seus irmãos incrédulos e permanecer durante quarenta anos privados da sua herança, embora eles próprios estivessem prontos, pela graça, a subir à terra. Isto podia parecer uma grande injustiça. A natureza Podia julgar que era pouco razoável que dois homens de fé tivessem de sofrer por causa de incredulidade de outros. Mas a fé pode esperar com paciência. E demais, como poderiam Josué e Calebe queixar-se da marcha prolongada, quando viam o Senhor disposto a compartilhar dela com eles? Era impossível. Estavam dispostos a aguardar o momento determinado por Deus; pois a fé nunca tem pressa. A fé dos servos podia bem ser mantida pela graça do Mestre.

## CAPÍTULO 15

### O DESÍGNIO E AS PROMESSAS DE DEUS SÃO IMUTÁVEIS

As palavras com que começa este capítulo são particularmente notáveis, quando comparadas com o conteúdo do capítulo 14. Naquele tudo parecia escuro e sem esperança. Moisés teve que dizer ao povo: "Não subais, pois o SENHOR não estará no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos." E, além disso, o Senhor havia lhes dito: "Assim como eu vivo, diz o SENHOR, que, como falastes aos meus ouvidos, assim farei a vós outros. Neste deserto cairá o vosso cadáver... não entrareis na terra, feia qual levantei a minha mão que vos faria habitar nela... quanto a vós, o vosso cadáver cairá neste deserto."

Isto quanto ao capítulo 14. Mas apenas abrimos o capítulo que está diante de nos, lemos, como se nada tivesse acontecido, e como se tudo estivesse tão calmo, certo e brilhante quanto só Deus o podia fazer, palavras como estas: "Depois, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-hes: Quando entrardes na terra das vossas habitações, que eu vos hei de dar", etc. Esta é uma das passagens mais notáveis deste livro admirável. Na realidade, não há em todo este livro uma passagem tão característica não só de Números, mas do conjunto do volume de Deus.

Quando lemos a sentença solene: "Não entrareis na terra", qual é a lição que ela nos dá?- A lição, que somos tão tardios em aprender, da completa indignidade do homem. "Toda a carne é como a erva."

E, por outro lado, quando lemos palavras tais como estas: Quando entrardes na terra das vossas habitações, que eu vos hei- de dar", qual é a lição preciosa que elas nos dão? Seguramente esta, que a salvação é do Senhor. Numa aprendemos o fracasso do homem; na outra a fidelidade de Deus. Se encararmos o assunto do ponto de vista humano, a sentença é: "Não entrareis na terra." Mas se encararmos a questão do ponto de vista de Deus, podemos inventar a frase e dizer; "Indubitavelmente, entrareis."

Assim é na cena que se desenvolve agora ante os nossos olhos; e assim é em todo o volume de inspiração, do princípio ao fim. O homem fracassa; mas Deus

é fiel. O homem deita tudo a perder; mas Deus restaura tudo. "As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus." Necessitaremos de percorrer todo o cânone inspirado a fim de ilustrarmos isto? Deveremos remeter o leitor para a história de Adão no paraíso? Ou a história de Noé, depois do dilúvio? Ou a história de Israel no deserto? Israel na terra de Canaã? Israel debaixo lei? Israel sob o cerimonial levítico? Deter-nos-emos na exposição do fracasso do homem no serviço profético, sacerdotal ou real? Exporemos o fracasso da Igreja professante como vaso responsável na terra? Não faltou o homem sempre e em tudo? Ah, assim é!

Este é um dos lados do quadro—o lado sombrio e humilhante. Porém, bendito seja Deus, há também o lado animador e brilhante. Se há o "Não entrareis", há também o "indubitavelmente entrareis". E por quê? Porque Cristo entrou em cena, e n'Ele tudo está infalivelmente assegurado para glória de Deus e bênção eterna do homem. E o propósito de Deus "constituir Cristo como cabeça sobre todas as coisas."

Não há coisa alguma em que o primeiro homem tenha faltado que o segundo Homem não restaure. Tudo está estabelecido sobre uma nova base em Cristo. Ele é a Cabeça da nova criação; o Herdeiro de todas as promessas feitas a Abraão, a Isaque, e a Jacó, a respeito da terra; Herdeiro de todas as promessas feitas a Davi a respeito do trono. O governo estará sobre os Seus ombros. Ele levará a glória. E o Profeta, Sacerdote e Rei. Numa palavra, Cristo restaura tudo que Adão perdeu, e traz ainda muito mais além do que Adão teve. Por isso, quando olhamos para o primeiro Adão e as suas obras, onde quer que seja, a sentença é "Não entrareis", Não permanecereis no Paraíso —não retereis o governo—não herdareis as promessas; não entrareis na terra; não ocupareis o trono; não entrareis no reino.

Mas por outro lado, quando consideramos o último Adão e os Seus atos onde quer que seja, tudo é gloriosamente invertido: o "não" tem ser para sempre suprimido da expressão, porque em Cristo Jesus "quantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém, para glória de Deus" (2 Co 1:20), Não existe não quando se trata de Cristo. Tudo é "sim" — tudo está divinamente estabelecido e arrumado; e porque é assim, Deus pôs o Seu selo, o selo do Seu Espírito, que todos os crentes agora possuem. "Porque o Filho de Deus, Jesus

Cristo, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas nele houve sim. Porque todas quantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém, para glória de Deus, por nós. Mas o que nos confirma convosco em Cristo e o que nos ungiu é Deus, o qual também nos selou e deu o penhor do Espírito em nossos corações" (2 Co 1:19-22).

Assim, pois, as primeiras linhas do capítulo 15 de Números devem ser lidas à luz de todo o livro de Deus. Faz parte de toda a história dos caminhos de Deus com o homem neste mundo. Israel tinha perdido todo o direito à terra. Nada merecia melhor do que caíssem os seus cadáveres no deserto. E todavia tal é a grande e preciosa graça de Deus que Ele pôde falar-lhes da sua entrada na terra e dar-lhes instrução quanto aos seus caminhos e obras nela.

Nada pode ser mais abençoado e mais certo do que tudo isto. Deus sobrepõe-Se a todas as faltas e pecado do homem. É inteiramente impossível que uma simples promessa de Deus não seja cumprida. Seria possível que a conduta dos descendentes de Abraão no deserto frustrasse os propósitos eternos de Deus ou impedisse o cumprimento das promessas absolutas e incondicionais feitas aos pais? Impossível; e, portanto, se a geração que saiu do Egito recusou entrar em Canaã, o Senhor podia suscitar até das próprias pedras uma descendência àquele em favor do qual a Sua promessa deveria ter o seu cumprimento. Isto facilita a explicação da expressão com que abre o nosso capítulo, que, com beleza e força notáveis, segue as cenas humilhantes do capítulo 14.

Neste último, o sol de Israel parece pôr-se no meio de nuvens sombrias e ameaçadoras; mas naquele levanta-se com sereno esplendor, revelando e confirmando essa grande verdade que "os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (Rm 11:29). Deus nunca Se arrepende dos Seus dons ou da Sua vocação; e, por isso ainda que uma geração incrédula pudesse murmurar e rebelar-se milhares de vezes, Ele cumprirá o que tem prometido.

Eis aqui o lugar divino de repouso da fé em todo o tempo e o porto de abrigo certo e seguro para a alma no meio do naufrágio de todos os projetos e de todas as empresas humanas. Tudo se desfaz em pedaços nas mãos do homem; mas Deus permanece em Cristo. Coloque-se o homem uma e outra vez nas circunstâncias mais favoráveis e é certo cair em falência; mas Deus levantou

Cristo em ressurreição e todos os que creem n'Ele são colocados sobre uma base inteiramente nova—são associados com o Chefe ressuscitado e glorificado e assim permanecem para sempre. Esta maravilhosa associação nunca poderá ser dissolvida. Tudo está posto sobre uma base que nenhum poder da terra ou do inferno poderá jamais tocar.

Leitor, compreendes tu a aplicação de tudo isto a ti próprio? Tens descoberto, à luz da presença de Deus, que és na realidade um fracassado; que naufragaste em tudo; que não tens nem uma escusa! Tens sido induzido a fazer a aplicação pessoal dessas duas frases sobre as quais nos havemos detido, a saber: "Não entrareis", e "Certamente entrareis? Tens aprendido a força destas palavras "Para tua perda... te rebelaste contra mim, contra o teu ajudador?" Em suma, já vieste a Jesus como um pecador perdido, culpado, rebelde, e já encontraste a redenção, o perdão e a paz n'Ele?

Detém-te, prezado amigo, e considera seriamente estas coisas. Não podemos olvidar o fato importante que temos mais alguma coisa a fazer do que escrever "Estudos sobre o Livro de Números".

Temos de pensar na alma do leitor. Temos um dos mais solenes deveres a cumprir diante dele, e por isso é que, de vez em quando, nos sentimos constrangidos a abandonar, por um momento, as páginas sobre as quais meditamos para fazer um apelo ao coração e à consciência do leitor, e para lhe rogar, encarecidamente, que, se ainda não está convertido, e está indeciso, ponha de parte o livro e considere a grande questão do seu estado presente e do seu destino eterno. Em comparação com ele, todas as outras questões resultam insignificantes.

Que são todos os planos e empresas que começam, continuam e acabam no tempo, quando comparados com a eternidade e a salvação da sua alma imortal? São como o pó de uma balança. "Pois que aproveitaria ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Se tivésseis a fortuna de um Rothschild, o rei do dinheiro, se ocupásseis o pináculo da fama literária ou da ambição política, se o vosso nome fosse adornado com as honras que as universidades deste mundo podem outorgar, se a vossa testa estivesse coroada com os louros e o vosso peito coberto com as medalhas de cem vitórias, que vos aproveitaria tudo isso? Tereis de deixar tudo, tereis de passar através do

arco estreito do tempo para o oceano incomensurável da eternidade. Homens de riqueza principesca, homens de fama literária, homens que têm por seu poder intelectual ascendido à mais alta administração, homens que têm tido milhares suspensos das palavras dos seus lábios, que têm escalado o ponto mais elevado da esfera naval, militar e distinção forense, tem passado para a eternidade; e a pavorosa pergunta quanto aos tais é: "Onde está a alma?"

Prezado leitor, rogamos-te, com os mais ponderados argumentos que podem, de algum modo, ser apresentados à alma do homem, que não deixes este assunto sem ter chegado a uma justa conclusão. Pelo grande amor de Deus—pela cruz e paixão de Cristo, pelo poderoso testemunho do Espírito Santo, solenidade terrível de uma eternidade ilimitada, pelo valor infável da tua alma imortal, por todos os gozos do céu e os horrores do inferno, por estes sete poderosos argumentos, te rogamos que, neste momento, venhas a Jesus. Não demores! Não raciocines! Não argumentes! Mas vem agora, tal como estás, com todos os teus pecados, com toda a tua miséria, com a tua dissipada vida, com o teu relato terrível de misericórdias desprezadas, vantagens de que tens abusado, oportunidades perdidas, a Jesus, que está, de braços abertos e coração cheio de amor pronto a receber-te, e quer te mostrar as Suas feridas que atestam a realidade da Sua morte expiatória sobre a cruz e te convida a pores n'Ele toda a tua confiança e garante que, se o fizeres, nunca serás confundido.

Que o Espírito de Deus abra o teu coração neste momento para compreenderes este apelo e te não dê repouso até estares verdadeiramente convertido a Cristo, reconciliado com Deus e selado com o Espírito Santo da promessa!

A Graça para Israel e para o Estrangeiro

Voltemos agora, por um momento, ao nosso capítulo.

Nada pode ser tão agradável como o quadro aqui apresentado. Nele temos votos, ofertas voluntárias, sacrifícios pacíficos, e o vinho do reinado, tudo baseado sobre a graça soberana que brilha no próprio primeiro versículo. É um belo espécime, um formoso símbolo do futuro e da condição de Israel. Lembra-nos as visões maravilhosas com que termina o livro do profeta Ezequiel. A incredulidade, as murmurações, as rebeliões, são todas passadas e

esquecidas. Deus retira-Se aos Seus eternos conselhos, e desde ali olha para o tempo em que o Seu povo trará uma oferta de justiça e Lhe pagará os seus votos e do modo como o gozo do Seu reino encherá os seus corações para sempre (versículos 3-13).

Mas há um traço notável neste capítulo, e esse é o lugar que ocupa "o estrangeiro". E o mais completamente característico. "Quando também peregrinar convosco algum estrangeiro ou que estiver no meio de vós nas vossa gerações, e ele oferecer uma oferta queimada de cheiro suave ao SENHOR, como vós fizerdes, assim fará ele. Um mesmo estatuto haja para vós, ó congregação, e para o estrangeiro que entre vós peregrina, por estatuto perpétuo nas vossas gerações; como vós, assim será o peregrino perante o SENHOR. Uma mesma lei e um mesmo direito haverá para vós e para o estrangeiro que peregrina convosco" (versículos 14-16).

Que lugar para o estrangeiro! Que lição para Israel! Que permanente testemunho nas páginas do seu tão alardeado Moisés! O estrangeiro é posto ao mesmo nível de Israel! "Como vós, assim será o peregrino perante o SENHOR." Em Êxodo 12:48 lemos: "Porém, se algum estrangeiro se hospedar contigo e quiser celebrar a Páscoa ao SENHOR, seja-lhe circuncidado todo macho, e, então, chegara a celebrá-la." Mas em Números 15, não se faz nenhuma alusão a circuncisão. E por quê? E porque um tal ponto pode jamais ser posto de parte? Não; porém, nós cremos que a omissão aqui está cheia de significado. Israel tinha perdido o direito a tudo. A geração rebelde tinha de ser posta de parte e cerceada; mas o propósito eterno da graça de Deus tem de permanecer, e todas as Suas promessas hão de realizar-se. Todo o Israel será salvo; possuirá a terra; oferecerão ofertas puras, pagarão votos, e saborearão o gozo do reino. Sobre que princípio?

Sobre o principio da graça soberana. Pois bem, é sobre o mesmíssimo princípio que "o estrangeiro" é introduzido; e não apenas introduzido, mas "Como vós, assim será o peregrino perante o Senhor."

Quero judeu contender por isto? Que estude Números 13 e 14. E depois de ter recebido no recôndito da sua alma a salutar a lição que medite o capítulo 15; e estamos certos de que não procurará expulsar "o estrangeiro" do mesmo nível, pois estará pronto a confessar que ele mesmo é devedor à graça e a

reconhecer que a mesma misericórdia que o alcançou pode também alcançar o estrangeiro, e então se regozijará de ir em companhia do estrangeiro para beber na fonte da salvação aberta pela graça soberana do Deus de Jacó.

Não nos faz lembrar forçosamente o ensino desta parte do nosso livro aquela parte admirável da verdade dispensacional de Romanos 9 a 11, especialmente a sua magnífica conclusão?

"Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Porque assim como vós (estrangeiros) também, antigamente, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada {alcançarem misericórdia como o estrangeiro). Porque Deus encerrou todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia (judeus e gentios—Israel e o estrangeiro). Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou Quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!" (Rm 11:29-36).

Nos versículos 22-31 do nosso capítulo temos instruções acerca dos pecados de ignorância e pecados de insolência—uma distinção muito séria e importante. Para os primeiros é feita ampla provisão na bondade e misericórdia de Deus. A morte de Cristo é apresentada nesta parte do capítulo nos seus dois grandes aspectos, isto é, o holocausto e a expiação do pecado: isto é, o seu aspecto quanto a Deus e o seu aspecto quanto a nós; e temos também o grande valor, a fragrância, e o gozo da Sua perfeita vida e serviço, como homem neste mundo, simbolizados pelo sacrifício pacífico e a oferta de manjares. No holocausto vemos a expiação cumprida segundo a medida da consagração de Cristo a Deus e do deleite de Deus n'Ele. Na expiação do pecado vemos a expiação efetuada segundo a medida das necessidades do pecador e a aversão que Deus tem ao pecado. As duas ofertas, tomadas em conjunto, apresentam a morte expiatória de Cristo em toda a sua plenitude. Então, na oferta de manjares, temos a vida perfeita de Cristo e a realidade da Sua natureza

humana manifestadas em todos os pormenores da Sua carreira e serviço neste mundo. Enquanto que a oferta de libação simboliza o completo abandono e de Si Mesmo a Deus.

#### O Pecado por Erro ou por Ignorância

Não trataremos por agora aqui da instrução maravilhosa contida nas diferentes classes de sacrifícios apresentados nesta passagem. Remetemos o leitor que quiser estudar o assunto mais a fundo para "Estudos sobre o Livro de Levítico". Expomos aqui apenas, da maneira mais sucinta, o que cremos ser o principal significado de cada oferta; pois entrar em pormenores seria apenas repetir o que já temos escrito.

Acrescentaremos apenas que os direitos de Deus exigem que se tome conhecimento dos pecados por ignorância. Podíamos estar dispostos a dizer ou ao menos pensar que tais pecados deviam ser passados por alto. Mas Deus não pensa assim. A Sua santidade não pode ser reduzida à medida da nossa inteligência. A graça fez provisão para os pecados de ignorância; mas a santidade exige que tais pecados sejam julgados e confessados. Todo o coração sincero bendirá a Deus por isto. Porque o que seria de nós se a provisão da graça divina não fosse adequada para satisfazer os direitos da santidade divina? E adequada não seria seguramente se não fosse muito além do alcance da nossa inteligência.

E não obstante, ainda que tudo isto seja geralmente admitido, é muito triste ouvir por vezes cristãos professantes desculparem-se com a ignorância e servirem-se dela para justificar a infidelidade e o erro. Porém, em tais casos, pode-se, muitas vezes, fazer formalmente a pergunta, por que somos ignorantes a respeito de qualquer ponto de conduta ou dos direitos que Cristo tem sobre nós? Suponhamos que se apresenta um caso que requer um juízo positivo e exige uma certa linha de ação; alegamos ignorância. Está isto certo? Servirá de alguma coisa? Atenuará a nossa responsabilidade? Deus consentirá que nos descarreguemos assim da nossa responsabilidade? Não, leitor, podemos estar certos de que isto de nada servirá. Porque somos ignorantes? Temos empregado todas as nossas energias, todos os meios possíveis, e

temos feito todos os esforços possíveis, para chegar da questão e tirar uma conclusão justa?

Recordemos que os direitos da verdade e da santidade exigem tudo isto de nós; não podemos estar satisfeitos com nada menos. Não podemos deixar de admitir que, se fosse uma questão em que estivessem envolvidos, fosse em que medida fosse, os nossos interesses, o nosso monte, a nossa reputação, a nossa propriedade, não deixaríamos de remover todas as dificuldades para entrarmos na posse de todos os fatos sobre o caso. Não alegraríamos ignorância em tais casos. Se fosse necessário ter informações, nós as teríamos. Fariamos todo o possível para conhecer todos os pormenores, os prós e os contras da questão, a fim de podermos formar um juízo seguro sobre ela.

Não é assim, prezado leitor? Pois bem, por que alegamos então ignorância quando os direitos de Cristo estão em causai Não será isto uma prova de que, enquanto somos ligeiros, zelosos, enérgicos e ativos, quando se trata dos interesses do ego, somos indiferentes, indolentes, negligentes, quando se trata de Cristo?

Ah! Infelizmente esta é a verdade clara e humilhante. Possamos nós sentir humilhação com o seu conhecimento! Que o Espírito Santo nos faça mais zelosos nas coisas que dizem respeito ao Senhor Jesus Cristo. Que o ego e os seus interesses diminuam e que Cristo e os Seus interesses aumentem dia a dia na nossa apreciação! E possamos nós ao menos reconhecer cordialmente a nossa santa responsabilidade de entrarmos diretamente em toda a questão em que a glória de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo estiver, envolvida ainda que seja no mínimo, embora possamos falhar praticamente nas nossas próprias diligências.

Não nos arisquemos nunca a falar, a pensar, ou a atuar, como se pensássemos que qualquer coisa que Lhe diz respeito fosse um assunto indiferente para nós. Que Deus, em Sua misericórdia, nos guarde de tal! Consideremos tudo que meramente nos diz respeito como se não fosse comparativamente essencial, mas o interesse de Cristo como sendo da máxima autoridade.

Dissemos assim o bastante quanto ao assunto de ignorância, no sentido da nossa responsabilidade ante a verdade de Deus e a alma do leitor. Sentimos a

sua imensa importância. cremos que alegamos muitas vezes ignorância, quando o verdadeiro termo a usar seria indiferença. Isto é muito triste. Com certeza, se o nosso Deus, em Sua infinita bondade, tem feito ampla provisão até para os pecados de ignorância, isso não é uma razão para nos abrigarmos friamente atrás da desculpa de ignorância, quando existe ao nosso alcance a mais abundante informação, se tivermos somente a energia de nos servirmos dela.

Não nos teríamos alargado talvez tão extensivamente sobre este ponto, se não fosse a convicção de que, cada dia, se torna mais forte na alma, de que temos chegado a um momento grave da nossa história como cristãos. Não somos dados a murmurações. Não temos nenhuma simpatia por elas. cremos que é nosso privilégio estarmos cheios da mais alegre confiança e termos os nossos corações e espíritos protegidos pela paz de Deus, que excede todo o entendimento. "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e de moderação (2 Tm 1:7).

#### O pecado Voluntarioso

Mas é impossível fecharmos os olhos ao fato aterrador que os direitos de Cristo—o valor da verdade, a autoridade da Escritura Sagrada, estão sendo postos de lado cada vez mais, cada dia, cada semana e cada ano. cremos que nos aproximamos de um momento em que haverá tolerância para tudo exceto para a verdade de Deus. Convém, portanto, velar cuidadosamente para que a Palavra de Deus tenha o seu próprio lugar no coração; e para que a consciência seja governada em tudo pela sua santa autoridade. Uma consciência sensível é um tesouro preciosíssimo para trazermos conosco, dia a dia uma consciência que sempre dá uma verdadeira resposta à ação da Palavra de Deus, que se curva, sem hesitação, às suas simples indicações. Quando a consciência está em bom estado, há sempre um poder regulador com que atuar sobre o curso prático e o nosso caráter.

A consciência pode ser comparada ao regulador de um relógio. Pode acontecer que os ponteiros do relógio estejam errados, mas enquanto o regulador tiver poder sobre a mola, haverá sempre meio de corrigir os ponteiros. Se esse poder deixa de existir, todo o relógio se torna inútil. Assim é com a consciência.

Enquanto permanece fiel ao contato da Escritura, aplicado pelo Espírito Santo, há sempre um poder regulador, seguro e certo; porém se ela se torna apática, dura ou viciada, se recusa uma resposta verdadeira às palavras "Assim diz o SENHOR", há pouca ou nenhuma esperança. Então torna-se um caso semelhante àquele referido no nosso capítulo. "Mas a alma que fizer alguma coisa à mão levantada, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao SENHOR-, e tal alma será extirpada do meio do seu povo, pois desprezou a palavra do SENHOR e anulou o seu mandamento; totalmente será extirpada aquela alma, e a sua iniquidade será sobre ela" (versículos 30-31).

Isto não é pecado de ignorância, mas um pecado insolente voluntarioso, para o qual nada resta senão o juízo implacável de Deus: "... a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria" (1 SI 15:23). São palavras solenes num momento como o presente, em que a vontade do homem se desenvolve com força extraordinária. Está calculada para sustentar a nossa vontade; mas a Escritura ensina o contrário. Os grandes elementos da perfeição humana — da perfeita virilidade — são estes: a dependência e a obediência. Na proporção em que alguém se afasta destes elementos, afasta-se do verdadeiro espírito e atitude que convém a um homem. Por isso, quando volvemos os nossos olhos para Aquele que foi o Homem perfeito — o Homem Cristo Jesus, vemos estes dois grandes traços perfeitamente ordenados e plenamente revelados desde o princípio ao fim. Esse Santo bendito nunca se afastou, nem por um momento, da atitude de perfeita dependência e absoluta obediência.

Para ilustrar e comprovar este fato, levar-nos-ia a toda a narrativa do evangelho. Mas tomemos a cena da tentação, e aí encontraremos um exemplo do conjunto dessa vida bendita. A resposta que invariavelmente dava ao tentador era: "Está escrito". Nenhum argumento, nenhuma contestação, nenhuma pergunta. Vivia da Palavra de Deus. Venceu Satanás retendo firmemente a única verdadeira posição de um homem — dependência e obediência. Podia depender de Deus; e queria obedecer-Lhe. Que podia Satanás fazer num caso como aquele? Absolutamente nada.

Pois bem, este é o nosso modelo. Nós, tendo a vida de Cristo, somos chamados para viver em dependência e obediência habitual. Isto é andar em Espírito. Este

é o caminho seguro e feliz do cristão. A independência e a desobediência andam juntas. São inteiramente anticristãs e indignas.

Encontramos estas duas coisas no primeiro homem, assim como encontramos as duas contrárias no Segundo homem. Adão no Éden procurou ser independente; não estava contente em ser homem e permanecer no único verdadeiro lugar e espírito de um homem, e tornou-se desobediente. Aqui está o segredo da queda da humanidade; estes são os dois elementos que formam a virilidade decaída. Siga-se ato onde se quiser antes do dilúvio, depois do dilúvio; sem a lei, sob a lei: gentio, pagão, judeu, turco ou cristão nominal — analise-se minuciosamente, e ver-se-á que ela resume nestas duas partes componentes: independência e desobediência. E quando chegamos ao fim da história do homem neste mundo, quando o contemplamos essa última triste cena na qual ele tem de figurar, como o vemos? Em que caráter aparece ele? Como "O rei perverso" e o "iníquo".

Que Deus nos dê graça para ponderar bem estas coisas. Cultivemos um espírito humilde e obediente, Deus tem dito: "Eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra" (Is 66:2). Que estas palavras penetrem bem nos nossos ouvidos e nos nossos corações; e que a constante aspiração das nossas almas seja: "... da soberba guarda o teu servo, para que se não assenhoreie de mim" (1).

---

(1) Desejamos lembrar especialmente aos leitores jovens que a verdadeira salvaguarda contra os pecados de ignorância é o estudo da Palavra de Deus; e a verdadeira proteção contra os pecados arrogantes é a sujeição à Palavra de Deus. Precisamos de ter sempre estas coisas em vista. Existe uma forte tendência entre os crentes jovens para se introduzirem na corrente deste século e se deixarem imbuir do seu espírito. Daí a independência, a vontade própria e a autoconfiança, a presunção, e a pretensão a serem mais sábios do que os anciãos — todas estas coisas são detestáveis à vista de Deus, e inteiramente opostas ao espírito do Cristianismo.

Queremos sincera e amavelmente insistir com os nossos jovens para que se guardem contra estas coisas e cultivem um espírito humilde. Lembrem-se de que Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.

Apenas nos falta, antes de terminar os nossos comentários sobre esta parte, notar o caso do profanador do sábado e a instituição do "cordão de azul".

#### A Profanação do Dia do Repouso

"Estando, pois, os filhos de Israel no deserto, acharam um homem apanhando lenha no dia de sábado. E os que o acharam apanhando lenha o trouxeram a Moisés e a Arão, e a toda a congregação. E o puseram em guarda; porquanto ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer. Disse, pois, o SENHOR a Moisés: Certamente morrerá o tal homem; toda a congregação com pedras o apedrejará para fora do arraial. Então, toda a congregação o tirou para fora do arraial, e com pedras o apedrejaram, e morreu, como o SENHOR ordenara a Moisés" (versículos 32-36).

Isto era certamente um pecado de soberba — era desobedecer resolutamente a um mandamento claro e positivo de Deus. É isto que caracteriza especialmente um pecado arrogante e o faz absolutamente indesculpável. Não pode alegrar-se ignorância ante um mandamento divino.

Mas por que motivo, pode perguntar-se, tinham de pôr o homem em guardai Porque ainda que o mandamento era explícito, todavia a sua quebra não havia sido prevista, nem tinha sido estabelecida nenhuma pena. Para falar segundo a maneira dos homens, o Senhor não tinha contemplado uma tal loucura no homem como profanação do dia de repouso por parte do homem, e não havia, portanto, provido formalmente a uma tal ocorrência. Não temos necessidade de recordar que Deus conhece o fim desde o princípio; porem neste assunto deixou propositalmente o caso despercebido até que chegasse a ocasião necessária. Mas, infelizmente, essa ocasião chegou, porque o homem é capaz de tudo! O repouso de Deus não está em seu coração.

Acender o lume no dia de sábado não era uma infração positiva da lei, mas evidenciava o mais completo alheamento do pensamento do Legislador, visto que introduzia no dia de repouso o que era símbolo apropriado do juízo. O fogo é emblemático do juízo, e como tal não podia estar, de modo nenhum, em relação com o repouso do sábado. Nada, portanto, restava senão fazer cair o

juízo sobre o transgressor, porque "o que o homem semear isso também ceifará."

### O Cordão Azul

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize- lhes que nas bordas das suas vestes façam franjas, pelas suas gerações; e nas franjas das bordas porão um cordão azul. E nas franjas vos estará, para que o vejais, e vos lembreis de todos os mandamentos do SENHOR, e os façais; e não seguireis após o vosso coração, nem após os vossos olhos, após os quais andais adulterando. Para que vos lembreis de todos os meus mandamentos e os façais, e santos sejais a vosso Deus. Eu sou o SENHOR, VOSSO Deus, que vos tirei da terra do Egito, para vos ser por Deus; eu sou o SENHOR VOSSO Deus" (versículos 37-41).

O Deus de Israel queria manter o Seu povo em uma contínua recordação dos Seus santos mandamentos. Daí a magnífica instituição do "cordão de azul" que era destinado a ser um memorial celestial ligado às bordas dos seus vestidos, de forma que a Palavra de Deus, pudesse ser sempre trazida à memória nos pensamentos de seus corações. Sempre que um Israelita punha os seus olhos sobre o cordão azul devia pensar no Senhor, e mostrar uma sincera obediência aos Seus estatutos.

Tal era a grande intenção prática do "cordão azul". Mas quando nos voltamos para Mateus 23:5, vemos o triste uso que o homem tinha feito da instituição divina. "E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios e alargam as franjas dos seus vestidos." Assim a própria coisa que havia sido instituída com o propósito de os levar a recordarem o Senhor, e a prestarem obediência humilde à Sua preciosa Palavra, fora convertida em ocasião de própria exaltação e orgulho religioso. Em vez de pensarem em Deus e na Sua Palavra, pensaram em si próprios e no lugar que ocupavam no conceito dos homens. "E fazem todas as suas obras a fim de serem vistos pelos homens." Nem um pensamento de Deus. O espírito original da instituição foi completamente perdido, enquanto que a forma exterior era guardada para fins egoístas.

Não podemos ver alguma coisa semelhante a isto em redor de nos e entre nós mesmos? Pensemos nisto séria e profundamente. Consideremo-lo a fim de não convertermos o memorial celestial numa divisa terrestre, e o que deveria levar-nos a uma humilde obediência em ocasião de exaltação própria.

## Capítulo 16

### O SACERDÓCIO

#### A Rebelião de Corá

O capítulo que acabamos de considerar é o que podemos chamar uma digressão da história da vida de Israel no deserto, exceto, com efeito, o curto parágrafo acerca do que havia profanado o sábado. Prevê o futuro, quando, apesar de todo o seu pecado e loucura, das suas murmurações e rebelião, Israel possuirá a terra de Canaã e oferecerá sacrifícios de justiça e cânticos de louvor ao Deus da sua salvação. Nele temos visto como o Senhor Se eleva muito acima de toda a incredulidade e desobediência, da vaidade e voluntariedade demonstradas nos capítulos 13 e 14, olhando para a plena e final realização do Seu próprio desígnio eterno e o cumprimento da Sua promessa a Abraão, Isaque e Jacó.

"E Corá, filho de Jizar, filho de Coate, filho de Levi, tomou consigo a Dã e a Abirão, filhos de Eliabe, e a Om, filho de Pelete, filhos de Ruben. E levantaram-se perante Moisés com duzentos e cinquenta homens dos filhos de Israel, maiores da congregação, chamados ao ajuntamento, varões de nome. E se congregaram contra Moisés e contra Arão e lhes disseram: Demais é já; pois que toda a congregação é santa, todos eles são santos, e o SENHOR está no meio deles; por que, pois, vos elevais sobre a congregação do SENHOR?" (versículos 1 a 3).

Aqui penetramos, pois, na solene história do que o Espírito Santo, por intermédio de Judas, chama "A contradição de Corá". A rebelião é atribuída a Corá, porque ele foi o chefe religioso dela. Parece ter possuído influência

suficiente para juntar em volta de si um grande número de homens influentes — "maiorais chamados 30 ajuntamento, varões de nome". Em suma, era uma rebelião formidável e muito séria: e nós faremos bem em examinar atentamente a sua origem e características morais.

É sempre um momento muito crítico na história de uma assembleia quando o espírito de deslealdade se manifesta; porque, se não for reprimido de um modo justo, é certo seguirem-se as mais desastrosas consequências. Em todas as assembleias há elementos capazes de serem seduzidos, e basta que se levante um espírito rebelde e dominador para os por em movimento e atear em chama devoradora o fogo que tem estado latente em oculto. Há centenas e milhares prontos sempre a agruparem-se em redor do estandarte da revolta, logo que este tiver sido alçado, mas que não têm nem a coragem nem o vigor para o erguer. Satanás não pegará em qualquer como instrumento de tal obra. Necessita para ela de um homem manhoso, hábil e enérgico — um homem de força moral — que tenha influência sobre o ânimo dos seus semelhantes e uma vontade de ferro para prosseguir com os seus projetos. Sem dúvida, Satanás incute muito de tudo isto naqueles que usa nos empreendimentos diabólicos.

Em todo o caso, sabemos, com efeito, que os grandes chefes de todos os movimentos rebeldes são geralmente homens de um espírito superior, capazes de manejar, segundo a sua própria vontade, a multidão inconstante, que, à semelhança do oceano, se presta a ser levada por todos os ventos de tempestade. Tais homens sabem, em primeiro lugar, como excitar as paixões dos povos; e, em segundo lugar, como as manejar, depois de agitadas. O seu meio mais poderoso — a alavanca com que podem eficientemente levantar as massas—é a questão dos seus direitos e da sua liberdade. Se podem ser bem sucedidos em persuadir o povo de que é privado da sua liberdade, e que os seus direitos são infringidos, estão seguros de reunir ao redor deles um número de espíritos inquietos, e de causar dano grave.

#### A Acusação contra Moisés e Arão

Assim foi no caso de Corá e seus colaboradores. Procuraram dar a entender que Moisés e Arão agiam como senhores sobre os seus irmãos opondo-se aos seus direitos e privilégios como membros de

a santa congregação, na qual, segundo o seu parecer, todos estavam a um mesmo nível e tinham, tanto uns como os outros, o mesmo direito de estar ativos.

"Demais é já". Tal era a sua acusação contra "o homem mais manso de toda a terra". Mas que havia Moisés tomado sobre si? O mais rápido relance à história desse querido e honrado servo teria sido suficiente para convencer qualquer pessoa imparcial que, longe de tomar dignidade e responsabilidade sobre si, ele tinha-se mostrado disposto a recusá-las quando lhe foram oferecidas, a desfalecer debaixo delas quando lhe foram impostas.

Por isso, qualquer que podia pensar em acusar Moisés de querer abarcar muito, provava apenas que era completamente ignorante do verdadeiro espírito e caráter desse homem. Seguramente aquele que podia dizer a Josué: "Tens tu ciúmes por mim? Tomara que todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11:29) não pretendia, de modo algum, tomar muito sobre si.

Mas, por outro lado, se Deus põe um homem em eminência se o qualifica para a obra—se enche e adapta um vaso para um serviço especial, se designa a um homem a sua posição, então de que serve qualquer contender com o dom divino e com a nomeação divinal Na verdade, nada pode ser mais absurdo, "O homem não pode receber coisa alguma se lhe não for dada do céu". E portanto é mais do que inútil alguém pretender ser ou ter alguma coisa, porque tal pretensão deve necessariamente por fim revelar-se falsa. O homem encontrará mais cedo ou mais tarde o lugar que ele corresponde, e nada subsistirá senão o que é de Deus.

Portanto, Corá e a sua companhia estavam em desavença com Deus e não com Moisés e Arão. Estes haviam sido chamados por Deus para ocupar uma certa posição e cumprir uma determinada obra, e desgraçados deles se tivessem recusado! Não foram eles que tinham aspirado a essa posição ou atribuído a obra; haviam sido ordenados por Deus. Isto devia ter resolvido a questão; e devia resolvê-la para todos salvo para os rebeldes, turbulentos e ocupados consigo mesmos, que procuravam arruinar os verdadeiros servos de Deus para se exaltarem a si próprios.

Este é sempre o caso com os promotores de sedição ou descontentamento. O seu verdadeiro objetivo é tornarem-se ele próprios alguém. Falam ruidosa e plausivamente dos privilégios e direitos comuns do povo de Deus, mas, na realidade, aspiram a uma posição para a qual não estão, de modo algum, qualificados, e a desfrutar de privilégios a que não têm direito.

De fato, o assunto é tão simples quanto possível. Deus tem conferido a alguém a sua posição e a sua obra a fazer? - Quem o duvidará ? Pois bem, que cada qual reconheça o seu lugar e o ocupe que saiba qual é a sua obra e a faça. É a coisa mais absurda que há no mundo alguém tentar ocupar a posição ou fazer a obra de outrem. Vimos isto claramente ao meditar sobre os capítulos 3 e 4 deste livro. Corá tinha a sua obra; Moisés tinha a sua também. Por que havia um de invejar o outro? Tão razoável seria acusar o sol, a lua e as estrelas de se darem demasiada importância ao brilharem nas suas determinadas esferas, como acusar qualquer dotado servo de Cristo quando procura desempenhar as responsabilidades que o seu dom, certamente, lhe impõe. Estes luminares servem no lugar que lhes foi indicado pela mão do Criador Onipotente; e, desde que os servos de Cristo façam o mesmo, é acusá-los falsamente dizer que é demais o lugar que ocupam.

#### A Função de Cada Um no Corpo de Cristo

Ora este princípio é de imensa importância em qualquer assembleia, grande ou pequena — em todas as circunstâncias onde os cristãos são chamados para trabalhar juntos. É um erro supor-se que todos os membros do corpo de Cristo são chamados para ocupar um lugar de proeminência ou que qualquer membro pode escolher o seu lugar no corpo. Isto é inteira e absolutamente um caso de nomeação divina.

Este é o ensino claro de 1 Coríntios 12. "Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E se a orelha disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; não será por isso do corpo? Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas, agora, Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis" (versículos 14-18).

Aqui encontra-se a verdadeira, a única verdadeira origem do ministério na igreja de Deus—o corpo de Cristo. "Deus colocou os membros". Não é um homem que nomeia outro, menos ainda um homem que se nomeia a si próprio. É nomeação divina ou nada, sim, pior do que nada, uma atrevida usurpação dos direitos divinos.

Ora, examinado o assunto à luz dessa maravilhosa ilustração de 1 Coríntios 12, que sentido faria o fato de os pés acusarem as mãos ou de os ouvidos acusarem os olhos de se darem excessiva importância? Esta noção não seria ridícula em último grau? E verdade que estes membros ocupam um lugar proeminente no corpo; mas por quê?- Porque "Deus os colocou nele como quis". E o que fazem eles nesse lugar proeminente? Fazem o trabalho que Deus lhes deu a fazer. E para que fim? Para o bem de todo o corpo. Não há um só membro, por mais obscuro que seja, que não colha positivas vantagens das funções devidamente cumpridas de um membro proeminente. E, por outro lado, o membro proeminente é devedor às funções devidamente cumpridas do membro obscuro. Deixai que os olhos percam o seu poder de visão, e todos os membros se ressentirão. Deixai que haja uma perturbação funcional no membro mais insignificante, e o membro mais honrado sofrerá com isso.

Por isso, não se trata de uma questão de abarcarmos pouco ou muito, mas de fazermos a obra que nos é determinada e de ocuparmos o nosso lugar. E pela operação eficaz de todos os membros, segundo a medida de cada parte, que é fomentado o crescimento de todo o corpo. Se esta grande verdade não for compreendida e posta em prática, o crescimento, longe de ser fomentado, é positivamente impedido; o Espírito Santo será entristecido e extinguido; os direitos soberanos de Cristo são negados; e Deus é desonrado. Todo cristão é responsável por atuar segundo este princípio divino e testificar contra tudo que praticamente o nega.

O fato da ruína da Igreja professante não é razão para se abandonar a verdade de Deus ou sancionar qualquer negação dela. O cristão está sempre e solenemente obrigado a submeter-se à revelação dos pensamentos de Deus. Alegar as circunstâncias como uma desculpa para fazer o mal, ou para descuidar alguma verdade de Deus, é simplesmente fugir à autoridade divina e fazer de Deus o Autor da nossa desobediência.

Mas não podemos prosseguir com este assunto. Apenas nos referimos a ele aqui em relação com o nosso capítulo, com o qual devemos agora prosseguir. É indubitavelmente uma das páginas mais solenes da história de Israel no deserto.

#### A Atitude Humilde de Moisés

Corá e a sua companhia aprenderam bem depressa a loucura e pecado do seu movimento rebelde. Estavam terrivelmente enganados quando se atreveram a levantar-se contra os verdadeiros servos do Deus vivo. Quanto a Moisés, o homem contra quem se juntaram, quando ouviu as suas palavras sediciosas "caiu sobre o seu rosto". Era uma boa maneira de enfrentar os rebeldes. Havemos visto este amado servo de Deus prostrado, quando devia estar de pé (Êxodo 14). Mas neste caso era a coisa melhor e mais segura que podia fazer. Nunca vale a pena contender com pessoas turbulentas e descontentes; é muito melhor deixá-las nas mãos do Senhor; porque a sua controvérsia é na realidade com Ele. Se Deus coloca um homem em determinada posição e lhe dá um determinado trabalho a fazer, e os seus semelhantes pensam que é próprio contender com ele por causa de ele fazer a sua obra, e de ocupar essa posição, então a sua dissensão é com Deus, que sabe como resolvê-la, e segundo o Seu próprio modo.

A certeza dá uma santa calma e elevação moral ao servo do Senhor, sempre que almas invejosas e turbulentas se levantam contra ele. E quase impossível alguém ocupar um lugar proeminente de serviço ou ser usado de um modo proeminente por Deus sem, por vezes, ter de enfrentar os ataques de certos homens radicais e descontentes, que não podem suportar que alguém seja mais honrado do que eles. Porém, o verdadeiro modo de os enfrentar é tomar o lugar de inteira prostração e humildade e permitir que a onda de descontentamento ruja sobre si.

"Como Moisés isto ouviu, caiu sobre o seu rosto e falou a Corá toda a sua congregação, dizendo: Amanhã pela manhã o SENHOR fará saber (e não Moisés mostrará) quem é seu e quem o santo que ele fará chegar a si; e aquele a quem escolher fará chegar a si. Fazei isto- tomai vós incensários, Corá e toda a sua congregação; e, pondo fogo neles amanhã, sobre eles deitai incenso

perante o SENHOR: e será que o homem a quem o SENHOR escolher, este será o santo; baste vos, filhos de Levi" (versículos 4-7).

Isto era pôr o assunto em boas mãos. Moisés dá grande importância aos direitos soberanos do Senhor. "O SENHOR fará saber" e "o SENHOR escolherá". Não diz nenhuma palavra a seu respeito ou de Arão. A questão anda toda à roda da escolha do Senhor e da Sua nomeação. Os duzentos e cinquenta revoltosos são postos face a face com o Deus vivo. São intimados a comparecer na Sua presença com os seus incensários nas mãos, a fim de que todo o assunto possa ser inteiramente examinado e definitivamente resolvido diante desse grande tribunal em que não pode haver recurso. Evidentemente, teria sido inútil Moisés e Arão tentarem julgar, visto que eles eram os réus no caso. Mas Moisés estava felizmente disposto a que todas as partes fossem chamadas para a presença divina, para ali serem julgadas e determinadas as suas diferenças.

Isto era verdadeiramente humilde e sabedoria real. É sempre bom, quando as pessoas buscam um lugar, conceder-lhos, para satisfação dos seus corações; porque seguramente o próprio lugar a que, loucamente, aspiram, será a cena da sua assinalada derrota e deplorável confusão. Podemos ver às vezes homens arrastados pela inveja de outros em certa esfera de serviço, ansiosos por ocuparem essa esfera eles próprios. Que experimentem; e é certo, por fim, caírem e retirarem-se cobertos de vergonha e confusão.

O Senhor confundirá incontestavelmente os tais. De nada serve o homem procurar fazê-lo; e por isso é sempre melhor para os que pode acontecer serem os objetos de ataque de inveja caírem sobre os seus rostos diante de Deus e deixar que Ele resolva a questão com os descontentes. É muito triste quando tais cenas ocorrem na história do povo de Deus; porém elas têm ocorrido, ocorrem e podem ocorrer repetidas vezes; e nós estamos certos de que o melhor plano é deixar que os homens inquietos, ambiciosos e de espírito indisposto corram toda a extensão da peia em que se envolveram, e então é certo serem puxados por ela. É de fato, deixá-los nas mãos de Deus, que certamente tratará com eles segundo o Seu perfeito caminho.

"Disse mais Moisés a Corá: Ouvi, agora, filhos de Levi: Porventura, pouco para vós é que o Deus de Israel vos separou da congregação de Israel para vos fazer

chegar a si, a administrar o ministério do tabernáculo do SENHOR e estar perante a congregação para ministrar-lhe; e te fez chegar e todos os teus irmãos, os filhos de Levi, contigo; ainda também procurais o sacerdócio? Pelo que tu e toda a tua congregação congregados estais contra o SENHOR; e Arão, que é ele, que murmurais contra ele? (versículos 8 a 11).

Aqui somos levados à verdadeira causa desta terrível conspiração. Vemos o homem que engendrou e o objeto a que aspirava. Moisés dirige-se a Corá e acusa-o de aspirar ao sacerdócio. Observe o leitor isto atentamente. É importante que tenha este ponto claramente diante do seu espírito, segundo o ensino da Escritura. Deve ver o que Corá era - o que era a sua obra - e qual o objetivo da sua agitada ambição. Precisa ver todas estas coisas se quer compreender a força e o verdadeiro significado da expressão de Judas: "A contradição de Corá".

A que Corá Aspirava e que Ensino Devemos Tirar disso?

Que era, pois, Corá?- Era um levita, e, como tal, tinha direito a ministrar e ensinar: "Ensinaram os teus juízos a Jacó e a tua lei a Israel" (Dt 33:10). "O Deus de Israel vos separou... para vos fazer chegar a si, a administrar o ministério do tabernáculo do SENHOR e estar perante a congregação para ministrar-lhe." Tal era Corá e tal a sua esfera de atividade. A que aspirava ele? Ao sacerdócio. Também procurais o sacerdócio?

Ora, a um observador precipitado podia ter parecido que Corá não buscava alguma coisa para si. Parecia contender pelos direitos de toda a assembleia. Mas Moisés, pelo Espírito de Deus, tira a máscara a este homem, e mostra que, com um pretexto plausível de se levantar para defender os direitos comuns de toda a congregação, ele procurava, audaciosamente, o sacerdócio para si. É conveniente notar isto. Vê-se geralmente que os que falam alto sobre as liberdades e os direitos e privilégios do povo de Deus buscam um lugar que não lhes é próprio. Isto nem sempre é aparente; mas é certo que mais cedo ou mais tarde, Deus tudo descobrirá, pois que "por Ele são pesadas as ações". Nada pode ser mais indigno como buscar uma posição. É certo acabar em desapontamento e vergonha. O melhor para cada um é ser achado no seu

posto e fazendo a sua obra; e quanto mais humilde, sossegado e despretensioso for tanto melhor.

Porém, Corá não tinha aprendido este princípio simples e salutar. Não estava contente com o seu lugar e serviço divinamente assinalado, antes aspirava a alguma coisa que, de modo nenhum, lhe pertencia. Aspirava ser sacerdote. O seu pecado era o pecado de rebelião contra o sumo sacerdote de Deus. Esta era "a contradição de Corá".

E conveniente compreender este fato na história de Corá. Não é geralmente compreendido; e por isso tem sido causa de que seja acusado, hoje em dia, do mesmo mal todo aquele que busca exercer qualquer dom que lhe haja sido concedido pela Cabeça da Igreja. Porém um momento de calma reflexão sobre o assunto à luz das Escrituras será suficiente para mostrar como é destituída de fundamento tal acusação. Tome-se por exemplo um homem a quem Cristo tem dado, de uma maneira clara, o dom de um evangelista. Devemos considerá-lo culpado do pecado de Corá por que, em prosseguimento da missão e do dom divino, ele vai pregar o evangelho? O dom divino e a chamada divina não são suficientes? Atua como rebelde quando prega o evangelho?

Assim é também quanto a um pastor ou doutor. E culpado do pecado de Corá por que exerce o dom especial que lhe foi dado pela Cabeça da Igreja? O dom de Cristo não faz de um homem um ministro? E necessário mais alguma coisa? Não é claro para qualquer espírito imparcial, para todo o que deseja ser ensinado pela Escritura que a possessão de um dom divinamente transmitido faz de um homem um ministro sem necessitar de qualquer coisa mais? E não é igualmente claro que ainda que um homem tivesse tudo que pudesse possuir e não tivesse um dom outorgado pela Cabeça da Igreja não era de modo algum ministro? Confessamos que não vemos como podem suscitar-se dúvidas sobre estas teses.

Falamos, note-se, de dons especiais de ministério na Igreja. Não há dúvida de que todo o membro do corpo de Cristo tem algum ministério a desempenhar, algum trabalho a fazer. Isto é compreendido por todo o cristão inteligente; e, além disso, é evidente que a edificação do corpo é conseguida não meramente por meio de alguns dons eminentes, mas pela operação eficiente de todos os membros nos seus respectivos lugares, como lemos na Epístola aos Efésios

4:15,16: "Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo ajusta operação de cada parte, faz o aumento do corpo para sua edificação em amor."

Tudo isto é tão claro quanto a Escritura o pode fazer. Mas quanto aos dons especiais, tais como o de evangelista, de pastor, de profeta ou ensinador, é Cristo somente Quem os dá; e a sua possessão faz de um homem um ministro sem qualquer adição. E, por outro lado, toda a instrução e toda a autoridade humana abaixo do sol não podem fazer de um homem um evangelista, um pastor ou ensinador, a menos que ele tenha recebido um dom da Cabeça da Igreja.

Mas dissemos o bastante quanto ao ministério da Igreja de Deus. Cremos ter dito o bastante para provar ao leitor que é um erro grave acusar os servos de Deus do pecado horrível de Corá porque exercem esses dons que lhe têm sido conferidos pela Cabeça da Igreja. Com efeito, seria pecado não os exercerem. Mas há uma diferença capital entre ministério e sacerdócio. Corá não aspirava a ser ministro, porque já o era. Aspirava a ser sacerdote, o que ele não podia ser. O sacerdócio pertencia a Arão e a sua família; e era uma atrevida usurpação alguém, não importava quem era, tentar oferecer sacrifícios ou desempenhar qualquer outra função sacerdotal.

Pois bem, Arão era um tipo do nosso Grande Sumo Sacerdote que penetrou nos céus Jesus, Filho de Deus. O céu é a esfera do Seu ministério, "Ora, se ele estivesse na terra nem tampouco sacerdote seria" (Hb 8:4). "Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de dá e concernente a essa tribo nunca Moisés falou de sacerdócio" (Hb 7-14) Não há tal coisa como um sacerdote na terra agora, salvo no sentido em que todos os crentes são sacerdotes. Assim, lemos em Pedro: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real" (1 Pe 2:9). Todo o cristão é sacerdote segundo o sentido deste termo. O mais fraco crente na Igreja de Deus é sacerdote tanto como Paulo foi. Não é uma questão da capacidade ou poder espiritual, mas simplesmente de posição. Todos os crentes são sacerdotes e são chamados para oferecer sacrifícios espirituais, segundo Hebreus 13:15-16: "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não

vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada."

Este é o sacerdócio cristão. E note o leitor atentamente que aspirar a qualquer outra forma de sacerdócio, que não seja esta — assumir qualquer outra função sacerdotal — estabelecer uma determinada classe sacerdotal—uma casta sacerdotal—um número de homens para atuarem a favor dos seus semelhantes, ou desempenhar serviço sacerdotal em seu lugar diante de Deus, isto é em princípio o pecado de Corá. Falamos apenas do princípio e não de pessoas. O gérmen do pecado é tão distinto quanto possível. O fruto não faltará ao chegar a sua maturação.

O leitor não será de modo algum indiferente ao conhecimento deste assunto. E, podemos dizer, de grande importância na atualidade, e deve ser examinado somente à luz das Escrituras Sagradas. A tradição e a história eclesiástica de nada servirão neste caso. Tem de ser só a Palavra de Deus. A questão deve ser posta e tratada à luz dessa palavra: Quem são os verdadeiros culpados do pecado de Corá nestes dias?- São aqueles que procuram exercer os dons, sejam quais forem, que a Cabeça da Igreja lhes tem conferido ou os que exercem um ministério ou se atribuem um ofício sacerdotal que somente corresponde a Cristo mesmo? É uma questão profunda e solene, possamos nós ponderá-la calmamente na presença divina e permanecer fiéis Aquele que não somente é o nosso Salvador bondoso mas nosso soberano Senhor!

#### O Juízo de Deus sobre Corá e os Seus

A parte final do nosso capítulo apresenta um quadro emocionante do juízo divino executado sobre Corá e o seu grupo. O Senhor resolveu rapidamente a questão suscitada por esses rebeldes. O seu próprio relato é extremamente horroroso. O que não terá sido o próprio fato! A terra abriu a sua boca e tragou os três principais promotores de rebelião, e o fogo do Senhor desceu e consumiu os duzentos e cinquenta homens que empreenderam a obra de oferecer incenso.

"Então, disse Moisés: Nisto conhecereis que o SENHOR me enviou a fazer todos estes feitos, que de meu coração não procedem. Se estes morrerem como morrem todos os homens e se forem visitados como se visitam todos os

homens, então, o SENHOR me não enviou. Mas, se o SENHOR criar alguma coisa nova, e a terra abrir a sua boca e os tragar com tudo o que é seu, e vivos descerem ao sepulcro, então conhecereis que estes homens irritaram ao SENHOR" (versículos 28-30).

Moisés coloca deste modo a questão simplesmente entre o Senhor e os rebeldes. Pode apelar para Deus e deixar tudo nas Suas mãos. Este é o verdadeiro segredo do poder moral. Um homem que não procura nada para si mesmo, que não tem outro fim ou objetivo senão a glória divina, pode esperar confiadamente o desfecho de todas as coisas. Mas para isto os seus olhos devem ser simples, o seu coração íntegro e o propósito puro. De nada servirá aparentar ou assumir qualquer coisa. Se Deus vai julgar, descobrirá certamente todas as pretensões e simulações. Estas coisas deixam deter lugar quando a terra abre a sua boca e o fogo do Senhor está devorando tudo em redor. É muito fácil fanfarronar, fazer alarde e empregar palavras empolgantes, quando tudo está em calma, mas quando Deus entra em cena com juízo terrível, o aspecto das coisas muda depressa.

"E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra que estava debaixo deles se fendeu. E a terra abriu a sua boca e os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Corá e a toda a sua fazenda. E eles e tudo o que era seu desceram vivos ao sepulcro, e a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação. E todo o Israel, que estava ao redor deles, fugiu do CLAMOR deles; porque diziam: Para que, porventura, também nos não trague a terra a nós" (versículos 31 -34).

Na verdade, "coisa terrível é cair nas mãos do Deus vivo". "Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos, e grandemente reverenciado por todos os que o cercam" (Sl 89:7). "Porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12:29). Quanto melhor teria sido para Corá ter-se contentado com o seu serviço levítico, que era da mais elevada ordem. O seu trabalho, como coadjuvante, era levar alguns dos vasos mais preciosos do santuário. Mas ele aspirava ao sacerdócio e caiu do abismo.

Porém isto não foi tudo. Apenas o solo se havia fechado sobre os rebeldes, quando "saiu fogo do SENHOR e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso". Foi uma cena pavorosa - um sinal e uma

manifestação assombrosa do juízo divino sobre a pretensão e o orgulho humano. E inútil de todo o homem exaltar-se contra Deus, porque Ele resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Que perfeita loucura para vermes do pó se levantarem contra o Deus Todo-Poderoso! Pobre homem! E muito mais tolo do que o verme que se precipita contra a chama que o devora.

Oh, andar em humildade com Deus! Estar contente com a Sua vontade; satisfeito em ocupar um humilde nicho e fazer a obra mais simples! Isto é dignidade e verdadeira felicidade. Se Deus nos der o serviço de varredor, façamo-lo sob os Seus olhos e para Seu louvor. O ponto importante e essencial é sermos achados fazendo o próprio trabalho que Ele nos dá a fazer, e estarmos ocupados no próprio lugar que Ele nos indica. Tivesse Corá e os seus companheiros aprendido isto, e o seu grito comovente nunca teria aterrorizado os corações de seus irmãos. Mas não; eles queriam ser alguma coisa quando nada eram, e por isso desceram ao abismo.

O orgulho e a destruição estão inseparavelmente ligados no governo moral de Deus. Este princípio permanece inalterável, embora a medida empregada possa variar. Lembremos isto. Procuremos deixar o estudo de Números com o profundo reconhecimento do valor de espírito humilde e contrito. Vivemos numa época em que o homem tende a elevar-se mais e mais. "Excelsior" é divisa popular hoje em dia. Guardemo-nos de interpretá-la e de a aplicar a nosso modo. "Aquele que se humilha será exaltado." Se devemos ser regidos do reino de Deus pela regra veremos, que o único modo de nos levantarmos é descermos. Aquele que ocupava agora o lugar mais elevado no céu é O mesmo que voluntariamente tomou o lugar mais baixo na terra (veja-se Filipenses 2:5-11).

Ele é o nosso exemplo, como cristãos; e aqui está também o antídoto divino contra o orgulho e a ambição impaciente dos homens deste mundo. Nada é mais triste do que ver um espírito presunçoso, inquieto, vão e impaciente nos que fazem profissão de seguir Aquele que era manso e humilde de coração. É uma contradição flagrante do espírito e preceitos do cristianismo, e uma confirmação inequívoca da condição insubmissa da alma. É inteiramente impossível que alguém se entregue a um espírito vaidoso, altivo, confiante em si mesmo, se alguma vez se mediu a si próprio na presença de Deus. O remédio

eficaz para a vaidade e confiança própria consiste em estar o mais tempo possível com Deus. Possamos nós conhecer a realidade disto no secreto das nossas próprias almas! Que o Senhor nos faça realmente humildes em todos os nossos caminhos, apoiando nos simplesmente n'Ele e considerando-nos muito pouco aos nossos próprios olhos.

#### O Povo Murmura — A Glória do Senhor Aparece — A Intercessão de Moisés e Arão

O parágrafo final do nosso capítulo ilustra de um modo notável o mal incorrigível do coração natural. Podia esperar-se que, depois das cenas emocionantes executadas na presença da congregação, fossem aprendidas lições profundas e duradouras. Havendo visto a terra abrir a sua boca, tendo ouvido o grito dilacerante dos rebeldes que desapareciam no abismo - havendo visto o fogo do Senhor descer e consumir num momento duzentos e cinquenta príncipes da congregação - tendo presenciado tais provas do juízo divino, uma tal manifestação da majestade e poder divino, podia supor-se que o povo andaria desde então mansa e humildemente, e que os acentos de descontentamento e rebelião não seriam mais ouvidos nas suas tendas.

Mas, ah, o homem não pode ser assim ensinado! A carne é inteiramente incurável! Esta verdade é ensinada em cada página do volume de Deus. É ilustrada nas linhas finais de Números 16. "Mas, no dia seguinte." Pense nisto! Não um ano, um mês ou mesmo uma semana depois das cenas aterradoras sobre as quais nos temos detido; não: "Mas, no dia seguinte, toda a congregação" (já não eram apenas alguns espíritos atrevidos) "dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e contra Arão, dizendo: Vós matastes o povo do SENHOR. E aconteceu que, ajuntando-se a congregação contra Moisés e Arão e virando-se para a tenda da congregação, eis que a nuvem a cobriu, e a glória do SENHOR apareceu. Vieram, pois, Moisés e Arão perante a tenda da congregação. Então; falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Levantai-vos do meio desta congregação, e a consumirei como num momento" (versículos 41 a 45). Aqui está outra oportunidade para Moisés. A congregação inteira está outra vez ameaçada de imediata destruição. Tudo parece irremediável. A longanimidade divina parece ter-se esgotado, e a espada do juízo está a ponto de cair sobre

toda a assembleia. E agora parece que no próprio sacerdócio que os rebeldes haviam desprezado está a única esperança para o povo; e que os mesmos homens que haviam sido acusados de matar o povo do Senhor eram os instrumentos de Deus para salvar as suas vidas.

Moisés e Arão "então, se prostraram sobre os seu rosto, e disse Moisés e Arão: Toma o teu incensário, e põe nele fogo do altar, e deita incenso sobre ele, e vai depressa à congregação, e faz expiação por eles; porque grande indignação saiu de diante do SENHOR; já começou a praga. E tomou-o Arão, como Moisés tinha falado, e correu ao meio da congregação; e eis que já a praga havia começado entre o povo; e deitou incenso nele e fez expiação pelo povo. E estava em pé entre os mortos e os vivos; e cessou a praga" (versículos 45 a 48). Aqui torna-se bem claro que nada senão o sacerdócio mesmo, esse sacerdócio que havia sido desprezado podia valer a um povo rebelde e de dura cerviz. Existe qualquer coisa inefavelmente bendita neste parágrafo final. Arão, o sumo sacerdote de Deus, mantém-se entre os mortos e os vivos, e do seu necessário uma nuvem de incenso se eleva para a presença de Deus, figura tocante de Um maior do que Arão, que havendo efetuado um pleno e perfeito sacrifício pelos pecados do Seu povo, está sempre diante de Deus em toda a fragrância da Sua Pessoa e obra. Só o sacerdócio podia conduzir o povo através do deserto. Era um recurso rico e adequado da graça divina. O povo era devedor à intercessão de haver sido preservado das justas consequências das rebeldes murmurações. Se tivessem sido tratados meramente com base na justiça, tudo que podia ser dito era "Levantai-vos do meio desta congregação, e a consumirei num momento."

Esta é a linguagem da pura e inflexível justiça. Destruição imediata é a obra da justiça. Preservação completa e final é a obra gloriosa e característica da graça divina, graça que reina pela justiça. Se Deus tivesse atuado em simples justiça com o povo, o Seu nome não teria sido declarado, visto que há muito mais no Seu nome do que justiça. Há nele amor, misericórdia, bondade, longanimidade, profunda e infalível compaixão. Mas nenhuma destas coisas poderia ser vista se o povo tivesse sido consumido num momento, e por isso o nome do Senhor não teria sido declarado ou glorificado. "Por amor do meu nome, retardarei a minha ira e, por amor do meu louvor, me conterei para contigo, para que te não

venha a cortar... Por amor de mim, por amor de mim o farei, porque como seria profanado o meu nome?- E a minha glória não a darei a outrem" (Is 48:9-11).

Quão precioso é sabermos que Deus atua para nos, por nós e em nós, para glória do Seu nome! Como é maravilhoso também que a Sua glória plenamente só possa vista nesse vasto plano, Seu próprio coração imaginou e no qual é revelado como "Deus Justo e Salvador". Precioso título para um pecador perdido! Nele está contido tudo quando o pecador pode necessitar no tempo e na eternidade. Encontra-o na profundidade da sua necessidade, como culpado e digno do inferno, leva-o através das diversas necessidades, provações e aflições do deserto; e, por fim, o conduz a esse mundo brilhante e bendito nas alturas, onde o pecador e a dor nunca poderão penetrar.

## CAPÍTULOS 17 e 18

### ARÃO É CONFIRMADO COMO SACERDOTE

#### As Varas dos Príncipes e a Vara de Arão

Estes dois capítulos formam uma parte distinta na qual se nos apresentam a origem, as responsabilidades e os privilégios do sacerdócio. O sacerdócio é uma instituição divina. "E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Arão" (Hb 5:4). Isto é tornado claro de uma maneira notável no capítulo 17.

"Então, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e toma deles uma vara para cada casa paterna de todos os seus príncipes, segundo as casas de seus pais, doze varas, e escreverás o nome de cada um sobre a sua vara. Porém o nome de Arão escreverás sobre a vara de Levi; porque cada cabeça da casa de seus pais terá uma vara. E as porás na tenda da congregação, perante o Testemunho, onde eu virei a vós. E será que a vara do homem que eu tiver escolhido florescerá; assim, farei cessar as murmurações dos filhos de Israel contra mim, com que murmuram contra vós. Falou, pois, Moisés aos filhos de Israel; e todos os maiores deram-lhe, cada um, uma vara,

para cada maioral uma vara, segundo as casas de seus pais, doze varas; e a vara de Arão estava entre as suas varas" (versículos 1-6),

Que incomparável sabedoria brilha nesta disposição! Como o assunto é completamente tirado das mãos do homem e posto onde somente devia estar, isto é, nas mãos do Deus vivo! Não era para um homem se nomear a si mesmo ou um homem nomear o seu semelhante; mas Deus que nomeava o homem da Sua própria escolha. Numa palavra, a questão devia ser definitivamente resolvida por Deus mesmo, afim de que todas as murmurações pudessem ser reduzidas ao silêncio para sempre e ninguém fosse capaz de acusar outra vez o sumo sacerdote de Deus de arrogar-se poderes excessivos. A vontade humana nada tinha que ver com esta solene questão. Doze varas, todas elas em um mesmo estado, foram colocadas perante o Senhor; o homem retirou-se e deixou Deus para resolver. Não houve lugar nem oportunidade, porque não houve ocasião, para intervenção humana. Na solidão profunda do santuário, longe dos pensamentos do homem, foi resolvida a grande questão do sacerdócio por decisão divina; e, sendo assim decidida, nunca mais poderia ser levantada.

"E Moisés pôs estas varas perante o SENHOR, na tenda do Testemunho. Sucedeu, pois, que no dia seguinte Moisés entrou na tenda do Testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, florescia; porque produzira flores, e brotara renovos e dera amêndoas" (versículos 6-8).

Figura admirável dAquele que foi "Declarado Filho de Deus em poder, pela ressurreição dos mortos" (Rm 1:4). As doze varas estavam igualmente sem vida; porém Deus, o Deus vivente, entrou em cena, e, por esse poder que lhe é peculiar, introduziu vida na vara de Arão, e trouxe-a à vista, dando os frutos fragrantés da ressurreição.

"Escrito está"

Quem poderá contradizer isto? O racionalista pode escarnecer disto e formular mil perguntas. A fé contempla essa vara carregada de frutos e vê nela uma encantadora figura da nova criação em que todas as coisas são de Deus. A infidelidade pode argumentar com fundamento na impossibilidade aparente de uma vara seca florescer e dar frutos no decurso de uma noite. Mas a quem

parece isso impossíveis Aos infiéis, aos racionalistas, aos cépticos. E por quê? Porque eles excluem sempre a Deus. Lembremos isto. A infidelidade exclui invariavelmente a Deus, tira os seus argumentos e chega às suas conclusões nas trevas da meia-noite. Não há tanto como um simples raio de verdadeira luz no conjunto dessa esfera em que a infidelidade opera. Exclui a única origem de luz e deixa a alma envolta nas sombras e na mais profunda tristeza das trevas que pode sentir-se.

Convém que o leitor se detenha aqui e pondere atentamente este solene fato. Medite calma e seriamente este aspecto especial da fidelidade, do racionalismo ou do cepticismo. Começa, prossegue e acaba excluindo a Deus. Aborda o mistério da germinação, florescimento e fruto da vara de Arão com um infiel e audacioso " Como?." Este é o grande argumento de todo o infiel. Pode formular dez mil perguntas mas não pode resolver uma. Ensinará a duvidar de tudo, mas não dará nada em que crer.

Tal é, prezado leitor, a infidelidade. E de Satanás, que sempre tem sido, é e será o grande inquiridor. Onde quer que se seguir o rasto de Satanás, encontrar sempre formulando perguntas. Enche o coração de toda a sorte de "se" e "como", e assim submerge a alma em densas trevas. Se tão-somente pode lograr fazer uma pergunta, já tem conseguido o seu fim. Contudo é perfeitamente importante com uma simples alma que crê que Deus é e Deus tem falado.

Eis aqui a nobre resposta da fé às interrogações da infidelidade, a solução divina a todas as dificuldades do incrédulo. A fé introduz sempre Aquele que é sempre excluído pela infidelidade. Pensa com Deus; a infidelidade pensa sem Ele.

Por isso, nós dizemos ao leitor e, particularmente, aos cristãos que nunca devem admitir nenhuma interrogação quando Deus tem falado. Se o fizerem, Satanás os terá imediatamente debaixo de seus pés. A sua única segurança contra Satanás encontra-se nessa resposta inexpugnável e imortal: "Está escrito". De nada aproveitará argumentar com ele com fundamento na experiência, nos sentimentos ou observação; tem de ser absoluta e exclusivamente sobre o fundamento de que Deus é e de que Deus tem falado.

Satanás não pode de modo algum lançar mão deste argumento de peso. E um argumento invencível. Pode reduzir tudo o mais a simples fragmento, mas isto confunde-o e afugenta-o logo.

Vemos isto ilustrado de um modo notável na tentação do Senhor. O inimigo, segundo o seu método habitual, acercou-se do bendito Senhor para insinuar uma dúvida—com uma pergunta "Se tu és o Filho de Deus" Como lhe respondeu o Senhor? Disse-lhe: "Bem sei que sou o Filho de Deus - recebi esse testemunho dos céus abertos e do Espírito de unção, que desceu e sinto e creio que tenho experimentado que sou o Filho de Deus? Não; essa não era a maneira de responder ao tentador. Então, como? "Está escrito".

Tal foi a resposta repetida pela terceira vez do Homem obediente e submisso; e tal deve ser a resposta de todo o que quiser vencer o tentador.

Assim, quanto à vara florescente de Arão, se alguém pergunta: "Como pode ser tal coisa? É contrário às leis da natureza; e como podia Deus atravessar-Se sobre os princípios estabelecidos da filosofia natural?-" A resposta da fé é sublime em sua simplicidade. Deus pode atuar como Lhe agrada. Aquele que chamou os mundos à existência pode fazer brotar, florescer e frutificar uma vara num momento. Tudo se torna simples e tão claro quando Deus é introduzido. Tudo é lançado em desesperada confusão quando Deus é posto de parte. Intentar limitar Deus—falamos com reverência— o Criador Onipotente do vasto universo por certas leis na natureza ou certos princípios da filosofia natural é nada menos do que ímpia blasfêmia. E quase pior do que negar a Sua existência. É difícil dizer qual é pior, se o ateu que diz que não há Deus ou o racionalista que mantém que Deus não pode fazer o que Lhe apraz.

Sentimos a enorme importância de poder examinar-se as verdadeiras origens das teorias plausíveis que estão mais em voga no tempo presente. O espírito humano está ocupado em formar sistemas, tirar conclusões e raciocinar em termos que excluem completamente o testemunho das Escrituras Sagradas e afastam Deus da Sua própria criação. É preciso ensinar aos jovens a imensa diferença entre os fatos de ciência e as conclusões dos cientistas.

Um fato é um fato onde quer que se encontre, quer seja na geologia, quer na astronomia ou qualquer outro ramo da ciência; mas os argumentos, as conclusões e os sistemas dos homens são outra coisa muito diferente. Ora a

Escritura nunca toca em fatos de ciência; mas o raciocínio dos homens de ciência encontra-se constantemente em colisão com a Escritura. Infelizmente, é assim com tais homens! E quando é esse o caso devemos, com inteira decisão, denunciar esse raciocínio exclamando como o apóstolo:

"Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso."

De bom grado prosseguiríamos com as nossas considerações sobre este ponto, apesar de uma divagação, pois sentimos a sua gravidade. Porém, temos de nos contentar em insistir sinceramente

m O leitor a que dê à Sagrada Escritura o supremo lugar em seu coração e no seu espírito. Devemo-nos curvar, com absoluta - submissão, não à autoridade de "Assim diz a Igreja", ou "assim dizem os pais", ou "assim dizem os doutores", mas ante a expressão "Assim diz o Senhor" - "Assim está escrito". Esta é a nossa única segurança contra a corrente invasora de incredulidade que ameaça varrer os fundamentos do pensamento religioso em toda a extensão da cristandade. Ninguém escapará, salvo os que são ensinados e governados pela Palavra do Senhor. Que o Senhor aumente o seu número!

A Vara de Arão e a de Moisés

Vamos prosseguir agora com o estudo do nosso capítulo.

"Então, Moisés trouxe todas as varas de diante do SENHORA todos os filhos de Israel; e eles o viram e tomaram cada um a sua vara. Então, o SENHOR disse a Moisés: Torna a pôr a vara de Arão perante o Testemunho, para que se guarde por sinal para os filhos rebeldes; assim, farás acabar as suas murmurações contra mim, e não morrerão. E Moisés fez assim; como lhe ordenara o SENHOR, assim fez" (versículos 9 a 11).

Assim a questão foi divinamente resolvida. O sacerdócio é baseado sobre a preciosa graça de Deus, que tira vida da morte. Esta é a origem do sacerdócio. De nada teria valido a um homem tomar qualquer das onze varas e fazer dela o distintivo do ofício sacerdotal. Toda a autoridade humana abaixo do sol não poderia infundir vida numa vara seca ou fazer dessa vara um canal de bênção para as almas. E assim do conjunto de todas as onze varas reunidas não havia tanto como um simples botão ou flor. Mas onde havia a evidência preciosa de poder vivificador - rasgos refrescantes devida divina e bênção - frutos odoríferos

de graça eficiente, ali, e ali somente, devia ser encontrada a origem desse mini-río sacerdotal que podia conduzir através do deserto um povo não apenas necessitado, mas também murmurador e rebelde.

E aqui podemos naturalmente perguntar: Que foi feito da vara e Moisés? Porque não estava ela entre as doze?- A razão é ditosa mente simples. A vara de Moisés era o símbolo de poder e autoridade, A vara de Arão era a encantadora figura da graça que vivifica os mortos e chama as coisas que não são como as que são. Ora, simples poder e autoridade não podiam conduzir a congregação através do deserto. O poder podia esmagar os rebeldes; a autoridade podia castigar os pecadores; mas só a misericórdia e a graça podiam valer a uma assembleia de homens, mulheres e crianças necessitados, fracos e pecadores. A graça que podia fazer brotar amêndoas de um pau seco, podia também conduzir Israel através do deserto. Foi só em relação com a vara florescente de Arão que o Senhor pode dizer: "Assim, farás acabar as murmurações contra mim, e não morrerão." A vara da autoridade podia acabar com os murmuradores; mas a vara da graça podia acabar as murmurações.

O leitor pode consultar com interesse e proveito uma passagem no começo de Hebreus 9 em relação com o assunto da vara de Arão. O apóstolo, falando da arca do concerto, diz: "Em que estava um vaso de ouro, que continha o maná, e a vara de Arão, que tinha florescido, e as tábuas do concerto." Isto era no deserto. A vara e o maná eram as provisões da graça divina para as necessidades dos israelitas durante as suas peregrinações no deserto.

Mas quando nos voltamos para 1 Reis 8:9, lemos: "Na arca, nada havia, senão só as duas tábuas de pedra, que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o SENHOR fez aliança com os filhos de Israel, saindo eles da terra do Egito." As peregrinações pelo deserto haviam acabado, a glória dos dias de Salomão espalhava os seus raios sobre a terra, e por isso a vara florescida e o vaso de maná são omitidos, e nada resta salvo a lei de Deus, que era a base do Seu justo governo no meio do Seu povo.

Pois bem, nisto temos uma ilustração não só da exatidão divina da Escritura, no seu conjunto, mas também do caráter e objetivo especial do livro de Números. A vara de Arão estava na arca durante as peregrinações do deserto.

Que o leitor procure alcançar o significado profundo e bendito deste precioso fato! Que pondere a diferença entre a vara de Moisés e a vara de Arão. Havemos visto a primeira fazendo a sua obra característica noutros tempos e no meio de outras cenas. Temos visto a terra do Egito tremendo sob os golpes pesados dessa vara. Praga após praga caiu sobre essa cena condenada em resposta a essa vara estendida. Vimos dividirem-se as águas do mar em resposta a essa vara. Em suma a vara de Moisés era uma vara de poder e autoridade. Mas não podia apaziguar as murmurações dos filhos de Israel, nem tampouco conduzir o povo através do deserto. Só a graça podia fazer isso; graça pura, livre e soberana prefigurada na germinação da vara de Arão.

Nada pode ser mais convincente e mais formoso do que isto. Essa vara seca, morta, era a verdadeira imagem do estado natural de Israel e na verdade do estado de cada um de nós por natureza. Não havia seiva, nem vida nem poder. Podia muito bem dizer-se: Que pode sair dele que tenha algum valor?- Nada absolutamente, se a graça não houvesse sobrevivendo e manifestado o seu poder vivificador.

Assim foi com Israel no deserto; assim é conosco no tempo presente. Como deviam eles ser guiados dia a dia? Como deviam ser suportados em todas as suas fraquezas e necessidades? Como podiam ser suportados em todo o seu pecado e loucura? A resposta encontra-se na florescência da vara de Arão. Se a vara seca, morta, era a expressão do estado infrutífero e desprezível da natureza, os rebentos, as flores e o fruto mostravam a graça vivente e vivificamente e o poder de Deus, em que estava baseado o ministério sacerdotal que somente podia manter a congregação através do deserto. Só a graça podia satisfazer as mil e uma necessidades daquela hoste militante. O poder não podia ser suficiente. A autoridade de nada serviria. Somente o sacerdócio podia suprir o que era necessário; e este sacerdócio fora instituído sobre o fundamento dessa graça eficaz que podia tirar fruto de uma vara seca.

### Os Ministérios na Igreja

Assim era quanto ao sacerdócio antigo; e assim é quanto ao ministério no tempo presente. Todo o ministério na Igreja de Deus e o fruto da graça divina e dom de Cristo, Cabeça da Igreja. Não existe qualquer outra origem de

ministério. Desde apóstolos aos dons mais humildes todos procedem de Cristo. O grande princípio básico de todo o ministério está englobado nestas palavras de Paulo aos Gálatas, nas quais fala de si mesmo como "apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos)" (Gl 1:1).

Aqui está, note-se bem, a origem sublime de onde emana todo o ministério. Não é do homem, ou pelo homem, de nenhuma maneira e de nenhuma forma. O homem pode pegar em varas secas e moldá-las ou trabalhá-las a seu gosto; e pode consagrá-las e ordená-las, dando-lhes certos títulos oficiais retumbantes. Mas de que serve isso? São apenas varas secas, mortas. Podemos dizer com razão: Onde é que se vê nelas um simples ramo de frutos? Onde se vê nelas uma simples flor?- Ou antes, onde se vê um só rebento?-Até mesmo um só botão basta para que exista alguma coisa divina. Mas à parte tudo isto não pode haver ministério vivificante na Igreja de Deus. É o dom de Cristo e somente o dom que faz de um homem um ministro. Sem isso é uma pretensão vazia alguém nomear-se ou ser nomeado por outros para ser ministro.

O leitor aceita completamente este princípio? É tão claro para a sua alma como um raio de sol?- Tem alguma dificuldade a seu respeito? Se assim é, rogamos-lhe que procure libertar o seu espírito de todos os pensamentos e preconceitos, seja qual for a sua origem, que se eleve acima das neblinas obscuras da tradição: Tome o Novo Testamento e estude, como se estivesse na presença de Deus, o décimo segundo e o décimo quarto capítulos de 1 Coríntios; assim como Efésios 4:7-12.

Nestas passagens encontrará todo o assunto do ministério desenvolvido, e verá que todo o ministério, quer seja apóstolos, profetas, doutores, pastores ou evangelistas é de Deus - tudo dimana de Cristo, a Cabeça exaltada da Igreja. Se um homem não for possuidor de um dom de Cristo não é um ministro. Todo o membro do corpo tem uma obra a cumprir. A edificação do corpo é promovida pela própria ação de todos os membros, quer sejam proeminentes, quer obscuros, "airosos" ou "desairosos". Em suma, todo o ministério é de Deus, e não do homem; é por Deus, e não pelo homem. Não existe coisa alguma na Escritura como um ministro humanamente ordenado. Tudo é de Deus.

Não devemos confundir dons ministeriais com um cargo local. Vemos os apóstolos ou seus delegados ordenando anciãos e nomeando diáconos; mas isto era uma coisa inteiramente distinta de dons ministeriais. Esses anciãos e diáconos podiam possuir e exercer - dons especiais no corpo; os apóstolos não os ordenaram para exercer tais dons, mas somente para desempenharem o cargo local. O dom espiritual era dado pela Cabeça da Igreja, e era completamente independente do cargo local.

É necessário compreender a distinção entre dom e cargo local. Reina a maior confusão entre as duas coisas em toda a igreja professante, e o resultado é que o ministério não é compreendido. Os membros do corpo de Cristo não entendem o seu lugar ou a sua função. A eleição humana, ou a autoridade humana, de uma forma ou de outra, é considerada essencial para o exercício do ministério na Igreja. Mas na realidade não existe tal coisa na Escritura. Se há, nada mais fácil do que apresentá-la. Convidamos o leitor a mencionar uma só linha, de uma capa à outra, no Novo Testamento em que uma chamada humana, uma nomeação humana ou a autoridade humana, tenham alguma coisa que ver com o exercício do ministério (1).

---

(1) Até mesmo no caso da nomeação de diáconos em Atos 6 vemos que era um ato apostólico. "Escolhei, pois, irmãos, de entre vós, sete varões, de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio". Aos irmãos foi permitido escolherem os homens, visto que se tratava de administrar o seu dinheiro. Mas a nomeação, era divina. E isto, recorde-se, referia-se apenas ao assunto dos diáconos, que deviam administrar os interesses práticos da Igreja. Mas quanto à obra de evangelistas, pastores e ensinadores, é um assunto independente da escolha humana e da autoridade humana - depende simplesmente do dom de Cristo (Ef 4:11).

Ah, não! Bendito seja Deus, o ministério na Sua Igreja não é dos homens, nem pelos homens, "mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos." "Deus colocou os membros nos corpo, cada um deles como quis" (1 Co 12:18), "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom

de Cristo. Pelo que diz: Subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens... deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo" (Ef 4:7-13).

Aqui todos os graus de dons ministeriais são colocados sobre um e mesmo terreno, de apóstolos e evangelistas e doutores. São todos conferidos pela Cabeça da Igreja; e, uma vez conferidos, tornam os seus possuidores imediatamente responsáveis ante a Cabeça no céu e os membros na terra. A ideia de qualquer possuidor de um dom positivo de Deus se fazer consagrar por autoridade humana é um insulto tão grande à Majestade Divina como se Arão tivesse ido com a sua vara florida na mão para ser ordenado para o sacerdócio por algum dos seus semelhantes. Arão foi chamado por Deus, e isso era bastante para si. E assim hoje todos os que possuem um dom divino são chamados por Deus para o ministério e não necessitam nada mais, salvo desempenhar o seu ministério exercendo o dom.

Será precioso acrescentar que é inútil os homens decidirem ser ministros a não ser que realmente possuam o dom?- Um homem pode presumir ter um dom, mas isso pode ser apenas um conceito inútil da sua própria mente. É tão mau, senão pior, alguém agir segundo a força da sua própria imaginação tola como se propor atuar sobre o poder de autoridade injustificável dos seus semelhantes. O que nós defendemos é o seguinte: o ministério é de Deus quanto à sua origem, poder e responsabilidade. Não cremos que esta afirmação seja posta em dúvida pelos que estão dispostos a serem ensinados exclusivamente pela Escritura. Todo o ministro, seja qual for o seu dom, deve poder dizer, segundo a sua medida: "Deus pôs-me no ministério". Mas se um homem se serve desta linguagem sem possuir qualquer dom, é, para não dizer mais, pior do que indigno. O povo de Deus pode realmente ver onde existe verdadeiro dom espiritual. E mais que certo haver poder. Mas se os homens fingem ter o dom ou poder sem a realidade, a sua loucura será prontamente manifesta a todos. Os pretendentes podem estar certos de mais cedo ou mais tarde se acharem no seu próprio terreno.

Dissemos o bastante quanto ao ministério e sacerdócio. A origem de cada um é divina. O verdadeiro fundamento de cada um consiste na vara florida. Que isto esteja sempre presente em nossas mentes. Arão podia dizer: "Deus pôs-me no sacerdócio"; e se fosse convidado a apresentar a prova, podia referir a vara frutífera. Paulo dia dizer: "Deus pôs-me no ministério"; e quando foi convidado a apresentar as provas, pôde apontar os milhares de selos da sua obra. Assim deve ser sempre em princípio, qualquer que seja a medida. O ministério não deve ser meramente em palavras ou língua, mas em verdade. Deus não reconhecerá um discurso, mas sim o poder.

Porém antes de deixarmos este assunto, cremos ser absolutamente necessário fazer sentir ao leitor a importância de distinção entre ministério e sacerdócio. O pecado de Corá consistiu nisto: não contente em ser ministro, ambicionou ser sacerdote; e o pecado da cristandade é do mesmo caráter. Em vez de deixar que o ministério descansa sobre a própria base do Novo Testamento, exibindo os seus próprios característicos, e desempenhando as suas próprias funções, é exaltada ao sacerdócio uma casta sacerdotal, cujos membros devem distinguir-se de seus irmãos pela sua maneira de vestir e certos títulos. Não existe qualquer base para estas coisas no Novo Testamento.

#### Todos os Crentes São Sacerdotes

Segundo o ensino claro desse bendito Livro, todos os crentes são sacerdotes. Assim, lemos em Pedro: "Mas vós (não meramente os apóstolos, mas todos os crentes) sois a geração eleita, o sacerdócio real" (I Pe 2:9). Assim também em Apocalipse 1:5-6: "Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai." Em conformidade com a verdade exposta nas precedentes passagens, vemos como o apóstolo Paulo, guiado pelo Espírito Santo, exorta os crentes hebreus a entrarem com ousadia no próprio santuário (Hb 10: 19-22). E acrescenta: "Portanto, ofereçamos sempre, por ele (isto é Jesus), a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, Porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada" (Hb 13:15,16).

Quão maravilhoso deve ter sido para os santos judaicos esses que haviam sido treinados nas instituições da economia mosaica serem exortados a entrar num lugar do qual o mais elevado funcionário somente podia aproximar-se uma vez por ano, e ainda assim só por um momento! E depois ser-lhes dito que deviam oferecer sacrifícios, que deviam desempenhar as funções peculiares do sacerdócio! Tudo isto é maravilhoso. Mas assim é, se queremos ser ensinados pela Escritura, e não pelos mandamentos, doutrinas ou tradições dos homens. Todos os cristãos são sacerdotes. Não são todos apóstolos, profetas, doutores, pastores ou evangelistas; mas são todos sacerdotes. O próprio membro mais humilde da Igreja era tanto sacerdote como Pedro, Paulo, Tiago ou João.

Não falamos de capacidade ou de poder espiritual, mas da posição que todos ocupam em virtude do sangue de Cristo. No Novo Testamento não existe tal coisa como uma certa classe de homens, uma casta privilegiada, posta numa posição mais elevada ou mais próxima do santuário do que os seus irmãos, Tudo isto é oposto ao cristianismo - uma arrojada contradição de todos os preceitos da Palavra de Deus e dos ensinamentos especiais de nosso bendito Senhor e Mestre.

Que ninguém suponha que estas coisas são insignificantes. Muito longe disso. Pelo contrário, afetam os próprios fundamentos do cristianismo. Apenas precisamos de abrir os olhos e olhar em volta de nós para ver os resultados práticos de se confundir o ministério com o sacerdócio. E podemos estar certos de que se aproxima rapidamente o momento em que estes resultados assumirão um caráter mais espantoso desencadeando contra si os mais duros juízos do Deus vivo.

Não temos visto ainda o verdadeiro antítipo do "engano de Corá"; mas em breve será manifestado; e avisamos solenemente o leitor a ter cautela como dá a sua aprovação ao grave erro de misturar as duas coisas tão distintas como são o ministério e o sacerdócio. Queremos exortá-lo a considerar este assunto à luz da Escritura. Aconselhamo-lo a submeter-se a autoridade da Palavra de Deus e a deixar tudo que não estiver baseado nela. Não importa o que é; pode ser uma veneranda instituição; uma ordem vantajosa, uma cerimônia apoiada pela tradição e aprovada por milhares dos melhores homens. Nada disso importa. Se não tiver base na Escritura, é um erro, e um mal, e uma cilada do inimigo para

apanhar as nossas almas e nos afastar da simplicidade que há em Cristo Jesus. Se, por exemplo, nos é ensinado que existe na Igreja de Deus uma casta sacerdotal, uma classe de homens mais santos, mas elevados, que estão mais perto de Deus do que os seus irmãos - do que os cristãos vulgares o que é isto senão judaísmo revestido de formas cristãs? E qual deve ser o efeito disto senão roubar os filhos de Deus dos seus privilégios como tais e pô-los a distância d'Ele e submetê-los à escravidão?

Não vamos prosseguir por agora este assunto. Sugerimos o bastante para que o leitor ponderado o continue por si mesmo. Apenas queremos acrescentar, e isto com ênfase especial, que deve segui-lo somente à luz das Escrituras. Que decida pela graça de Deus pôr de lado tudo que não descansa sobre a base sólida e sagrada da Palavra escrita. Assim, e assim somente, poderá preservar-se a si mesmo de todas as formas de erro e ser levado a uma conclusão correta sobre esta importante quão interessante questão.

As linhas finais do capítulo 17 proporcionam um exemplo notável da rapidez com que o espírito humano passa de um extremo a outro, "Então, falaram os filhos de Israel a Moisés, dizendo: Eis aqui, nós expiramos, perecemos, nós perecemos todos. Todo aquele que se aproximar do tabernáculo do SENHOR morrerá; seremos, pois, todos consumidos?-" No capítulo precedente vimos atrevida arrogância na própria presença da majestade do Senhor, quando deveria ter havido uma profunda humildade. Aqui, na presença da graça divina e de suas provisões, observamos temor e desconfiança legais. Assim é sempre. A simples natureza não compreende nem a santidade nem a graça. Num momento ouvimos palavras como estas: "... toda a congregação é santa"; e no momento seguinte a palavra é: "...nós expiramos, perecemos, perecemos todos". O espírito carnal toma a liberdade de escolher o lugar que devia ocupar; desconfia quando deveria confiar.

Todavia, tudo se torna, pela bondade de Deus, numa ocasião para nos revelar, de uma maneira perfeita e bendita, as santas responsabilidades como também os preciosos privilégios do sacerdócio. Quão gracioso, quão próprio do nosso Deus converter os erros do Seu povo numa ocasião de nos dar mais profunda instrução dos seus caminhos! É Sua prerrogativa, bendito seja o Seu nome, fazer com que do mal saia bem, fazer sair do comedor comida e doçura do forte

(Jz 14:14). Assim "a contradição de Corá" dá ocasião a um volume grande de instrução, que oferece a vara de Arão; e os versículos finais do capítulo 17 provocam um relato das funções do sacerdócio de Arão. Sobre este último ponto vamos dirigir a atenção do leitor.

"Então, disse o SENHOR a Arão: Tu, e teus filhos, e a casa de teu pai contigo, levareis sobre vós a iniquidade do santuário; e tu e teus filhos contigo levareis sobre vós a iniquidade do vosso sacerdócio. E também farás chegar contigo a teus irmãos, a tribo de Levi, tribo de teu pai, para que se ajuntem a ti, e te sirvam; mas tu e teus filhos contigo estareis perante a tenda do testemunho. E eles farão a sua guarda, a guarda de toda a tenda: Mas não se chegarão aos vasos do santuário, e ao altar, para que não morram, tanto eles como vós. Mas se ajuntarão a ti e farão a guarda da tenda da congregação em todo o ministério da tenda; e o estrangeiro não se chegará avós. Vós, pois, fareis o a guarda do santuário e a guarda do altar, para que não haja outra vez furor sobre os filhos de Israel. E eu, eis que tenho tomado vossos irmãos, os levitas, do meio dos filhos de Israel; a vós são dados em dádiva pelo SENHOR, para administrar o ministério da tenda da congregação. Mas tu e teus filhos contigo guardareis o vosso sacerdócio em todo o negócio do altar, e no que estiver dentro do véu, isto administrareis; eu vos tenho dado o vosso sacerdócio em dádiva ministerial, e o estrangeiro que se chegar morrerá" (Nm 18:1-7).

Aqui temos uma resposta divina a questão suscitada pelos filhos de Israel: "Seremos consumidos com a morte? "Não", diz o Deus de toda a graça e misericórdia E por que não? Porque "Arão e seus filhos com ele farão a guarda do altar; para que não haja outra vez furor sobre os filhos de Israel." Desta forma o povo é advertido de que no próprio sacerdócio, que tinha sido tão desprezado e contra o qual tanto haviam falado, deviam encontrar segurança.

#### Os Levitas sob as Ordens de Arão

Mas temos de notar especialmente que os filhos de Arão e a casa de seu pai estão associados com ele nos seus elevados e santos privilégios e responsabilidade. Os levitas foram dados como um dom a Arão para fazerem o serviço do tabernáculo da congregação. Deviam servir sob as ordens de Arão, o chefe da casa sacerdotal. Isto nos dá uma boa lição, e uma lição muito

necessária para os cristãos no tempo presente. Precisamos de ter sempre em vista que o serviço, para ser inteligente e aceitável, tem de ser feito em sujeição à autoridade e direção do sacerdote. "E também farás chegar contigo a teus irmãos, a tribo de Levi, a tribo de teu pai, para que se ajuntem a ti e te sirvam." Isto imprime um caráter distinto sobre todos os pormenores do serviço levítico. Toda a tribo dos obreiros estava associada com o sumo sacerdote e era-lhe sujeita. Tudo estava sob a sua direção e imediata orientação. Assim deve ser agora a respeito de todos os servos de Deus. Todo o serviço cristão deve ser prestado em comunhão com o nosso Sumo Sacerdote e em santa sujeição à Sua autoridade; de contrário não terá valor algum. Pode fazer-se muito trabalho, pode haver muita atividade; mas se Cristo não for o objetivo imediato perante o coração, se a Sua direção e autoridade não forem plenamente reconhecidas, a obra não servirá de nada.

Por outro lado, o menor ato de serviço, a obra mais insignificante feita debaixo do olhar de Cristo e em relação direta com Ele, tem o seu valor segundo a apreciação de Deus, e receberá certamente o seu próprio galardão. Isto é verdadeiramente animador e consolador para o coração de todo o obreiro sincero. Os Levitas tinham de trabalhar sob a direção de Arão. Os cristãos têm de trabalhar sob Cristo. Somos responsáveis para com Ele. É muito bom e agradável andar de acordo com os nossos companheiros e sujeitarmo-nos uns aos outros, no temor do Senhor. Nada está mais longe dos nossos pensamentos do que alimentar ou favorecer um espírito de orgulhosa independência ou aquele estado de alma que impediria a nossa alegre e cordial cooperação com os nossos irmãos em toda a boa obra.

Todos os levitas estavam "juntos a Arão" na sua obra e portanto, estavam juntos uns aos outros. Por isso, trabalhavam juntos. Se um levita tivesse voltado as costas a seus irmãos, tê-las-ia voltado também a Arão. Podemos imaginar um levita ofendido de uma coisa ou outra na conduta dos seus companheiros e dizendo para si mesmo: "Não posso continuar com os meus irmãos. Tenho de trabalhar só. Posso servir a Deus e trabalhar sob Arão; mas devo manter-me afastado dos meus irmãos visto que me é impossível concordar com eles acerca da maneira de trabalhar". Mas podemos ver facilmente a falsidade de tudo isto. Adotando uma tal linha de atividade, o levita teria produzido confusão.

Todos eram chamados a trabalhar juntos, por mais diverso que pusesse ser o seu trabalho.

Contudo, recorde-se sempre que a sua tarefa variava; e, não obstante, cada um era chamado para trabalhar sob as ordens de Arão. Havia responsabilidade individual com a mais harmoniosa ação coletiva. Desejamos certamente fomentar, de todos os modos possíveis, a unidade na ação; mas não se deve permitir que isto ataque o domínio do serviço pessoal, ou interfira com a relação direta do obreiro a seu Senhor.

A Igreja de Deus oferece um extenso campo de trabalho aos obreiros do Senhor. Existe nela amplo espaço para toda a sorte de trabalhadores. Não devemos tentar reduzi-los todos a um nível morto ou estreitar as diversas energias dos servos de Cristo restringindo-as a certos velhos costumes de nossa própria organização. Isto nunca dará resultado. Devemos, todos nós, procurar diligentemente combinar a mais cordial unanimidade com a maior variedade possível de ação. As duas coisas serão fielmente promovidas por cada um todos se recordarmos que somos chamados para servir juntos sob Cristo.

Eis aqui o grande segredo: Juntos sob Cristo! Tenhamos isto sempre presente. Isto nos ajudará a reconhecer e a apreciar o trabalho de outro, por muito diferente que possa ser do nosso; e, por outro lado, nos guardará do sentimento presunçoso do nosso próprio serviço, visto que teremos ocasião de ver que não somos mais que cooperadores num mesmo vasto campo; e que o grande objetivo que se propõe ao coração do Mestre só pode ser conseguido prosseguindo cada obreiro com o seu trabalho especial e continuando-o em feliz acordo com todos.

Existe uma perniciosa tendência em alguns espíritos para depreciar toda a atividade que não seja a sua própria. Guardemo-nos cuidadosamente de tal coisa. Se todos seguissem o mesmo ramo de atividade, onde estaria essa preciosa variedade que caracteriza a obra e os obreiros do senhor no mundo? Não se trata apenas de uma questão de gênero de trabalho, mas, com efeito, do tipo peculiar de cada obreiro. Pode deparar-se com dois evangelistas ambos distinguidos por um ardente desejo pela salvação das almas, pregando cada um

deles substancialmente a mesma verdade; e, contudo, pode haver a maior diferença na maneira em que cada um deles procura alcançar o mesmo fim.

Devemos atentar para isso. De fato, isto é de esperar. Aplica-se igualmente a todos os ramos do serviço cristão. Devemos suspeitar energicamente do terreno ocupado por uma assembleia cristã se não há amplo lugar para todos os ramos e formas de serviço cristão para cada gênero de trabalho susceptível de ser tomado em responsabilidade individual para com o grande Chefe da casa sacerdotal. Não deveríamos fazer coisa alguma que não pudesse ser feita sob Cristo e em comunhão com Ele. E tudo que pode ser feito em comunhão com Cristo pode certamente ser feito em comunhão com aqueles que andam com Ele.

Mas dissemos o bastante acerca da maneira especial em que os levitas são introduzidos neste capítulo em relação com Arão e seus filhos. Voltemo-nos agora, por um momento, para estes e meditemos na rica provisão que é feita para eles pela bondade de Deus e sobre as solenes funções que lhes são confiadas no seu lugar sacerdotal.

"Disse mais o SENHOR a Arão: E eu, eis que te tenho dado a guarda das minhas ofertas alçadas, com todas as coisas santas dos filhos de Israel; por causa da unção as tenho dado a ti e a teus filhos, por estatuto perpétuo. Isto terás das coisas santíssimas, do fogo: todas as suas ofertas, com todas as suas ofertas de manjares, com todas as suas expiações do pecado, e com todas as suas expiações da culpa, que me restituírem, serão coisas santíssimas ,para ti e para teus filhos. No lugar santíssimo o comerás; todo o varão o comerá; santidade será para ti" (versículos 8 a 10).

Vós Sois o Sacerdócio Real, a Nação Santa (1 Pedro 2:9)

Aqui temos um tipo do povo de Deus visto sob outro aspecto. São apresentados aqui, não como obreiros, mas como adoradores; não como levitas, mas como sacerdotes. Todos os crentes - todos os cristãos - todos os filhos de Deus são sacerdotes. Não há, segundo o ensino do Novo Testamento, tal coisa como um sacerdote na terra, salvo no sentido em que todos os crentes são sacerdotes. Uma classe especial de sacerdotes - uma certa classe de homens posta de lado como sacerdotes - é uma coisa não apenas desconhecida na cristandade, mas positivamente hostil ao seu espírito e seus princípios. Já nos referimos a este

assunto e citamos as diversas passagens das Escrituras sobre ele. Temos um grande Sumo sacerdote que penetrou nos céus, "porque se estivesse na terra nem tão pouco sacerdote seria" (compare-se Hebreus 4:14 e 8:4). "Nosso Senhor procedeu de Judá, e sobre essa tribo Moises não falou de sacerdócio". Por isso, um sacerdote oficiando na terra é uma negação direta da verdade da Escritura e uma anulação do fato glorioso sobre o qual está baseado o cristianismo, isto é: uma redenção cumprida. Se há qualquer necessidade hoje de um sacerdote para oferecer sacrifício pelos pecados, então a redenção não é certamente um fato cumprido, Mas a Escritura declara em centenas de passagens que é um fato, e portanto não necessitamos de mais ofertas pelo pecado.

"Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Hb 9:11, 12). Assim também em capítulo 10:14: "Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados". "E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas, iniquidades. Ora onde há emissão destes não há mais oblação pelo pecado" (versículo 17),

Isto resolve a grande questão do sacerdócio e do sacrifício pelo pecado. Consta do próprio fundamento do cristianismo e requer profunda e séria atenção de todos os que desejam nadar na luz límpida da plena salvação e ocupar a verdadeira posição cristã. Existe uma forte inclinação para o judaísmo - um esforço vigoroso para injetar formas cristãs no velho tronco judaico. Nada disto é novo; mas presentemente, o inimigo parece especialmente ocupado. Podemos perceber uma inclinação para o romanismo em toda a extensão da cristandade; e em nada e observa tanto esta notável inclinação como nas instituições de uma ordem especial de sacerdócio na Igreja de Deus. Cremos que é uma instituição inteiramente anticristã. É a negação do sacerdócio comum de todos os crentes. Se uma determinada ordem de homens é ordenada para ocupar um lugar de especial proximidade e santidade, então onde deve estar a grande massa dos cristãos?

Esta é a questão. É precisamente nisto que a grande importância e gravidade de todo o assunto são aparentes. Não suponha o leitor que estamos defendendo alguma teoria peculiar de alguma classe especial ou seita do cristianismo. Nada está mais longe dos nossos pensamentos. É porque estamos convencidos de que os próprios fundamentos da fé cristã estão envolvidos nesta questão do sacerdócio que instamos pela sua consideração com todos aqueles com quem entramos em contato.

Creemos que na medida em que os cristãos veem claro e estão estabelecidos no terreno divino de uma redenção cumprida, mais e mais se afastam do romanismo e do judaísmo ou de uma ordem de sacerdotes na Igreja de Deus. E, por outro lado, quando as almas não estão iluminadas e seguras, quando não são espirituais, quando há apego ao legalismo, à carnalidade e ao mundanismo, encontrar-se-á propensão para um sacerdócio humanamente estabelecido. Não é muito difícil ver a razão disso. Se um homem não está em estado conveniente para se aproximar de Deus, será um alívio para si empregar outro para que se aproxime de Deus em seu lugar. E certamente ninguém está em estado conveniente para se aproximar do Deus santo, se não sabe que os seus pecados estão perdoados - se não tem a sua consciência perfeitamente purificada - se está num estado de ânimo inseguro, sombrio e legalista.

Para entrar com ousadia no santuário, temos de saber o que o sangue de Cristo fez de nós; temos de saber que nós mesmos fomos feitos sacerdotes para Deus; e que, em virtude da morte expiatória de Cristo, temos sido trazidos para tão perto de Deus que é impossível a qualquer ordem dos homens interpor-se entre nós e Deus. "Àquele que nos ama e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai" (Ap 1:5-6). "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciei as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pe 2:9).

"Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual, e sacerdócio santo para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1 Pe 2:5).

"Portanto ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada" (Hb 13:15-16).

Aqui temos os dois grandes ramos de sacrifício espiritual que, como sacerdotes, temos o privilégio de oferecer, a saber: louvor a Deus e beneficência aos homens. O crente mais jovem, mais inexperiente e menos ilustrado é capaz de entender estas coisas. Quem haverá em toda a família de Deus - em toda a casa sacerdotal do nosso divino Sumo Sacerdote - que não o possa dizer de coração, "Louvado seja o Senhor"? E quem não pode fazer com as suas mãos algum bem ao seu próximo?- E isto é culto sacerdotal e serviço sacerdotal - o culto e serviço comum a todos os verdadeiros cristãos. E certo que a medida de poder espiritual pode variar; mas todos os filhos de Deus são constituídos sacerdotes.

"Levai as Cargas Uns dos Outros" (Gálatas 6:2)

Ora, o capítulo dezoito de Números apresenta-nos um relato completo das provisões feitas para Arão e a sua casa; e, nessas provisões, uma figura da porção espiritual do sacerdócio cristão. E certamente não podemos ler esse relato sem ver qual é a porção magnânima que nos pertence. "Todas as suas ofertas, com todas as suas ofertas de manjares, e com todas as suas expiações do pecado, e com todas as suas expiações da culpa, que me restituírem; elas serão coisas santíssimas para ti e para teus filhos. No lugar santíssimo o comerás; todo varão o comerá; santidade será para ti" (versículos 9-10).

É necessária uma grande medida de capacidade espiritual para compreender a profundidade e o significado desta maravilhosa passagem. Comer as expiações do pecado ou as expiações da culpa é, em figura, identificar-se com o pecado ou culpa de outrem. Isto é trabalho santo. Não é qualquer que pode, em espírito, identificar-se com o pecado do seu irmão. Fazê-lo, no sentido de expiação, está, desnecessário é dizer, fora de toda a discussão. Houve apenas um que pôde fazer isto; e Esse-bendito seja para sempre o Seu nome! - fê-lo perfeitamente.

Porém uma coisa é possível e essa é tomar o pecado do meu irmão como meu e levá-lo em espírito perante Deus, como se fosse o meu próprio. Isto é prefigurado pela ação dos filhos de Arão comendo a expiação do pecado no

lugar santíssimo. Eram só os filhos quem fazia isto. "Todo varão comerá dela" (1). Era a ordem mais elevada de serviço sacerdotal. "No lugar santíssimo o comerás."

---

(1) Em regra geral, o "filho" apresenta a ideia divina; "a filha" a compreensão humana dessa ideia; "o macho" apresenta a coisa como Deus a dá; a "fêmea" a coisa tal qual nós a realizamos e mostramos.

Necessitamos estar muito perto de Cristo para podermos compreender o significado e a aplicação espiritual de tudo isto. É um exercício maravilhosamente abençoado e santo, e só pode ser conhecido na presença imediata de Deus. O coração pode dar testemunho do pouco que realmente conhecemos disto. A nossa inclinação, quando um irmão peca, é julgá-lo - tomarmos o lugar de um censor rígido e considerar o seu pecado como alguma coisa com que nada temos a ver. E assim falhamos tristemente nas nossas funções sacerdotais. Recusamos comer a expiação da culpa no lugar santíssimo. É um fruto da graça identificarmo-nos com um irmão extraviado até podermos considerar o seu pecado como propriamente nosso - levá-lo em espírito perante Deus.

Isto é uma ordem verdadeiramente elevada de serviço sacerdotal, e requer uma grande medida do espírito e mente de Cristo. Só uma alma espiritual poderá realmente compreender isto. Mas, ah! Quão poucos de nós somos realmente espirituais! "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado. Levai-as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6:1-2). Que o Senhor os conceda a graça de cumprirmos esta bendita "lei"! Quão pouco se parece com o que se encontra em nós! Como isto condena a nossa dureza e o nosso egoísmo! Oh! Sejamos mais semelhantes a Cristo nisto como em tudo o mais!

#### A Porção dos Filhos e das Filhas de Arão

Mas havia outra ordem de privilégio sacerdotal menos elevada do que a que temos estado a considerar. "Também isto será teu: a oferta alçada dos seus dons com todas as ofertas movidas dos filhos de Israel; a ti, a teus filhos, e a

tuas filhas contigo, as tenho dado por estatuto perpétuo; todo o que estiver limpo na tua casa as comerá" (versículo 11).

As filhas de Arão não deviam comer as expiações do pecado nem as expiações da culpa. Estavam providas segundo o limite da sua capacidade; mas havia certas funções que elas não podiam cumprir, certos privilégios que estavam fora do seu alcance, certas responsabilidades pesadas demais para elas poderem cumpri-las. É muito mais fácil termos comunhão com alguém nas ações de graças do que fazermos nosso o seu pecado. Este último ato exige uma medida de energia sacerdotal que encontra o seu tipo nos "filhos" de Arão, e não nas "filhas". Devemos estar preparados para as diversas capacidades entre os membros da casa sacerdotal. Todos estamos, bendito seja Deus, sobre o mesmo terreno; todos temos o mesmo título; todos estamos no mesmo grau de parentesco; mas as nossas capacidades variam; e embora todos possamos aspirar ao mais elevado grau de serviço sacerdotal e a mais elevada medida de capacidade sacerdotal, é inútil pretender o que não possuímos.

Uma coisa contudo é ensinada claramente em versículo 11, isto é, devemos estar "limpos" para desfrutar o privilégio sacerdotal ou comer qualquer alimento sacerdotal - limpos pela aplicação do precioso sangue de Cristo a nossa consciência - limpos pela aplicação da Palavra por intermédio do Espírito aos nossos hábitos, às nossas relações e aos nossos caminhos. Quando estamos assim limpos, seja qual for a nossa capacidade, a mais rica provisão e garantida às nossas almas pela preciosa graça de Deus. Escutemos as seguintes palavras; " Todo o melhor do azeite e todo o melhor do mosto e do grão, as suas primícias que derem ao SENHOR, as tenho dado a ti. Os primeiros frutos de tudo que houver na terra, que trouxerem ao SENHOR, serão teus; todo o que estiver limpo na tua casa os comerá" (versículos 12-13) (1).

---

(1) Considere o leitor qual deve ser o efeito moral de se tomar à letra a precedente passagem e de a aplicar a certa classe sacerdotal na Igreja de Deus considere-a simbólica e espiritualmente, e terá uma bela e notável figura do alimento espiritual proporcionado a todos os membros da família sacerdotal, o qual e, em suma, Cristo e todo o Seu valor e plenitude.

Aqui temos seguramente uma porção principesca assinalada àqueles que são feitos sacerdotes para Deus. Deviam ter o melhor e os primeiros frutos de tudo que a terra de Deus produzia. Havia "o vinho que alegra o coração do homem e faz reluzir o seu rosto como o azeite, e o pão que fortalece o seu coração" (Sl 104:15).

Que imagem temos em tudo isto da nossa parte em Cristo! A azeitona e a uva eram prensadas e o melhor do trigo era moído a fim de alimentar e alegrar os sacerdotes de Deus; e o Antítipo bendito de tudo isto foi, em graça infinita, moído e esmagado na morte a fim de que por meio da Sua carne e do Seu sangue pudesse ministrar à Sua casa vida, força e alegria. O precioso grão de trigo caiu na terra e morreu, para que nós pudéssemos viver; e a videira viva foi prensada para encher o cálice de que bebemos agora e beberemos para sempre na presença do nosso Deus.

Portanto, que resta? Que precisamos nós, salvo uma maior capacidade para gozar a plenitude e bem-aventurança da nossa porção do Salvador crucificado, ressuscitado e glorificado?- Bem podemos dizer: "temos de tudo com abundância." Deus tem-nos dado tudo que podia dar-nos - o que tinha de melhor. Deu-nos Sua própria porção. Chamou-nos para nos sentarmos Consigo em santa e feliz comunhão e fazermos festa com o bezerro cevado. Fez ressoar aos nossos ouvidos e penetrar nos nossos corações, em certa medida, estas maravilhosas palavras: "Comamos e alegremo-nos."

Como é maravilhoso pensar que nada pode satisfazer o coração e a mente de Deus senão reunir o Seu povo ao redor de Si mesmo para o alimentar com o que Ele próprio acha as Suas delícias! "A nossa comunhão é como Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1:3).

Que mais poderia o amor de Deus fazer por nós do que isto? E para quem fez tudo isto? Para aqueles que estavam mortos em delitos e pecados-para os estranhos, inimigos rebeldes, culpados - para os cães dos gentios - para aqueles que estavam longe d'Ele sem esperança e sem Deus no mundo - para aqueles que não mereciam nada mais que as chamas eternas do lago de fogo. Oh! Que graça maravilhosa! Que insondável profundidade de soberana misericórdia! E, podemos acrescentar, que divino e precioso sacrifício expiatório, que introduz pobres e culpados pecadores, que merecem o inferno,

numa tão inefável bênção! Tirar-nos, por assim dizer, como tições do fogo eterno para nos fazer sacerdotes para Deus! Lançar fora os nossos "trapos da imundícia" e lavar-nos, vestir-nos e coroar-nos na Sua própria presença e para Seu louvor! Louvemo-Lo, pois! Que os nossos corações e as nossas vidas O louvem! Possamos nós saber como desfrutar a nossa posição e a nossa porção sacerdotal e usar convenientemente a nossa mitra! Não podemos fazer nada melhor do que louvar a Deus - nada mais elevado do que apresentar-Lhe por Jesus Cristo o fruto dos nossos lábios dando graças ao Seu nome. Esta será a nossa eterna ocupação nesse mundo bendito e brilhante para o qual nos estamos apressando e onde em breve estaremos para viver sempre com Aquele que nos amou e a Si mesmo Se entregou por nós - nosso bendito Salvador e nosso Deus, para nunca mais nos separarmos.

Nos versículos 14 a 19 do nosso capítulo temos as instruções acerca dos "primogênitos dos homens e dos animais", Podemos observar que o homem está colocado ao mesmo nível dos animais imundos. Ambos têm de ser remidos.

O animal imundo era impróprio para Deus, e o homem também, a menos que fossem remidos pelo sangue. O animal limpo não tinha que ser resgatado. Era próprio para uso de Deus e foi dado como alimento a toda a casa sacerdotal - tanto filhos como filhas. Nisto temos um tipo de Cristo em quem Deus pode encontrar o Seu perfeito deleite - o pleno gozo do Seu coração - o único objetivo, em todo o vasto universo, no qual pode encontrar perfeito descanso e satisfação. E - pensamento maravilhoso! - este mesmo objeto foi-nos dado por Ele - a nós, Sua casa sacerdotal- para ser o nosso alimento, luz, gozo, tudo em todos para sempre (1).

---

(1) Para mais amplos pormenores sobre o assunto apresentado em Números 18:14-19, remetemos o leitor aos "Estudos sobre o livro de Êxodo", capítulo 13. Queremos evitar, tanto quanto possível, repetições do que havemos dito em volumes antecedentes.

Para os Sacerdotes e Levitas não Havia Herança Terrena

O leitor notará neste capítulo, assim como em todos os demais, que cada novo assunto é introduzido com as palavras, "Então, falou o SENHOR a Moisés", ou "a Arão". Assim, nos versículos 20 a 32, somos ensinados que os sacerdotes e os levitas—os adoradores e os obreiros de Deus—não deviam ter herança entre os filhos de Israel, mas deviam depender absolutamente de Deus para o suprimento de todas as suas necessidades.

Que posição abençoada! Nada pode ser mais agradável do que o quadro que aqui é apresentado. Os filhos de Israel deviam trazer as suas ofertas e pô-las aos pés do Senhor, e ele, em Sua infinita graça, mandava aos seus obreiros que recolhessem essas preciosas ofertas -o fruto da abnegação do Seu Povo - e alimentavam-se delas na sua bendita presença com corações agradecidos. Tal era o círculo de bênção. Deus supria todas as necessidades do Seu povo; o Seu povo tinha o privilégio de repartir os ricos frutos da Sua liberalidade com os sacerdotes e levitas; e estes eram autorizados a experimentar o raro e delicado prazer de dar outra vez a Deus daquilo que d'Ele havia emanado até eles.

Tudo isto é divino. E uma figura notável daquilo que todos deveríamos procurar hoje na Igreja de Deus. Como já temos notado, o povo de Deus é apresentado neste livro sob três aspectos distintos, a saber: guerreiros, obreiros, e adoradores; e nos três aspectos vemo-los em atitude de mais absoluta dependência do Deus vivo. Na nossa luta, no nosso trabalho, e no nosso culto, dependemos de Deus. Fato precioso! "Todas as nossas fontes estão em ti." Que mais necessitamos?- Devemos volver os olhos para os homens ou para o mundo para termos auxílio ou recursos?- Deus nos livre de tal coisa! Seja antes o nosso grande objetivo, em toda a nossa história e em cada aspecto do nosso caráter bem como em cada uma das nossas atribuições, provar que Deus é bastante para os nossos corações.

É verdadeiramente deplorável ver o povo de Deus e os servos de Cristo esperarem do mundo os meios de subsistência e tremendo ante o pensamento desses meios lhes poderem faltar. Imaginemos a Igreja de Deus dependendo, nos dias de Paulo, do governo romano para a manutenção dos seus bispos, doutores e evangelistas. Ah, não, prezado leitor, a Igreja contava com a sua Cabeça nos céus e o divino Espírito na terra para todas as suas necessidades!

Por que há-de ser de outra maneira agora?- O mundo é ainda o mundo; e a Igreja não é o mundo e não deve buscar o ouro a prata do mundo. Deus tomará cuidado do Seu povo e dos Seus servos, se eles tão-somente confiarem n'Ele. Podemos estar certos de que o divinum domum (o dom de Deus) é muito melhor para a Igreja do que o regium domum (o dom do governo) - não há comparação possível aos olhos de um cristão espiritual.

Que todos os santos de Deus e todos os servos de Cristo, em todo o lugar, apliquem os seus corações sinceramente à consideração destas coisas! E possamos nós ter graça para confessar praticamente perante um mundo ímpio, infiel e sem Cristo, que o Deus vivo é amplamente suficiente para todas as nossas necessidades, não apenas durante a nossa passagem pelo tempo, mas também para o oceano ilimitado da eternidade ! Que Deus no-lo conceda por amor de Cristo!

## CAPÍTULO 19

### A BEZERRA RUIVA: UM TIPO QUE DIZ RESPEITO AO DESERTO

Uma das partes mais importantes do livro de Números está agora aberta ante os nossos olhos, apresentando para nossa consideração o rito altamente interessante e instrutivo da "Bezerra Ruiva". Um estudante atencioso das Escrituras poderia naturalmente sentir-se disposto a inquirir a razão por que temos esta figura em Números e não em Levítico. Nos sete primeiros capítulos desse livro temos um relato pormenorizado da doutrina do sacrifício, e todavia não temos alusão nenhuma à bezerra ruiva. Por quê? Que devemos apreender com o fato desta formosa ordenação ser apresentada no livro de Números e em nenhum outros Cremos que nos oferece outra ilustração notável do caráter distinto do nosso livro.

A bezerra ruiva é eminentemente um tipo do deserto. Era uma provisão feita por Deus para a profanação do caminho e prefigura a morte de Cristo como purificação do pecado e resposta às nossas necessidades durante a nossa peregrinação pelo mundo corrompido para o nosso descanso eterno na mansão celestial. É uma figura muito instrutiva, que nos descobre uma verdade preciosa e necessária. Que o Espírito, que inspirou o seu relato, se compraza em no-la explicar e aplicar às nossas almas!

"Falou mais o SENHOR a Moisés e a Arão, dizendo: Este é o estatuto da lei, que o SENHOR ordenou, dizendo: Dize aos filhos de Israel que te tragam uma bezerra ruiva sem defeito, que não tenha mancha, e sobre que não subiu jugo" (versículos 1-2).

Cristo: A Vítima sem Mancha, e que Nunca Carregou o Jugo do Pecado

Se contemplamos o Senhor Jesus com os olhos da fé, vêmo-Lo não só como Aquele que era sem mancha em Sua santa Pessoa, mas também Aquele que

jamais levou o jugo do pecado. O Espírito Santo é sempre o zeloso Guardião da pessoa de Cristo, e deleita-Se em o apresentá-Lo à alma em toda a Sua excelência e supremo valor. Por isso cada tipo e cada sombra destinada a apresentá-Lo exhibe a mesma defesa. Assim, no caso da bezerra ruiva, sabemos que o nosso bendito Salvador não só era, quanto à Sua natureza humana, intrínseca e inerente e inerentemente puro e imaculado, mas que, quanto ao Seu nascimento e às suas relações, se manteve perfeitamente isento de toda a mancha e aparência de pecado. O jugo do pecado jamais pesou sobre o seu pescoço. Quando falou do Seu jugo (Mt 11:29), referia-Se ao jugo da Sua submissão implícita à vontade do Pai em todas as coisas. Este foi o único jugo que levou, e que não deixou um só instante durante toda a Sua perfeita e imaculada carreira - desde a manjedoura, onde repousou como débil menino, até à cruz, onde expirou como vítima.

Mas não levou o jugo do pecado. Compreenda-se isto bem. Foi à cruz para expiar os nossos pecados, para lançar os fundamentos da nossa perfeita purificação de todo o pecado; mas fez isto como Aquele que nunca tinha, em qualquer altura durante a Sua bendita vida, levado o jugo do pecado. Era "sem pecado"; e, como tal, era perfeitamente capaz de fazer a grande e gloriosa obra da expiação. Pensar que tomou o jugo do pecado na Sua vida, seria pensar d'Ele como Aquele que era incapaz de fazer expiação do pecado na Sua morte.

### O Sangue

"Que não tenha mancha, e sobre que não subiu jugo." É necessário lembrar e pensar tanto uma como outra destas expressões. O Espírito Santo destinou-as para mostrar a perfeição de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que era puro intimamente, mas também livre exteriormente de todo o rasgo de pecado. Nem na Sua Pessoa, nem ainda nas Suas relações não esteve, de modo algum, sujeito às exigências do pecado ou da morte. Entrou, louvado seja para sempre o Seu nome, em toda a realidade das nossas circunstâncias e condições; mas em Si não havia pecado, e sobre Si não subiu jugo de pecado. E a dareis a Eleazar, o sacerdote; e a tirará fora do arraial, e se degolará diante dele" (versículo 3).

°O leitor atencioso da Escritura não passará por alto qualquer expressão, por mais vulgar que lhe possa parecer que ela seja.

Antes terá sempre presente que o livro que tem aberto diante de si é de Deus e portanto perfeito - perfeito no seu conjunto - perfeito em todas as suas partes. Cada palavra está cheia de significado. Cada ponto por menor que seja, cada característica e circunstância contém algum ensino espiritual para a alma. Sem dúvida, os infiéis e os racionalistas falham redondamente na compreensão deste poderoso fato, e, como consequência, quando se acercam do volume divino, cometem o mais triste dano. Veem defeitos onde o estudioso espiritual vê pedras preciosas. Veem incongruências onde o discípulo consagrado, ensinado pelo Espírito, vê harmonia divina e glória moral.

Isto é o que poderíamos esperar; e é bom recordá-lo nestes dias. "Deus é o Seu próprio intérprete", tanto da Escritura como da providência; e se nós esperarmos n'Ele, há-de certamente torná-las claras. Mas, assim como com a providência, "A cega incredulidade é mais do que certo errar e esquadrinhar os caminhos de Deus em vão", do mesmo modo é certo errar com as Escrituras e investigar a Sua Palavra inutilmente. E o fervoroso poeta poderia continuar; porque, certamente, a incredulidade não investigará apenas os caminhos de Deus e a Palavra de Deus em vão, mas converterá uma e outra numa ocasião de ataque blasfemo contra o Próprio Deus, contra a Sua natureza, contra o Seu caráter e também contra revelação que Lhe aprouve dar-nos. Os infiéis quebrariam bruscamente a lâmpada da inspiração, apagariam a sua luz celestial e envolver-nos-iam a todos naquela profunda melancolia de trevas morais que envolvem a sua mente desencaminhada.

Fomos levados a entrar na precedente linha de pensamento enquanto meditávamos sobre o versículo terceiro do nosso capítulo. Estamos ansiosos por cultivar o hábito de estudo profundo e atento da Escritura Sagrada. É da máxima importância. Dizer ou pensar que existe tanto como uma simples cláusula, uma simples expressão, desde uma à outra capa do volume inspirado, que não mereça a nossa meditação na dependência divina, é insinuar que Deus, o Espírito Santo, pensou que valia a pena escrever o que nós pensamos e não valer a pena estudar.

"Toda a Escritura divinamente inspirada é" (2 Tm 3:16). Isto requer reverência da nossa parte. "Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito" (Rm 15:4). Isto deve despertar o nosso interesse. A primeira destas passagens prova que a Escritura vem de Deus; a última prova que vem para nós. Aquela e esta juntas ligam-nos a Deus pelo elo divino da Sagrada Escritura - um elo que o diabo procura, nestes dias, quebrar; e isso por meio de agentes de reconhecido valor moral e poder intelectual. O diabo não escolhe um homem ignorante ou imoral para lançar os seus ataques especiais sobre a Bíblia, porque sabe muito bem que um ignorante não poderia falar e um homem imoral não seria escutado. Mas escolhe astuciosamente uma pessoa amável, benevolente e popular - alguém moralmente irrepreensível - um estudioso diligente, um profundo escolar, um grande e original pensador. Desta forma atira poeira aos olhos dos simples, dos ignorantes, e dos incautos.

Leitor cristão, lembra-te disto: se pudermos aprofundar em tua alma o sentimento inefável do valor da tua Bíblia; se pudermos desviar-te das rochas e areias movediças do racionalismo e da infidelidade; se formos usados como meios de estabelecer e fortalecer a tua alma na certeza de que quando estás debruçado sobre as páginas sagradas das Escrituras, estás bebendo da fonte cuja água correu gota a gota para ela do próprio seio de Deus; se pudermos alcançar algum ou todos estes resultados, não teremos de lamentar a digressão que fizemos do nosso capítulo, ao qual regressamos agora.

"E a dareis a Eleazar, o sacerdote; e a tirará fora do arraial, e se degolará diante dele."

No sacerdote e na vítima temos uma figura da pessoa de Cristo. Ele foi, ao mesmo tempo, a Vítima e o Sacerdote. Mas não tomou as Suas funções sacerdotais até que a Sua obra como vítima foi cumprida. Isto explica a expressão na terceira cláusula do versículo terceiro, "e se degolará diante dele". A morte de Cristo foi cumprida na terra, e não podia, portanto, ser apresentada como o ato de sacerdócio. O céu e não a terra é a esfera do Seu serviço sacerdotal.

O apóstolo, na epístola aos Hebreus, declara expressamente como súplica de uma esmerada e maravilhosa peça de argumento, que "temos um sumo sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade,

ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem. Porque todo sumo sacerdote é constituído para oferecer dons e sacrifícios; pelo que era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria, havendo ainda sacerdotes que oferecem dons segundo a lei" (Hb 8:1-4). "Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezeros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus" (Hb 9:11-12,24). "Mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus" (Hb 10:12).

De todas estas passagens tomadas em ligação com Números 19:3 aprendemos duas coisas, a saber: que a morte de Cristo não é apresentada como o ato próprio e normal do sacerdócio; e, além disso, que o céu, não a terra, é a esfera do Seu serviço sacerdotal. Não há nada novo nestas afirmações; têm sido apresentadas repetidas vezes por outras e é importante notar tudo que tende a ilustrar a perfeição e precisão da Sagrada Escritura. E interessantíssimo encontrar uma verdade, que brilha nos páginas do Novo Testamento, incluída em qualquer ordenação ou cerimônia dos tempos do Velho Testamento. Estas descobertas são sempre bem recebidas pelo leitor inteligente da Palavra de Deus. A verdade é, sem dúvida, a mesma onde quer que for achada; mas quando se oferece subitamente aos nossos olhos com brilho invulgar no Novo Testamento e é divinamente prefigurada no Velho, não temos apenas a verdade estabelecida, mas a unidade do volume ilustrada e reforçada.

Não podemos deixar despercebido o lugar onde a vítima era morta. "E a tirará fora do arraial." Como já foi acentuado, o sacerdote e a vítima estão identificados e formam conjuntamente um tipo de Cristo; mas acrescenta-se, "e se degolará diante dele", simplesmente, porque a morte de Cristo não podia ser apresentada como um do sacerdócio. Que maravilhosa precisão! E todavia não é maravilhosa, pois que mais podíamos esperar de um livro do qual cada linha vem diretamente de Deus?- Se tivesse sido dito "e ele a degolará", Números 19

estaria em desacordo com a epístola aos Hebreus. Mas não; a harmonia do volume mostra refulgentes glórias. Que Deus nos dê graça para podermos discerni-las e apreciá-las.

Por isso, Jesus sofreu fora da porta. "E por isso também Jesus, para santificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta" (Hb 13:12). Tomou lugar de fora e a Sua voz faz-se ouvir desde ali. Ouvimo-la?- Compreendemo-la? Não devemos nós considerar mais atentamente o lugar onde Jesus morreu? Devemos ficar satisfeitos com recolha dos benefícios da morte de Cristo sem buscarmos a comunhão com Ele na Sua rejeição?- Deus nos livre de tal! "Saíamos pois a ele fora do arraial, levando o seu vitupério" (Hb 13:13) (1).

---

(1) O arraial, na passagem citada, refere-se em princípio ao judaísmo; mas tem uma notável aplicação moral a todo o sistema religioso estabelecido pelo homem e governado pelo espírito e princípios deste século mau.

Existe um imenso poder nestas palavras. Deveriam excitar todo o nosso ser moral a buscar a completa identificação com o Salvador que foi rejeitado.

Devemos vê-lo morrer fora da porta, enquanto colhemos os benefícios da sua morte permanecendo dentro do arraial?- Buscaremos uma morada, e um lugar, e um nome, e uma porção nesse mundo, do qual o nosso Senhor e Mestre é expulso?- Aspiraremos a um lugar no mundo que não pode tolerar esse bendito Senhor a quem devemos a nossa felicidade presente e eterna?-Aspiraremos ali honra, posição, e riqueza, onde o nosso Senhor encontrou apenas uma manjedoura, uma cruz e uma sepultura emprestadas?- Que a linguagem dos nossos corações seja: "Longe de nós tal pensamento". E que a linguagem das nossas vidas seja: "Longe de nós tal coisa!" Possamos nós pela graça de Deus, e em resposta sincera à chamada do Espírito, dizer "Saíamos!"

Leitor cristão, não esqueçamos nunca que, quando encaramos a morte de Cristo, vemos duas coisas, a saber: a morte de uma vítima e a morte de um mártir - uma vítima pelo pecado, um mártir pela justiça - uma vítima sob a mão de Deus, um mártir às mãos do homem. Ele sofreu pelo pecado para que nós nunca tivéssemos que sofrer. Bendito seja o Seu nome para sempre! Porém os Seus sofrimentos de mártir, os Seus sofrimentos pela justiça das mãos do

homem, são sofrimentos que conhecemos. "Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Fp 1:29). É positivamente um dom ser permitido sofrer com Cristo. Apreciamos isso?

Contemplando a morte de Cristo, como é simbolizada na ordenação da bezerra ruiva, vemos nela não apenas como o pecado é completamente tirado, mas também o juízo deste presente século mau." O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus Pai" (Gl 1:4). As duas coisas são juntas aqui por Deus; e nós não devemos evidentemente nunca separá-las. Temos o juízo do pecado, em sua raiz e suas ramificações; e o juízo deste mundo. O primeiro dá perfeito descanso à consciência exercitada; enquanto que o último liberta o coração da influência intrigante do mundo, em suas múltiplas formas. Aquele purifica a consciência de todo o sentimento de culpa; este rompe o laço que liga o coração e o mundo.

E absolutamente necessário que o leitor compreenda e experimente praticamente a conexão que existe entre estas duas coisas. E muito possível perder de vista esta grande conexão, até mesmo contendendo e mantendo muitas verdades evangélicas; e pode afirmar-se afoitamente que sempre que esta ligação não existe, deve haver um grave defeito no caráter cristão. Encontramos frequentemente almas sinceras que têm sido despertadas pelo poder convincente do Espírito Santo, mas que ainda não têm conhecido, para tranquilidade das suas consciências perturbadas, o pleno valor da morte expiatória de Cristo, tirando, para sempre, todos os seus pecados e trazendo-as para perto de Deus, sem uma mancha sobre a alma ou tormento na consciência.

Se este for o estado atual do leitor, deve considerar a primeira cláusula do versículo que acabamos de citar: "O qual se deu a si mesmo por nossos pecados." E uma afirmação bendita para uma alma atribulada. Resolve toda a questão do pecado. Se é verdade que Cristo se deu a Si Mesmo por meus pecados, nada mais resta senão alegrar-me com o fato precioso de que os meus pecados foram tirados! Aquele que tomou o meu lugar, que carregou os pecados, que sofreu por mim e em meu lugar, está agora à destra de Deus

coroado de honra e glória. Isto me basta. Todos os meus pecados foram tirados para sempre. Se não tivessem sido tirados, Ele não estaria onde agora está. A coroa de glória que cinge a Sua bendita cabeça é a prova de que os meus pecados foram perfeitamente expiados, e portanto paz perfeita é a minha porção - uma paz tão perfeita quanto a obra de Cristo a pode fazer.

Mas não esqueçamos nunca que a mesmíssima obra que tirou para sempre os nossos pecados, nos livrou deste presente século mau. As duas coisas vão juntas. Cristo não somente me libertou das consequências dos meus pecados, como também do poder atual do pecado, e das exigências e influências que a Escritura chama "o mundo". Tudo isto, contudo, se tornará mais claro à medida que prosseguimos com o estudo do nosso capítulo.

"E Eleazar, o sacerdote, tomará do seu sangue com o seu dedo e dele espargirá para a frente da tenda da congregação sete vezes". Aqui temos o sólido fundamento de toda a verdadeira purificação. Sabemos que, no símbolo que temos diante de nós, se trata apenas, como o apóstolo inspirado nos diz, de uma questão da "purificação da carne" (Hb 9:13). Porém, devemos ver o tipo mais além do antítipo - além da sombra a substância. Na sétupla aspersion do sangue da bezerra ruiva para a frente da tenda da congregação temos uma figura da apresentação perfeita do sangue de Cristo a Deus, como o único lugar de encontro entre Deus e a consciência. O número "sete", como tem sido frequentemente observado, é expressivo de perfeição; e, na figura que temos perante nós, vemos a perfeição ligada à morte de Cristo, como expiação pelo pecado apresentada a Deus e aceita por Ele. Tudo descansa sobre terreno divino.

O sangue foi derramado e apresentado ao Deus santo como perfeita expiação pelo pecado. Isto, quando é simplesmente aceito pela fé, deve aliviar a consciência de todo o sentimento de culpa e todo o temor de condenação. Nada há diante de Deus senão a perfeição da obra expiatória de Cristo. O pecado foi julgado e os nossos pecados foram tirados. Foram completamente apagados pelo precioso sangue de Cristo. Crer nisto é entrar no perfeito repouso da consciência.

E aqui note-se que não há mais alusão à aspersion do pecado em todo este singularmente interessante capítulo. Isto precisamente de harmonia com a

doutrina de Hebreus 9 e 10. É outra ilustração da harmonia divina do Volume Sagrado. O sacrifício de Cristo, sendo divinamente perfeito, não necessita de ser repetido. A sua eficácia é divina e terna.

"Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerras, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado e Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas para servirdes ao Deus vivo?" (Hb 9:11-14).

Note-se a força destas palavras "uma vez" e "terna redenção". Veja-se como mostram a perfeição e a eficácia divina do sacrifício de Cristo. O sangue foi derramado uma vez para sempre. Pensar na repetição dessa grande obra seria negar seu valor eterno e todo suficiente, e rebaixá-lo ao nível do sangue dos touros e bodes.

Mas continuemos. "De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus; nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santuário com sangue alheio. Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:23-26). O pecado foi, portanto, tirado. Não pode ter sido aniquilado e ao mesmo tempo estar sobre a consciência do crente. Isto é claro. Tem de admitir-se que os pecados do crente foram apagados e a sua consciência perfeitamente purificada ou que Cristo tem que morrer outra vez. Porém, este último caso não só está fora de discussão como seria desnecessário, pois como diz o apóstolo assim "como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de

muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação."

Existe algo de maravilhoso no paciente esmero com que o Espírito Santo debate todo este assunto. Expõe, exemplifica e fortalece a grande doutrina da perfeição do sacrifício de modo a dar convicção à alma e libertar a consciência do seu pesado fardo. Tal é a superabundante graça de Deus que Ele não só cumpriu a obra da nossa eterna redenção, como maneira mais paciente e esmerada, tem debatido, arguido e provado o ponto em questão, de forma a não deixar o mínimo fundamento para objeção.

Escutemos os Seus poderosos argumentos, e que o Espírito possa aplicá-los em poder ao coração do leitor!

"Porque, tendo a lei a sombra dos bens futuros e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. Doutra maneira, teriam deixado de se oferecer, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado. Nesses sacrifícios, porém, cada ano, se faz comemoração dos pecados porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados" (Hb 10:1-4).

Mas o que o sangue dos touros nunca poderia fazer, o sangue de Jesus fê-lo para sempre. Isto faz toda a diferença. Todo o sangue que até hoje correu em redor dos altares de Israel—os milhões de sacrifícios oferecidos segundo as exigências do ritual mosaico não podia apagar uma nódoa da consciência ou dar ao Deus que detesta o pecado o direito de receber o pecador. "Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire pecados." "Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste; holocaustos e oblações pelo pecado não te agradaram. Então, disse: Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade... Na qual vontade temos sido santificados pela oblação do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez" (Hb 10:4-10).

Note-se o contraste. Deus não Se agradou na série interminável de sacrifícios sob a lei. Não Lhe agradavam. Deixavam inteiramente incompleto o que Ele tinha em Seu coração amantíssimo proposto fazer pelo Seu povo, a saber: libertá-los completamente do pesado fardo do pecado e trazê-los a Si em

perfeita paz de consciência e liberdade de coração. Isto Jesus fez pelo sacrifício do Seu bendito corpo. Fez a vontade de Deus; e, bendito seja para sempre o Seu nome, não tem que fazer outra vez a Sua obra. Podemos recusar crer que a obra está feita -recusar entregar as nossas almas à sua eficácia - entrar no repouso que ela tem a propriedade de comunicar - recusar gozar a santa liberdade de espírito que é capaz de nos dar; porém, a obra permanece na sua imperecível virtude; e os argumentos do Espírito a respeito dessa obra subsistem também em sua força e clareza sombrias as sugestões de Satanás, nem os nossos próprios argumentos incrédulos podem jamais tocar alguma destas verdades. Podem interferir, e, infelizmente, interferem com o gozo que as nossas almas têm da verdade; mas a verdade em si permanece a mesma.

"E assim todo o sacerdote aparece cada dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados; mas este, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés. Porque, com uma só oblação, aperfeiçoou para sempre os que são santificados" (Hb 10:11 -14). E em virtude do sangue de Cristo que nos é conferida uma eterna perfeição; e, podemos certamente acrescentar, é devido também a esse sangue que as nossas almas podem essa perfeição. Ninguém imagine que está prestando honra à obra de Cristo ou ao testemunho do Espírito a respeito dessa obra quando recusa aceitar aquela perfeita remissão de pecados que lhe é anunciada pelo sangue da cruz. Não é um sinal de verdadeira piedade ou de pura religião o que a graça Deus tem feito por nós em Cristo e o que o relato do espírito eterno tem apresentado às nossas almas nas páginas inspiradas.

Leitor cristão, não parece estranho que, apresentando a Palavra de Deus à nossa vista Cristo assentado à destra de Deus, em virtude da redenção cumprida, nós não estamos virtualmente em melhores circunstâncias do que aqueles que tinham um sacerdote humano de pé ministrando cada dia e oferecendo os mesmos sacrifícios? Nós temos um sacerdote divino que se assentou para sempre. Eles tinham simplesmente um sacerdote humano, que nunca podia, de modo algum, no desempenho das suas funções oficiais, sentar-se; e todavia nós não estamos no estado de espírito, na compreensão da

alma, na condição presente da consciência, em melhores circunstâncias do que eles?- Será possível que, com uma obra perfeita em que podemos descansar, as nossas almas nunca conheçam perfeito descanso?

O Espírito Santo, como temos visto nas diversas passagens citadas da epístola aos Hebreus, nada omitiu para satisfazer as nossas almas quanto à questão da completa remoção do pecado pelo precioso sangue de Cristo. Por que, pois, não há de o leitor gozar, neste próprio momento, paz de consciência perfeita e certa? O Sangue de Jesus nada mais fez por si do que o sangue de um touro podia fazer por um adorador judeu

Pode ser contudo que o leitor esteja pronto a dizer em resposta a tudo quanto temos procurado indicar-lhe: "Não duvido em absoluto da eficácia do sangue de Jesus. Creio que purifica de todo o pecado. Creio formalmente que todos os que põem simplesmente a sua confiança nesse sangue estão perfeitamente salvos, e serão eternamente felizes. A minha dificuldade não está de modo algum nisso. O que me atormenta não é a eficácia do sangue, na qual eu creio plenamente, mas o meu interesse pessoal nesse sangue, do qual não tenho prova aceitável. Esse é o segredo de todas as minhas dificuldades. A doutrina do sangue é tão clara como os raios solares; mas a questão do meu interesse nela está envolvido em desesperada escuridão.

Ora se esta é a expressão dos sentimentos do leitor sobre este tão importante assunto, isso apenas prova a sua necessidade de ponderar atentamente o capítulo décimo nono de Números. Verá ali como a verdadeira base de toda a purificação se encontra nisto: que o sangue da expiação tem sido apresentado a Deus e aceito por Ele. É uma verdade preciosa, mas muito pouco compreendida. É de toda a importância que a alma realmente ansiosa tenha uma visão clara do assunto da expiação.

É tão natural para todos nós estarmos ocupados com os nossos pensamentos e sentimentos sobre o sangue de Cristo, e pouco com o próprio sangue e os pensamentos de Deus seu respeito. Se o sangue foi perfeitamente apresentado a Deus, se Ele o aceitou e se glorificou a Si mesmo tirando o pecado, então que resta para a consciência divinamente exercitada senão encontrar perfeito descanso no que tem satisfeito todos os direitos de Deus, conciliado os Seus

atributos, e lançado os fundamentos dessa base maravilhosa sobre a qual podem encontrar-se o Deus aborrecedor do pecado e o pecador arruinado?

Por que introduzir a questão do meu interesse no sangue de Cristo, como se a obra não estivesse completa sem alguma coisa da minha parte, chama-se-lhe o que se quiser, o meu interesse, os meus sentimentos, a minha experiência, a minha aplicação, ou qualquer outra coisa? Por que não descansar somente em Cristo? Isto seria realmente ter interesse n'Ele. Mas logo que o coração começa estar ocupado com a questão do seu próprio interesse - logo que a vista é desviada do objetivo divino que a Palavra de Deus e o Espírito Santo apresentam-então seguem-se trevas espirituais e perplexidade; e a alma, em vez de se regozijar na perfeição da obra de Cristo, é atormentada pelos seus pobres e imperfeitos sentimentos.

Bendito seja Deus, o fundamento da obra de "purificação do pecado é estável e paz perfeita para a consciência.

A obra da expiação fez-se. Tudo está consumado. O grande Antítipo da bezerra ruiva foi morto. Entregou-Se a Si mesmo à morte sob a ira e o juízo de um Deus santo, para que todos os que põem a sua confiança n'Ele pudessem conhecer, no profundo secreto das suas almas, purificação divina e perfeita paz. Estamos purificados quanto à consciência, não pelos nossos pensamentos quanto ao sangue, mas pelo próprio sangue. Devemos insistir nisto. Deus mesmo tem feito valer o nosso título, e esse título encontra-se somente no sangue. Oh! Esse precioso sangue de Jesus que fala de profunda paz para toda a alma atribulada que repousa simplesmente sobre a sua eterna eficácia! Por que é, podemos perguntar, que a bendita doutrina do sangue é tão pouco compreendida e apreciada? Por que persistem as pessoas em confiar em alguma coisa mais ou em misturar com ela outras coisas? Que o Espírito Santo guie o leitor, enquanto lê estas linhas, a concentrar e fixar o seu coração e a sua consciência no sacrifício expiatório do Cordeiro de Deus.

As Cinzas

Havendo procurado desta maneira apresentar ao leitor a verdade preciosa revelada na morte da bezerra ruiva, pedimos-lhe agora para meditar, por alguns momentos, na forma como a bezerra ruiva era queimada. Temos visto o sangue, contemplemos agora as cinzas. Naquele temos a morte sacrificial de

Cristo, como o único meio de purificação o pecado. Nestas temos o memorial dessa morte aplicado ao coração pelo Espírito mediante a Palavra, de forma a remover qualquer mancha contraída na nossa conduta do dia a dia.

Isto dá uma grande perfeição e beleza a este interessantíssimo tipo. Deus não tem feito apenas provisão para os pecados passados, mas também para a contaminação no presente, de forma a podermos estar sempre diante de Si em todo o valor da obra perfeita de Cristo. Ele quer que, estando inteiramente limpos, pisemos os átrios do Seu santuário, os sagrados recintos da Sua presença. E não somente nos vê assim como, bendito seja o Seu nome para sempre, deseja que façamos outro tanto no íntimo da nossa consciência. Quer dar-nos, pelo Espírito, mediante a Palavra, o profundo sentimento de pureza à sua vista, de forma que a corrente de comunhão Consigo possa ocorrer sem agitação e sem obstáculos.

"Mas se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado" (Jo 1:7). Porém, se deixarmos de andar na luz - se esquecermos e, no nosso esquecimento, tocarmos qualquer coisa imunda, como é restaurada a nossa comunhão?

Apenas pela remoção da contaminação. E como pode ser isto efetuado? Mediante a aplicação aos nossos corações e às nossas consciências da verdade preciosa da morte de Cristo. O Espírito Santo produz o juízo próprio e traz a nossa memória a verdade preciosa de que Cristo sofreu a morte por essa contaminação que nós tão fácil e indiferentemente contraímos. Não se trata de uma nova aspersão do sangue de Cristo - uma coisa desconhecida na Escritura; mas da lembrança da Sua morte trazida ao coração contrito, em novo poder, pelo ministério do Espírito Santo.

"Então, queimará a bezerra perante os seus olhos... e o sacerdote tomará um pedaço de madeira de cedro, e hissopo, e carmesim, e os lançará no meio do incêndio da bezerra... E um homem limpo a juntará a cinza da bezerra e a porá fora do arraial, num lugar limpo, e estará ela em guarda para a congregação dos filhos de Israel, para a água da separação; expiação é" (Nm 19:5-9).

E o propósito de Deus que os Seus filhos sejam purificados de toda a iniquidade, e que andem em separação deste presente século mau onde tudo é

morte e corrupção. Esta separação é efetuada pela ação da Palavra no coração e o poder do Espírito Santo. "Graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus, nosso Pai" (Gl 1:3,4). "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (Tt 2:13-14).

E notável o modo como o Espírito de Deus apresenta constantemente, em ligação íntima, o perfeito alívio da consciência de todo o sentimento de culpa e a libertação do coração da influência moral deste presente século mau. Portanto, prezado leitor, devemos ter o cuidado de manter a integridade desta conexão. E, evidentemente, é só pela energia graciosa do Espírito Santo que podemos fazer assim; mas deveríamos procurar, sinceramente, compreender e mostrar na prática o laço bendito que existe entre a morte de Cristo considerada como expiação do pecado e como poder moral de separação deste mundo. Muitos do povo de Deus nunca vão mais além da primeira verdade, se é que chegam a alcançá-la. Muitos parece estarem muito satisfeitos com o conhecimento do perdão dos pecados pela obra expiatória de Cristo, enquanto que, ao mesmo tempo, não chegam a compreender o estado de morte quanto ao mundo em virtude da morte de Cristo e da sua identificação com Ele nessa morte.

O que Significam as Cinzas?

Ora, quando contemplamos a queima da bezerra ruiva em Números 19—quando examinamos esse montão de cinzas—que descobrimos? Podemos dizer em resposta: "Encontramos ali os nossos pecados." Na verdade, graças sejam dadas a Deus e ao Filho do Seu amor, encontramos com efeito ali os nossos pecados, as nossas iniquidades, as nossas transgressões, a nossa culpa como o carmesim, tudo reduzido a cinzas. Mas não há nada mais?— Não podemos por meio de uma cuidadosa análise descobrir nada mais?— Descobrimos, incontestavelmente. Encontramos ali a natureza em cada fase da sua existência — desde o ponto mais alto ao mais baixo da sua história. Além disso, encontramos ali toda a glória deste mundo. O cedro e o hissopo

representam a natureza nos seus mais afastados extremos; e, rendendo os seus extremos, eles tomam tudo que se encontra entre si. Salomão "falou também das árvores, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que nasce na parede" (Rs 4:33).

O carmesim é encarada por todos aqueles que têm examinado atentamente as Escrituras neste ponto como figura ou expressão do esplendor humano, grandeza mundana, da glória do homem. Por isso, vemos na queima da bezerra ruiva o fim de toda a grandeza humana, da glória humana e a forma como a carne é posta completamente de lado com tudo quanto lhe pertence. Isto faz com que o ato de queimar a bezerra ruiva seja profundamente significativo, verdade muito pouco conhecida e, quando conhecida, facilmente esquecida - uma verdade incluída nestas memoráveis palavras do apóstolo: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6:14).

Somos todos inclinados a aceitar a cruz como a base de libertação de todas as consequências dos nossos pecados e de plena aceitação por Deus, e, ao mesmo tempo, recusamo-la como a base da nossa completa separação do mundo. Decerto, é, graças e louvores sejam dados a Deus, o fundamento sólido da nossa libertação da culpa e sua consequente condenação; mas é mais do que isto: separou-nos para sempre de tudo que pertence a este mundo, através do qual estamos passando. Os meus pecados estão tirados? Sim; bendito seja o Deus de toda a graça! Em virtude de quê?- Em virtude da perfeição do sacrifício expiatório de Cristo na apreciação do próprio Deus.

Pois bem, tal é precisamente a medida da nossa libertação deste presente século mau - dos seus costumes, das suas máximas, dos seus hábitos, dos seus princípios. O crente nada tem absolutamente de comum com este mundo, na proporção em que entra no espírito e poder da cruz do Senhor Jesus Cristo. Essa cruz desalojou-o de tudo no mundo e fez dele um estrangeiro e peregrino na terra. O coração verdadeiramente consagrado vê as sombras carregadas da cruz pairando sobre todo o brilho e esplendor, a pompa e a forma deste mundo. Paulo viu isto e a sua visão levou-o a considerar o mundo, em todos os seus mais elevados aspectos, nas suas formas mais atrativas, nas suas mais brilhantes glórias, como esterco.

Tal era o apreço formado acerca deste mundo por um que havia sido educado aos pés de Gamaliel. "O mundo está crucificado para mim", disse ele, "e eu para o mundo." Tal era Paulo, e assim deveria ser todo o cristão - um estrangeiro na terra, um cidadão do céu, e isto não meramente em sentimento ou teoria, mas em fato e realidade; porque, tão certo como a nossa libertação do inferno é mais do que um mero sentimento ou uma teoria, assim é seguramente a nossa separação deste presente século mau. Uma coisa é tão positiva e verdadeira como a outra.

Mas, queremos perguntar, por que não é esta grande verdade prática mais compreendida pelos cristãos renascidos no momento presente? Por que somos tão vagarosos em insistir uns com os outros por uma separação no poder da cruz de Cristo? Se o meu coração ama Jesus, não buscarei um lugar, uma porção, ou um nome onde Ele encontrou apenas a cruz de um malfeitor. Isto, prezado leitor, é o modo mais simples de encarar o assunto. Ama realmente a Cristo? - O seu coração foi tocado atraído pelo Seu maravilhoso amor por si? Se é assim, lembre-se de que Ele foi rejeitado por este mundo. Sim, Jesus foi e ainda é rejeitado por este mundo. Nada mudou. O mundo é ainda o mundo; e note-se que uma das invenções de Satanás é induzir as pessoas que aceitam a salvação de Cristo a recusarem ser identificadas com Ele na Sua rejeição - a aproveitarem-se da obra expiatória da cruz enquanto se estabelecem comodamente no mundo, que está manchado com a culpa de haver pregado Cristo nessa cruz. Por outras palavras, induz as pessoas a pensarem e a dizerem que a afronta da cruz acabou; a que o mundo do século dezanove é totalmente diferente do mundo do primeiro; que se o Senhor Jesus estivesse agora na terra, seria tratado de um modo muito diferente de aquele que então recebeu; que não se trata agora de um mundo pagão, mas de um mundo cristão, e que isto faz uma diferença fundamental; que hoje é completamente justo um cristão aceitar cidadania neste mundo, ter um nome, um lugar, uma porção, visto que não é absolutamente o mesmo mundo que pregou na cruz do Calvário o Filho de Deus.

Ora nós sentimos que é do nosso dever instar com todos os que leem estas linhas que isto é, na verdade, uma mentira do principal inimigo das almas. O mundo não mudou, Pode ter mudado na aparência, mas não mudou a sua

natureza, o seu espírito, os seus princípios. Aborrece Jesus tão cordialmente como quando se ouviu o grito "Fora com Ele! Crucifica-O!" Não existe realmente mudança. Se apenas experimentarmos o mundo pelo mesmo grande teste, descobriremos que é o mesmo mundo mau, que aborrece Deus e rejeita a Cristo como sempre. E qual é o teste? Cristo crucificado.

Que esta verdade solene seja gravada em nossos corações! Possamos nós realizar e manifestar o seu poder formativo! Que esse poder nos separe completamente de tudo que pertence ao mundo! Possamos nós compreender mais claramente a verdade apresentada nas cinzas da bezerra ruiva! Então a nossa separação do mundo e a nossa consagração a Cristo serão reais e intensas. Que o Senhor, em Sua inexcedível bondade, permita que assim possa ser com todo o Seu povo, neste dias de profissão falsa, parcial e mundana!

#### As Manchas e as Cinzas

Consideremos agora, por um momento, a forma como as cinzas deviam ser aplicadas.

"Aquele que tocar a algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias. Ao terceiro dia, se purificará com água e, ao sétimo dia, será limpo; mas, se ao terceiro dia se não purificar, não será limpo ao sétimo dia. Todo aquele que tocar a algum morto, cadáver de algum homem que estiver morto, e não se purificar, contamina o tabernáculo do SENHOR; e aquela alma será extirpada de Israel; porque a água da separação não foi espargida sobre ele, imundo será; está nele ainda a sua imundícia" (versículos 11-13).

E uma coisa solene ter que tratar com Deus - andar com Ele, dia a dia, no meio de uma cena contaminada e contagiosa. Deus não pode tolerar qualquer impureza naqueles com os quais condescende andar e nos quais habita. Pode perdoar e apagar os pecados; pode curar, limpar e restaurar; mas não pode aprovar no Seu povo o mal que não seja julgado, nem pode permiti-lo. Seria uma negação do Seu próprio nome e da Sua natureza se o fizesse. Isto é ao mesmo tempo solene e muito animador. E nosso gozo termos de tratar com Aquele Cujá presença requer e garante a santidade. Estamos de passagem por um mundo em que estamos rodeados de influências corruptoras. Verdade é que a contaminação não é agora contraída por tocar "um corpo morto, ou os ossos

de algum homem ou a uma sepultura." Estas coisas eram, como sabemos, figuras de coisas morais e espirituais com as quais estamos em perigo de entrar em contato diariamente e a toda a hora. Não duvidamos que aqueles que têm muito que fazer com as coisas deste mundo, sentem de uma maneira penosa a imensa dificuldade de sair delas com as mãos limpas. Daí a necessidade de uma santa vigilância em todos os nossos hábitos e relações, não seja o caso de contrairmos contaminação e interromper a comunhão com Deus. Ele quer ter-nos em estado digno de Si Mesmo. "Sede santos, porque eu sou santo."

Mas o leitor sincero, cuja alma aspira à santidade, pode avidamente perguntar: "Que devemos, então, fazer, se é verdade que estamos rodeados por todos os lados de influências corruptoras, se somos tão inclinados a contrair essa contaminação? Além disso, se é impossível ter comunhão com Deus com mãos manchadas e uma consciência acusadora, que devemos fazer?-" Antes de tudo, pois, devemos dizer, sede vigilantes. Contai sinceramente com Deus. Ele é fiel e misericordioso - um Deus que ouve e responde à oração - um Dador liberal e que não dirige reprovações. "Ele dá mais graça." Isto é positivamente um cheque em branco que pode ser preenchido pela fé em qualquer momento. E o propósito real da tua alma prosseguir ou avançar na vida divina e crescer em santidade?- Então tenha cuidado na maneira como continuas, porque uma simples hora de contato com o que mancha as tuas mãos e fere a tua consciência entristece e também mancha a tua comunhão. Sê decidido. Não sejas de coração dobre. Larga imediatamente a impureza, seja qual for, os hábitos, relações ou qualquer outra coisa. Custe o que custar, renuncia a todas elas. Seja qual for o prejuízo, renuncia a tudo. Nenhum interesse mundano, ou vantagem terrestre pode compensar a perda de uma consciência pura e um coração sossegado e a luz do semblante do Pai celestial. Não estás convencido disto? Se estás, busca graça para pões em prática a tua convicção.

Mas, pode perguntar-se: "Que deve fazer-se quando se contrai contaminação? Como deve remover-se a corrupção?" Escutemos a resposta em linguagem figurativa de Números 19: "Para um imundo, pois, tomarão do pó da queima da expiação e sobre ele porão água viva num vaso. E um homem limpo tomará hissopo, e o molhará naquela água, e a espargirá sobre aquela tenda, e sobre todo o fato, e sobre as almas que ali estiverem, como também sobre aquele que

tocar os ossos, ou a algum que foi morto, ou que faleceu, ou uma sepultura. E o limpo, ao terceiro e sétimo dias, espargirá sobre o imundo; e, ao sétimo dia, o purificará; e lavará as suas vestes, e se banhará na água, e à tarde será limpo" (versículos 17-19).

O leitor dirá que, nos versículos doze e dezoito, é mostrada uma dupla ação. Há a ação do terceiro dia e a ação do sétimo. Eram ambas essencialmente necessárias para remover a contaminação cerimonial causada pelo contato com as diversas formas de morte acima especificadas. Ora, o que era simbolizado por este duplo ato? O que é que, na nossa história espiritual, corresponde a esse ato? Cremos que é isto: Se, por falta de vigilância e energia espiritual, tocamos alguma coisa impura e ficamos contaminados, podemos desconhecer esse fato, mas Deus sabe tudo sobre o assunto. Ele tem cuidado de nós e vela por nós; não como juiz indignado, bendito seja o Seu nome, ou um austero crítico, mas como um Pai amantíssimo, que nunca nos imputará coisa alguma, porque tudo foi, há longo tempo, imputado Aquele que morreu em nosso lugar.

Contudo, embora nada nos seja imputado por Ele, não deixará de nos fazer sentir o mal profunda e vivamente. Será um fiel repreensor do que é impuro, e pode reprovar tudo tanto mais energicamente quanto é certo que nunca o considera contra nós. O Espírito Santo traz o nosso pecado à memória e isto causa ao coração inexprimível angústia. Esta angústia pode continuar por algum tempo. Pode dar instantes, dias, meses ou anos. Encontramos uma vez um jovem cristão que se havia considerado infeliz durante três anos por ter ido numa excursão com alguns amigos mundanos. Cremos que esta convicção do Espírito Santo está simbolizada pela ação do terceiro dia. Ele recorda-nos o nosso pecado, e então traz à nossa memória e aplica às nossas almas, por meio da Palavra escrita, o valor da morte de Cristo como o que já tirou a contaminação que tão facilmente contraímos. Isto corresponde à ação do sétimo dia — tira a contaminação e restaura a comunhão.

E recorde-se atentamente que nunca podemos ser libertados da contaminação de qualquer outro modo. Podemos procurar esquecer, curar ou passar ligeiramente sobre a ferida, fazer pouco caso do assunto ou deixar ao tempo o cuidado de o apagar da nossa memória. Mas isto de nada valerá; ou antes, é

trabalho perigoso. Não há nada mais desastroso do que gracejar com a consciência ou os direitos da santidade. E é tão insensato como perigoso; porque Deus tem, em Sua graça, preparado o meio de remover impureza que Sua santidade detecta e condena. Mas a impureza tem de ser removida, de contrário a comunhão é impossível. "Se eu te não lavar, não tens parte comigo" (Jo 13:8).

A suspensão da comunhão do crente corresponde a extirpação de um membro da congregação de Israel. O cristão não pode jamais ser separado de Cristo; mas a sua comunhão pode ser interrompida por um simples pensamento pecaminoso, e esse pensamento pecaminoso tem de ser julgado e confessado e a sua mancha tirada, antes que a comunhão seja restaurada. É bom lembrar isso. É uma coisa grave gracejar com o pecado. Podemos estar certos de que não é possível comunhão com Deus e andar em contaminação. Pensar isso é blasfemar o próprio nome, a própria natureza e o trono da majestade de Deus. Não, prezado leitor, devemos conservar uma consciência limpa, e manter a santidade de Deus, de contrário em breve faremos naufrágio da fé e cairemos de todo.

Que o Senhor nos mantenha andando suave e ternamente, vigiando e orando até que temos posto de lado os nossos corpos do pecado e morte e entrado nesse bendito e resplandecente mundo celestial, onde o pecado, a morte e a contaminação são desconhecidos.

No estudo das ordenações e cerimônias da dispensação levítica, nada é tão notável como o cuidado cioso com que o Deus de Israel velava sobre o Seu povo a fim de que ele pudesse ser preservado de toda a influência de contaminação. De dia e de noite, acordados ou a dormir, em casa ou fora de casa, no seio da família e no caminho solitário, os Seus olhos estavam postos neles. Cuidava do seu alimento, do seu vestuário, dos seus hábitos e utensílios domésticos. Instruiu-os cuidadosamente quanto ao que podiam e não podiam comer, acerca do que podiam e do que não podiam vestir. Manifestou-lhes também claramente os Seus pensamentos acerca do contato e manejo das coisas. Em suma, rodeou-os de barreiras amplamente suficientes, se tão somente lhes tivessem prestado atenção, para resistirem à corrente de contaminação a que estavam expostos de todos os lados.

Em tudo isto, vemos em caracteres inconfundíveis, a santidade de Deus; mas vemos claramente também a graça de Deus. Se a santidade divina não podia consentir contaminação sobre o povo, a graça divina proveu amplamente à sua remoção. Esta provisão é manifestada no nosso capítulo sob dois modos, a saber: o Sangue da expiação e a água da separação.

Que preciosa provisão! Uma provisão que ilustra, ao mesmo tempo, a santidade e a graça de Deus. Não conhecêssemos nós a ampla provisão da graça divina, então os direitos elevados da santidade divina seriam inteiramente esmagadores; mas estando seguros da primeira, podemos regozijar-nos de todo o coração na última. Poderíamos nós desejar ver o padrão da santidade divina rebaixado no mínimo? Longe de nós tal pensamento. Como poderíamos sentir tal desejo, visto que a graça divina proveu amplamente o que a santidade divina requeria?- Um israelita podia se estremecerão ouvir palavras como estas: "Aquele que tocar a algum morto, cadáver de algum homem, imundo será sete dias." E, também: "aquele que tocar a algum morto, cadáver de algum homem que estiver morto, e não se purificar contamina o tabernáculo do SENHOR; e aquela alma será extirpada de Israel." Tais palavras podiam, na verdade, apavorar o seu coração. Podia sentir-se levado a exclamar: "Como poderia eu jamais escapar à contaminação?

Mas, então, e as cinzas da bezerra queimada?- E a água da separação"? O que significavam? Mostram o memorial do sacrifício da morte de Cristo, aplicada ao coração pelo poder do Espírito de Deus. "Ao terceiro dia se purificará com ela, e ao sétimo dia será limpo; mas, se ao terceiro dia se não purificar, não será limpo ao sétimo dia." Se contraímos contaminação, ainda que seja por negligência, essa contaminação deve ser removida, antes da nossa comunhão pode ser restaurada. Contudo, não podemos libertar-nos da mancha por qualquer esforço da nossa parte. A contaminação só pode ser removida pelo uso da provisão graciosa de Deus, a água da purificação. Um israelita não podia remover por seus próprios esforços a contaminação causada pelo contato de um corpo morto, do mesmo modo que não tinha podido partir de Faraó ou libertar-se do azorrague dos exatores de Faraó.

Cristo: O Sacerdote e o Advogado

E note o leitor que não era uma questão de oferecer um novo sacrifício nem de nova aplicação do sangue. É da máxima importância que isto seja claramente compreendido. A morte de Cristo não pode ser repetida. "Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus" (Rm 6:9-10). Estamos, pela graça de Deus, sobre o pleno valor da morte de Cristo; mas visto que estamos rodeados por todos os lados por tentações e ciladas; e visto que temos em nós tais aptidões e tendências; e, além disso, visto que temos um adversário poderoso que está sempre alerta para nos enredar e nos arrastar do caminho da verdade e pureza, não poderíamos avançar um só momento se não fosse a forma graciosa com que o nosso Deus tem providenciado para todas as nossas necessidades pela preciosa morte e prevalecente advocacia de nosso Senhor Jesus Cristo. Não só fomos lavados de todos os nossos pecados e reconciliados com um Deus santo pelo sangue de Jesus Cristo, como "temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo". "Ele vive sempre para interceder por nós", e "é poderoso para salvar até ao fim os que por ele se chegam a Deus". Está sempre na presença de Deus por nós. Representa-nos ali e mantém-nos na integridade divina do lugar de parentesco em que a Sua morte expiatória nos tem colocado. O nosso caso nunca poderá, de modo algum, ser perdido estando nas mãos de um tal Advogado. Ele terá de deixar de viver, antes que o mais fraco dos Seus santos possa perder-se. Estamos identificados com Ele e Ele está identificado conosco.

Ora bem, prezado leitor, qual deve ser o efeito prático de toda esta graça sobre os nossos corações e as nossas vidas? Quando pensamos na morte, e na queima - no sangue e nas cinzas - do sacrifício expiatório e na intercessão do Sacerdote e Advogado, que influência deve isso exercer sobre as nossas almas? Como deve atuar sobre as nossas consciências? Deve levar-nos a menos prezar o pecado? Deve induzir-nos a andar descuidada e indiferentemente? Deve ter efeito de nos tornar frívolos e descuidados nos nossos caminhos? Ai coração que assim possa pensar! Podemos estar seguros disto: o homem capaz de tirar um pretexto dos ricos recursos da graça divina por ligeireza de conduta ou frivolidade de espírito conhece pouco, se é, na

verdade, que conhece alguma coisa, da verdadeira natureza ou própria influência da graça e dos seus recursos.

Poderíamos nós imaginar, por um só momento, que as cinzas e a água da separação pudessem ter o efeito de tornar um Israelita descuidado quanto à sua conduta? Não, certamente.

Pelo contrário, o próprio fato de haver sido preparado um tal recurso, pela bondade de Deus, contra tal contaminação, devia fazer-lhe sentir quão grave era contraí-la. Tal seria, pelo menos, o efeito próprio dos recursos da graça divina. O montão de cinzas depositado num sítio limpo oferecia um duplo testemunho: dava testemunho da bondade de Deus e proclamava a natureza odiosa do pecado. Declarava que Deus não podia consentir impureza sobre o Seu povo; mas declarava também que Ele tinha provido os meios de a remover. É inteiramente impossível que a bendita doutrina da aspersão do sangue, das cinzas e da água da separação seja compreendida sem produzir um santo horror do pecado em todas as suas formas de contaminação. E, demais, podemos asseverar que aquele que alguma vez sentiu a angústia de uma consciência manchada não pode contrair frivolamente contaminação. Uma consciência pura é um tesouro precioso demais para ser levemente abandonado; e uma consciência manchada é um fardo demasiado pesado para se tomar com ligeireza.

Mas bendito seja o Deus de toda a graça. Ele tem providenciado para todas as nossas necessidades de uma maneira perfeita; e, providenciou desta maneira, não para nos tornarmos negligentes, mas para nos tornar vigilantes, "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis." Mas logo em seguida acrescenta, "e, se alguém pecar, temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo 2:1-2).

Mas devemos dar por terminados os nossos comentários sobre esta parte do livro; queremos apenas acrescentar uma palavra sobre os versículos finais do nosso capítulo.

"Isto lhes será por estatuto perpétuo; e o que espargir a água da separação lavará as suas vestes; e o que tocar a água da separação será imundo até à tarde. E tudo o que o imundo tocar também será imundo; e a alma que o tocar

será imunda até à tarde" (versículos 21 e 22). No versículo 18 aprendemos que era necessária uma pessoa limpa para espargir a imunda; e no versículo 21 é dito que o ato de espargir outro contaminava o que fazia aspersão.

Juntando estes dois fatos, nós aprendemos, como alguém disse: "Que aquele que tem de tratar do pecado de outro, ainda que seja por dever, para o limpar, é ele mesmo contaminado; não como uma pessoa culpada, verdade seja, mas não pode tocar o pecado sem ser contaminado." E aprendemos também que, a fim de guiar outro ao gozo da virtude purificadora da obra de Cristo, nós próprios temos de estar no pleno gozo dessa obra purificadora. E bom recordarmos isto. Aqueles que aplicavam a água de separação aos outros tinham que usar essa água para si próprios. Que as nossas almas compreendam bem isto! Possamos nós permanecer sempre no sentimento da perfeita pureza em que a morte de Cristo nos introduz e na qual a Sua obra sacerdotal nos mantém! E, oh! esqueçamos nunca que o contato com o mal contamina! Era assim sob a dispensação moisaica, e é assim agora.

## CAPÍTULO 20

### A MORTE DE MIRIÃ E DE ARÃO

#### A Voz da Profetiza se Cala

"Chegando os filhos de Israel, toda a congregação, ao deserto de Zim, no mês primeiro, o povo ficou em Cades; e Miriã morreu ali e ali foi sepultada" (versículo 1).

O capítulo que agora se abre diante de nós oferece um relato notável da vida e das experiências do deserto. Nele vemos Moisés, o servo de Deus, atravessar algumas das cenas mais penosas da sua vida tão cheia de acontecimentos. Em primeiro lugar, Miriã morre. Aquela cuja voz fora ouvida no meio das cenas brilhantes de Êxodo 15, entoando um hino de vitória, expira e o seu corpo é depositado no deserto de Cades. O tamboril é posto de lado.

A voz do cântico extingue-se no silêncio da morte. Miriã já não pode guiar nas danças. Em seu tempo, havia cantado melodiosamente; tinha agarrado a nota tônica desse cântico magnífico de louvor entoado do lado da ressurreição do Mar Vermelho. O seu coro englobava a verdade central da redenção: "Cantai ao

SENHOR, porque sumamente se exaltou, e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro." Isto era, na verdade, uma estrofe sublime. Era a linguagem conveniente para aquela alegre ocasião.

### O Cansaço do Deserto

Mas agora a profetisa sai da cena e a voz da melodia é trocada pela voz de murmúrio. A vida do deserto está a tornar-se penosa. As experiências do deserto põem à prova a natureza humana; mostram o que está no coração. Quarenta anos de fadiga e aflições produzem uma grande mudança no povo. E raro, na verdade, encontrar exemplos de casos em que o vigor e a frescura da vida espiritual se têm mantido e muito menos aumentado através de todos os períodos da vida cristã e sua luta.

Este fato não deveria ser tão raro. Deveria ser justamente o contrário, visto que é nos pormenores do tempo presente, nas duras realidades do nosso caminho por este mundo, que experimentamos o que Deus é. Bendito seja o Seu nome, Ele serve-Se de cada dificuldade do nosso caminho, para Se dar a conhecer aos nossos corações em toda a doçura e ternura do amor que não conhece alteração. A Sua bondade e tenra misericórdia nunca falha. Nada pode esgotar essas fontes que estão no Deus vivo. Ele sempre será o que é, apesar de toda a nossa maldade. Deus será sempre Deus, ainda que o homem se mostre infiel e incrédulo.

Este é o nosso conforto, o nosso gozo e a origem da nossa força. Temos de tratar com o Deus vivo. Que realidade! Venha o que vier, Ele Se mostrará à altura de todos os acontecimentos - amplamente suficiente "para as necessidades de cada momento". A Sua paciente graça pode suportar as nossas múltiplas fraquezas, faltas e deficiências; e a Sua força se aperfeiçoa na nossa fraqueza. A Sua fidelidade nunca falha, A Sua misericórdia é de eternidade a eternidade. Os amigos falham ou desaparecem. Os laços mais afetuosos de amizade partem-se neste mundo frio e sem coração. Os companheiros de trabalho separam-se. As Miriãs e os Arãos morrem; mas Deus permanece. Aqui está o grande segredo de toda a verdadeira e sólida bem-aventurança. Se temos a mão e o coração do Deus vivo conosco, nada

temos que temer. Se podemos dizer: "O SENHOR é o meu Pastor", podemos seguramente acrescentar: "nada me faltará".

Contudo, há as cenas de dor e provação no deserto; e nós temos de passar por elas. Foi assim com Israel, no capítulo que temos perante nós. Foram chamados para encontrar as penetrantes rajadas do vento do deserto, e encontraram-nas com expressões de impaciência e descontentamento.

"E não havia água para a congregação; então, se congregaram contra Moisés e contra Arão. E o povo contendeu com Moisés, e falaram, dizendo. Antes tivéssemos expirado quando expiraram nossos irmãos perante o SENHOR! E por que trouxestes a congregação do SENHOR a este deserto, para que morramos ali, nós e os nossos animais? E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este lugar mau ? Lugar não de semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem de água para beber" (versículos 2 a 5).

Foi este um momento difícil para o espírito de Moisés. Não podemos fazer ideia do que terá sido enfrentar seiscentos mil descontentes e ser obrigado a ouvir as suas amargas invectivas e verse acusado de todas as calamidades que a sua própria incredulidade havia levantado diante deles. Isto não era uma prova normal de paciência e, indubitavelmente, nós não devemos estranhar que esse querido e honrado servo achasse a ocasião demasiado difícil.

#### A Glória do SENHOR Aparece

"Então, Moisés e Arão se foram de diante da congregação, à porta da tenda da congregação e se lançaram sobre o seu rosto; e a glória do SENHOR lhes apareceu" (versículo 6). Parece não terem, nesta ocasião, tentado dar qualquer resposta ao povo, "Foram-se de diante da congregação" e prostraram-se perante o Deus vivo. Não podiam, de modo algum, ter feito melhor. Quem senão o Deus de toda a graça podia satisfazer as mil necessidades da vida do deserto? - Moisés bem tinha dito, no principio: "Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui." Seguramente tinha razão e foi prudente em se expressar assim. A presença divina era a única resposta para as exigências de uma tal congregação; e era uma resposta inteiramente suficiente. Os tesouros de Deus são absolutamente inesgotáveis. Ele nunca pode faltar a um coração confiado. Lembremos isto. Deus deleita-Se em nos valer. Nunca Se

cansa de suprir as necessidades do Seu povo. Se isto estivesse sempre presente na memória dos pensamentos dos nossos corações, ouviríamos menos acentos de impaciência e descontentamento e mais da doce linguagem de gratidão e louvor. Mas, como temos tido ocasião de dizer com frequência, a vida do deserto é o teste que manifesta o que há em nós; e, graças sejam dadas a Deus, descobre o que há n'Ele para nós.

"E o SENHOR falou a Moisés, dizendo: Toma a vara e ajunta a congregação, tu e Arão, teu irmão, e falai à rocha perante os seus olhos, e dará a sua água; assim, lhes tirarás água da rocha e darás a beber à congregação e aos seus animais. Então, Moisés tomou a vara de diante do SENHOR, como lhe tinha ordenado. E Moisés e Arão reuniram a congregação diante da rocha, e Moisés disse-lhes: Ouvi agora, rebeldes: porventura, tiraremos água desta rocha para vós? Então, Moisés levantou a sua mão e feriu a rocha duas vezes com a sua vara, e saíram muitas águas; e bebeu a congregação e os seus animais" (versículos 7 a 11).

#### A Rocha e a Vara

Nesta passagem, dois objetos requerem a atenção do leitor, a saber: "a rocha" e "a vara". Os dois apresentam Cristo à alma de uma maneira bendita; mas em dois aspectos distintos. Em 1 Coríntios 10:4, lemos: "E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo." Isto é claro e positivo. Não deixa lugar nenhum para exercício da imaginação. "A pedra era Cristo", - Cristo ferido por nós.

Depois, no que respeita "à vara", devemos recordar que não era a vara de Moisés - a vara de autoridade - a vara de poder. Isto não seria próprio da ocasião. Essa vara tinha feito a sua obra. Tinha ferido a rocha uma vez, e isso era bastante. E o que aprendemos de Êxodo 17:5-6, onde lemos: "Então, disse o SENHOR a Moisés: Passa diante do povo e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio", e vai. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horeb, e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas, e o povo beberá. E Moisés assim o fez, diante dos olhos dos anciãos de Israel."

Aqui temos um tipo de Cristo ferido por nós pela mão de Deus em juízo. O leitor notará a expressão, "a tua vara, com que feriste o rio". Por que o rio? Porque deveria ser referido este golpe particular da vara? Êxodo 7:20 dá a resposta. "E levantou (Moisés) a vara e feriu as águas que estavam no rio, diante dos olhos de Faraó e diante dos olhos de seus servos; e todas as águas do rio se tomaram em sangue." Era a vara que tornara a água em sangue que devia ferir a rocha que "era Cristo" para que rios de vida e refrigério pudessem correr para nós.

#### A Falta de Moisés e a Graça de Deus

Ora, esta ação de ferir só podia ter lugar uma vez. Numa pode ser repetida. "Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado, mas, quanto a viver, vive para Deus" (Rm 6:9-10). "Mas agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo... assim também Cristo oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos" (Hb 9:26-27). "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (1 Pe 3:18). Não pode haver repetição da morte de Cristo; e por isso Moisés estava equivocado em ferir a rocha duas vezes com a sua vara - equivocado de fato foi ordenado para tomar "a vara" - a vara de Arão - a vara sacerdotal e falar à rocha.

A obra expiatória está feita, e agora o nosso Sumo Sacerdote penetrou nos céus, para comparecer na presença de Deus por nós, e as correntes de refrigério espiritual correm até nós, com a base na redenção cumprida e em relação com o ministério sacerdotal de Cristo, da qual a vara reverdecida de Arão é a figura admirável.

Por isso, foi um erro grave que Moisés cometeu em ferir a rocha segunda vez - um erro usar a sua vara. Ter ferido a rocha com a vara de Arão teria destruído as suas belas flores, como é fácil de compreender. Uma palavra teria sido suficiente, em relação com a vara do sacerdócio - a vara da graça. Moisés não viu isto - não glorificou a Deus imprudentemente com os seus lábios; e como consequência proibido de ir além do Jordão. A sua vara não podia fazer passar

o povo - pois o que podia a mera autoridade fazer com uma hoste murmuradora - e ele próprio não foi autorizado a passar, porque falhara em santificar o Senhor aos olhos da congregação.

Mas o Senhor cuidou da Sua própria glória. Santificou-Se a Si Mesmo perante a congregação; e, não obstante as suas rebeldes murmurações e o erro e fracasso de Moisés, a congregação do Senhor recebeu uma corrente caudalosa da rocha ferida.

## CAPÍTULO 21

### A SERPENTE DE BRONZE

Mais Murmuração, e o Maná é Considerado Pão Miserável

Este capítulo põe diante de nós de um modo proeminente a formosa e conhecida instituição da serpente de metal - esse grande tipo evangélico.

"Então, partiram do monte Hor, pelo caminho do mar Vermelho, a rodear a terra de Edom; porém a alma do povo angustiou-se neste caminho. E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Porque nos fizestes subir do Egito, para que morrêssemos neste deserto?- Pois, aqui, nem pão nem água há; e a nossa alma tem fastio deste pão tão vil" (versículo 4-5).

Ah! E sempre a mesma triste história: "As murmurações do deserto". Era muito bom fugir da terra do Egito quando os terríveis juízos de Deus caíam rápida e

sucessivamente sobre aquele país. Nessa altura havia pouco atrativo nas panelas de carne, nos pepinos, porros, e nas cebolas, quando estavam em relação com as terríveis pragas mandadas pela mão do Deus ofendido. Mas agora as pragas estão esquecidas, e só são lembradas as panelas de carne. "Quem dera que nós morrêssemos por mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar!" (Êx 16:3).

Que linguagem! O homem preferiria sentar-se junto às panelas de carne numa terra de morte e trevas, a andar com Deus no deserto e comer pão do céu! O Senhor mesmo havia feito descer a Sua glória sobre as próprias areias do deserto, porque os Seus remidos estavam ali. Havia descido para suportar toda a Sua provocação "para sofreras suas murmurações no deserto". Tanta graça e excessiva condescendência podiam muito bem ter despertado neles espírito de grata e humilde sujeição. Mas não; a primeira aparência de provação basta para despertar neles o grito de "Quem nos dera que nós morrêssemos pela mão do Senhor na terra do Egito!"

#### As Serpentes Ardentes: A Morte

Porém, depressa tiveram de provar os frutos amargos do seu espírito de murmuração. "Então, o SENHOR mandou entre o povo serpentes ardentes, que morderam o povo; e morreu muito povo de Israel" (versículo 6). A serpente era a origem do seu descontentamento; e o seu estado, depois de mordidos pelas serpentes, estava bem calculado para lhes revelar o verdadeiro caráter desse descontentamento. Se o povo do Senhor não quer andar alegre e contente com Ele, terá de provar o poder da serpente - ah! que poder terrível, seja qual for o modo em que seja experimentado!

A mordedura da serpente despertou em Israel o sentimento do seu pecado. "Pelo que o povo veio a Moisés e disse: Havemos pecado, porquanto temos falado contra o SENHOR e contra ti; ora ao SENHOR que tire de nós estas serpentes" (versículos 7).

Aqui, pois, estava o momento para a graça desse se manifestar. A necessidade do homem tem sido sempre a ocasião para a manifestação da graça e misericórdia de Deus. No momento em que Israel pôde dizer: "Havemos

pecado" Não houve mais impedimento. Deus podia atuar, e isto era suficiente. Quando Israel murmurou, teve por resposta a mordedura das serpentes. Quando Israel fez confissão, a graça de Deus foi a resposta. No primeiro caso, a serpente foi o instrumento da sua miséria; no segundo, era o meio da sua restauração e benção.

#### A Serpente de Bronze - A Vida

(Posta sobre uma Haste: Um Tipo de Cristo na Cruz)

"E disse o SENHOR a Moisés: Faze uma serpente ardente e põe-na sobre uma haste; e será que viverá todo mordido que olhar para ela" (versículo 8). A própria imagem do que havia feito o mal foi levantada para ser a conduta pela qual a graça divina podia correr, em rica abundância, para os pobres pecadores mordidos. Admirável tipo de Cristo sobre a cruz!

É um erro muito frequente considerar o Senhor Jesus antes como Aquele que impede a ira de Deus e não como o meio do Seu amor. Que suportou a ira de Deus contra o pecado é uma verdade. Porém, há mais do que isto. Ele veio a este miserável mundo para morrer sobre a cruz maldita, a fim de que, por meio da morte pudesse abrir os mananciais eternos do amor de Deus ao coração do pecador rebelde. Isto constitui uma grande diferença na manifestação da natureza e caráter de Deus ao pecador. Nada poderá reconduzir um pecador a um estado de verdadeira felicidade e santidade senão a sua confirmação na fé e gozo do amor de Deus.

O primeiro esforço da serpente, quando, no jardim do Éden, atacou a criatura, foi abalar a sua confiança na bondade e no amor de Deus, e assim suscitou descontentamento com o lugar em que Deus o havia posto. A queda do homem foi o resultado - o imediato resultado - de duvidar do amor de Deus. A restauração do homem tem de resultar da sua crença nesse amor; e é o Próprio Filho de Deus quem diz: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (Jo 3:16).

Ora é em relação imediata com o precedente relato que o Senhor expressamente nos ensina que Ele era o antítipo da serpente de metal. Como o Filho de Deus enviado do Pai, era seguramente o dom e a expressão do amor

de Deus por um mundo perdido, mas tinha também de ser levantado na cruz em propiciação pelo pecado, porque só assim podia o amor divino satisfazer as exigências do pecado moribundo. "E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."

Toda a família humana tem sentido a mordedura mortal da serpente; mas o Deus de toda a graça encontrou um remédio n'Aquele que foi levantado na cruz de maldição; e agora chama pelo Espírito Santo, enviado do céu, a todos os que se sentem mordidos para olharem para Jesus a fim de terem vida e paz. Cristo é a grande ordenação de Deus, e por Ele é proclamada salvação de graça, livre, atual e eterna a todo o pecador—uma salvação tão completa, de tal modo fundada e tão compatível com todos os atributos do caráter divino e todas as exigências do trono de Deus, que Satanás não pode levantar uma simples objeção a seu respeito. A ressurreição é a justificação divina da obra da cruz e da glória d'Aquele que nela morreu de modo que o crente pode gozar o mais profundo descanso quanto ao pecado. Deus tem todo o Seu prazer em Jesus; e, visto que contempla todos os crentes n'Ele, acha também o Seu prazer neles. E note-se, a fé é o instrumento mediante o qual o pecado lança mão da salvação Cristo. O Israelita ferido tinha apenas de olhar e viver — olhar não para si nem para as suas feridas ou para os que o rodeavam, mas direta e unicamente para o remédio de Deus. Se recusava ou descurava olhar para esse remédio, nada mais havia para si senão a morte. Era chamado para fixar atentamente o seu olhar no remédio de Deus, que estava levantado de tal forma que todos podiam vê-lo. Não havia vantagem alguma em olhar para qualquer outro lado, porque a palavra era "será que viverá todo mordido que olhar para ela". O israelita mordido só tinha a serpente de metal; porque a serpente ardente era o único remédio de Deus para o israelita mordido. Olhar para qualquer outro lado equivalia a nada receber; olhar para o remédio de Deus era receber a vida.

Assim é também agora. O pecador é chamado para olhar simplesmente para Jesus. Não se lhe diz para olhar para as ordenações - para olhar para igrejas - para os homens ou anjos. Não há socorro em qualquer destas coisas, e portanto ele não é chamado para olhar para elas, mas exclusivamente para

Jesus, cuja morte e ressurreição constituem a base eterna da paz e esperança do crente. Deus assegura-lhe que "Todo aquele que nele crê tem a vida eterna, e não se perde". Isto deve satisfazer inteiramente o coração e a consciência. Deus está satisfeito e nós devemos estar também satisfeitos. Suscitar dúvidas é negar o relato de Deus. Se um israelita tivesse dito: "Como sei eu que olhando para a serpente de metal me restaurei?" Ou se começasse a estar preocupado com a grandeza e natureza irremediável da sua doença, e argumentasse com a aparente inutilidade de olhar para a ordenação de Deus - em suma, se qualquer coisa, não importava o que fosse o tivesse impedido de olhar para a serpente ardente, seria uma positiva rejeição de Deus, e a morte teria sido o resultado inevitável.

Assim, no caso do pecador, no momento em que ele está habilitado a deitar um olhar de fé a Jesus, o seu pecado desaparece. O sangue de Jesus, à semelhança de uma poderosa corrente de limpeza corre sobre a sua consciência, tira todas as manchas e deixa-o sem mácula nem ruga nem coisa semelhante; e tudo isto, também, à própria luz da santidade de Deus, em que nem um átomo de pecado pode ser permitido.

Mas, antes de terminarmos as nossas meditações sobre a serpente de metal, será bom notarmos o que podemos chamar a intensa individualidade que caracterizava o olhar do israelita mordido para a serpente. Cada qual tinha de olhar por si. Ninguém podia olhar por outrem. Era uma questão pessoal. Ninguém podia ser salvo por procuração. Havia vida num olhar; mas era preciso deitar esse olhar. Era preciso haver um elo pessoal - contato direto e pessoal com o remédio de Deus.

Assim era então, e assim é agora. Temos nós próprios de tratar com Jesus. A Igreja não nos pode salvar - nenhuma ordem de sacerdotes ou de ministros pode salvar-nos. Tem que haver o laço pessoal com o Salvador; de contrária não há vida: "E era que, mordendo alguma serpente a alguém, olhava para a serpente de metal e ficava vivo". Esta era então a ordem de Deus; e é esta a ordem de Deus agora, porque "Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado", Recordemos as duas palavras "como" e "assim", porque elas se aplicam a cada pormenor no tipo e no antítipo. A fé é uma coisa individual; o arrependimento é uma coisa

individual; a salvação é uma coisa individual. Nunca esqueçamos isto. Decerto, há no cristianismo união e comunhão; mas nós temos de tratar com Cristo por nós mesmos, e devemos andar com Deus nós mesmos. Não podemos nem obter vida nem viver pela fé de outro. Existe, repetimos com ênfase, uma individualidade intensa em cada fase da vida do cristão e na sua carreira prática.

Não continuaremos com os nossos comentários sobre a figura familiar da "serpente de metal"; mas rogamos a Deus que habilite o leitor a meditar sobre ela por si mesmo, e a fazer uma aplicação pessoal e direta da verdade preciosa contida numa das mais notáveis figuras dos tempos do Velho Testamento. Que o Senhor o leve a contemplar com mais profunda e humilde fé a cruz e a embeber a sua alma no precioso ministério ali apresentado. Que não se dê por satisfeito apenas em receber vida por um olhar à cruz, mas procure entrar mais no seu profundo e maravilhoso significado, e estar mais devotadamente ligado Aquele que, quando não havia nenhum outro meio de libertação, Se entregou a Si Mesmo voluntariamente para ser moído nessa cruz de maldição por nós e para nossa salvação.

A Graça de Deus Faz Provisão: Sobe um Cântico de Louvor

Terminaremos os nossos comentários sobre Números 21 chamando a atenção do leitor para os versículos 16 a 18. "E dali, partiram para Beer; este é o poço do qual o SENHOR disse a Moisés: Ajunta o povo e lhe darei água. (Então, Israel cantou este cântico: Sobe, poço, e vós cantai dele: Tu, poço, que cavaram os príncipes, que escavaram os nobres do povo, e o legislador com os seus bordões)".

Esta passagem, vindo num momento como aquele e relacionada com o que a precede, é notável. As murmurações já não se ouvem - o povo está a aproximar-se das fronteiras da terra prometida - os efeitos das mordeduras das serpentes desapareceram, e agora, sem qualquer vara, sem qualquer pancada, o povo é provido de refrigério. Que importa que os amoritas, os moabitas e os amonitas estejam em redor deles; ainda que o poder de Seon se oponha no caminho, Deus pode abrir um poço para seu povo e dar-lhes, apesar de tudo, um cântico. Oh! Deus é o nosso Deus! Quão bom é seguir os Seus atos e caminhos com o Seu povo em todas estas cenas do deserto! Possamos nós

aprender a confiar n'Ele implicitamente e a andar com Ele, dia a dia, em santa e feliz sujeição! Esta é a verdadeira senda de paz e bênção.

## CAPÍTULOS 22 a 24

BALÃO: UMA VISÃO DE ISRAEL DO "CUME DAS PENHAS" (Nm 23:9)

### O Salário da Iniquidade

Estes três capítulos formam uma parte distinta do nosso livro - uma porção verdadeiramente maravilhosa, abundante em instruções ricas e variadas. Nela apresenta-se-nos, primeiro, o profeta cobiçoso e, em seguida, as suas sublimes

profecias. Existe qualquer coisa especialmente terrível no caso de Balaão. Evidentemente, ele amava o dinheiro - um amor que não é invulgar, infelizmente, nos nossos próprios dias! O ouro e a prata de Balaque foram para este miserável um tentador engodo - um engodo demasiado atraente para ser repellido. Satanás conhecia bem o seu homem e o preço por que podia ser comprado.

Se o coração de Balaão fosse reto para com Deus, teria dado pouca atenção à mensagem de Balaque; com efeito, não teria perdido um momento de reflexão com a mensagem a enviar-lhe. Mas o coração de Balaão era mau, e por isso vemos-lo no capítulo 22 na triste condição de um homem que atua por sentimentos opostos. O seu coração estava inclinado a ir, porque estava decidido quanto à prata e ao ouro; mas, ao mesmo tempo, havia uma espécie de alusão a Deus - uma aparência de religiosidade usada como capa para cobrir as suas práticas ambiciosas. Desejava muito o dinheiro; e de boa vontade o receberia, mas só de uma forma religiosa. Miserável! O mais miserável! O seu nome permanece nas páginas inspiradas como a expressão de uma fase tétrica e terrível da história decadente do homem.

"Ai deles!", diz Judas, "porque entraram pelo caminho de Caim, e foram levados pelo engano do prêmio de Balaão, e pereceram na contradição de Coré." Pedro também apresenta Balaão como uma figura proeminente num dos quadros mais sinistros da humanidade caída - um modelo sobre o qual são formados alguns dos caracteres mais perversos. Fala daqueles que "tendo os olhos cheios de adultério e não cessando de pecar, engodando as almas inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza, filhos de maldição- os quais, deixando o caminho direito, erraram seguindo o caminho de Balaão, filho de Beor, que amou o prêmio da injustiça. Mas teve a repreensão da sua transgressão; o mudo jumento, falando com voz humana, impediu a loucura do profeta" (2 Pe 2:14-16).

Estas passagens são solenemente conclusivas quanto ao verdadeiro caráter e espírito de Balaão. O Seu coração estava posto no dinheiro - "amou o prêmio da injustiça" - e a sua história tem sido escrita com a pena do Espírito Santo como um aviso terrível a todos os professos para que se guardem da avareza, que é idolatria. Não ponderaremos mais a triste história. O leitor pode meditar por

alguns momentos sobre o quadro apresentado em Números 22. Pode estudar as duas figuras proeminentes: o astuto rei e o ambicioso e obstinado profeta; e nós não duvidamos de que deixará o estudo com o sentimento profundo do mal da avareza, o grande perigo moral de ter as afeições do coração postas nas riquezas deste mundo e a grande bem-aventurança de ter o temor de Deus perante os seus olhos.

O SENHOR Está a Favor do seu Povo

Vamos prosseguir agora com o exame dessas maravilhosas profecias pronunciadas por Balaão em audiência com Balaque, rei dos moabitas.

E profundamente interessante assistir à cena que se desenrola nos lugares altos de Baal, notar a grande questão em jogo, ouvir os oradores, ser admitido atrás das cenas numa ocasião tão importante. Quão longe estava Israel de suspeitar o que se passava entre o Senhor e o inimigo. Murmuravam talvez em suas tendas no próprio momento em que Deus anunciava a sua perfeição pela boca do profeta ambicioso. Balaque teria de boa vontade visto Israel amaldiçoado; mas, bendito seja Deus, Ele não permitirá que alguém amaldiçoe o Seu povo. Poderá ter de tratar com eles, Ele próprio, em segredo, acerca de muitas coisas; mas não consentirá que alguém fale contra eles. Poderá ter de os descobrir a si mesmos; mas não consentirá que um estranho os denuncie.

Isto é um ponto de grande interesse. A grande questão é não tanto o que o inimigo possa pensar do povo de Deus ou o que eles próprios possam pensar de si ou uns dos outros. A verdadeira questão - a questão de máxima importância - é, o que pensa Deus deles? Ele conhece exatamente tudo que lhes diz respeito: tudo que são; tudo que têm feito; tudo que há neles. Tudo é claramente revelado aos Seus olhos perscrutadores. Os segredos mais íntimos do coração, da carne, e da vida, são todos conhecidos por Ele. Nem os anjos, nem os homens, nem os demônios nos conhecem como Deus nos conhece.

Deus conhece-nos perfeitamente; e é com Ele que temos de tratar, e podemos dizer, na linguagem exultante do apóstolo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós? (Rm 8:31). Deus nos vê, pensa em nós, fala a nosso respeito, atua por nós, segundo o que Ele mesmo tem feito de nós e por nós - segundo a perfeição da Sua obra. "Os espectadores podem ver muitas faltas", mas, quanto à nossa posição, o nosso Deus vê-nos só na perfeição de Cristo; somos

perfeitos n'Ele. Quando Deus contempla o Seu povo, vê nele a Sua própria obra; é para glória do Seu santo nome e louvor da Sua salvação que nem uma mancha se vê naqueles que são Seus — aqueles que, em graça soberana, fez Seus. O Seu caráter, o Seu nome, a Sua glória e a perfeição da Sua obra estão envolvidos na posição daqueles com os quais se relacionou.

Por isso, no momento em que qualquer inimigo ou acusador entra em cena, o Senhor sempre coloca-Se na sua frente para receber e responder as acusações; e a Sua resposta é sempre baseada, não sobre o que os Seus são em si mesmos, mas sobre o que Ele tem feito deles por meio da perfeição da Sua própria obra. A Sua glória está ligada com eles, e, justificando-os, Ele mantém a Sua própria glória. Coloca-se entre eles e as línguas acusadoras. A sua glória exige que eles sejam apresentados em toda a beleza com que os tem revestido. Se o inimigo vem para amaldiçoar e acusar, Javé responde dando livre curso à Sua eterna complacência naqueles que escolheu para Si Mesmo, e os quais tornou idôneos de estar na Sua presença para sempre.

Tudo está exemplificado de uma forma notável no terceiro capítulo do profeta Zacarias. Ali também o inimigo se apresenta para se opor ao representante do povo de Deus. Como lhe responde Deus? Simplesmente purificando, vestindo e coroando aquele que Satanás desejava amaldiçoar e acusar, de forma que Satanás não teve nada para dizer. É reduzido ao silêncio para sempre. Os vestidos sujos são tirados e aquele que era apenas um tição tirado do fogo é feito um sacerdote com uma mitra - o que era apenas útil para as chamas do inferno é agora idôneo de andar nos átrios do Senhor.

Assim também quando nos voltamos para o livro de Cantares, vemos a mesma coisa. O Noivo, contemplando a noiva, diz-lhe: "Tu és toda formosa, amiga minha, e em ti não há mancha" (Ct 4:7). Ela, falando de si, só pode, exclamar: "Eu sou morena (Ct 1:5- 6). Assim também em João 13 o Senhor Jesus olha para os discípulos e diz-lhes: "Vós estais limpos"; ainda que dentro, de algumas horas um deles houvesse de negar e jurar que não O conhecia. E tão grande a diferença entre o que somos em nós próprios e o que somos em Cristo - entre o nosso estado positivo e o nosso estado possível.

Esta verdade gloriosa quanto à perfeição do nosso estado deve fazer-nos descuidados quanto ao nosso estado prático? Longe de nós tal pensamento!

Pelo contrário, o conhecimento da nossa posição em Cristo, absolutamente estabelecida e perfeita, é o próprio instrumento de que o Espírito Santo Se serve para nos excitar à perfeição prática. Executemos essas palavras poderosas da pena do apóstolo inspirado: "Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória. Mortificai, pois, os vossos membros" (Cl 3:1-3). Não devemos nunca medir a nossa posição pelo nosso estado, mas julgar sempre o estado pela posição. Rebaixar a posição por causa do estado é dar o golpe de misericórdia a todo o progresso e cristianismo prático.

Alinha de pensamento precedente está eficazmente ilustrada nas quatro parábolas de Balaão. Para falar segundo a maneira dos homens nós nunca teríamos tido um aspecto tão glorioso de Israel, como é visto na "visão do Todo-poderoso" - do alto das rochas - por um que teve "os olhos abertos", se Balaque não tivesse procurado amaldiçoá-los. O Senhor, bendito seja o Seu nome, pode abrir rapidamente os olhos de um homem para o verdadeiro estado do caso a respeito da posição do Seu povo e quanto ao juízo que faz deles. Reivindica o privilégio de expor os Seus pensamentos a respeito deles. Balaque e Balaão com "todos os príncipes de Moabe" podem reunir-se para ouvir amaldiçoar e afrontar Israel; podem "edificar sete altares", e oferecer "um bezerro e um carneiro sobre cada altar"; a prata e o ouro de Balaque podem brilhar aos olhos do ambicioso profeta; mas todos os poderes da terra e o inferno, dos homens e dos demônios combinados, na sua terrível e sombria ordem de batalha, não podem evocar o menor alento de maldição ou de acusação contra o Israel de Deus. Teria sido tão inútil o inimigo procurar um defeito na formosa criação que Deus tinha declarado "muito boa" como lançar uma acusação contra os remidos do Senhor.

Oh, não! Eles brilham em toda a beleza com que Ele os tem revestido, e tudo que é preciso para os ver assim é subir ao "alto das rochas" - para termos "os olhos abertos" e vê-los segundo o Seu ponto de vista - na "visão do Todo-poderoso".

Havendo dado assim uma vista geral ao conteúdo destes notáveis capítulos, vamos aludir rapidamente a cada uma das quatro parábolas em particular. Descobriremos um ponto distinto em cada uma - uma característica no caráter e condição do povo, visto na "visão do Todo-poderoso".

#### O Primeiro Oráculo de Balaão

Na primeira das parábolas maravilhosas de Balaão, temos, claramente, apresentada a separação do povo de Deus de todas as nações.

"Como amaldiçoarei o que Deus não amaldiçoa? E como detestarei, quando o SENHOR não detestai Porque do cume das penhas o vejo e dos outeiros o contemplo: eis que este povo habitará só e entre as gentes não será contado. Quem contará o pó de Jacó e o número da quarta parte de Israel? A minha alma morra da morte dos justos, e seja o meu fim como o seu" (1).

---

(1) Pobre, desgraçado Balaão! Miserável homem! Gostaria de morrer a morte dos justos. Muitos há que dizem o mesmo, mas esquecem que o caminho para a morte dos justos é possuir e viver a vida dos justos. Muitos - ah, quantos! - gostariam de morrer a morte dos justos sem viverem a vida dos justos. Muitos gostariam de possuir a prata e o ouro de Balaque e contudo serem contatos entre o Israel de Deus. Pensamento vão! Ilusão fatal! Não podemos servir a Deus e a Mamom!

Aqui temos Israel escolhido e separado para ser um povo à parte e particular - um povo que, segundo o pensamento divino a seu respeito, devia jamais, em tempo algum, ou sob qualquer pretexto por qualquer razão, misturar-se com as nações ou ser contado com elas. "Este povo habitará só". Isto é claro e enfático. É verdadeiro quanto à semente literal de Abraão, e verdadeiro a respeito de todos os crentes hoje em dia. Deste princípio desprendem-se imensos resultados práticos. O povo de Deus deve estar separado para Si, não porque seja melhor do que os outros, mas simplesmente em virtude do que Ele quer que o Seu povo seja. Não prosseguiremos por agora este ponto; mas o leitor fará bem examinando-o à luz da palavra divina. "Este povo habitará só, e entre as nações não será contado".

Mas ao Senhor agrada, em Sua graça soberana unir-Se com o Seu povo; se os chama para serem um povo separado no mundo - para habitar "só" e brilhar por Ele no meio dos que ainda estão "nas travas e sombra da morte", só pode tê-los numa condição que Lhe covinha. Tem de torná-los como desejaria tê-los - tais como convém para louvor do Seu grande e glorioso nome. Por isso, na segunda parábola, o profeta é obrigado a declarar não apenas o estado negativo, mas também o estado positivo do povo.

#### O Segundo Oráculo de Balaão

"Então, alçou a sua parábola, e disse: Levanta-te, Balaque, e ouve; inclina os teus ouvidos a mim, filho de Zipor. Deus não é homem, para que minta nem filho de homem, para que se arrependa; porventura diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria? Eis que recebi mandado de abençoar; pois ele tem abençoado, e eu não o posso revogar. Não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó; o SENHOR, seu Deus, é com ele e nele, e entre eles se ouve o alarido de um rei. Deus os tirou do Egito; as suas forças são como as do unicórnio. Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel; neste tempo se dirá de Jacó e de Israel: Que coisas Deus tem feito! Eis que o povo se levantará como leoa, e se exalçará como leão; não se deitará até que coma a presa e beba o sangue de mortos" (Nm 23:18-24).

Aqui achamo-nos em terreno verdadeiramente elevado, e tão elevado quanto é sólido. Este é na verdade "o cume das penhas - o ar puro e a vasta extensão das colinas", de onde o povo de Deus é visto somente na "visão do Todo-poderoso"; visto como Ele os vê, sem mácula, sem ruga nem coisa semelhante, com todas as suas deformidades ocultas da vista, e toda a Sua beleza vista sobre eles.

Nesta sublime parábola, a bem-aventurança e segurança de Israel tornam-se dependentes, não deles, mas da verdade e fidelidade do Senhor. "Deus não é homem, para que minta, nem filho do homem, para que se arrependa". Isto põe Israel sobre um terreno firme. Deus tem de agir segundo a Sua natureza, Existe qualquer poder que pode de algum modo impedi-Lo de cumprira Sua palavra e

o Seu juramento? Decerto que não. Ele "tem abençoado; e eu não o posso revogar". Deus não quer, e Satanás não poderá inverter a bênção.

Desta forma tudo é resolvido. Tudo está em ordem e assegurado. Na parábola antecedente a expressão era "Deus não amaldiçoa". Aqui é: Ele "tem abençoado". Há um progresso evidente. Enquanto Balaque conduz o profeta ambicioso de lugar em lugar, o Senhor aproveita a ocasião para descobrir novos rasgos de beleza no Seu povo e novos pontos de segurança na sua posição. Assim não é meramente o caso de serem um povo separado que habita só, mas são um povo justificado que tem o Senhor seu Deus com eles, e, assim, no meio deles ouve-se o alarido de um rei. "Não viu iniquidade em Israel, nem contemplou maldade em Jacó". O inimigo pode dizer: "Tem havido iniquidade e maldade em todo o tempo". Sim, mas quem pode obrigar o Senhor a vê-la, quando Ele próprio Lhe aprouve afastá-la como a uma nuvem espessa por amor do Seu nome Se Ele a lançou para trás das Suas costas, quem pode trazê-la perante Seu rosto? E Deus quem os justifica; quem os condenará? Deus vê o Seu povo de tal modo libertado de tudo que podia ser contra eles, que pode fazer a Sua habitação no seu meio e fazer ouvir a Sua voz entre eles.

Bem podemos portanto exclamar: "Que coisas Deus tem feito!" Não é "Que coisas Israel tem feito!" Balaque e Balaão teriam encontrado bastantes motivos de maldição se fosse uma questão da conduta de Israel. Bendito seja o Senhor, é sobre o que Ele tem feito que o Seu povo permanece, e este fundamento é tão estável como o trono de Deus. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Se o Senhor Se mantém precisamente entre nós e todo o inimigo, que temos nós de temerá Se Ele Se encarrega de responder por nós a todo acusador, então a nossa parte deve ser, com toda a segurança, uma paz perfeita.

### O Terceiro Oráculo de Balaão

Contudo, o rei de Moabe esperava ainda e procurava cuidadosamente alcançar o seu objetivo. E, sem dúvida, Balaão fazia o mesmo, pois que se haviam aliado contra o Israel de Deus, recordando-nos, forçosamente, a besta e o falso profeta que devem ainda levantar-se e desempenhar uma parte terrivelmente solene em conexão com o futuro Israel, como se vê nas páginas do Apocalipse.

"Vendo Balaão que bem parecia aos olhos do SENHOR que abençoasse a Israel, não foi esta vez como dantes, ao encontro dos encantamentos, mas pôs o seu rosto para o deserto. E, levantando Balaão os seus olhos e vendo a Israel que habitava segundo as suas tribos, veio sobre ele o Espírito de Deus. E alçou a sua parábola e disse: Fala Balaão, filho de Beor, e fala o homem de olhos abertos; fala aquele que ouviu os ditos de Deus, o que vê a visão do Todo-poderoso, caindo em êxtase e de olhos abertos: Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! As tuas moradas, ó Israel! Como ribeiros se estendem, como jardins ao pé dos rios; como árvores de sândalo o SENHOR OS plantou, como cedros junto às águas. De seus baldes manarão águas, e a sua semente estará em muitas águas; e o seu rei se exalçará mais do que Agague, e o seu reino será levantado. Deus o tirou do Egito; as suas forças são como as do unicórnio; consumirá as nações, seus inimigos (que terrível aviso para Balaque!), e quebrará seus ossos, e com as suas setas os atravessará. Encurvou-se, deitou-se como leão e como leoa; quem o despertará? Benditos os que te abençoarem, e malditos os que te amaldiçoarem" (Nm 24:1-9).

Alto, ainda mais alto é o tema aqui. Bem podemos exclamar à medida que subimos em direção ao "cume das penhas": Mais alto", e escutar essas brilhantes expressões que o falso profeta foi obrigado a proferir. Era cada vez melhor para Israel e cada vez pior para Balaque. Tinha de postar-se de lado e ouvir não apenas como Israel era "abençoado", mas ele próprio era "amaldiçoado" por ter procurado amaldiçoá-los.

Mas notemos especialmente a rica graça que brilha nesta parábola: "Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! Que boas as tuas moradas, ó Israel!" Se alguém tivesse ido examinar essas tendas e tabernáculos na "visão" do homem, elas podiam ter parecido tão "negras como as tendas de Quedar". Mas, vistas na "visão do Todo-poderoso", eram "boas" e todo aquele que as não via assim e necessitava de ter os seus "olhos abertos". Se eu contemplar o povo de Deus do "cume das penhas", vê-lo-ei como Deus o vê, e isto é vestido com toda a beleza de Cristo - completos n'Ele - aceitos no Amado. E isto que me habilita com eles, a avançar com eles, a ter comunhão com eles, a elevar-me acima dos seus pontos de vista, defeitos, fraquezas e enfermidades (1). Se eu os não contemplar deste ponto alto - deste terreno divino - poderei estar certo de deitar

os olhos a qualquer pequeno defeito que manchará completamente a minha comunhão e transtornará os meus afetos.

---

(1) A declaração no texto não aborda, de modo nenhum, a questão de disciplina na casa de Deus. Nós somos obrigados a julgar o pecado moral e os erros doutrinários (1 Co 5:12-13).

No caso de Israel, veremos, no capítulo seguinte, em que terrível pecado eles caíram. Isto alterou o juízo do Senhor? Decerto que não. " O SENHOR não é homem, para que se arrependa". Ele não é filho do homem, para que se arrependa. Julgou-os e castigou-os pelo seu mal, porque Ele, o SENHOR, é santo, e nunca pode sancionar no seu povo qualquer coisa que seja contrária à Sua natureza. Mas nunca poderia anular o Seu critério a respeito deles. Conhecia tudo acerca deles. Sabia o que eram e o que fariam; mas ainda assim disse: "Não vi iniquidade em Israel, nem conte maldade em Jacó. Que boas são as tuas tendas, ó Jacó! As tuas moradas, ó Israel!" Isto era fazer pouco caso do seu mal"?- Um tal pensamento seria blasfêmia. Podia castigá-los pelos seus pecados; mas no momento em que o inimigo aparece para amaldiçoar ou acusar, o Senhor põe-Se defronte do Seu povo e diz: "Não vejo iniquidade"- "Que boas são as tuas tendas!".

Leitor, crês que tais maneiras de ver da graça divina justificam o espírito do antinomianismo? Longe de nós tal pensamento! Podemos estar certos de que nunca estaremos mais longe desse terrível mal do que quando respiramos a pura e santa atmosfera do "cume das penhas" - esse terreno elevado de onde o povo de Deus é visto, não como é em si mesmo, mas como é em Cristo - não segundo os pensamentos do homem, mas segundo os pensamentos de Deus. E, demais, podemos dizer que a única maneira verdadeira e eficaz de levantar o padrão da conduta moral consiste em permanecer na fé desta preciosa e tranquilizadora verdade de que Deus nos vê perfeitos em Cristo.

Mas devemos deitar mais uma vista de olhos à terceira parábola. Não somente as tendas de Israel são boas aos olhos do Senhor como o povo mesmo se nos apresenta como permanecendo nas antigas fontes da graça e ministério vivo que se encontram em Deus. "Como ribeiros se estendem, como jardins ao pé

dos rios; como árvores de sândalo o SENHOR OS plantou, como cedros junto às águas". Como isto é perfeitamente belo! E pensar que somos devedores dessas sublimes expressões à ímpia associação de Balaque e Balaão!

Mas há mais do que isto. Não somente se vê Israel bebendo dessas fontes eternas da graça e salvação, mas, como há de ser sempre o caso, como um meio de bênção para outros. "De seus baldes manarão águas". E o firme propósito de Deus que as doze tribos de Israel sejam ainda um rico meio de bênção para todos os confins da terra.

Aprendemos isto de passagens como Ezequiel 47 e Zacarias 14, sobre as quais não nos determos por agora; referimo-nos apenas a elas, porque mostram a maravilhosa plenitude e beleza destas gloriosas parábolas. O leitor pode meditar com muito proveito espiritual sobre estas passagens e outras análogas; mas guarde-se cuidadosamente do sistema fatal falsamente chamado de espiritualizar, o qual, de fato, consiste principalmente em aplicar à igreja professante todas as bênçãos especiais da casa de Israel, enquanto que deixa para esta apenas maldições da lei quebrantada. Podemos estar certos de que Deus não sancionará um tal sistema como este. Israel é amado por amor dos pais; e "os dons e a chamada de Deus são sem arrependimento" (Rm 11:29).

#### O Quarto e Último Oráculo de Balaão

Terminaremos este capítulo com uma rápida referência à última parábola de Balaão. Balaque, havendo escutado um tal brilhante testemunho quanto ao futuro de Israel, e a destruição dos seus inimigos, não só ficou profundamente desapontado, mas grandemente enraivecido. "Então a ira de Balaque se acendeu contra Balaão, e bateu ele as suas palmas; e Balaque disse a Balaão: Para amaldiçoar os meus inimigos te tenho chamado; porém agora já três vezes os abençoaste inteiramente. Agora, pois, fuge para o seu lugar; eu tinha dito que te honraria grandemente; mas eis que o SENHOR te privou desta honra. Então, Balaão disse a Balaque: Não falei eu também aos teus mensageiros, que me enviaste, dizendo: Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e ouro (o que o seu pobre coração desejava ardentemente), não fosso traspassar o mandato do SENHOR, fazendo bem ou mal de meu próprio coração; o que o SENHOR falar, isso falarei eu. Agora, pois, eis que me vou ao meu povo; vem,

avisar-te-ei do que este povo fará ao teu povo nos últimos dias (isto era tocar o fundo da questão). Então, alçou a sua parábola e disse: Fala Balaão, filho de Beor, e fala o homem de olhos abertos; fala aquele que ouviu os ditos de Deus e o que sabe a ciência do Altíssimo; o que viu a visão do Todo-poderoso, caído em êxtase e de olhos abertos: Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto (que fato tremendo para Balaão!); uma estrela procederá de Jacó, e um cetro subirá de Israel, que ferirá os termos dos moabitas, e destruirá todos os filhos de Sete"(versículos 10 a 17).

Isto completa perfeitamente o assunto destas parábolas. A pedra cimeira é colocada aqui na magnificente superestrutura. É, em boa verdade, graça e glória. Na primeira parábola vemos a separação absoluta do povo; na segunda, a sua perfeita justificação; na terceira a sua beleza moral e sua fecundidade; e, agora, na quarta, estamos postados no próprio cume das montanhas - no "cume das penhas" - e contemplamos as extensas planícies de glória em todo o seu comprimento e largura, estendendo-se num futuro ilimitado. Vemos o Leão da tribo de Judá acorocado; e ouvimos o seu rugido; vêmo-lo agarrar todos os seus inimigos e reduzi-los a átomos. A Estrela de Jacó levanta-se para não mais se pôr. O verdadeiro Davi ascende ao trono de Seu pai; Israel é preeminente na terra e todos os seus inimigos são cobertos de vergonha e eterno desprezo.

É impossível conceber alguma coisa mais magnificente do que estas parábolas; e são tanto mais notáveis quanto é certo que se pronunciam no próprio término do curso de Israel pelo deserto, durante o qual haviam dado amplas provas do que eram - de que materiais eram feitos - e quais eram as suas inclinações e faculdades. Mas Deus estava acima de tudo, e nada alterou a Sua afeição. Quando Ele ama, Ele ama até ao fim; e por isso a aliança entre os que são tipos da "besta e do falso profeta" fracassou. Israel foi abençoado de Deus e não pôde ser amaldiçoado por ninguém. "Então Balaão levantou-se e foi-se, e voltou ao seu lugar, e também Balaque se foi pelo seu caminho."

## CAPÍTULO 25

### FINÉIAS: UMA VISÃO DE ISRAEL NAS PLANÍCIES DE MOABE

Aqui abre-se perante nós uma nova cena. Temos estado no cume de Pisga ouvindo o testemunho de Deus a respeito de Israel, e ali tudo era brilhante e belo, sem uma nuvem e sem mancha. Mas agora achamo-nos nas planícies de Moabe, e tudo é mudado. Ali estivemos ocupados com Deus e os Seus pensamentos. Aqui temos de tratar com o povo e os seus caminhos. Que contraste! Isto faz-nos lembrar o começo e o fim de 2 Coríntios 12. Nos primeiros versículos temos a posição absoluta do cristão; nos versículos finais o possível estado em que ele pode cair se não vigiar. Aquela posição mostra-nos "um homem em Cristo" capaz de ser arrebatado ao paraíso, a todo o momento. Esta possibilidade mostra-nos santos de Deus capazes de se entregarem a toda a sorte de pecado e loucura.

Assim sucede com Israel visto do "cume das penhas" na "visão do Todo-poderoso", e Israel visto nas planícies de Moabe. No primeiro caso, temos a sua perfeita posição, no segundo o seu estado imperfeito. As parábolas de Balaão dão-nos o conceito de Deus sobre o primeiro caso; a lança de Finéias o seu juízo sobre o segundo. Deus nunca revogará o Seu decreto quanto à posição em que tem colocado o Seu povo; mas tem de os julgar e castigar quando os seus caminhos não são compatíveis com essa posição. É Sua santa

vontade que o estado deles corresponda à sua posição. Porém, foi aqui, infelizmente, que o seu fracasso se manifestou. A natureza humana permite-se atuar de diversas maneiras, e o nosso Deus é constrangido a empregar a vara da disciplina, a fim de que o mal, que nós temos consentido se manifeste, possa ser esmagado e submetido.

Assim sucede em Números 25. Balaão, depois de haver falhado na sua tentativa de maldiçoar Israel, consegue induzi-los por meio dos seus ardis a cometerem o pecado, esperando desta forma alcançar o seu fim. "Juntando-se pois Israel a Baal-Peor, a ira do SENHOR se acendeu contra Israel. Disse o SENHOR a Moisés: Toma todos os cabeças do povo e enforca-os ao SENHOR diante do sol, e o ardor da ira do SENHOR se retirará de Israel" (versículos 3-4). Depois temos o relato notável do zelo e da fidelidade de Finéias. "Então, o SENHOR falou a Moisés, dizendo: Finéias, filho de Eleazar, o filho de Arão, o sacerdote, desviou a minha ira de sobre os filhos de Israel, pois zelou o meu zelo no meio deles; de modo que no meu zelo não consumi os filhos de Israel. Portanto, dize: Eis que lhe dou o meu concerto de paz, e ele e a sua semente depois dele terão o concerto do sacerdócio perpétuo; porquanto teve zelo pelo seu Deus e fez propiciação pelos filhos de Israel" (versículos 10 a 13)

A glória de Deus e o bem de Israel eram os motivos que moviam a conduta do fiel Finéias nesta ocasião. Era um momento crítico. Sentia que havia necessidade de ação severa. Não era ocasião para mostrar uma falsa ternura. Há momentos na história o povo de Deus em que o afeto pelo homem se transforma em infidelidade para com Deus; e é da maior importância poder-se discernir tais momentos. A pronta ação de Finéias salvou toda a congregação, glorificou o Senhor no meio do Seu povo e frustrou completamente os planos do inimigo. Balaão caiu no meio dos midianitas; mas Finéias tornou-se o possuidor de um sacerdócio eterno. Isto basta quanto à instrução solene contida nesta breve parte do nosso livro. Possamos nós aproveitar com ela. Que o Espírito de Deus nos dê um sentimento tal da nossa perfeita posição em Cristo que a nossa conduta espiritual possa estar mais de acordo com ela!

## CAPÍTULO 26

### O SEGUNDO CENSO ANTES DA ENTRADA NO PAÍS

Este capítulo, embora seja um dos mais extensos do nosso livro, não requer muitos comentários ou exposição. Nele temos o relato da segunda numeração

do povo, quando estava a ponto de entrar na terra prometida. Como é triste pensar que dos seiscentos mil homens de guerra, que foram contados no princípio, só restam dois - Josué e Calebe! Todos os demais estão reduzidos a pó, sepultados na areia do deserto - desapareceram todos. Os dois homens de fé simples ficaram para receber o galardão da sua fé. Quanto aos incrédulos, o apóstolo inspirado diz-nos que "os seus cadáveres caíram no deserto".

Como isto é solene e cheio de instrução para nós! A incredulidade impediu a primeira geração de entrar na terra de Canaã, e ocasionou a sua morte no deserto. Este é o fato em que o Espírito Santo baseia um dos avisos mais penetrantes encontrado em todo o volume inspirado. Escutemo-lo.

"Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo. Antes exortai-vos uns aos outros, todos os dias, durante o tempo que se chama HOJE, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado. Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim. Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provocação. Porque, havendo-a alguns ouvido, o provocaram; mas não todos os que saíram do Egito por meio de Moisés. Mas, com quem se indignou por quarenta anos? Não foi, porventura, com os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes? E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade. Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás. Porque também a nós foram pregadas as boas novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram" (Hb 3:12-19; 4:1-2).

Aqui está o grande segredo prático. A Palavra de Deus misturada com a fé. Preciosa mistura! A única coisa que pode realmente aproveitar a cada um. Podemos ouvir muito, falar muito, professar muito, mas podemos ficar certos de que a medida do verdadeiro poder espiritual - poder para superar as dificuldades, poder para vencer o mundo, poder para avançar, poder para nos apropriarmos do que Deus nos tem concedido - a medida deste poder é simplesmente a de misturar a Palavra de Deus com a fé. A Sua palavra está

estabelecida para sempre no céu; e se está fixada em nossos corações pela fé, há um laço divino que nos liga com o céu e tudo que lhe pertence; e, na proporção em que os nossos corações estão assim ligados com o céu e com Cristo que ali está, estaremos praticamente separados deste presente século e elevados acima das suas influências. A fé toma posseção de tudo que Deus tem dado. Penetra dentro do véu; mantém-se como vendo Aquele que é invisível; ocupa-se com o que é invisível e eterno e não com o que é temporário. Os homens pensam que as possessões terrenas estão seguras; a fé nada conhece seguro senão Deus e a Sua Palavra. A fé aceita a Palavra de Deus e guarda-a no recôndito da alma como um tesouro escondido - a única coisa que merece ser chamada tesouro. O feliz possuidor deste tesouro torna-se independente de todo o mundo. Pode ser pobre quanto às riquezas desta cena passageira; mas se é rico na fé, é o possuidor de riqueza incontável - "riquezas duradouras e justiça" - "as riquezas incompreensíveis de Cristo".

Prezado leitor, estes não são traços de fantasia - meras visões da imaginação. Não; são verdades substanciais, realidades divinas, que hoje podes gozar em toda a sua preciosidade. Se confias em Deus, segundo a Sua Palavra - se crês o que Ele diz, porque é Ele Quem o diz - pois isto é fé - então, verdadeiramente tens este tesouro que torna o seu possuidor independente de todo esta cena onde os homens vivem só por vista. Os homens deste mundo falam do que é positivo e real, querendo dizer com isso o que podem ver e experimentar; por outras palavras, as coisas do tempo e dos sentidos -o que é tangível, palpável. A fé não conhece nada positivo, nada real, senão a Palavra de Deus.

Ora foi a falta desta fé bendita que impediu Israel de entrar na terra de Canaã e ocasionou a queda de seiscentos mil cadáveres no deserto. E é a falta desta fé que mantém milhares do povo de Deus na escravidão e nas trevas, quando deveriam andar em liberdade e na luz - essa falta de fé mantém-nos deprimidos e tristes, quando deveriam andar no gozo e poder da plena salvação de Deus; essa falta de fé mantém-nos no temor do juízo, quando deveriam andar na esperança da glória; mantém-nos na dúvida se escaparão à espada do destruidor no Egito, quando deveriam fazer festa com o trigo do ano precedente na terra de Canaã.

Oh, se o povo de Deus considerasse estas coisas no secreto da Sua presença e à luz da Sua Palavra! Então, verdadeiramente conheceriam melhor e apreciariam plenamente a rica herança que a fé encontra na Palavra eterna de Deus - compreenderiam claramente quais são as coisas que nos são dadas livremente por Deus no Filho do Seu amor.

Que o Senhor envie a Sua luz e a Sua verdade e conduza o Seu povo à plenitude da Sua possessão em Cristo, a fim de que eles possam tomar o seu verdadeiro lugar e render um fiel testemunho d'Ele enquanto esperam o Seu glorioso aparecimento.

## CAPÍTULO 27 e 36

### AS FILHAS DE ZELOFEADE

A conduta das filhas de Zelofeade, segundo o relato da parte com que abre este capítulo, apresenta um notável e belo contraste com a incredulidade de que acabamos de falar. Não pertenciam, certamente, à geração daqueles que estão sempre prontos a abandonar o terreno divino, a rebaixar o padrão divino e a renunciar aos privilégios conferidos pela graça divina, Não; essas cinco mulheres não tinham simpatia por tais pessoas. Estavam decididas, pela graça, a pôr o pé da fé no terreno mais elevado, e, com decisão santa e firme, fazer seu o que Deus lhes havia dado. Leiamos o relato animador.

"E chegaram as filhas de Zelofeade, filho de Héfer, filho de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés, entre as famílias de Manassés, filho de José (e estes são os nomes de suas filhas: Macia, Noa, Hogla, Milca e Tirsa); e puseram-se diante de Moisés e diante de Eleazar, o sacerdote, e diante dos príncipes e de toda a congregação, à porta da tenda da congregação, dizendo: Nosso pai morreu no deserto e não estava entre a congregação dos que se congregaram contra o SENHOR na congregação de Corá; mas morreu no seu próprio pecado e não teve filhos. Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio

da sua família, porquanto não teve filhos? Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai" (versículos 1 a 4).

Isto é extraordinariamente belo. Faz bem ao coração ler palavras como estas numa época como a presente, em que tão pouco caso se faz da posição e parte que tem o povo de Deus e em que tantos se contentam em viver dia após dia, ano após ano, sem sequer se preocuparem com as coisas que são dadas gratuitamente por Deus. Nada é tão triste como ver o descuido e a completa indiferença com que muitos cristãos professantes tratam questões tão importantes como são a posição, a conduta e a esperança do crente e da Igreja de Deus. Não é, de modo nenhum, nosso propósito entrar aqui nestas questões. Temos feito isso repetidamente nos outros volumes dos "Estudos". Desejamos meramente chamar a atenção do leitor para o fato que é ao mesmo tempo pecar contra as nossas ricas misericórdias, e desonrar o Senhor, evidenciar um espírito de indiferença a respeito de qualquer ponto de revelação acerca da posição e parte da Igreja ou do crente individualmente.

Se Deus, na abundância da Sua graça, Se dignou conceder-nos privilégios preciosos, não deveríamos nós buscar ardentemente saber o que são estes privilégios? Não deveríamos procurar fazer nossos esses privilégios na simplicidade da fé? É tratar o nosso Deus e a Sua revelação dignamente ser indiferentes quanto a saber se somos servos ou filhos—se o Espírito Santo habita em nós ou não - se estamos debaixo da lei ou debaixo da graça, se a nossa vocação é celestial ou terrestre?

Decerto que não. Se há uma coisa mais clara na Escritura que outra, é isto: que Deus Se compraz naqueles que apreciam e desfrutam a provisão do Seu amor—aqueles que encontram a sua alegria n'Ele mesmo. O volume inspirado abunda em evidência sobre este ponto. Vejamos o caso que temos diante de nós no nosso capítulo. Aqui estavam essas filhas de José - porque assim as devemos chamar—privadas do seu pai, desamparadas e desoladas, vistas segundo o ponto de vista humano. A morte havia quebrado o laço que aparentemente as ligava à própria herança do povo de Deus. E então"—Resignaram-se a renunciar a ela? Cruzaram os braços em fria indiferença? Era-lhes indiferente se iam ter ou não um lugar e uma parte com o Israel de Deus? Ah! Não prezado leitor, estas ilustres mulheres apresentam alguma coisa

que bem faremos em estudar e procurar imitar - qualquer coisa que, nos atrevemos a dizer, regozijava o coração de Deus. Estavam certas de que havia uma parte para elas na terra da promessa, da qual nem a morte nem qualquer coisa que acontecesse no deserto podia jamais privá-las: "Porque se tiraria o nome de nosso pai do meio da sua família, porquanto não teve filhos?" Podia a morte, podia a falta de linhagem masculina - podia qualquer coisa frustrar a bondade de Deus? Era impossível, "Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai."

Nobres palavras! Palavras que subiram diretamente ao trono e ao coração do Deus de Israel. Era um testemunho dos mais poderosos dado aos ouvidos de toda a congregação. Moisés foi colhido de surpresa. Aqui estava qualquer coisa fora do alcance do legislador. Moisés era um servo, e um servo abençoado e honrado. Mas, repetidas vezes, no curso deste maravilhoso livro de Números, deste volume do deserto, levantam-se questões que ele é incapaz de resolver, como por exemplo o caso dos homens imundos do capítulo 9 e as filhas de Zelofeade nesta parte do livro.

"E Moisés levou a sua causa perante o SENHOR. E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: As filhas de Zelofeade falam retamente; certamente lhes darás possessão de herança entre os irmãos de seu pai; e a herança de seu pai farás passar a elas" (versículos 5 -7).

Aqui estava um glorioso triunfo, em presença de toda a assembleia. Uma fé simples e ousada está sempre segura de ser recompensada. Glorifica a Deus, e Deus honra-a. Será preciso recorrermos às páginas do sagrado volume para provar isto? Será preciso mencionarmos Abraão, Ana, Débora, Raabe e Rute dos tempos do Velho Testamento? Ou Maria, Isabel, o centurião e a siro-fenícia dos tempos do Novo Testamento? Para onde quer que nos voltamos, aprendemos a mesma grande verdade prática, que Deus Se deleita numa fé ousada e simples, uma fé que aceita simplesmente e retém com firmeza tudo que Ele tem dado - que recusa positivamente, até mesmo perante a fraqueza da natureza e a morte, ceder a menor partícula da herança divinamente outorgada. Que importava que os ossos de Zelofeade estivessem a desfazer-se no pó do deserto?- Que importava que não tivesse linhagem para manter o seu nome? A

fé podia elevar-se acima de todas estas coisas e contar com a fidelidade de Deus para cumprir tudo que a Sua palavra havia prometido.

"As filhas de Zelofeade falam retamente." Elas o fazem sempre. As suas palavras são palavras de fé, e, como tais, são sempre retas no juízo de Deus. E uma coisa terrível limitar "o Santo de Israel". Ele deleita-se em ser crido, e em que recorram a Si. E inteiramente impossível a fé esgotar a sua conta no Banco de Deus. Deus não pode desapontar a fé do mesmo modo que não pode negar-Se a Si mesmo. Nunca pode dizer à fé: "Calculaste mal; tomas altivez - uma posição ousada demais; tem menos pretensões e refreia as tuas expectativas." Ah, não realmente apraz e alegra o coração de Deus é simplesmente confiar em Si; e nós podemos estar certos disto, que a fé que pode confiar n'Ele é também a fé que pode amá-lo, servi-lo e louvá-lo.

#### O Valor da Herança

Por isso, pois, nós estamos muito gratos às filhas de Zelofeade. Elas dão-nos uma lição de inestimável valor. E mais do que isto. O seu ato deu ocasião à revelação duma nova verdade, que devia ser a base de uma regra divina para todas as gerações futuras. O Senhor ordenou a Moisés, dizendo: "Quando alguém morrer, e não tiver filho, então, fareis passar a herança a sua filha."

Aqui temos o estabelecimento de um grande princípio, com respeito à questão da herança, do qual, humanamente falando, não teríamos ouvido nada se não fosse a fé e a conduta fiel destas notáveis mulheres. Se tivessem dado ouvidos à voz da timidez e incredulidade - se tivessem recusado vir à frente de toda a congregação em defesa dos direitos da fé, então, não só teria perdido a sua própria herança e bênção, mas todas as futuras filhas de Israel, em semelhança posição, teriam sido privadas de igual modo da sua parte. Ao passo que, pelo contrário, agindo na preciosa energia da fé elas preservaram a sua herança; alcançaram a bênção; receberam testemunho de Deus; os seus nomes brilham nas páginas inspiradas e a sua conduta estabelece, por autoridade divina, um precedente para todas as gerações futuras.

Mas isto basta quanto aos maravilhosos resultados da fé. Devemos, todavia, lembrar que existe um perigo moral resultante da própria dignidade e elevação que a fé confere àqueles que, pela graça, podem exercê-la. Devemos

guardar-nos cuidadosamente deste perigo. Isto é notavelmente ilustrado no prosseguimento da história das filhas de Zelofeade, segundo o relato do último capítulo do nosso livro.

"E chegaram os cabeças dos pais da geração dos filhos de Gileade, filho de Maquir, filho de Manassés, das famílias dos filhos de José, e falaram diante de Moisés e diante dos maioraes, cabeças dos pais dos filhos de Israel. E disseram: O SENHOR mandou dar esta terra a meu senhor por sorte em herança aos filhos de Israel; e a meu senhor foi ordenado pelo SENHOR, que a herança do nosso irmão Zelofeade se desse a suas filhas. E, casando-se elas com algum dos filhos das outras tribos dos filhos de Israel, então, a sua herança seria diminuída da herança de nossos pais e acrescentada à herança da tribo de quem forem; assim, se tiraria da sorte da nossa herança. Vindo também o ano do jubileu dos filhos de Israel, a sua herança se acrescentaria à herança da tribo daqueles com quem se casarem; assim, a sua herança será tirada da herança da tribo de nossos pais. Então, Moisés deu ordem aos filhos de Israel, segundo o mandamento do SENHOR, dizendo: A tribo dos filhos de José fala bem" (Nm 36:1-5).

"Os pais" da casa de José têm de ser ouvidos assim como as "filhas". A fé destas era bela; mas havia o perigo de, no lugar distinto a que a fé as havia elevado, poderem esquecer os direitos dos outros, e removerem os marcos que assinalavam a herança de seus pais. Tinha de pensar-se nisto e providenciar para o caso de vir a dar-se. Era natural supor que as filhas de Selofad casariam; e além disso era possível que elas fizessem uma aliança fora dos limites da sua tribo: e assim no ano do jubileu - essa grande instituição reguladora - em vez de ajustamento, haveria confusão e quebra permanente na herança de Manassés. Isto não podia ser; e portanto a sabedoria desses antigos pais é evidente. Necessitamos de ser guardados de todos os lados a fim de que a integridade da fé e o testemunho sejam devidamente mantidos. Não temos de resolver as coisas com mão forte e vontade enérgica, ainda que tenhamos sempre uma fé vigorosa, mas de estar sempre prontos a cedermos ao poder de ajustamento de toda a verdade de Deus.

"Esta é a palavra que o SENHOR mandou acerca das filhas de Zelofeade, dizendo: Sejam por mulheres a quem bem parecer aos seus olhos, contanto

que se casem na família da tribo de seu pai. Assim, a herança dos filhos de Israel não passará de tribo em tribo; pois os filhos de Israel se chegarão cada um à herança da tribo de seus pais. E qualquer filha que herdar alguma herança das tribos dos filhos de Israel se casará com alguém da geração da tribo de seu pai; para que os filhos de Israel possuam cada um a herança de seus pais. Assim, a herança não passará de uma tribo a outra; pois as tribos dos filhos de Israel se chegarão cada um à sua herança. Como o SENHOR ordenara a Moisés, assim fizeram as filhas de Zelofeade. Pois (as cinco filhas) se casaram com os filhos de seus tios. Das famílias dos filhos de Manassés, filho de José, elas foram mulheres; assim, a sua herança ficou na tribo da família de seu pai" (Nm 36:6-12).

Desta forma tudo é arrumado. As atividades da fé são regidas pela verdade de Deus, e os direitos individuais são regulados de harmonia com os verdadeiros interesses de todos; enquanto, ao mesmo tempo, a glória de Deus é plenamente mantida, para que no tempo do jubileu, em vez de qualquer confusão nas extremas da terra de Israel, a integridade de herança seja garantida por concessão divina.

Nada pode ser mais instrutivo do que toda esta história das filhas de Zelofeade. Possamos nós, realmente, aproveitar com ela!

### Moisés Não Passará o Jordão

O parágrafo final do nosso capítulo é pleno de grande solenidade. Os procedimentos do governo de Deus são desenvolvidos ante os nossos olhos numa maneira eminentemente calculada para impressionar o coração. "Depois, disse o SENHOR a Moisés: Sobe este monte Abarim e vê a terra que tenho dado aos filhos de Israel. E, havendo-a visto, então, serás recolhido ao teu povo, assim como foi recolhido teu irmão Arão; porquanto rebeldes fostes no deserto de Zim, na contenda da congregação, ao meu mandato de me santificardes nas águas diante dos seus olhos (estas são as águas de Meribá de Cades, no deserto de Zim)" (versículos 12 a 14).

Moisés não deve passar o Jordão. Não só não pode oficialmente fazer passar o povo, como ele próprio não pode atravessá-lo. Tal era a ordem do governo de Deus. Mas, por outro lado, vemos brilhar a graça, com fulgor pouco vulgar, no

fato de que Moisés é conduzido pela própria mão de Deus ao cume de Pisga, e dali vê a terra da promessa, em toda a sua magnificência, não meramente como Israel

mais tarde a possuiu, mas como Deus originariamente a havia dado.

Ora, isto era o fruto da graça, a qual se mostra mais claramente no final de Deuteronomio, onde nos é dito que Deus sepultou o Seu querido servo. Isto é maravilhoso. Na verdade nada há parecido com isto na história dos santos de Deus. Não nos detemos sobre este assunto, visto que já tratamos dele noutra obra; mas é cheio de grande interesse. Moisés falou inconvenientemente com os seus lábios, e por causa disso foi-lhe proibido atravessar o Jordão. Isto foi um ato do governo de Deus. Mas Moisés foi levado ao cume de Pisga para ali, na companhia do Senhor, ter uma vista completa da herança; e então Javé fez uma sepultura para o Seu servo e sepultou-o nela. Isto era Deus atuando em graça—graça maravilhosa, incomparável! - graça que tem feito sempre com que do comedor saia comida e do forte doçura. Quão precioso é sermos objetos de tal graça! Que as nossas almas se regozijem mais e mais nela, junto da fonte eterna de onde ela emana e no meio pelo qual ela corre!

Terminaremos esta parte com uma rápida referência ao encantador desinteresse de Moisés no caso de nomeação de um sucessor. Esse santo homem de Deus distinguiu-se sempre por um espírito eminentemente desinteressado- uma graça rara e admirável. Nunca o vemos buscar os seus próprios interesses; pelo contrário, repetidas vezes, quando a oportunidade se apresentava para estabelecer a sua própria fama e fortuna, ele mostrou, muito claramente, que a glória de Deus e o bem do Seu povo ocupavam e enchiam de tal modo o seu coração que não havia lugar para uma simples reflexão egoísta. Assim sucede na cena final do nosso capítulo. Quando Moisés ouve que não deve passar o Jordão, em vez de estar ocupado com lamentações a seu respeito, pensa só nos interesses da congregação.

"Então, falou Moisés ao SENHOR, dizendo: O SENHOR, Deus dos espíritos de toda carne, ponha um homem sobre esta congregação, que saia diante deles, e que entre diante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar; para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor" (versículos 15 a 17).

Que acentos desinteressados se veem aqui?- Quão gratos devem ter parecido ao coração dAquele que tanto amava e cuidava do seu povo! Desde que as necessidades de Israel fossem satisfeitos, Moisés estava contente. Desde que o trabalho fosse feito, pouco lhe importava quem o fazia. Quanto a si, aos seus interesses, ao seu destino, podia tranquilamente deixar tudo nas mãos de Deus. Ele teria cuidado dele, mas, oh! O seu eterno coração suspirava pelo amado povo de Deus; e no próprio momento em que vê Josué ordenado como seu líder, ele está pronto para partir e entrar no repouso eterno.

Abençoado servo! Feliz homem! Oxalá houvesse ao menos alguns entre nós caracterizados, em pequena medida, pelo excelente espírito de abnegação e zeloso cuidado da glória de Deus e do bem do Seu povo. Mas, ah, infelizmente, temos de repetir, com maior ênfase, as palavras do apóstolo: "Todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo!"

Oh, Senhor, desperta os nossos corações para desejarem ardentemente a consagração de nós próprios, em espírito, alma e corpo, ao teu abençoado serviço! Possamos nós, em boa verdade, aprender a viver não para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós —que veio do céu a terra por causa dos nossos pecados; e voltou da terra para o céu para cuidar das nossas enfermidades; e que vem outra vez para nossa salvação e glória eterna!

## A COMPLACÊNCIA DE DEUS EM CRISTO

Estes dois capítulos devem ser lidos em conjunto: formam uma parte distinta do livro - uma parte cheia de interesse e instrução. O Segundo versículo do capítulo 28 dá-nos uma exposição resumida do conteúdo de toda esta parte.

"Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Dá ordem aos filhos de Israel e dize-lhes: Da minha oferta, do meu manjar para as minhas ofertas queimadas, do meu cheiro suave, tereis cuidado, para mas oferecer a seu tempo determinado" (Nm 28:12).

Estas palavras dão ao leitor a chave para abrir toda esta parte do livro de Números. É tão claro e simples quanto possível. "Minha oferta"; "Meu manjar"; "Minhas ofertas"; "... do meu cheiro suave." Tudo isto é fortemente acentuado. Podemos aprender aqui que o grande e principal pensamento é Cristo em relação a Deus. Não se trata tanto de Cristo suprimindo as nossas necessidades - ainda que certamente Ele as supre da maneira mais bendita, mas de Cristo como alimentando e regozijando o coração de Deus. E o manjar de Deus— uma expressão verdadeiramente assombrosa, e da qual pouco se discorre ou se compreende. Somos todos tristemente propensos a olhar para Cristo como o autor da nossa salvação - Aquele mediante quem somos perdoados e salvos do inferno, o meio pelo qual toda a bênção corre até nós. Ele é tudo isto, bendito seja o Seu nome. E o Autor da eterna salvação para todos os que Lhe obedecem. Levou os nossos pecados em Seu próprio corpo sobre o madeiro; morreu o Justo pelos injustos, para nos levar a Deus. Salva-nos dos nossos pecados, do seu poder no tempo presente, e das suas consequências futuras. Tudo isto é verdadeiro; e, conseqüentemente, de uma extremidade à outra dos dois capítulos que temos perante nós, assim como em cada parágrafo, é introduzida a expiação do pecado (veja-se cap 28:15,22,30; 29:3,11,16,19,22,25,28,31,34 e 3 8). Treze vezes se faz menção da oferta de expiação pelo pecado; e, todavia, apesar disso, permanece o fato verdadeiro e claro que o pecado ou a expiação do pecado não é, de modo nenhum, o assunto principal destes capítulos. Não se faz referência ao pecado no versículo que temos citado, embora esse versículo dê claramente um sumário do

conteúdo dos dois capítulos; nem há alusão alguma ao pecado até que chegamos ao versículo quinze.

Será preciso dizer que a expiação do pecado é essencial visto se tratar do homem e o homem ser pecador?- Seria impossível tratar do assunto de aproximação do homem de Deus, do seu culto, ou da sua comunhão, sem introduzir a morte expiatória de Cristo como o fundamento necessário. Isto é o que o coração reconhece com grande alegria. O mistério do precioso sacrifício de Cristo será, nos séculos eternos, a fonte de refrigério para as nossas almas. Mas seremos acusados de socinianismo em nossos pensamentos se afirmarmos que há qualquer coisa em Cristo e na Sua preciosa morte para além do assunto dos nossos pecados e do suprimento das nossas necessidades? Cremos que não. Pode alguém ler Números 28 e 29 e não ver isto? Vejamos um fato simples que poderia despertar a atenção até de uma criança. Há setenta e um versículos em toda esta parte e destes, treze fazem referência à expiação do pecado, e os restantes cinquenta e oito estão ocupados com as ofertas de cheiro suave.

Em suma, o tema especial aqui é o prazer de Deus em Cristo. De manhã e à noite, dia a dia, semana após semana, de uma lua nova a outra, desde o começo ao fim do ano, é Cristo na Sua fragrância e preciosidade para Deus. É verdade - graças sejam dadas a Deus e a Jesus Cristo Seu Filho - o nosso pecado expiado, julgado e tirado para sempre; as nossas transgressões são perdoadas e a nossa culpa anulada. Porém, sobretudo isto, o coração de Deus satisfaz-se, regozija-se e deleita-se em Cristo.

O que era o cordeiro da manhã e o da tarde? Era uma expiação da culpa ou um holocausto?- Escutemos a resposta nas próprias palavras de Deus: "E dir-lhes-ás: Esta é a oferta queimada que oferecereis ao SENHOR: dois cordeiros de um ano, sem mancha, cada dia, era contínuo holocausto. Um cordeiro sacrificarás pela manhã e o outro cordeiro sacrificarás de tarde; e a décima parte de um efa de flor de farinha em oferta de manjares, misturada com a quarta parte de um hin de azeite moído. Este é o holocausto contínuo, instituído no monte Sinai, em cheiro suave, oferta queimada ao SENHOR" (versículos 3 a 6).

E o que eram também os dois cordeiros do sábado? Uma expiação do pecado ou um holocausto? - "Holocausto é do sábado, em cada sábado" (versículo 10). Devia ser duplo, porque o sábado era uma figura do repouso que resta ainda para o povo de Deus, quando haverá uma dupla apreciação de Cristo. Porém o caráter da oferta é tão claro quanto possível. É Cristo em relação com Deus. Este é o ponto especial do holocausto. A expiação pelo pecado é Cristo em relação conosco. Nesta trata-se da questão da hediondez do pecado; naquele é uma questão da preciosidade e excelência de Cristo.

Assim sucedia também no começo dos seus meses (versículo 11), na festa da páscoa e dos pães asmos (versículos 16 a 25), na festa das primícias (versículos 26 a 31), na festa das trombetas (cap. 29:1-6), e na festa dos tabernáculos (versículos 7 a 38). Em suma, em toda a série de festas a ideia dominante é Cristo como odor agradável. A expiação do pecado não falta nunca, mas as ofertas de cheiro suave ocupam o lugar de relevo, como é evidente para todo o simples leitor. Julgamos que não é possível alguém ler esta porção notável da Escritura sem notar o contraste entre o lugar da expiação pelo pecado e o holocausto. Da primeira fala-se apenas como de "um bode", enquanto que a segunda se nos apresenta na forma de "catorze cordeiros", "treze bezerros", etc. Tal é o lugar destacado que as ofertas de cheiro suave ocupam nesta Escritura

#### O Caráter do Culto que Deus Busca

Mas por que nos detemos sobre isto? Por que insistimos neste pormenor? Simplesmente para mostrar ao leitor cristão o verdadeiro caráter do culto que Deus busca, e no qual Se deleita. Deus acha o Seu prazer em Cristo; e deveria ser o nosso alvo constante apresentar a Deus aquilo em que Ele Se deleita. Cristo deve ser sempre o objeto do nosso culto; e sê-lo-á na proporção em que formos guiados pelo Espírito de Deus.

Quantas vezes, infelizmente, sucede o contrário conosco! Quantas vezes, tanto na assembleia como no secreto, o tom é baixo e o espírito triste e pesado. Estamos ocupados com o ego em vez de Cristo; e o Espírito Santo, em vez de poder fazer a Sua obra, que consiste em tomar das coisas de Cristo e no-las

mostrar, Se vê obrigado a dirigir a nossa atenção para nós próprios, em auto-juízo, porque os nossos caminhos não têm sido retos.

Tudo isto deve ser vivamente deplorado. Exige a nossa sincera atenção tanto como assembleia como individualmente - nas nossas reuniões e nas nossas devoções privadas. Por que é o tom das nossas reuniões públicas frequentemente tão baixo? Por que há tanta fraqueza, tanta improdutividade, tanta distração?- Por que estão os hinos e as orações tão fora do assunto? Por que há tão pouco do que realmente merece o nome de adoração? Por que há tanta impaciência e incerta atividade? Por que há tão pouco entre nós para alegrar o coração de Deus?- Tão pouco de que Ele possa falar como sendo "o Seu manjar para as Suas ofertas queimadas, do Seu cheiro suave?" Estamos ocupados com o ego e o seu ambiente—as nossas necessidades, fraquezas, provações e dificuldades, e deixamos Deus sem o manjar da Sua oferta. Na realidade, nós roubamo-Lo do que Lhe é devido e do que o seu coração amantíssimo deseja.

E porque podemos ignorar as nossas provações, as nossas dificuldades e necessidades? Não; mas podemos deixá-las ao Seu cuidado. Ele diz-nos para lançarmos sobre Si toda a nossa solicitude, na doce e tranquila certeza de que Ele tem cuidado de nós. Convida-nos a deitar sobre Si as nossas cargas, na certeza de que nos susterá. Ele tem cuidado de nós. Isto não é bastante?- Não deveríamos nós estar suficientemente despreocupados de nós próprios, quando nos reunimos na Sua presença, para podermos apresentar-Lhe alguma coisa mais do que as nossas próprias coisas? Ele tem feito provisão para nós. Fez tudo bem por nós. Os nossos pecados e as nossas dores foram todos divinamente resolvidos. E, certamente, nós não podemos supor que essas coisas sejam o alimento do sacrifício de Deus. Ele fez delas o objeto da Sua solicitude, bendito seja o Seu nome; mas não pode dizer que sejam o Seu alimento.

Prezado leitor, não deveríamos nós pensar nestas coisas? Pensar delas tanto a respeito da assembleia como do nosso lugar no secreto? Porque a mesma observação aplica-se, igualmente, tanto a um caso como ao outro. Não deveríamos cultivar um tal estado de alma que nos habilitasse a apresentar a Deus o que Ele Se compraz em chamar "o Seu manjar? A verdade é que

precisamos de uma habitual e inteira ocupação de alma com Cristo como um cheiro suave a Deus.

Isto não quer dizer que apreciamos menos a expiação do pecado; longe de nós tal pensamento! Mas recordemos de que em Jesus Cristo, nosso precioso Senhor, há alguma coisa mais do que o perdão dos nossos pecados e a salvação das nossas almas. O que representam o holocausto, a oferta de manjares e de libação?- Cristo como cheiro suave - Cristo como o alimento da oferta de Deus - as delícias de Seu coração. Será preciso dizer que é o mesmo Cristo" Será preciso insistir no fato de que Aquele que é um perfume agradável a Deus é o mesmo que foi feito maldição por nós"? Certamente todo o Cristão reconhece isto. Mas não estamos nós sempre dispostos a limitar os nossos pensamentos sobre Cristo àquilo que Ele fez por nós, excluindo, virtualmente, o que Ele é para Deus í É disto que nos temos de lamentar e também julgar; é isto que devemos procurar corrigir; e não podemos deixar de pensar que um estudo minucioso de Números 28 e 29 será um excelente corretivo. Queira Deus, por intermédio do Seu Espírito, usá-lo para este fim!

Havendo apresentado ao leitor nos nossos "Estudos sobre o Livro de Levítico" o que Deus nos deu como luz sobre os sacrifícios e as festas, não nos sentimos induzidos a considerá-los aqui. O leitor encontrará nos capítulos 1 a 8 e 33 o que poderá auxiliá-lo sobre os temas tratados nos dois capítulos de que temos estado ocupados.

## Capítulo 30

### O VOTO AO SENHOR

Esta pequena parte do livro tem o que podemos chamar um caráter dispensacional. Aplica-se especialmente a Israel e trata da questão dos votos e juramentos. O homem e a mulher estão em flagrante contraste com este objeto: " Quando um homem fizer voto ao SENHOR, OU fizer juramento, ligando a sua alma com obrigação, não violará a sua palavra; segundo tudo o que saiu da sua boca, fará" (versículo 2).

A respeito da mulher, o caso era diferente. "Também quando uma mulher fizer voto ao SENHOR, e com obrigação se ligar em casa de seu pai na sua mocidade; e seu pai ouvir o seu voto e a sua obrigação, com que ligou a sua alma, e seu pai se calar para com ela, todos os seus votos serão válidos, e toda a obrigação, com que ligou a sua alma, será válida. Mas, se seu pai se opuser no dia em que tal ouvir, todos os seus votos e as suas obrigações, com que tiver ligado a sua alma, não serão válidos; mas o SENHOR lhe perdoará, porquanto seu pai lhos vedou" (versículos 3 a 5). Acontecia a mesma coisa no caso de uma esposa: o seu marido tanto podia confirmar como anular os seus votos e juramentos. Tal era a lei acerca dos votos. Não havia recurso para o homem. Era obrigado a cumprir tudo que havia dito. O que quer que empreendesse fazer, era solene e irrevogavelmente obrigado a fazê-lo. Não havia porta por onde escapar, como nós diríamos - e nenhum meio de se livrar do compromisso.

Pois bem, nós sabemos quem, em graça perfeita, tomou esta posição e Se comprometeu, voluntariamente, a cumprir a vontade de Deus, fosse qual fosse essa vontade. Sabemos quem é que diz: "Pagarei os meus votos ao SENHOR, agora, na presença de todo o seu povo" (Sl 116:14). "O homem Cristo Jesus", que, havendo tomado sobre Si os votos, os cumpriu perfeitamente para glória de Deus e bênção eterna do Seu povo. Não podia fugir a esse cumprimento. Ouvimo-Lo exclamar, na profunda angústia da alma, no jardim do Getsêmani:"

Se é possível, passe de mim este cálice". Mas não era possível. Ele havia empreendido a obra a salvação do homem, e tinha de atravessar as profundas e escuras águas da morte, do juízo e da ira, e enfrentar todas as consequências da condição do homem. Tinha um batismo com que havia de ser batizado, e angustiava-se até que se cumprisse. Por outras palavras, tinha de morrer a fim de que, por meio da morte, pudesse abrir as comportas que deviam dar passagem para o Seu povo a corrente do amor divino e eterno. Que todo o louvor e adoração sejam tributado para sempre ao Seu precioso nome!

Dissemos o bastante quanto ao homem e os seus votos. No caso da mulher, quer da filha ou da esposa, temos a nação de Israel, e isto de dois modos, a saber: sob o governo e debaixo da graça. Considerada segundo o ponto de vista do governo, o Senhor, que é ao mesmo tempo o Pai e o Marido, tem estado calado a seu respeito, de forma que os seus votos e juramentos são válidos; e ela sofre, até hoje, as consequências e é obrigada a conhecer a força destas palavras: "Melhor é que não votes do que votes e não pagues" (Ec 5: 5). Mas, por outro lado, vista do ponto bendito da graça, o Pai e Marido tem tomado tudo sobre Si Mesmo, para que ela seja perdoada, e introduzida mais tarde na plenitude da bênção, não com base no cumprimento dos votos e dos juramentos ratificados, mas sobre o fundamento da graça e misericórdia soberana e mediante o sangue do concerto eterno.

Quão precioso é ver Cristo em tudo! Ele é o centro e a base, o principio e o fim de todos os caminhos de Deus. Que os nossos corações estejam sempre cheios d'Ele! Que os nossos lábios e as nossas vidas entoem os Seus louvores! Que nós, constringidos pelo Seu amor, vivamos para Sua glória todos os nossos dias sobre a terra, e então vamos para casa para estarmos com ele para sempre, para não mais sairmos!

Temos exposto aqui o que cremos ser a ideia principal deste capítulo. Que pode ser aplicado de uma maneira secundária a indivíduos, não o pomos, de modo algum, em dúvida; e, além disso, que, à semelhança de toda a Escritura, foi escrito para nosso ensino, reconhecemos-lo com imensa gratidão. Deve ser sempre o prazer de todo o cristão sincero estudar todos os caminhos de Deus, quer sejam em graça, quer em governo - os Seus caminhos com Israel; os Seus

caminhos com a Igreja, os Seus caminhos com todos e cada um. Oh, que este estudo seja prosseguido com coração aberto e entendimento iluminado!

## CAPÍTULO 31

### A SEPARAÇÃO DO MUNDO E DE SUAS TENTAÇÕES

Temos neste capítulo a última cena da vida oficial de Moisés; assim como em Deuteronômio 34 temos a última cena da sua história pessoal.

"E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Vinga os filhos de Israel dos midianitas; depois, recolhido serás ao teu povo. Falou, pois, Moisés ao povo, dizendo: Armem-se alguns de vós para a guerra, e saiam contra os midianitas, para fazerem a vingança do SENHOR nos midianitas. Mil de cada tribo entre todas as tribos de Israel enviareis à guerra. Assim, foram dados dos milhares de Israel mil de cada tribo: doze mil armados para a peleja. E Moisés os mandou à guerra, de cada tribo mil, a eles e a Finéias, filho de Eleazar, o sacerdote, à guerra com os utensílios santos e com as trombetas do alarido na mão. E

pelejaram contra os midianitas, como o Senhor ordenara a Moisés... e mataram a todo varão" (versículos 3 a 7).

É uma passagem muito notável. O Senhor diz a Moisés: "Vinga os filhos de Israel dos midianitas". E Moisés diz a Israel: "Façam a vingança do SENHOR nos midianitas". O povo tinha sido seduzido pela astúcia das filhas de Midiã, por causa da influência pecaminosa de Balaão, filho de Beor; e agora é-lhes pedido para se limpem inteiramente de toda a contaminação que, por falta de vigilância, eles haviam contraído. A espada tinha de ser desembainhada contra os midianitas; e todos os despojos devem passar ou pelo fogo do juízo ou pela água da purificação. Não pode permitir-se que fique por julgar a mais insignificante parte do mal.

Ora esta guerra era o que nós podemos chamar anormal. Por direito, o povo não devia ter nenhuma ocasião de a fazer. Não era uma das guerras de Canaã. Era simplesmente o resultado da sua própria infidelidade—o fruto do seu comércio ímpio com os incircuncisos. Por isso, ainda que Josué, filho de Num, tinha sido devidamente nomeado para suceder a Moisés, como condutor da congregação, não encontramos qualquer menção dele em relação com esta guerra. Pelo contrário, é a Finéias, filho de Eleazar o sacerdote, que a condução desta expedição é confiada; a qual ele empreende "com os utensílios santos e com as trombetas do alarido."

Tudo isto é profundamente notável. O sacerdote é a pessoa proeminente; e os instrumentos santos são as armas principais. É uma questão de limpar a mancha causada pela sua associação impura com o inimigo; e portanto, em vez de um general com espada e lança, é um sacerdote com instrumentos sagrados que aparece em primeiro plano. É verdade que a espada está lá; mas não é a coisa principal, mas sim o sacerdote com os vasos do santuário; e esse sacerdote é o mesmíssimo que primeiro executa o juízo sobre o próprio mal que tem aqui de ser vingado.

A moral de tudo isto é, ao mesmo tempo, clara e prática. Os midianitas oferecem um tipo daquela espécie peculiar de influência que o mundo exerce sobre os corações do povo de Deus—o poder fascinador e sedutor do mundo empregado por Satanás para impedir a nossa entrada na posse da nossa parte celestial. Israel não deveria ter tido nada que fazer com estes midianitas, mas

havendo, numa má hora — um momento sem vigilância — sido arrastado àquela associação com eles, nada mais resta senão a guerra e completa destruição.

Assim sucede conosco, como cristãos. O nosso próprio dever é atravessar este mundo como peregrinos e estrangeiros; não tendo nada que fazer com ele, senão sermos testemunhas pacientes da graça de Cristo e assim brilharmos como luzes no meio das trevas morais que nos cercam. Mas infelizmente deixamos de manter esta rígida separação; comprometemo-nos com alianças com o mundo, e, por consequência, envolvemo-nos em dificuldades e conflitos que de nenhum modo nos pertencem.

A guerra com Midiã não fazia parte da própria obra de Israel. Acarretaram-na sobre si mesmos. Mas Deus é cheio de graça; e, por meio de uma aplicação especial de ministério sacerdotal, eles puderam não só vencer os midianitas, mas levar muitos despojos. Deus, em bondade infinita, tira bem do mal. Fará com que do comedor saia comida e do forte doçura. A Sua graça brilha com brilho excessivo nesta cena, visto que Ele consente de fato em aceitar uma parte dos despojos tomados aos midianitas.

Mas o mal tem que ser completamente julgado. "Todo varão" tinha que ser morto — todos em quem havia a energia do mal tinham que ser completamente exterminados; finalmente o fogo do juízo e a água da purificação tinham que fazer a sua obra sobre os despojos, antes que Deus ou o Seu povo pudessem tocar num átomo deles.

Que lições santas temos aqui! Possamos nós aplicá-las aos nossos corações! Possamos nós prosseguir um caminho de mais intensa separação e avançar na nossa senda celestial como aqueles cuja porção e lar estão nas alturas! Que Deus, em Sua misericórdia, nos conceda isso!

## CAPÍTULO 32

### O CASO DE RÚBEN, GADE E DA MEIA TRIBO DE MANASSÉS

O fato relatado neste capítulo tem dado lugar a grandes discussões. Tem-se emitido diversas opiniões sobre a conduta das duas e meia tribos. Tinham razão ou não em escolher a sua herança na margem do Jordão confinante com o deserto"?- Esta é a questão. A sua conduta, sobre este assunto, era a expressão de poder ou de fraqueza"? Como vamos formar um juízo reto neste caso?

Em primeiro lugar, onde estava a porção propriamente dita de Israel—a herança que lhe era divinamente destinada? Com toda a certeza, do outro lado do Jordão, na terra de Canaã. Pois bem, este fato não deveria ter bastado? Poderia ou teria um coração realmente verdadeiro — um coração que pensasse e julgasse de acordo com Deus—ter alimentado a ideia de escolher outra parte que não fosse aquela que Deus havia assinalado e destinado? Impossível.

Por isso, não temos necessidade de ir mais longe para ter um juízo divino sobre este assunto. Era um erro e prova de pouca fé por parte de Rúben, Gade e a meia tribo de Manassés buscar um limite do lado de cá do rio Jordão. Reegeram-se, na sua conduta, por considerações egoístas e mundanas — pela vista dos seus olhos — por motivos carnis. Contemplaram "a terra de Jazer e a terra de Gileade" e avaliaram-na inteiramente segundo os seus próprios interesses, e sem nenhuma consideração pelo juízo e vontade de Deus. Se tivessem simplesmente esperado em Deus, a questão de se estabelecerem do lado de cá do Jordão nunca teria sido levantada.

Mas quando as pessoas não são simples e sinceras metem-se em circunstâncias que dão lugar a toda a sorte de problemas. E muito importante estarmos habilitados, pela graça divina, a seguir uma linha de conduta e a trilhar um caminho tão inequívoco que não possam ser levantadas dificuldades. É nosso santo e feliz privilégio comportarmo-nos de forma que não possa surgir

nenhuma complicação. O segredo de assim agir é andar com Deus e ter desta forma a nossa conduta regulada pela Sua Palavra.

Mas Rúben e Gade não se guiavam assim, e isto é óbvio por toda a história. Eram homens de coração dobre; homens de princípios mistos; meros interesseiros; homens que buscavam os seus próprios interesses, e não as coisas de Deus. Se estes últimos tivessem enchido os seus corações nada os teria induzido a tomar a sua posição fora dos verdadeiros limites.

É muito claro que Moisés não tinha simpatia pela sua proposta. O juízo do Senhor sobre a sua conduta não lhe consentia atravessar o Jordão. O seu coração estava na terra prometida; e ele desejava ir para ali em pessoa. Como, pois, podia ele aprovar a conduta de homens que não só estavam dispostos como desejosos de se estabelecerem fora dela?-A fé nunca poderá estar satisfeita com coisa alguma que não seja a verdadeira posição e porção do povo de Deus. O olhar simples só pode ver, e um coração fiel só pode desejar a herança dada por Deus.

Por isso, Moisés condenou imediatamente a proposta de Rúben e Gade. É verdade que mais tarde ele moderou o seu juízo e deu o seu consentimento. A sua promessa de atravessarem o Jordão armados diante dos seus irmãos obteve de Moisés uma espécie de assentimento. Parecia uma extraordinária manifestação de desinteresse e energia deixar atrás todos os seus e atravessar o Jordão só para combater por seus irmãos. Mas onde haviam eles deixado os seus? Tinham-nos deixado fora dos limites assinalados por Deus. Tinham-nos privado de um lugar e de uma parte na verdadeira terra da promessa—essa herança da qual Deus tinha falado a Abraão, a Isaque e a Jacó. E para quê?- Só para terem boas pastagens para os seus gados. Com um objetivo como este as duas e meia tribos abandonaram o seu lugar dentro dos limites do Israel de Deus.

As Consequências do Estabelecimento das Duas Tribos e Meia ao Oriente do Jordão

E agora vejamos as consequências desta linha de conduta. Veja

O leitor Josué 22. Aqui temos o primeiro lamentável efeito da conduta equívoca de Rúben e Gade. Veem-se na necessidade de edificar "um altar de grande

aparência", com receio de que no futuro os seus irmãos os repudiassem. Que prova tudo isto? Prova que estavam completamente enganados quando se estabeleceram deste lado do Jordão. E note-se o efeito produzido em toda a assembleia — o efeito alarmante e perturbador deste altar. À primeira vista, apresentava o aspecto de uma rebelião.

"Ouvindo isto os filhos de Israel, ajuntou-se toda a congregação dos filhos de Israel em Siló, para saírem contra eles em exército. E enviaram os filhos de Israel aos filhos de Rúben e aos filhos de Gade, e à meia tribo de Manassés (1), para a terra de Gileade, Finéias, filho de Eleazar, o sacerdote, e dez príncipes com ele, de cada casa paterna um príncipe, de todas as tribos de Israel; e cada um era cabeça da casa de seus pais nos milhares de Israel. E, vindo eles, aos filhos de Rúben, e aos filhos de Gade, e à meia tribo da Manassés, à terra de Gileade, falaram com eles, dizendo: Assim diz toda a congregação do SENHOR (AS duas e meia tribos não pertenciam à congregação?): Que transgressão é esta, com que transgredistes contra o Deus de Israel, deixando hoje de seguir ao SENHOR, edificando-vos um altar, para vos rebelardes contra o SENHOR?- Foi-nos pouco a iniquidade de Peor, de que ainda até ao dia de hoje não estamos purificados, ainda que houve castigo na congregação do SENHOR para que, hoje, abandonais ao SENHOR?- Será que, rebelando-vos hoje contra o SENHOR, amanhã se irá contra toda a congregação de Israel. Se é, porém, que a terra da vossa possessão é imunda, passai-vos para a terra da possessão do SENHOR, onde habita o tabernáculo do SENHOR, e tomai possessão entre nós; mas não vos rebeleis contra o SENHOR, nem tampouco vos rebeleis contra nós, edificando-vos um altar, afora o altar do SENHOR, nosso Deus" (Js 22:12-19).

---

(1) Ainda que as duas e meia tribos estavam de fato separadas da nação de Israel.

Pois bem, toda esta grave desinteligência, toda esta inquietação e este alarme, era o resultado da falta cometida por Rúben e Gade. Decerto, podem explicar-se e dar satisfação aos seus irmãos no tocante ao altar. Mas não teria

havido necessidade de explicações nem causa para alarme se eles não tivessem tomado uma posição equívoca.

Aqui estava a origem de todo este mal, e é importante para o leitor entender este ponto com clareza e deduzir dele a grande lição prática que está destinado a ensinar-nos.

Toda a pessoa cuidadosa que pondere atentamente toda a evidência no caso não pode duvidar, de modo algum, que as duas e meia tribos fizeram mal em se deter junto ao Jordão e de estabelecer ali a sua habitação. Isto parece-nos indiscutível até mesmo com base no que já havemos visto, e se mais provas fossem necessárias, proporcionava-as o fato de que elas foram as primeiras a cair em poder do inimigo (Veja 1 Rs 22:3).

Mas, o leitor poderá perguntar: Que importância tem tudo isto para nós? Este pormenor da história tem algum significado ou instrução para nós? Sem dúvida. Segreda aos nossos ouvidos com profunda solenidade: Não menosprezeis a vossa posição—a vossa própria parte — dando-vos por satisfeitos com as coisas deste mundo e tomando qualquer outra posição que não seja a morte e ressurreição — o verdadeiro Jordão espiritual (1).

---

(1) Sem dúvida, há muitos crentes sinceros que não veem a chamada celestial e posição da Igreja — que não compreendem o caráter especial da verdade ensinada na epístola aos Efésios — que são, contudo, segundo a luz que têm, zelos consagrados, e de coração reto; mas estamos persuadidos de que tais pessoas perdem bênção incalculável para as suas próprias almas, e ficam muito aquém do verdadeiro testemunho.

Tal é, segundo cremos, o ensino desta parte do livro. É um ponto muito importante não ter o coração dividido e tomar uma decisão inequívoca por Cristo. Aqueles que professam ser cristãos, que renegam a sua vocação e caráter celestial e atuam como se fossem cidadãos deste mundo causam grave prejuízo à causa de Deus e ao testemunho de Cristo. Convertem-se em instrumentos dos quais Satanás sabe tirar excelente partido. Um cristão indeciso, de dobre coração, é mais inconsistente que um mundano declarado ou infiel. A falta de realidade dos professos é muito mais prejudicial à causa de

Deus do que todas as formas juntas da depravação moral. Isto pode parecer uma afirmação forte; mas é verdadeira.

Cristãos professos, ou apenas de nome—homens de diversos princípios—pessoas de procedimento duvidoso—são os que fazem maior agravo à causa, e que mais favorecem os desígnios do inimigo de Cristo. Homens de coração íntegro, sinceros e valorosos testemunhos de Jesus Cristo — homens que claramente mostram que buscam uma pátria melhor—sinceros e estranhos para o mundo, eis o que exige a crise em que nos encontramos.

Que pode haver mais deplorável, mais triste e desanimador do que encontrar aqueles que fazem um alarde da profissão, que falam abertamente da morte e ressurreição, que se vangloriam das suas elevadas doutrinas e privilégios celestiais, mas cuja conduta e caminhos desmentem as suas palavras? Amam o mundo e as coisas que há no mundo. Amam o dinheiro e estão desejosos de conseguir e entesourar o mais possível.

Prezado leitor, ponderemos estas coisas. Julguemo-nos sinceramente na presença de Deus, e tiremos de nós, não importa o que seja, o que tende a impedir a nossa completa dedicação de alma, corpo e coração Aquele que nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós. Possamos nós conduzir-nos de maneira, para usar a linguagem de Josué 22, a não precisarmos de um altar ou qualquer coisa para declarar onde adoramos, a que pertencemos, onde estamos e a quem servimos.

Desta forma tudo a nosso respeito será, indubitavelmente, claro, o nosso testemunho será distinto e o som da nossa trombeta certo. A nossa paz também correrá como um rio tranquilo, toda a inclinação da nossa carreira e caráter será para louvor d'Aquele Cujo nome invocamos. Que o bendito Senhor desperte os corações do Seu povo nestes dias de detestável indiferença, de tibieza e cômoda profissão, a uma genuína rendição, verdadeira consagração à causa de Cristo e fé firme no Deus vivo! Quer o leitor juntar os seus rogos aos nossos neste sentido?

## CAPÍTULOS 33 e 34

### AS JORNADAS DO DESERTO E OS LIMITES DE CANAÃ

O primeiro destes capítulos dá-nos uma descrição admiravelmente minuciosa das jornadas do povo de Deus no deserto. É impossível vê-lo sem ser profundamente impressionado pelo amor terno e cuidado de Deus tão assinaladamente manifestados em todo ele. Pensar que Ele Se dignou conservar um tal relato das jornadas do Seu povo desde o momento em que eles saíram do Egito até que tivessem atravessado o Jordão—da terra da morte e trevas à terra que manava leite mel.

"Pois o SENHOR, teu Deus... sabe que andas por este grande deserto; estes quarenta anos o SENHOR, teu Deus, esteve contigo, coisa nenhuma te faltou" (Dt 2:7). Andou adiante deles cada passo do caminho; andou com eles em cada jornada do deserto; em todas as suas aflições, Ele foi afligido. Teve cuidado deles como uma terna ama. Não permitiu que os seus vestidos envelhecessem ou que os seus pés inchassem durante estes quarenta anos; e aqui traz à memória todo o caminho pelo qual a Sua mão os tinha conduzido tomando cuidadosamente nota de cada fase sucessiva dessa maravilhosa peregrinação e de cada sítio em que haviam feito alto no deserto. Que jornada! Que companheiro de viagem!

É consolador para o coração do pobre peregrino fatigado estar seguro de que cada etapa da sua viagem através do deserto está marcada pelo amor infinito e a sabedoria infalível de Deus. Ele está guiando o Seu povo por um caminho reto à Sua própria morada; e não existe uma só circunstância na sua vida ou um só ingrediente no seu cálice que não seja minuciosamente ordenado por Ele mesmo em relação direta com o seu bem atual e sua felicidade eterna. Que o nosso único cuidado seja falar com Ele, dia a dia, em simples confiança, lançando sobre Ele toda a nossa solicitude e colocando-nos inteiramente em Suas mãos com tudo que nos pertence. Esta é a verdadeira origem de paz e bem-aventurança durante toda a viagem. E então, quando as nossas jornadas no deserto forem terminadas—quando a última etapa do deserto tiver sido percorrida — Ele levar-nos-á para casa a fim de estarmos Consigo para sempre.

O capítulo 34 dá os limites da herança como são traçados pela mão do Senhor. A mesma mão que havia dirigido as suas jornadas fixa aqui os limites da sua habitação. Ah, mas eles nunca tomaram posse da terra como Deus a havia dado! Ele deu-lhes toda a terra, e deu-lha para sempre. Eles tomaram apenas uma parte, e essa só por algum tempo. Mas, bendito seja Deus, o momento aproxima-se em que a semente de Abraão entrará na posse plena e eterna daquela formosa herança da qual estão no presente excluídos. O Senhor cumprirá certamente todas as Suas promessas e guiará o Seu povo a todas as bênçãos que lhes estão asseguradas no concerto eterno— esse concerto que tem sido retificado com o sangue do Cordeiro. Nem um jota nem um til faltará a tudo que tem sido dito. As suas promessas são todas Sim e Amém em Cristo Jesus, o qual é o mesmo ontem e hoje e para sempre. Todo louvor seja dado ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo!

## CAPÍTULO 35

### AS CIDADES DOS LEVITAS

As primeiras linhas deste interessantíssimo capítulo põem diante de nós a misericordiosa disposição que o Senhor fez a favor dos levitas, Seus servos. Cada uma das tribos de Israel tinha o privilégio — para não dizer que estavam obrigadas — de proporcionar aos levitas, segundo a sua capacidade, certo número de cidades com os seus arrabaldes.

"Todas as cidades que dareis aos levitas serão quarenta e oito cidades, juntamente com os seus arrabaldes. E as cidades que derdes da herança dos filhos de Israel, do que tiver muito, tomareis muito; e, do que tiver pouco, tomareis pouco; cada um dará das suas cidades aos levitas, segundo a sua herança que herdar."

Os servos do Senhor dependiam inteiramente d'Ele para a sua porção. Não tinham herança ou possessão senão em Deus. Bendita herança! Precioso lote! Não há nenhum outro semelhante, segundo o juízo da fé. Bem-aventurados todos os que podem realmente dizer: "O Senhor é a porção da minha herança e do meu cálice" (Sl 16:5). Deus tinha cuidado dos Seus servos e permitia a toda a congregação de Israel compartilhar do sagrado privilégio—porque tal certamente o era—de cooperar com Ele em fazer provisões para aqueles que se haviam dedicado voluntariamente à Sua obra, abandonando tudo o mais.

Assim, pois, se nos diz que das doze tribos de Israel deviam ser dadas aos levitas quarenta e oito cidades com os seus arrabaldes; e destas os levitas tinham o privilégio de fornecer seis cidades para servirem de refúgio a todo o desgraçado homicida. Provisão encantadora! Encantadora na origem! Encantadora no seu objetivo!

### As Cidades de Refúgio

As cidades de refúgio estavam situadas, três a oriente e três a ocidente do lado do Jordão. Quer Rúben e Gade houvessem feito bem ou mal em se estabelecerem a oriente deste limite divisório, Deus em Sua misericórdia não quis deixar o homicida sem um refúgio contra o vingador do sangue. Pelo contrário, segundo o Seu amor, determinou que essas cidades, que eram designadas como provisão misericordiosa para o homicida, estivessem situadas de forma a que sempre que houvesse necessidade de refúgio pudessem estar à mão. Havia sempre uma cidade ao alcance de qualquer que pudesse estar

exposto à espada do vingador. Isto era digno do nosso Deus. Se acontecia algum homicida cair nas mãos do vingador do sangue não era por falta de um refúgio, mas porque tinha deixado de se aproveitar dele. Estavam tomadas todas as precauções necessárias: as cidades estavam nomeadas e bem definidas e eram publicamente conhecidas. Tudo fora disposto tão simples e tão claro quanto possível.

Sem dúvida, era dever do homicida empregar toda a sua energia para alcançar os recintos sagrados; e, claro, ele o faria. Não é provável que alguém fosse tão cego, tão louco para cruzar os braços em fria indiferença e dizer: "Se estou destinado a escapar, escaparei; os meus esforços não são necessários. Se não estou destinado a escapar, decerto não escaparei, os meus esforços são inúteis."

Não podemos imaginar que um homicida empregasse tal linguagem ou fosse culpado de uma tolice como esta. Sabia muito bem que, se o vingador do sangue conseguisse pôr mão nele, tais ideias de nada serviriam. Não havia senão uma coisa a fazer e essa era escapar-se por sua vida — fugir do castigo iminente — encontrar um abrigo seguro dentro das portas da cidade do refúgio. Uma vez ali, podia respirar livremente. Nenhum mal o podia alcançar. No instante em que cruzava a soleira da porta, estava tão seguro quanto a provisão de Deus o podia tornar. Se um cabelo da sua cabeça pudesse ser tocado, dentro dos limites da cidade, isso teria sido uma desonra e um opróbrio infligidos à ordenação de Deus. Verdade é que devia ter cuidado. Não devia atrever-se a sair fora da porta. Dentro, ele estava perfeitamente seguro. Fora estava inteiramente exposto.

Nem sequer podia visitar os seus amigos. Era um desterrado da casa de seu pai; era um prisioneiro da esperança. Ausente da casa do afeto do seu coração, esperava pela morte do sumo sacerdote, que devia restituí-lo à liberdade completa e restaurá-lo à sua herança e ao seu povo. Ora, nós cremos que esta bendita instituição se referia especialmente a Israel. Eles mataram o Príncipe da vida; porém, a questão é: como são considerados por Deus, como no caso do assassino ou do homicida 4- No caso daquele, não há refúgio nem esperança. Nenhum assassino podia acolher-se a uma cidade de refúgio.

Eis a lei do caso, segundo relato de Josué 20: "Falou mais o SENHOR a Josué, dizendo: Fala aos filhos de Israel, dizendo: Apartai para vós as cidades de refúgio, de que vos falei pelo ministério de Moisés; para que fuja para ali o homicida que matar alguma pessoa por erro e não com intento; para que vos sejam refúgio do vingador do sangue. E, fugindo para alguma daquelas cidades, pôr-se-á à porta da cidade e proferirá as suas palavras perante os ouvidos dos anciãos da tal cidade; então, tomarão consigo na cidade: e lhe darão lugar, para que habite com eles. E, se o vingador do sangue o seguir, não entregarão na sua mão o homicida; porquanto não feriu a seu próximo com intento, e o não aborrecia dantes. E habitará na mesma cidade até que se ponha a juízo perante a congregação, até que morra o sumo sacerdote que houver naqueles dias; então o homicida voltará e virá à sua cidade e à sua casa, à cidade de onde fugiu" (Js 20:1-6).

Mas a respeito do assassino a lei era rigorosa e inflexível. "Ou, se a ferir com instrumento de madeira que tiver na mão, de que possa morrer, e ela morrer, homicida é; certamente morrerá o homicida. O vingador do sangue matará o homicida; encontrando-o, matá-lo-á" (Nm 35:18-19).

O Homicida Involuntário: Israel Sob a Graça

Israel, pois, pela graça maravilhosa de Deus, será tratado como um homicida e não como um assassino. "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." Estas poderosas palavras subiram aos ouvidos e ao coração do Deus de Israel. Foram ouvidas e atendidas; nem nós devemos supor que a resposta foi esgotada na sua aplicação no dia de Pentecostes. Não; é ainda válida e a sua eficácia será ilustrada na história futura da casa de Israel.

Esse povo está atualmente debaixo da custódia de Deus. Estão desterrados do país e da casa de seus pais. Mas o tempo vem em que serão restaurados à sua própria terra, não pela morte do sumo sacerdote—bendito seja o Seu nome imortal! Ele não pode jamais morrer—mas deixará o posto que agora ocupa e apresentar-Se-á com um novo caráter, como Sacerdote Real, para Se assentar sobre o Seu trono. Então, o exilado voltará à sua casa há longo tempo perdida e à sua herdade abandonada. Mas não antes, de contrário seria ignorar que tinham matado o Príncipe da Vida, o que seria impossível.

O homicida tem que permanecer fora da sua possessão até ao tempo determinado; mas não é para ser tratado como assassino, porque o seu ato foi involuntário. "Alcansei misericórdia"—diz o apóstolo Paulo, falando como um exemplo para Israel — "Porque o fiz ignorantemente, na incredulidade" (1 Tm 1:13). "E agora, irmãos", diz Pedro, "eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes" (At 1:17).

Estas passagens unidas à intercessão preciosa d Aquele que foi morto, colocam a Israel, da maneira mais distinta, no terreno do homicida e não no terreno do assassino. Deus deu um refúgio e abrigo para o Seu povo muito amado, e a seu devido tempo eles regressarão às suas habitações desde tanto tempo, perdidas, na terra que o Senhor deu como um dom a Abraão, Seu amigo para sempre.

Creemos que tal é a verdadeira interpretação da cidade de refúgio. Se devêssemos considerá-la como susceptível de ser aplicada a um pecador que se refugia em Cristo, só podia ser de uma maneira muito excepcional, visto que nos encontraríamos rodeados por todos os lados por pontos de contraste em vez de pontos de semelhança. Pois, em primeiro lugar, o homicida, na cidade de refúgio, não estava isento de juízo, como lemos em Josué 20:6. Mas para o crente em Jesus não existe e não pode haver juízo, pela razão mais simples de todas as razões, que Cristo sofreu o juízo em seu lugar. Por outro lado, havia também a possibilidade de o homicida cair nas mãos do vingador caso se aventurar sair fora das portas da cidade. O crente em Jesus não pode perecer jamais: está tão seguro como o Próprio Salvador.

#### O Homicida por Ignorância

Por fim, quanto ao homicida, era uma questão de segurança temporária e de vida neste mundo. Quanto ao crente em Jesus, é uma questão de eterna salvação e vida eterna no mundo vindouro. De fato, em quase todos os pormenores, é mais um notável contraste e não uma semelhança.

Um só ponto importante é comum a ambos os casos, e este é a exposição de perigo iminente e a urgente necessidade de fugir para o refúgio. Se teria sido para loucura por parte do homicida deter-se ou hesitar por um momento antes de se encontrar seguramente abrigado na cidade de refúgio, é certamente

maior loucura, sim, o cúmulo da demência por parte do pecador, tardar ou hesitar em se dirigir a Cristo. O vingador do sangue podia talvez lograr deitar mão ao homicida até mesmo se ele não tivesse na cidade; mas o juízo deve alcançar o pecador sem Cristo. Não existe possibilidade de escapar, se existe apenas a espessura de uma folha de ouro entre a alma e Cristo. Que pensamento solene! Possa ele ter a sua própria importância para o coração do leitor que estiver ainda em seus pecados! Que não encontre um só momento de descanso enquanto não tiver buscado refúgio pela esperança que lhe é apresentada no evangelho! O juízo está iminente, juízo seguro, certo, solene. Não é apenas que o vingador pode vir, mas que o juízo há de cair sobre todos os que não têm Cristo.

Oh, leitor inconvertido, descuidado e frívolo! Se este volume for parar às tuas mãos, escuta a voz de advertência! Escapa por tua vida! Não te detenhas, nós te rogamos! Demorar é demência. Cada momento é precioso. Não sabes a hora em que podes ser cortado pela morte e levado àquele lugar em que não há nenhum raio de esperança, nem sequer o mais tênue pode visitar-te — o lugar de noite eterna, eterna desgraça, eterno tormento; o lugar onde o bicho não morre e a chama nunca se extingue. Prezado amigo, permite que te supliquemos nestas linhas finais do nosso volume, vem, agora, tal como estás, a Jesus, que está de braços abertos e coração amoroso pronto para te receber, para te dar refúgio e te abençoar, com todo o amor de Seu coração e a perfeita eficácia do Seu nome e do Seu sacrifício. Que Deus o Espírito Santo, por meio da sua irresistível energia, te leve, mesmo agora, a vir a Jesus! "Vinde a mim", diz o amantíssimo Senhor e Salvador, "e eu vos darei descanso". Palavras preciosas! Possam elas cair, com poder divino, sobre muitos corações cansados!

Terminamos aqui as nossas meditações sobre esta maravilhosa porção do Livro de Deus (referimos já o capítulo 36 nos nossos comentários sobre o capítulo 27); e, fazendo-o, sentimo-nos vivamente impressionados com o sentimento da profundidade e riqueza do tesouro a que havemos procurado conduzir o leitor e também da excessiva debilidade e pobreza das sugestões que temos podido oferecer. Contudo, confiamos em que o Deus vivo guiará por Seu Espírito o coração e o espírito do leitor cristão ao gozo da Sua preciosa verdade, de forma

a habilitá-lo mais e mais para o Seu serviço nestes últimos dias, para que o nome do Senhor Jesus Cristo, possa ser engrandecido e a Sua verdade mantida em poder vivo. Que Deus, em Sua abundante misericórdia, nos conceda isto, por amor de Cristo!